

2024

**ANDRESSA
ZERBINATTI
OLIVEIRA E SILVA**

**TRANSFORMAR O HABITAR: PROJETO
PARA ESPAÇOS INTERIORES FLEXÍVEIS NA
HABITAÇÃO COMPARTILHADA**

2024

**ANDRESSA
ZERBINATTI
OLIVEIRA E SILVA**

**TRANSFORMAR O HABITAR: PROJETO
PARA ESPAÇOS INTERIORES FLEXÍVEIS NA
HABITAÇÃO COMPARTILHADA**

Projeto apresentado ao IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design de Produto e do Espaço realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Sofia Lopes da Ponte, professora auxiliar do IADE – Universidade Europeia, Portugal.

agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente a minha mãe, que sempre me incentivou e me proporcionou todos os meios necessários para atingir meus objetivos. Ao meu marido, que esteve ao meu lado, me motivando e me dando ânimo para continuar.

Aos meus amigos, que através de suas experiências pessoais influenciaram a escolha do tema e uma nova percepção sobre a questão da habitação. E às amigas que me acompanharam durante o percurso do mestrado, por terem tornado o caminho mais leve.

Aos professores do IADE, a orientadora Sofia Ponte que deu todo o apoio para o desenvolvimento e conclusão do trabalho, estando sempre à disposição para as dúvidas. À professora Sara Roby que orientou o trabalho durante a primeira etapa da pesquisa e auxiliou a dar forma ao conteúdo. Ao professor Pedro Oliveira, que acompanhou a finalização dos desenhos técnicos e escolha dos materiais para o projeto.

Aos professores responsáveis pelas etapas anteriores do meu processo formativo, por me fazerem compreender a importância da responsabilidade social na arquitetura e no design, e me darem as ferramentas que possibilitaram chegar até aqui.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento do presente trabalho,

Obrigada.

palavras-chave

espaços flexíveis; espaços multifuncionais; design de interiores; habitação compartilhada; habitação em Lisboa.

resumo

O projeto realizado no âmbito do Mestrado em Design de Produto e do Espaço *Transformar o Habitar: Projeto para Espaços Interiores Flexíveis na Habitação Compartilhada*, no IADE-Universidade Europeia, teve como objetivo criar uma proposta de projeto para habitação flexível compartilhada, na cidade de Lisboa. O intuito principal foi o de atender a necessidade da população jovem, que reside em apartamentos compartilhados para que se possa estudar ou trabalhar nas zonas centrais da cidade. O tema foi escolhido devido à escassez de opções disponíveis no mercado imobiliário da cidade atualmente, que fujam do padrão tradicional da habitação e que permitam responder às necessidades dos seus moradores, mais carentes de uma maior flexibilidade e adaptabilidade dos espaços temporários e coletivos em que vivem. Para compreender os requisitos do projeto e os precedentes existentes dentro do tema da habitação flexível, foi feita uma revisão da literatura, produzida uma análise de estudos de caso e desenvolvido um breve inquérito direcionado ao público-alvo. Deste modo, o projeto reflete sobre a aplicação dos conceitos de flexibilidade na habitação, como um apartamento da década de 1930, no centro de Lisboa, com uma configuração do espaço interior tradicional, pode vir a atender as necessidades de diferentes moradores em variados momentos das suas vidas. Verificou-se que as necessidades de habitação, assim como as formas de habitar, estão em constante mudança e que os conceitos estudados podem contribuir para a redução da demanda por reformas, permitindo também uma permanência na habitação mais prolongada e de maior qualidade.

Keywords

flexible spaces; multifunctional spaces; interior design; shared housing; housing in Lisbon.

abstract

The project made within the scope of the Master's in Product and Space Design *Transforming the Dwelling: Project for Flexible Interior Spaces in Shared Housing*, at IADE-Universidade Europeia, aimed to create a project proposal for flexible shared housing, in the city of Lisbon. The main purpose was to meet the needs of the young population, who live in shared apartments so they can study or work in the central areas of the city. The theme was chosen due to the scarcity of options available in the real estate market that are not considered traditional models of housing and that have the ability to respond to the needs of its inhabitants, who need more flexibility and adaptability in the temporary and collective spaces in which they live. To understand the project requirements and previous solutions within the topic of flexible housing, a literature review was done, an analysis of case studies was produced and a brief survey aimed at the target audience was developed. In this way, the project reflects on the application of flexibility concepts in housing, how an apartment from the 1930s, in the center of Lisbon, with a traditional interior space configuration, can meet the needs of different residents at different times of their lives. It was found that housing needs, as well as ways of living, are constantly changing and that the concepts studied can contribute to reducing the demand for renovations, also allowing for a longer stay in the dwelling, and with higher quality.

Sumário

Índice de Figuras.....	viii
Índice de Tabelas	x
INTRODUÇÃO	xi
Contextualização.....	xiv
Perguntas da Investigação.....	xvii
Estratégia de Investigação.....	xviii
Quadro Conceitual	xx
PARTE I: ENQUADRAMENTO DA HABITAÇÃO FLEXÍVEL E COMPARTILHADA	1
1. Design de Espaços, Mobiliário e Influência do Movimento Moderno	1
2. Flexibilidade dos Espaços	13
2.1 Planejamento de Espaços Flexíveis	15
3. Habitação Compartilhada como Consequência da Crise Habitacional.....	21
3.1 Casa Mínima.....	31
Notas Conclusivas sobre a Revisão da Literatura	34
PARTE II: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA FLEXIBILIZAÇÃO DE ESPAÇOS INTERIORES	36
4. Análise de Três Estudos de Caso.....	36
4.1 BEYOME	44
4.2 LifeEdited.....	49
4.3 Tiny Apartment	54
5. Breve Consulta ao Público-alvo.....	60
5.1 Análise dos Dados	65
PARTE III: TRANSFORMAR O HABITAR.....	71
6. Local da Intervenção	71
6.1 Situação Atual.....	75
6.2 Diretrizes	79
7. Proposta.....	80
7.1 Processo Projetual.....	82
7.2 Design de Interiores	84
Considerações Finais.....	91
Limitações e Trabalhos Futuros.....	93
Lista das Fontes das Figuras e Tabelas	96

Bibliografia	100
Referências Bibliográficas	105
ANEXO I: ESTUDOS DE CASO.....	108
Imagens CASO 01	108
ANEXO II: INQUÉRITO	109
Inquérito aplicado através do Google Forms	109
Resultados do Inquérito	115
Versão anterior do Inquérito (não aplicada)	127
ANEXO III: REGISTROS DE OBRA	133
ANEXO IV: PROJETO	144
Desenvolvimento	144
Proposta Final	154

Índice de Figuras

Figura 1 Área útil dos alojamentos familiares na AML, Censos 2021	xv
Figura 2 Número de divisões dos alojamentos familiares na AML, Censos 2021	xv
Figura 3 Época de construção dos alojamentos familiares na AML, agrupado a cada 2 décadas, Censos 2021	xvi
Figura 4 Recorte da planta de ordenamento e qualificação do espaço urbano, de acordo com o PDM	xvii
Figura 5 Étaps do Método Projetual de Bruno Munari	xix
Figura 6 Mapa Conceitual	xxii
Figura 7 Planta baixa do primeiro pavimento, Schröder House	2
Figura 8 Schröder House, arquiteto e designer Gerrit Rietveld, 1924	3
Figura 9 Planta tipo de edificação Existenzminimum discutida durante o II CIAM	4
Figura 10 Cozinha de Frankfurt, designer Margarete Schuttler-Lihotzky, 1926	4
Figura 11 Reconstrução da sala no “minimum” flat, designer Wells Coates, 1934	5
Figura 12 Basic Storage Components (BSG), designer George Nelson (para H. Miller), 1949-54	6
Figura 13 Storagewall	6
Figura 14 Comprehensive Storage System	6
Figura 15 DIY reaproveitando mobiliário IKEA	7
Figura 16 Embalagem de mobiliário flatpack IKEA	7
Figura 17 Total Furnishing Unit, designer Joe Colombo, 1971	10
Figura 18 Mini-Cozinha, designer Joe Colombo, 1962	10
Figura 19 Diagramas para um volume mínimo, designer Bruno Munari	11
Figura 20 Sofá modular, designer Don Chadwick, 1974	11
Figura 21 Construção no método de Walter Segal	12
Figura 22 Terraced Houses em Londres, 1960	15
Figura 23 Rua Francesinhas em Lisboa, 2024	15
Figura 24 Variação das plantas baixas no projeto Diagoon Houses	19
Figura 25 Living Wall, designer PCKO Architects	20
Figura 26 Diagrama Living Wall, designer PCKO Architects	20
Figura 27 Salários Mínimos, Janeiro 2024 e Janeiro 2014	23
Figura 28 Matéria no Jornal de Notícias, março 2024	23
Figura 29 Diagrama conceitual do co-living: estrutura funcional entre espaço público e privado	26
Figura 30 Diagrama conceitual da habitação compartilhada: estrutura funcional entre espaço público e privado	28
Figura 31 Interior de uma Tiny House	32
Figura 32 Apartamento de 10m ² mobiliado pela IKEA, no Japão	32
Figura 33 Níveis de esforço para estudos de caso	39
Figura 34	44
Figura 35 e 36 Alterações na sala	45
Figura 37 e 38 Quarto durante a noite e dia	46

Figura 39 Planta baixa do apartamento com os quartos	46
Figura 40 Planta baixa do apartamento em diferentes momentos do dia	47
Figura 41 Mapa região do projeto, SoHo.....	49
Figura 42 Sala com parede móvel.....	50
Figura 43 A sala se transformando em dois quartos.....	50
Figura 44 Quartos resguardados com cortinas.....	50
Figura 45 e 46 Área da cozinha e mesa expansível	51
Figura 47 Planta baixa	52
Figura 48 Mapa região do projeto, Ribeira.....	54
Figura 49 Vista geral do espaço central no apartamento	55
Figura 50 e 51 Transformação da sala em quarto.....	55
Figura 52 Mesa de jantar extensível	56
Figura 53 e 54 Soluções nos armários da cozinha e eletrodomésticos embutidos.....	56
Figura 55 Planta baixa	57
Figura 56 e 57 Soluções de armazenamento no console multifuncional	58
Figura 58 Idade	66
Figura 59 Com quem moram.....	66
Figura 60 Quantas pessoas moram na residência	67
Figura 61 Quantos quartos têm na residência.....	67
Figura 62 Vantagens da habitação compartilhada	68
Figura 63 Influência da habitação compartilhada no bem-estar e redução dos custos	68
Figura 64 Considera como problema.....	68
Figura 65 Atividades realizadas com mais frequência na residência	69
Figura 66 Morariam em uma habitação compartilhada no futuro	69
Figura 67 Comparação Idade x Morariam em uma habitação compartilhada no futuro	70
Figura 68 Comparação Privacidade como um problema x Morariam em uma habitação compartilhada no futuro.....	70
Figura 69 Mapa – localização do edifício a ser feita a intervenção.....	71
Figura 70 Mapa – localização do edifício a ser feita a intervenção.....	72
Figura 71 Praça Francisco Sá Carneiro.....	73
Figura 72 Fonte Luminosa.....	73
Figura 73 Planta do 2º andar, 1973.....	74
Figura 74, 75 e 76 Fachada da edificação na Rua Barão de Sabrosa.....	75
Figura 77 Número de divisões dos alojamentos familiares na AML entre 50m ² e 59m ² , Censos 2021.....	75
Figura 78 Planta Baixa do apartamento em sua configuração atual	76
Figura 79 e 80 Hall de acesso e eletrodomésticos, cozinha e sala de estar ao fundo	77
Figura 81 e 82 Quarto (01) com acesso pelo hall	77
Figura 83 e 84 Banheiro.....	77
Figura 85 e 86 Quarto (02) com acesso pelo hall	78
Figura 87 e 88 Cozinha e sala de estar ao fundo.....	78
Figura 89 e 90 Sala de estar	78

Figura 91 e 92 Quarto (03) com acesso pela sala, atualmente usado como escritório / quarto de visitas	79
Figura 93 Medidas mínimas e painel em formato de “gaveta”	83
Figura 94 Diagrama Demolir / Construir	83
Figura 95 Diagrama mostrando as alterações no espaço	84
Figura 96 Diagrama mostrando as alterações no espaço	85
Figura 97 e 98 <i>Cenas mostrando o acesso do apartamento</i>	85
Figura 99 Painel estrutura honeycomb	86
Figura 100 e 101 Corte perspectivado com os painéis abertos e fechados, mostrando a diferença do mobiliário	87
Figura 102 Encaixes dos painéis	87
Figura 103 Cozinha	88
Figura 104 Sala de estar	89
Figura 105 e 106 Quartos com a cama retrátil aberta e fechada	90

Índice de Tabelas

Tabela 1 Alojamentos familiares clássicos por época de construção em Portugal e AML, Censos 2021	xv
Tabela 2 Princípios Genéricos da Flexibilidade	17
Tabela 3 Valores do aluguel em habitações nas proximidades da Marquês de Pombal, Lisboa .	26
Tabela 4 Tipos de estudo de casa	38
Tabela 5 Resultados esperados da documentação e avaliação de desempenho dos estudos de caso	42

INTRODUÇÃO

O Projeto para *Transformar o Habitar: Projeto para Espaços Interiores Flexíveis na Habitação Compartilhada* desenvolvido no âmbito do Mestrado em Design de Produto e do Espaço do IADE-Universidade Europeia, teve como objetivo criar uma proposta de projeto para habitação flexível compartilhada, na cidade de Lisboa. A curiosidade sobre as problemáticas das cidades e da habitação surge dos estudos prévios no Brasil¹, tendo realizado o bacharelato em Arquitetura e Urbanismo², com o trabalho final voltado para a intervenção em áreas históricas e a proposta de uma edificação habitacional. Em seguida, na pós-graduação em Design de Interiores, Decoração e Ambientação³, foram aprofundadas as pesquisas sobre espaços interiores, com foco na flexibilidade para inserção do *home office* nas habitações. Estas experiências acadêmicas e a prática como arquiteta e designer de interiores atuando principalmente em projetos para ambientes domésticos, incentivaram a pesquisa dentro da perspectiva do design de interiores para a habitação. A vivência em Lisboa, assim como relatos de amigos, motivou a compreensão das questões relacionadas à habitação no contexto local e a problemática dos espaços interiores compartilhados obteve destaque. A habitação é uma necessidade básica da população e deve ser tratada como tal, sendo salvaguardada no nível acadêmico, profissional e governamental.

O tema foi escolhido devido à escassez de opções disponíveis no mercado imobiliário que fujam do padrão tradicional da habitação, impossibilitando uma utilização mais flexível dos espaços interiores, capaz de se adaptar ao cotidiano dos moradores de forma simples. Em Portugal, nos últimos anos, o baixo valor dos salários e a subida nos custos da habitação têm deixado parte da população em condições de instabilidade financeira. Essa circunstância é acentuada de forma desproporcional em alguns grupos sociais, como o dos jovens adultos (Azevedo, 2022). Em consequência disso, quando estes optam por sair da casa familiar, costumam dividir a habitação, seja com amigos ou moradores desconhecidos. A habitação compartilhada em apartamentos – denominada em inglês como *flatsharing* ou *flatting* – é uma opção de baixo custo e que promove

¹ O documento foi elaborado no português do Brasil. As palavras que possuem significado diferente ou que não existem no português de Portugal foram identificadas ao longo do texto através das notas de rodapé, com palavras equivalentes.

² Bacharelato em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Católica de Pernambuco (2015-2019). Reconhecido em Portugal como grau acadêmico de Mestre em Arquitetura.

³ Especialização em Design de Interiores, Decoração e Ambientação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no formato Ensino a Distância (2022-2023).

a interação social (Clark et al., 2018). É um fenômeno da atualidade, focado majoritariamente em jovens adultos que não possuem relações familiares entre si, sendo geralmente solteiros e sem filhos, trabalhadores que estão em momentos de vida similar.

Este modelo habitacional antes relacionado apenas a estudantes e pessoas jovens, tem alcançado grupos etários cada vez mais amplos devido ao declínio do acesso à propriedade (Clark et al., 2018; Steinführer & Haase, 2009). É nos centros urbanos das grandes cidades que se encontra uma maior concentração desses grupos habitacionais não tradicionais. Suas edificações históricas costumam ser apropriadas para as necessidades da habitação compartilhada, principalmente pela disposição de uma série de quartos de áreas similares, assim como a localização central (Steinführer & Haase, 2009). Com o adensamento populacional nesses centros, como ocorre na cidade de Lisboa, a tendência de aumento dos preços é seguida pela diminuição das áreas internas ao mínimo possível. O número de aposentos é considerado mais importante do que seu tamanho e qualidade, levando à subdivisão dos espaços internos e conversão de áreas comuns em quartos extras para maior lucro (Schneider & Till, 2005). Considerando o descrito acima, e que os projetos tendem a ser pensados para famílias tradicionais, ignorando a multiplicidade do contexto contemporâneo, é possível compreender uma necessidade cada vez maior de conscientização desses diferentes padrões sociais e estilos de vida para o design das habitações.

A habitação e as formas de morar sofreram diversas mudanças ao longo dos anos, com o surgimento de novos arranjos habitacionais, novos tipos de edificações e configurações do espaço. Os interiores são a parte mais efêmera da criação arquitetônica e do design, sendo sempre alterados e renovados (Coutinho et al., 2013). No intuito de solucionar as problemáticas relacionadas a configuração espacial da habitação, a intervenção e aplicação do conceito de flexibilidade surge como resposta. A flexibilidade na habitação é a possibilidade de um espaço ser adaptado para as necessidades dos moradores em diferentes situações, de forma simples, fazendo um melhor aproveitamento do espaço e atendendo aos diferentes usos. As habitações de dimensões reduzidas possuem mais limitações em relação a flexibilidade, mas a aplicação do conceito no projeto ainda permite que os ambientes sejam usados de múltiplas formas (Till & Schneider, 2005). Uma vez que a habitação compartilhada é compreendida como um fenômeno transitório, seja pela rejeição cultural ou busca de outros modelos habitacionais, a flexibilidade possibilita que o espaço se adeque a mudança dos moradores sem a necessidade de reformas constantes. Ou seja, supõe-se

que uma habitação planejada de forma flexível poderia abrigar jovens adultos que compartilham o espaço em um primeiro momento e posteriormente ser ocupada por uma família tradicional, estando igualmente equipada para atender as suas necessidades, com apenas pequenas mudanças.

Dessa forma, este trabalho de mestrado tem como objetivo propor um projeto de interiores para habitação flexível compartilhada por jovens, diversificando o mercado imobiliário habitacional em Lisboa. A escolha do tema se dá pela necessidade de habitações acessíveis que atendam a essa demanda existente atualmente, mas que também sejam flexíveis para facilitar a adequação do espaço aos usuários, e não o movimento contrário, onde os moradores precisam se adaptar às condições do ambiente disponível.

Na sequência do aprofundamento deste tema, surgiram as seguintes perguntas de investigação: De que forma projetar espaços interiores flexíveis em uma habitação projetada para uma ocupação tradicional? Quais as necessidades da população jovem em Lisboa para habitação flexível?

Pretende-se responder essas questões através de uma revisão da literatura existente sobre o tema, a seleção e análise de três estudos de caso e o desenvolvimento de um inquérito direcionado ao grupo social em enfoque. A proposta do projeto é realizada com base na metodologia projetual de Bruno Munari, em um apartamento T3 localizado na freguesia do Areeiro. O Areeiro faz parte da Zona Centro de Lisboa e é uma das zonas históricas da cidade, urbanizado durante o governo do Estado Novo, na década de 1940. A edificação onde será feita a intervenção é considerada da tipologia “Português Suave”, de acordo com Coelho (2105), característica dessa época e encontrada em diversos pontos da cidade, de forma que a idealização do projeto servirá como exemplo não apenas para um caso isolado, podendo ser também uma referência para outras situações similares.

Contextualização

A compreensão do contexto da habitação em Portugal, e mais especificamente em Lisboa, dá embasamento para escolha do local do projeto, assim como permite definir o público-alvo ao qual se destina. A cidade de Lisboa possui atualmente um total de 3,5 milhões de edifícios habitacionais, número que tem crescido de forma lenta, com uma expansão de apenas 0,8% na última década, não acompanhando o crescimento e a demanda da população por habitação (Caetano, 2023). Alda Azevedo (2022) afirma que os grupos mais afetados por essa situação e que, a nível demográfico, correm maior risco de vulnerabilidade são os idosos, jovens adultos e os imigrantes laborais. Em pesquisa feita pelo INE⁴, 91,7% dos jovens concordam que há uma crise de habitação em Portugal (Coutinho, 2023). Assim, dentre os grupos que apresentam maior vulnerabilidade, no âmbito deste estudo, será dado enfoque aos jovens adultos, na faixa etária entre os 20 e 29 anos de idade. Como a dificuldade no acesso à habitação tem crescido com o aumento dos preços em novos contratos de aluguel⁵, principalmente em relação ao percentual do salário gasto para este fim, tornou-se mais comum a procura por quartos, onde o restante do espaço da habitação é compartilhado com outras pessoas, majoritariamente solteiros e jovens adultos.

Em relação ao tipo de habitação em Portugal, a estimativa do INE realizada a partir dos Censos 2021 concluiu que dos alojamentos familiares clássicos ocupados como residência, 51,9% tinham área útil entre 60m² e 119m² e a maioria deles possuía quatro ou cinco divisões (Caetano, 2023). Em Lisboa, a maioria (44%) dos alojamentos possui entre 60m² e 99m² e dentro dessas áreas, predomina um total de quatro divisões internas, como demonstrado na Figura 1 e Figura 2. Ainda sobre as estatísticas levantadas pelo INE, dentro da categoria dos alojamentos familiares clássicos, a maioria das edificações na AML⁶ foram construídas entre 1961-1980 (34%) e entre 1981-2000 (33%), como demonstrado na Tabela 1 e Figura 3. O envelhecimento das construções ocorre em toda a área central da cidade e o desaceleramento de novas edificações torna as reformas parte fundamental da habitação na cidade.

⁴ Instituto Nacional de Estatística

⁵ Arrendamento, no português de Portugal

⁶ Área Metropolitana de Lisboa

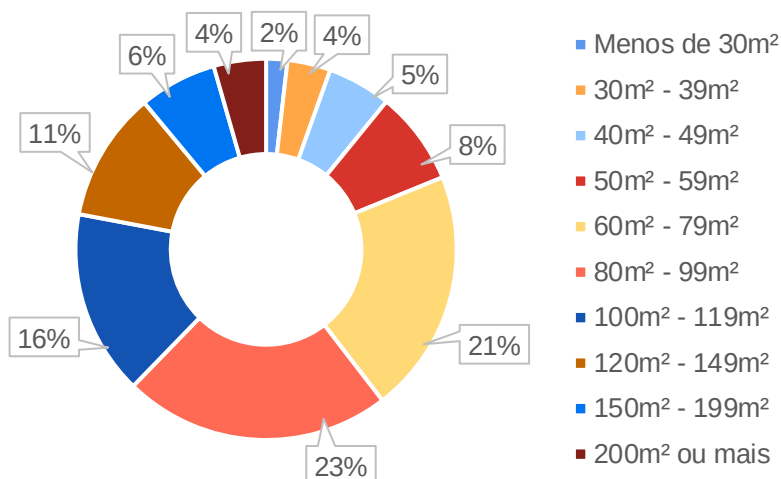


Figura 1
Área útil dos alojamentos familiares na AML, Censos 2021

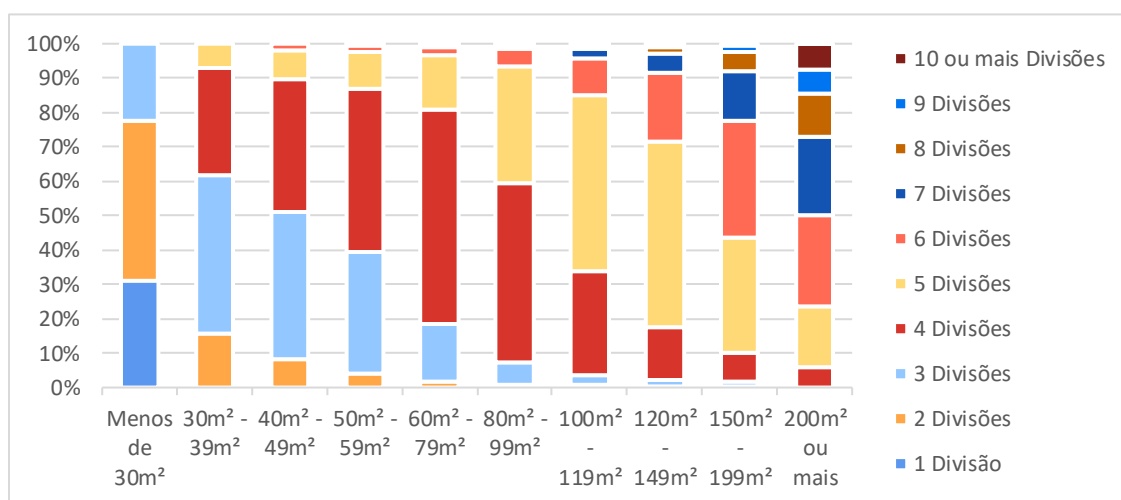


Figura 2
Número de divisões dos alojamentos familiares na AML, Censos 2021

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA À DATA DOS CENSOS [2021] (NUTS - 2013) ▼	TOTAL	ANTES DE 1919	1919 - 1945	1946 - 1960	1961 - 1980	1981 - 1990	1991 - 2000	2001 - 2005	2006 - 2010	2011 - 2015	2016 - 2021
Portugal	5 970 677	212 222	345 148	528 309	1 600 513	1 023 930	1 103 761	591 347	396 490	70 325	98 632
Área Metropolitana de Lisboa	1 496 902	41 208	67 917	153 840	505 666	239 897	253 375	125 418	80 789	10 385	18 407

Tabela 1
Alojamentos familiares clássicos por época de construção em Portugal e AML, Censos 2021

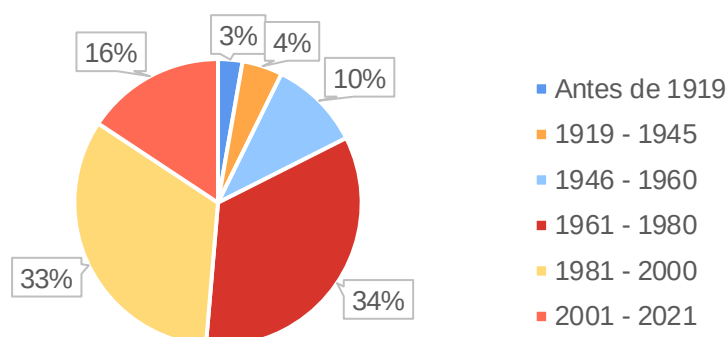


Figura 3

Época de construção dos alojamentos familiares na AML, agrupado a cada 2 décadas, Censos 2021

Como mencionado por Annett Steinführer e Annegret Haase (2009), os centros urbanos são o local onde se encontram com maior frequência grupos habitacionais não tradicionais, ou seja, que não são constituídos por uma família. A existência de imóveis antigos também se relaciona com esse fenómeno, pois possuem características favoráveis para o compartilhamento do espaço. Os indivíduos que optam pela habitação compartilhada procuram por localizações centrais, variedade de amenidades e boa conexão ao sistema de transporte público. Outra questão é a característica física das habitações, uma vez que cada família ou núcleo habitacional não familiar possui necessidades e formas de ocupar o espaço completamente diferentes. Com a aplicação dos conceitos de flexibilidade ao projeto, se torna possível disponibilizar habitações mais facilmente adequáveis aos diferentes moradores, quaisquer sejam as constituições do núcleo habitacional e suas demandas.

Por fazer parte da Zona Centro de Lisboa, a freguesia do Areeiro foi escolhida como local do projeto. Classificada como espaço central e habitacional pelo Plano Diretor Municipal (PDM) vigente, como demonstrado na Figura 4, a antiga zona rural é hoje uma das áreas históricas da cidade, urbanizada durante o governo do Estado Novo, na década de 1940. A edificação da Rua Barão de Sabrosa 253 é um espaço habitacional de ocupação tradicional. No entanto, o apartamento tomado como base para o desenvolvimento do trabalho, abriga atualmente moradores no modelo de habitação compartilhada, sem que para isso tenham sido feitas quaisquer atualizações no espaço. Esse é um exemplo real de como o mercado imobiliário por muitas vezes

não consegue atender as necessidades habitacionais da população jovem, tanto pelos custos elevados, quanto pela ausência de configurações espaciais que se adequem aos diferentes tipos de moradores.

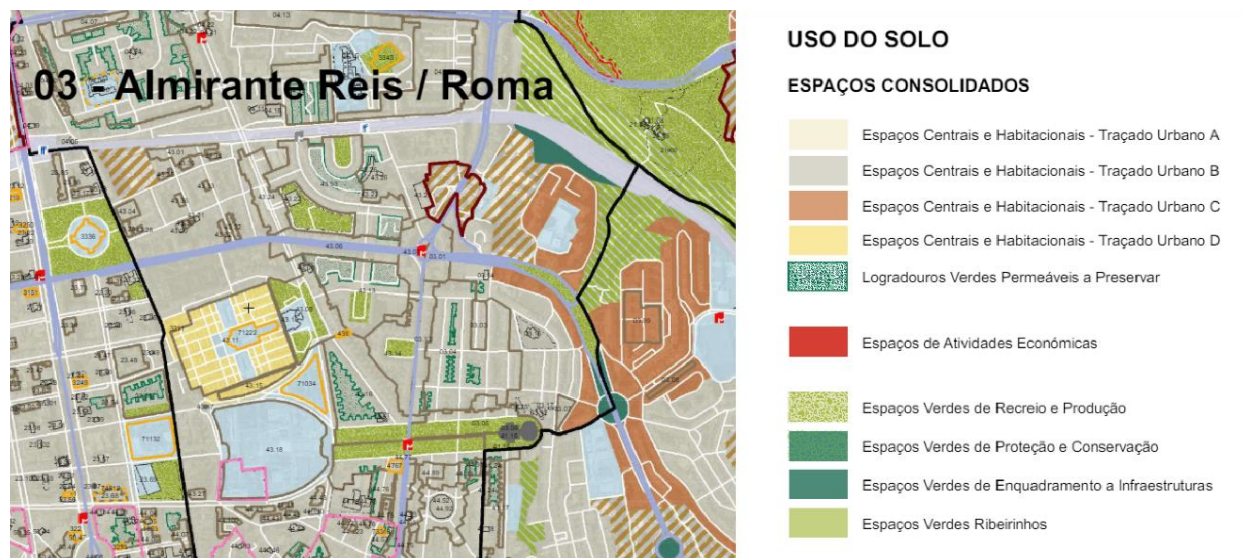


Figura 4

Recorte da planta de ordenamento e qualificação do espaço urbano, de acordo com o PDM

Perguntas da Investigação

Devido à escassez de habitações flexíveis que se adequem às diferentes necessidades dos moradores no contexto da cidade de Lisboa, e levando em consideração a demanda por habitações compartilhadas, assim como o enfoque para a população jovem, surgem as seguintes perguntas de investigação:

- De que forma projetar espaços interiores flexíveis em uma habitação projetada para uma ocupação tradicional?
- Quais as necessidades da população jovem em Lisboa para habitação flexível?

Objetivos

O objetivo principal do trabalho é o desenvolvimento de uma proposta de projeto para os espaços interiores de uma habitação flexível compartilhada, destinada a jovens estudantes ou trabalhadores.

Consequentemente, também surge como objetivo a contribuição para diversificação do mercado imobiliário habitacional, reduzindo a necessidade frequente de reformas. Além disso, com base nos subproblemas identificados, surgem alguns objetivos específicos, que delimitam de forma mais clara quais características devem constar na proposta final.

Objetivos específicos:

- Compreender as necessidades habitacionais do público-alvo para o projeto em questão através da realização de um inquérito
- Propor espaços passíveis de transformação ao longo do dia, se adaptando aos diferentes usos e necessidades
- Garantir a privacidade dos moradores em seus quartos e reduzir o ruído através da escolha de materiais adequados
- Prever áreas comuns compartilhadas que permitam setorização, facilitando o seu uso por mais de um morador ao mesmo tempo
- Considerar o melhor aproveitamento do espaço dentro das dimensões mínimas/reduzidas, tomando partido da marcenaria planejada
- Priorizar soluções / materiais de baixo custo e sustentáveis

Estratégia de Investigação

Para estruturar o trabalho, tomou-se como base o método projetual apresentado por Bruno Munari (1981) em seu livro “Das coisas nascem coisas”, que define uma série de operações necessárias para construir ou conhecer as coisas, a partir de etapas dispostas em ordem lógica. Segundo Munari (1981), no campo do design não se deve projetar apenas através do pensamento artístico e criativo, sendo necessário o auxílio de um método. No entanto, o esquema do método apresentado no livro não é fixo, completo e nem definitivo, mais um guia elástico elaborado a partir de sua experiência pessoal e que pode ser alterado de acordo com a realidade de cada projeto. Sendo assim, o método projetual utilizado é composto originalmente por um total de doze etapas, descritas a seguir e apresentadas na Figura 5 – problema, definição do problema, componentes do problema, recolha de dados, análise de dados, criatividade, materiais e tecnologia, experimentação, modelo, verificação com utilizadores, desenho construtivo e solução.

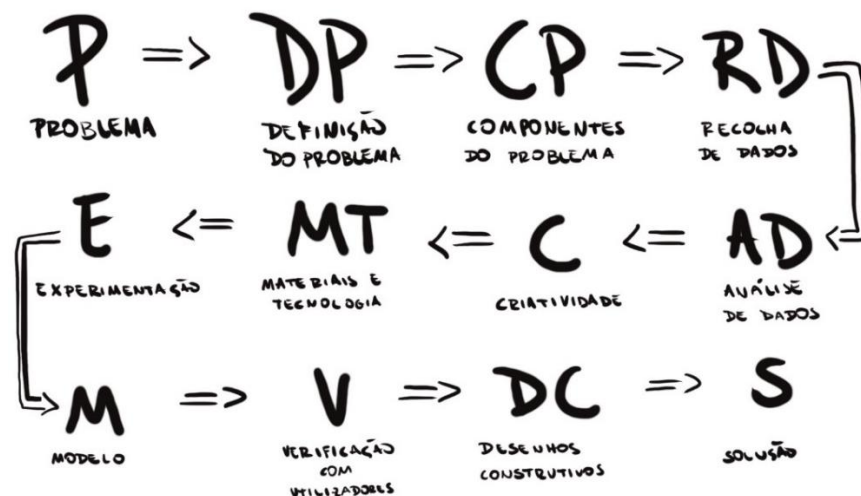


Figura 5

Étapas do Método Projetual de Bruno Munari

Os primeiros passos são a identificação do problema ao qual se pretende solucionar, seguido pela definição do problema, que serve também para compreender os limites dentro dos quais o projetista irá trabalhar. Após definir o problema, é necessário estipular que tipo de solução se procura atingir: provisória, definitiva, comercial, duradoura, sofisticada ou simples e econômica. O problema também pode ser dividido em suas componentes, o que facilita o projeto ao pôr em evidência questões singulares do seu contexto e subproblemas. Isso será feito de acordo com as características funcionais, materiais, psicológicas, ergonômicas, estruturais, econômicas e por último, formais. Essa desmontagem do problema em componentes remete ao método cartesiano e principalmente no caso de problemas complexos, é necessário obter essa série de informações para uma maior segurança no ato de projetar. Antes de iniciar o desenvolvimento do projeto, é necessário realizar uma pesquisa das soluções existentes para problemas semelhantes ao que se quer resolver, fazendo uma análise dos exemplos coletados. O processo criativo que ocorre após essas etapas é a ideação das possíveis alternativas, seguida pela recolha de informações sobre quais materiais e tecnologias estão disponíveis, a experimentação entre diferentes opções de materiais e tecnologias e a possível realização de modelos, que irão auxiliar na solução do problema. Os modelos permitem a verificação com possíveis utilizadores do objeto em processo de desenvolvimento. Com a coleta de informações realizada até então, é possível seguir para os desenhos construtivos que irão direcionar a construção final da solução, com uma menor chance

de erros. Ao final de todas essas etapas, é apresentada finalmente a solução para o problema em estudo (Munari, 1981).

No presente trabalho, o problema em questão é a habitação compartilhada em Lisboa, demonstrado no capítulo introdutório. A definição do problema se dá através da revisão da literatura na primeira parte do trabalho, seguida pela recolha de dados na segunda parte, que se refere aos problemas similares nos estudos de caso e a consulta ao público-alvo no questionário. Os componentes do problema são então definidos tanto por essa pesquisa de informações, quanto pelas características físicas do espaço exploradas na terceira parte do trabalho. A ideação para o projeto contou com diversas possibilidades, apresentadas nos anexos, ao que se seguiu a escolha de uma configuração espacial considerada mais adequada para o espaço existente. Tendo a configuração como base, foram analisados os materiais e tecnologias existentes para a realização do projeto, sendo feita a experimentação para que estes solucionassem os subproblemas encontrados. Por se tratar de um design de espaços e não apenas de um objeto, não foi realizado um modelo ou protótipo, nem a verificação com os utilizadores. No entanto, o processo foi acompanhado e auxiliado pelos professores do IADE. Em sequência, foram feitos os desenhos construtivos, que definem a solução final para o trabalho.

Quadro Conceitual

O quadro conceitual apresentado na Figura 6 caracteriza a revisão da literatura realizada para o trabalho, os conceitos, áreas de estudo e referências de autores estudados. As duas problemáticas que direcionaram as áreas de pesquisa foram a necessidade habitacional em Portugal, particularmente em Lisboa, e o alto custo da habitação. A habitação compartilhada é então um fenômeno que ocorre em diversas cidades, porém de forma efêmera e por muitas vezes sem o devido planejamento dos espaços internos, afetando a qualidade de vida de seus moradores. Como solução para as questões que surgem no compartilhamento dos apartamentos, uma vez que estes foram projetados para habitação tradicional e não se adequam às diferentes formas de habitar, principalmente em habitações pequenas, pretende-se tomar partido da flexibilidade dos espaços para permitir um melhor aproveitamento da área total, assim como a variação dos usos.

Dessa forma, foi desenvolvida primeiramente uma breve contextualização histórica da arquitetura e design de interiores, em relação a flexibilidade e espaços mínimos, demonstrando também alguns dos mobiliários criados para estes tipos de espaços. Com enfoque no século XX, a

principal autora que orientou esse primeiro capítulo foi Anne Massey (2001). Em seguida, são apresentados conceitos da flexibilidade nos espaços, com base na arquitetura e design de interiores, para que se pudesse compreender como a flexibilidade permite a transformação dos espaços interiores no contexto da habitação. A flexibilidade pode ser pensada em qualquer tipo de espaço e independente de suas dimensões, no entanto, é quando os ambientes são extremamente reduzidos em área que a flexibilidade se torna essencial para o seu funcionamento e utilização. Tatjana Schneider e Jeremy Till (2005) apresentam conceitos relevantes que fundamentaram o capítulo, enquanto as ideias de Sabine De Parisn e Carlos Lopes (2018) foram refletidas em específico sobre o tema da flexibilidade na habitação. Já os conceitos apresentados para a habitação compartilhada, são majoritariamente das áreas da sociologia e sociologia urbana, buscando compreender o que leva as pessoas e principalmente os jovens a optarem por essas formas de morar, quais são as vantagens e os problemas encontrados, assim com algumas características físicas do espaço que interferem na vivência dos moradores. O capítulo toma como referência os trabalhos dos autores Vicky Clark et al. (2018), Alejandro Miranda-Nieto (2023), Annett Steinführer e Annegret Haase (2009). Por fim, a Casa Mínima no contexto contemporâneo das crises habitacionais é abordada dentro do campo da geografia e sociologia, pelas autoras Ella Harris e Mel Nowicki (2020).

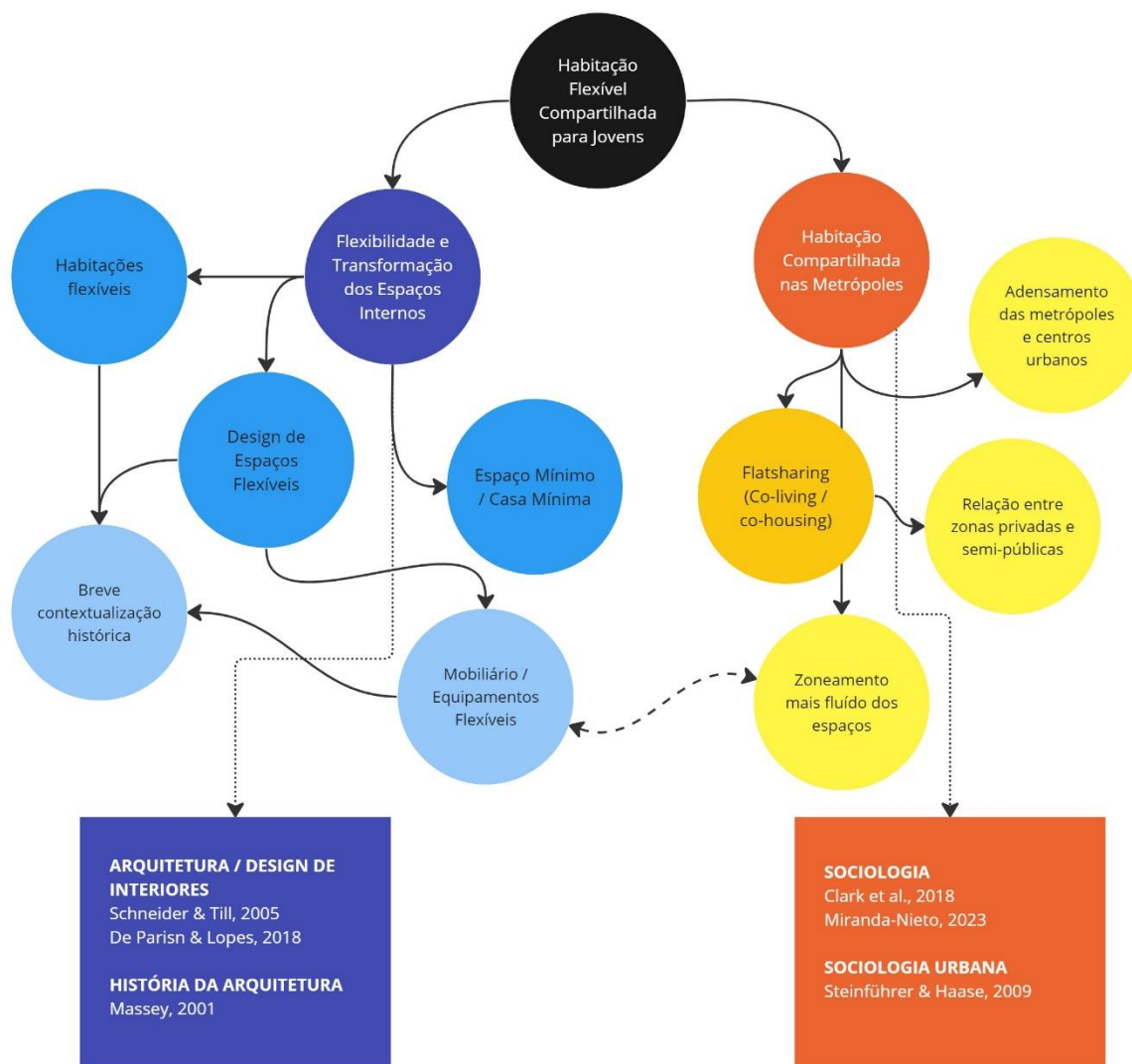


Figura 6
Mapa Conceitual

Este documento divide-se em três partes, são elas respectivamente:

Introdução, que inclui uma contextualização do tema, o quadro conceitual da pesquisa e os métodos utilizados, onde estão descritos os métodos de investigação para a análise de estudos de caso e realização de inquéritos.

Parte I – Enquadramento da habitação flexível e compartilhada, que foca em artigos científicos e livros que abordem a flexibilidade nos espaços e a habitação compartilhada, principalmente dentro dos campos disciplinares da arquitetura, design e sociologia.

Parte II – Pesquisa sobre possíveis soluções e caracterização do público-alvo, onde foram selecionados três projetos de habitações contemporâneas, todos em centros históricos de grandes cidades, com dimensões reduzidas e fazendo uso de soluções flexíveis e multifuncionais, que irão posteriormente dar embasamento para o desenvolvimento do projeto. Em sequência, o inquérito permitiu compreender melhor o público-alvo, a realidade da vivência em habitações compartilhadas e os problemas e necessidades que surgem do compartilhamento do espaço.

Parte III – Transformar o Habitar, referente ao projeto, apresenta a solução desenvolvida, desde a contextualização da localização, conceitos aplicados, definição do design e dos materiais, seguido pelas considerações finais e limitações do trabalho.

Por último, notas conclusivas, fontes das figuras e tabelas⁷, referências bibliográficas e anexos. Os anexos são constituídos pelos complementos para os estudos de caso; o inquérito completo, as respostas obtidas e sua versão anterior; os esboços realizados para o desenvolvimento do projeto; e os desenhos técnicos e imagens da proposta final.

⁷ Para uma melhor organização e leitura do trabalho, as fontes das figuras e tabelas foram colocadas em uma lista ao final do documento

PARTE I: ENQUADRAMENTO DA HABITAÇÃO FLEXÍVEL E COMPARTILHADA

1. Design de Espaços, Mobiliário e Influência do Movimento Moderno

Os interiores são a parte mais efêmera da criação arquitetônica e do design, sendo sempre alterados e renovados para se adequarem a mudança nas necessidades e desejos da população, permitindo assim a compreensão sociocultural das diferentes épocas e suas expressões (Coutinho et al., 2013). O século XX foi um período marcado por diversas mudanças sociais e uma revolução tecnológica, em grande parte decorridas das duas guerras mundiais, que alteraram profundamente a forma de habitar e os espaços interiores. O Movimento Moderno representa um conjunto de diferentes movimentos e escolas de contracultura, que desde o final do século XIX até meados do século XX, procuraram quebrar com os padrões tradicionais e trazer novos pensamentos e abordagens para a produção cultural, artística e arquitetônica, tendo força dominante na arquitetura e no design. Inspirado na nova estética das máquinas, deu destaque para a produção em massa, removeu os ornamentos desnecessários nas edificações e nos interiores, além de aplicar os conceitos de padronização e racionalização dos espaços. Os novos materiais e técnicas construtivas que surgem no decorrer desse período proporcionam espaços mais amplos, leves e funcionais, sendo explorados também no design de mobiliário. Os designers modernos buscam criar um design mais democrático e acessível para todos. A formalização da profissão do designer de interiores coincide com o declínio do Movimento Moderno na Europa durante a década de 1960 (Massey, 2001).

Na Alemanha, o *Deutscher Werkbund*, fundado em Munique por volta de 1907, acreditava no uso das máquinas para produção de objetos mais acessíveis à população. Em uma vertente similar, a Escola Bauhaus, fundada em Weimar por Walter Gropius em 1919, declarava a necessidade de união entre artes aplicadas, belas artes e tecnologia, o que favoreceu o desenvolvimento de um design funcional, com forte caráter social. Gropius influenciou a relação da produção de objetos com as novas necessidades habitacionais, dentre elas a economia de espaço. Essa união entre artesãos e industrialização permite a produção de um mobiliário flexível mais acessível para a população como um todo (Ponte, 2020). No ambiente doméstico, especialmente

na década de 1920, alguns dos arquitetos pertencentes ao movimento se interessaram pelos novos modelos de habitação. Com o intuito de empoderar os utilizadores, questionavam os padrões existentes e abordavam a edificação como um objeto mutável, que deveria se adequar aos diferentes tipos de habitantes. A flexibilidade na habitação deveria atender a necessidade dos ocupantes, permitindo que os espaços acomodassem as mudanças constantes do cotidiano (Schneider & Till, 2005).

O arquiteto alemão Ludwig Mies van der Rohe reconhecia que as habitações duravam mais do que a função para a qual eram designadas, propondo que a flexibilidade seria essencial para a arquitetura. Em seu projeto para o *Weissenhofsiedlung* realizou o desenvolvimento, juntamente com outros arquitetos, de uma variedade de possíveis *layouts* – configurações do espaço em relação ao posicionamento das paredes e mobiliário (Schneider & Till, 2005). O projeto da *Schröder House*, realizado por Gerrit Rietveld em 1924 é um bom exemplo de espaço flexível. Devido à ausência de hierarquia entre os ambientes do térreo, a planta da casa pode ser facilmente alterada, enquanto o andar superior é uma área aberta que pode ser dividida com a movimentação de painéis, proporcionando a delimitação dos quartos durante a noite, como demonstrado na Figura 7 e Figura 8 (De Parisn & Lopes, 2018). Le Corbusier foi outro arquiteto de destaque no movimento, seu projeto para *Maison Loucheur* em 1928 conta com uma planta flexível, que segue padrões mínimos e traz a máxima adaptabilidade dos espaços. Através do uso de paredes móveis, camas retrateis e mobiliário flexível, o espaço se transforma entre o dia e a noite, com os quartos servindo também como área de trabalho (De Parisn & Lopes, 2018; Živković et al., 2014)

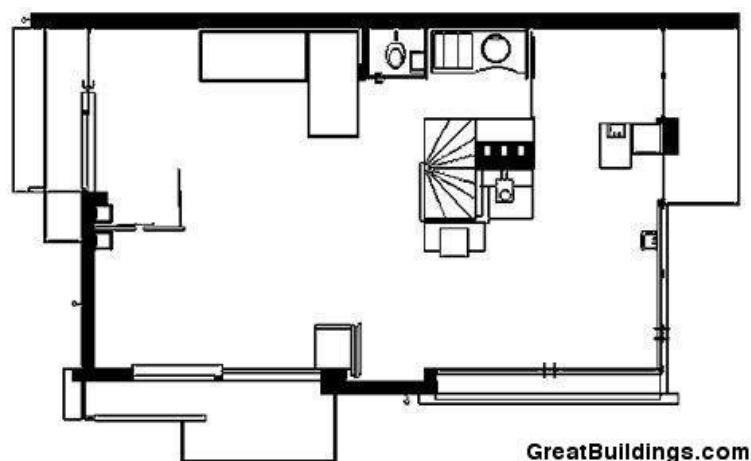


Figura 7
Planta baixa do primeiro pavimento, Schröder House



Figura 8

Schröder House, arquiteto e designer Gerrit Rietveld, 1924

No final da década de 1920, o segundo Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) é realizado em Frankfurt, em 1929. O II CIAM traz o tema da Habitação Mínima como foco. O conceito de *Existenzminimum* usado pelos arquitetos alemães descreve a ideia racionalista do espaço mínimo necessário para a habitação, como exemplificado na Figura 9. A cozinha de Frankfurt, retratada na Figura 10, desenvolvida por Margarete (Grete) Schuttle-Lihotzky, apresenta uma versão de baixo custo, produzida em escala industrial e instalada em vários conjuntos habitacionais. É uma peça relevante, sendo considerada um dos primeiros exemplos de racionalização dos espaços habitacionais, inspirada nas cozinhas de navios de guerra alemães e que dá origem a uma organização mais familiar com os padrões atuais das cozinhas. Também são propostos no mesmo congresso espaços multifuncionais, como salas dormitórios, em que a alteração dos usos se dá de acordo com o período do dia. A separação das funções era feita através de armários, painéis e móveis que delimitavam o espaço (Caselli, 2007).

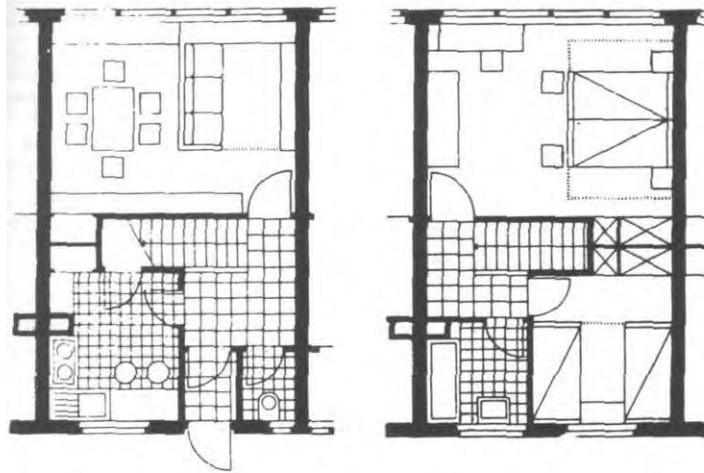


Figura 9

Planta tipo de edificação Existenzminimum discutida durante o II CIAM



Figura 10

Cozinha de Frankfurt, designer Margarete Schuttle-Lihotzky, 1926

A década de 1930 se caracterizou pelos conflitos entre o Movimento Moderno e o surgimento de governos autoritários em diferentes países europeus, ocasionando na fuga de vários arquitetos para os Estados Unidos (Caselli, 2007). Especificamente em Portugal, o Estado Novo é implementado em 1933, com políticas de preservação dos valores nacionais e o objetivo de criar uma arquitetura nacionalista, que ia de encontro à expressão arquitetônica do Movimento Moderno (Coelho, 2015). No mesmo ano, a ‘Exibição de Arte Industrial Britânica em Relação à Casa’, apresenta ao público o design moderno com o projeto do ‘Flat Mínimo’ de Wells Coates, retratado na Figura 11. Inspirado pelo problema de morar em um espaço pequeno, o flat mínimo continha

uma cozinha modelo, quarto, sala de estar e banheiro, em um estilo moderno puramente funcional. No entanto, embora a resposta dos críticos e do público tenha sido positiva em relação as áreas da cozinha e banheiro, que demandavam mais eficiência, consideraram o estilo inapropriado para os espaços de convívio (Massey, 2001).



Figura 11

Reconstrução da sala no “minimum” flat, designer Wells Coates, 1934

Já na década de 1940, devido ao decorrer da Segunda Guerra Mundial, houve uma ênfase na utilidade prática dos objetos e do mobiliário, refletindo as necessidades em um contexto de recursos limitados, os objetivos eram a economia, eficiência e praticidade. O design de interiores perdeu destaque durante a primeira metade da década, mas nos últimos anos da guerra, surgiu um entusiasmo pelas novas possibilidades, nas edificações, nos padrões de vida, nas acomodações e no design. Do ponto de vista técnico e artístico, esse período se torna um dos mais produtivos e o design do Movimento Moderno ganha popularidade (Abercrombie, 2003). O tema da habitação mínima também teve grande repercussão no período pós-guerra. No entanto, a habitação mínima é algo relativo e difícil de conceituar, pois depende de contextos socioculturais que determinam qual a percepção do que é o mínimo para cada morador, incluindo quantas pessoas dividem o espaço. Apesar de alguns arquitetos do Movimento Moderno terem buscado solucionar os problemas habitacionais através da redução dos espaços ao mínimo necessário, houve uma tentativa de padronização e criação de um “homem tipo”, que na prática não se adequava a realidade individual de cada morador. O espaço mínimo para a realização das atividades e posicionamento de equipamentos e mobiliário considerado essenciais ainda pode ser insuficiente

do ponto de vista psicológico, uma vez que espaços demasiadamente reduzidos tendem a provocar impactos negativos (Caselli, 2007).

Entre os novos tipos de mobiliário para armazenamento encontra-se o BSG (*Basic Storage Components*) de George Nelson, foi fabricado por Herman Miller entre 1949 e 1954. O componente apresentado na Figura 12 poderia substituir uma parede não-estrutural e consistia em prateleiras abertas, gavetas, armários e mesa. (Massey, 2001). Composto por uma estrutura em compensado⁸, possuía módulos em três alturas e três larguras diferentes. O produto era destinado para os clientes, arquitetos e designers, com uma variedade de elementos que o tornava altamente customizável. Nelson também havia projetado anteriormente a “*Storagewall*”, como demonstrado na Figura 13, com Henry Wright em 1944, e posteriormente introduziu o “*Comprehensive Storage System*” em 1959, retratado na Figura 14.



Figura 12

Basic Storage Components (BSG), designer George Nelson (para H. Miller), 1949-54



Figura 13

Storagewall



Figura 14

Comprehensive Storage System

⁸ Em Portugal, chama-se contraplacado

Na Escandinávia, se torna popular o mobiliário *knockdown* (KD) – ou *package furniture* na Inglaterra – que consistia em objetos desmontáveis, vendidos no formato de peças soltas em uma embalagem de volume reduzido a serem montadas pelo próprio consumidor. Essa estratégia também facilita o transporte e reduz seu custo, tendo se popularizado posteriormente no mundo ocidental. O mercado DIY⁹, como exemplificado na Figura 15, surge na América durante a década de 1950 e na mesma década a empresa IKEA adota a estratégia do mobiliário *knockdown* ou *flatpack*, demonstrado na Figura 16. A personalização do espaço pelo morador é incentivada pela marca, método DIY, e foi uma das tendências mais proeminentes no design de interiores no final do século XX (Abercrombie, 2003 & Massey, 2001).



Figura 15
DIY reaproveitando mobiliário IKEA



Figura 16
Embalagem de mobiliário flatpack IKEA

Especificamente no desenvolvimento das cozinhas, houve um movimento reverso na abordagem de 1930, quando eram planejadas com o mínimo indispensável. Como as cozinhas do

⁹ Do It Yourself, equivalente em português a 'Faça Você Mesmo'

pós-guerra deixaram de ser inacessíveis para família e visitas, se tornaram o ponto focal do interior doméstico, devendo impressionar e ressaltar a importância do papel da mulher na casa e das suas atividades domésticas (Massey, 2001). Em contrapartida, os avanços tecnológicos alcançados no campo doméstico contribuíram para uma simplificação do trabalho doméstico e mudaram a noção de conforto. Os eletrodomésticos como a máquina de lavar e as geladeiras integraram a sociedade no pós-guerra como objetos reservados a elite, mas após algumas décadas se tornam produtos de consumo em massa e dão início a libertação da mulher (Coricelli, 2022). O arranjo do layout *open plan* se popularizou com os arquitetos modernos e tornou a cozinha parte integral da área de estar. Frequentemente, em novas casas, a área de estar era maior do que o equivalente pré-guerra, incorporando a área de jantar e uma bancada que dividia as salas da cozinha. Neste momento, já era claro o interesse por ambientes multifuncionais (Massey, 2001). O uso do *open plan* se alinha com os conceitos de flexibilidade, ao promover a independência da estrutura e paredes, tornando os espaços internos mais flexíveis e passíveis de mudanças futuras.

No Pós-modernismo, os princípios do Movimento Moderno são questionados, incluindo a ideia de que o arquiteto deveria ser responsável pela totalidade do edifício e que a forma deveria seguir a função. Esse processo se inicia em 1950 com a explosão do consumismo e o surgimento da estética *Pop*, que se apodera da imagética de *Hollywood*, das propagandas, quadrinhos e elementos da cultura pop em geral. No design *Pop*, se desafiavam as noções sobre tradição, enfatizado pela produção de mobiliário descartável. A sua irreverência com as normas convencionais permitia a criação de peças feitas em cartão, montadas pelo comprador, utilizadas por um curto período e posteriormente descartadas ao surgimento de novos modelos. Contudo, essa desconsideração pelo meio-ambiente foi um dos problemas característicos do *Pop* (Massey, 2001).

Apesar da função do design de interiores sempre ter existido, segundo Massey (2001), é na década de 1960 que se estabelece como um estudo formal, com os novos cursos de formação em diversos campos do design. Era uma área considerada aceitável para o trabalho das mulheres no período, sendo uma das poucas profissões em que lideraram e se sobressaíram desde o início. Algumas mulheres que são conhecidas como precursoras na profissão são Elsie de Wolfe (20/12/1865 - 12/07/1950), Dorothy Draper (22/11/1889 - 11/03/1969), e Sister Parish (15/07/1910 - 08/09/1994). No entanto, as mulheres designers costumavam ser associadas

unicamente com os espaços domésticos, enquanto a esfera pública era vista como a responsabilidade dos arquitetos e designers homens (Massey, 2001; Zarandian, 2015). Em comparação com a arquitetura, a falta de seriedade que por vezes é associada ao designer de interiores pode ser explicada por essa predominância das mulheres em seu início. Com os novos profissionais formados em cursos especializados, o design de interiores se expande para além dos ambientes domésticos, incluindo também os espaços comerciais (Massey, 2001). Nessa mesma década, Beisi (1995) menciona a existência de apartamentos flexíveis experimentais construídos na Europa, no entanto, afirma que o potencial desses apartamentos iniciais não foi suficientemente utilizado e as reações dos usuários raramente foram documentadas.

Segundo Massey (2001), nos interiores Pós-Modernos, o design italiano teve um papel fundamental, desafiando as concepções sobre o ambiente doméstico e o Modernismo desde o final da década de 1960, e liderando o design no mundo industrializado. Na exposição de 1972 '*Italy: The New Domestic Landscape*', foram comissionados micro-ambientes pelos designers Ettore Sottsass, Mario Bellini e Joe Colombo, investigando a relação entre o design, o utilizador e a sociedade. A instalação de Colombo, *Total Furnishing Unit* (1971), apresentada na Figura 17, é composta de módulos compactos e funcionais, destinados à vários usos, podendo ser rearranjados para uma maior flexibilidade (Massey, 2001). O projeto continha todos os componentes de uma habitação – banheiro, cozinha, quarto e escritório – podendo ser montados separadamente ou combinados entre si. Os elementos dobráveis, transformáveis e teoricamente transportáveis representavam o uso temporário e a mudança na relação das pessoas com suas habitações. O designer acreditava que a habitação moderna não deveria ser preenchida com objetos domésticos, mas sim que estes objetos deveriam estar integrados no espaço (Favata, 2018). Colombo havia projetado anteriormente a “Mini-Cozinha” (1962), também apresentada na exposição, com características similares, onde um único bloco móvel agrupava uma variedade de atividades normalmente realizadas no ambiente da cozinha, como representado na Figura 18. Ambos os projetos representam a ideia da casa moderna para o designer (MoMA, n.d.).



Figura 17
Total Furnishing Unit, designer Joe Colombo, 1971

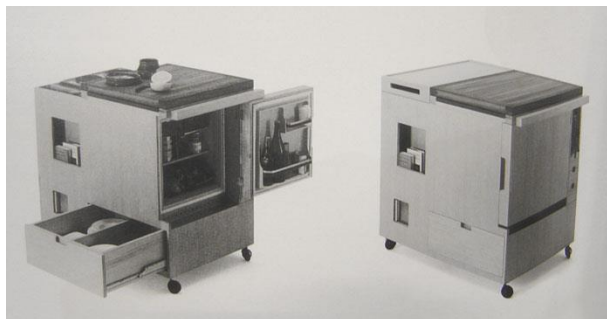


Figura 18
Mini-Cozinha, designer Joe Colombo, 1962

De forma similar, Bruno Munari realiza estudos para peças modulares que acumulam diferentes funções indispensáveis em blocos, com materiais diferentes e executados de modos diferentes. A ideia é que a combinação de todas as funções básicas necessárias possa ser feita em um único volume mínimo, demonstrado na Figura 19. Assim, o morador teria liberdade para modificar o ambiente de acordo com sua personalidade, acrescentando elementos que caracterizassem o espaço. Para isso, os blocos deveriam ser neutros, podendo ser revestidos posteriormente (Munari, 1981). É característico desse período a modularidade na concepção do design de mobiliário. Peças como o grupo de assentos “*Additional System*” de Joe Colombo (criado em 1967), “*Endless Sofa*” de Pierre Paulin (criado em 1971), Sofá Modular, apresentado na Figura 20, de Don Chadwick (criado em 1974) e a linha de mobiliário “*Oikos 1*” de Antonia Astori (criada em 1972) demonstram essa tendência, que dá mais liberdade ao utilizador para compor o espaço.

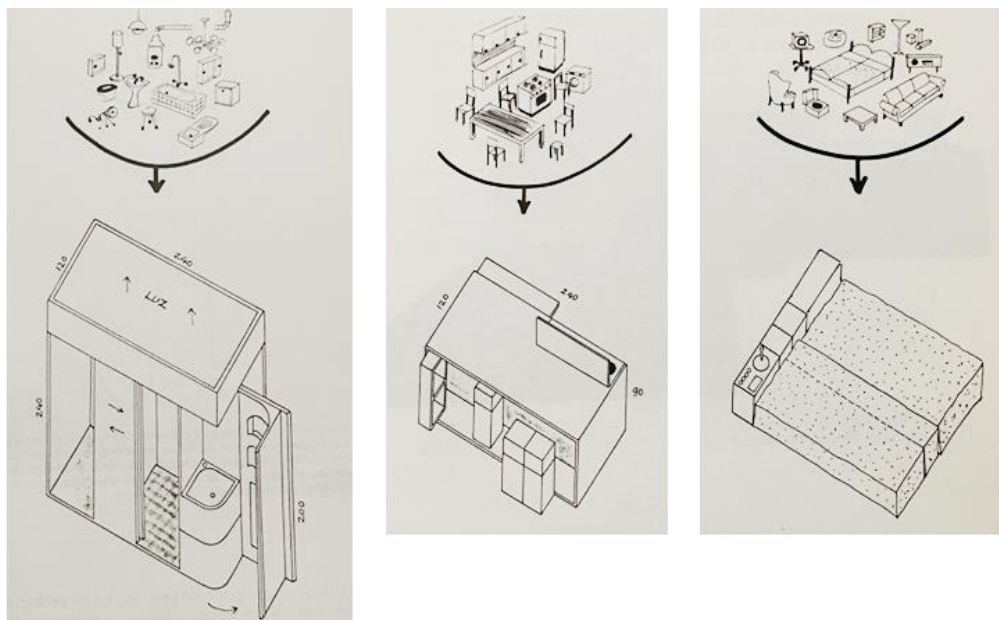


Figura 19

Diagramas para um volume mínimo, designer Bruno Munari



Figura 20

Sofá modular, designer Don Chadwick, 1974

As habitações em massa construídas durante o Movimento Moderno e o período do pós-guerra excluíam a individualidade dos habitantes, visto que não possuíam capacidade de adaptação e personalização. Tudo era decidido pelos profissionais e as unidades habitacionais eram fornecidas prontas, completamente predeterminadas na função e uso do espaço. Como crítica a esse formato de habitação da época, e na busca por maneiras de projetar mais flexíveis e adaptáveis às necessidades dos utilizadores, surgem duas alternativas que se destacam. Uma delas foi o método de autoconstrução desenvolvido por Walter Segal durante a década de 1960, permitindo que pessoas comuns planejassem e construíssem suas casas de forma rápida e barata, com materiais

disponíveis em medidas padrão, de acordo com a construção representada na Figura 21. O sistema modular para construção em madeira é notável, além da sua característica “DIY”, pela sua flexibilidade e liberdade de interpretação pelo utilizador-construtor (Schneider & Till, 2005).



Figura 21
Construção no método de Walter Segal

Já o movimento *Open Building* (OB), ganha destaque nas décadas de 1970 e 1980 na Europa, especialmente nos Países Baixos. O movimento surge como resposta à evolução social, política e do mercado, além das condições e tendências preexistentes na construção e fabricação. John Habraken, arquiteto e teórico holandês responsável por desenvolver a teoria do movimento, percebe que as habitações não deveriam ser interpretadas como produtos fabricados, pois são um processo humano, uma atividade coletiva compartilhada pela sociedade. Por isso, assim como no processo tradicional de habitação, os proprietários deveriam ter autonomia na tomada de decisões para suas habitações. Dessa forma, as edificações OB são construídas como uma “casca” a ser preenchida, sendo a estrutura da edificação o “suporte”, que possui longa duração, e os “preenchimentos” a parte interna, que será determinada pelos utilizadores e poderá ser alterada com facilidade. As alterações do “preenchimento” ocorrem em ciclos de aproximadamente 10 a 20 anos, podendo ser feitas para atender às necessidades dos moradores ou para atualizações tecnológicas dos subsistemas, ou sua remoção quando se tornam obsoletos. Como as alterações são previstas pelo projeto, a planta livre não interfere na estrutura e permite que as habitações – ou quaisquer outros usos – sejam inteiramente customizáveis (Kendall & Teicher, 2000). Apesar do método construtivo altamente técnico, Habraken propõem o reconhecimento da cultura local e caráter arquitetônico tradicional. A flexibilidade do sistema OB pode ser alcançada mesmo com materiais simples de construção, como a madeira, a exemplo do trabalho de Segal (Schneider & Till, 2005).

O interesse em preservar e reutilizar estruturas antigas tem se apresentado de forma mais constante desde o final do século XX. Com o aumento da dependência da tecnologia e o maior consumo de matérias-primas, percebe-se as vantagens de um design mais sustentável, que conserva ao invés de consumir. O conceito de *Green Building* se refere às estruturas que fazem demandas mínimas do ambiente e aproveitam ao máximo as formas naturais de oferecer as funções necessárias para a edificação (Pile, 2009). O design *Green* ou sustentável é uma das tendências mais duradouras, surgiu no início da década de 1970 na Alemanha e se tornou parte das práticas convencionais de design de interiores, influenciando padrões de consumo (Massey, 2001).

2. Flexibilidade dos Espaços

O termo flexibilidade é utilizado em diferentes áreas de estudo, desde a engenharia e design, até a psicologia e educação, e possui por isso variadas definições, comumente representando a maleabilidade, adaptabilidade e versatilidade. Dentro dos campos da arquitetura e design de interiores, a flexibilidade na habitação é a possibilidade de um espaço ser adaptado para as necessidades dos moradores em diversas situações, da forma mais simples possível, para que o espaço tenha um melhor aproveitamento, sendo usado por mais tempo e por uma variedade de pessoas, e passando por menos intervenções drásticas. A flexibilidade na habitação pode ser aplicada desde a estrutura, técnicas construtivas, materiais, divisórias, dinâmica entre os ambientes e o mobiliário (De Parisn & Lopes, 2018). O que quer dizer que o conceito de flexibilidade pode ser aplicado nas diferentes escalas da edificação, individualmente em um espaço isolado, na unidade habitacional, em partes do edifício e até mesmo na totalidade da edificação, abrangendo desde a modificação na disposição do mobiliário até a alteração no uso da edificação (Till & Schneider, 2005).

As mudanças socioculturais que ocorrem ao longo do tempo, como as alterações na estrutura familiar, estilo de vida, modos de trabalho e os avanços tecnológicos, influenciam a dinâmica das habitações. Com o crescimento populacional e a concentração da população nas grandes cidades, a flexibilidade na habitação se torna um recurso de extrema relevância. Visto que a aplicação do conceito permite a extensão da vida útil das edificações através da sua adaptação aos diferentes utilizadores, evita-se o movimento contrário, de adequar os moradores aos espaços

interiores (Beisi, 1995; De Parisn & Lopes, 2018). Nenhum programa predeterminado pelo designer é capaz de englobar todas as necessidades dos utilizadores, ademais das suas constantes mudanças, e por isso as habitações se beneficiam de um projeto que considera a inevitabilidade da adaptação constante do espaço. Como mencionado por De Parisn e Lopes (2018), construções estáticas mal acompanham as transformações do próprio corpo humano. As diversidades culturais e familiares dificultam ainda mais a compreensão das relações sociais com a habitação, de forma que a perspectiva do próprio usuário na determinação do uso do espaço é fundamental. No entanto, deve-se evitar que essa participação dos moradores leve a uma personalização excessiva, tornando a habitação adequada apenas para um tipo de família em um momento específico de suas vidas.

Além das questões socioculturais, o lado financeiro possui relevância dentro do tema. De acordo com Schneider e Till (2005), pode-se argumentar que a flexibilidade é mais econômica no longo termo, visto que ao permitir a adaptação dos espaços às diferentes necessidades e usos, reduz o número de reformas para adequação da edificação e garante uma maior ocupação, evitando que a edificação se torne obsoleta. Apesar de existirem poucos dados quantitativos para fundamentação do argumento, os dados qualitativos recolhidos pelos autores indicam que o uso flexível da edificação faz com que a sua duração seja maior e os custos sejam reduzidos devido à diminuição na necessidade e frequência de reformas completas. Nas grandes cidades, a questão financeira interfere também no mercado imobiliário, pois com o adensamento populacional, a tendência de aumento dos preços é acompanhada pela diminuição de área nos espaços interiores ao mínimo possível. O número de aposentos é considerado mais importante do que o tamanho e a qualidade dos espaços. Como a demanda por habitação é alta, estas são vendidas ou alugadas rapidamente, deixando o mercado imobiliário sem incentivos para melhoria destes espaços. O resultado disso é um funcionalismo *'tight-fit'*, onde o tamanho e formato dos ambientes determina a execução de funções predefinidas (Schneider & Till, 2005).

Devido à falta de flexibilidade das edificações, uma vez que as necessidades dos habitantes mudam, os espaços se tornam obsoletos, ocasionando a provável mudança de habitação pelos moradores. Se estas edificações fossem planejadas para serem flexíveis desde a sua concepção, os moradores poderiam adaptar os espaços e consequentemente permanecer neles por mais tempo (Schneider & Till, 2005). Ou seja, pode-se argumentar que a flexibilidade possui um impacto positivo na criação de comunidades, visto que as alterações possibilitadas no espaço permitem que

os moradores permaneçam nele por mais tempo, reduzindo a necessidade de mudanças devido à inadequação da habitação. Consequentemente ao aumento da permanência nas habitações, cria-se um senso de pertencimento e identificação entre os moradores, a habitação, e o local em que se habita.

2.1 Planejamento de Espaços Flexíveis

Para proporcionar a flexibilidade dos espaços, devemos evitar durante o processo de design a falta de flexibilidade. Dentre os principais critérios propostos por Till e Schneider (2005), estão: evitar paredes internas autoportantes e demasiadamente sólidas (o que pode ser difícil dentro dos padrões construtivos de Portugal); planejar instalações técnicas facilmente acessíveis e adaptáveis (elétrica, hidráulica, telecomunicação, entre outros); propor espaços que podem ser usados e acessados de diferentes formas. Ao analisarem tipologias características no Reino Unido, os autores percebem uma série de princípios genéricos aplicáveis para habitações flexíveis. Os princípios são retirados das tipologias *terraced house*, demonstrada na Figura 22, e dos espaços de escritório genéricos – denominados *speculative commercial offices*. A tipologia *terraced house* se assemelha aos diferentes tipos de construções presentes na área central de Lisboa, por terem uma implantação similar, com ambas as fachadas laterais coladas na edificação vizinha e geralmente um recuo aos fundos do terreno, onde se encontram terraços ou jardins, assim como a altura limitada das edificações, que por vezes estão alinhadas umas com as outras ao longo de uma mesma rua, como pode ser visto na Figura 23. Os princípios definidos pelos autores são os seguintes:



Figura 22
Terraced Houses em Londres, 1960



Figura 23
Rua Francesinhas em Lisboa, 2024

1. Espaço: existe uma correlação entre o tamanho do espaço e quão flexível a habitação pode ser. Espaços maiores, mas com uma menor especificação do layout permitem maior liberdade para os moradores, tornando-se mais vantajoso do que uma cozinha planejada ou um ambiente completamente decorado. Consequentemente, residências de espaço reduzido se tornam mais limitadas em relação à flexibilidade, mas ainda permitem que os ambientes sejam usados de múltiplas formas, sendo necessário para isso a adoção de outros métodos de design.
2. Construção: técnicas construtivas simples com acesso facilitado para as instalações técnicas permitem intervenções futuras. Quando as instalações técnicas são alocadas em zonas específicas, se torna necessário apenas um tipo de especialista para realizar as modificações. Dessa forma, uma intervenção feita na parte elétrica não requer obrigatoriamente que o forro seja quebrado ou o piso levantado para o acesso das instalações.
3. Design para adaptação: a localização de elementos fixos como as instalações técnicas, escadas e acessos pode facilitar a flexibilidade no futuro. O designer deve prever possíveis cenários e adaptações no projeto, para identificar como melhor dispor esses elementos no espaço.
4. Camadas: a identificação de camadas na construção permite maior controle e flexibilidade. Se dividem em estrutura, vedações, instalações técnicas, paredes interiores ou divisórias e acabamentos.
5. Layout típico: a estrutura de “casca e núcleo”, onde o espaço definido entre a casca exterior e o núcleo que dá acesso às instalações, é composto por grandes áreas indeterminadas. Dessa forma, divisórias leves podem ser colocadas e removidas com facilidade, possibilitando constantes mudanças.
6. Instalações técnicas: a disposição das instalações elétricas, hidráulicas, de telecomunicação e outras, deve ser cuidadosamente considerada para facilitar mudanças futuras. No sentido vertical, são concentradas em dutos de fácil acesso, enquanto no horizontal, podem se encontrar abaixo de pisos elevados ou acima de forros rebaixados.

A Tabela 2 resume os princípios encontrados nas *terraced houses* e nos espaços de escritório genéricos.

Princípio	Definição
Espaço	Aumento da capacidade e uso livre do espaço como menos especificado
Construção	Estruturas permitem fácil acesso para intervenções e manutenção
Adaptabilidade	Capacidade de prever cenários futuros e opções de ambientes
Camadas	Estrutura, pele, serviços, divisões internas e acabamentos
Planta típica	Espaço genérico sem especificações
Instalações	Localização planejada para futuras mudanças

Tabela 2

Princípios Genéricos da Flexibilidade

O conceito da flexibilidade descrito por Till e Schneider (2005) pode ser explorado através do design de forma “determinada e indeterminada”, que se refere a configuração do espaço, nomeada como uso *soft* e *hard*. O uso *soft* se refere a tática que permite maior indeterminação do espaço e o uso *hard* especifica de forma direta como o design deve ser usado. Apesar das duas estratégias serem opostas, se desenvolveram paralelamente durante o século XX. No uso *soft*, o usuário pode adaptar a planta de acordo com suas necessidades, estando o trabalho do designer direcionado a atingir esse objetivo. Entretanto, para que essa técnica possa funcionar, é necessário um espaço maior, permitindo uma abordagem mais descontraída em relação ao planejamento. Essa noção de ocupação do espaço vem desde a habitação vernacular não projetada, onde as demandas da habitação para atender às mudanças no núcleo familiar – seja em relação ao tamanho ou estrutura – são consideráveis. Posteriormente, durante o movimento moderno, a indeterminação dos espaços foi usada como resposta para a crise habitacional das décadas de 1920 e 1930, onde os arquitetos e designers argumentavam que uma abordagem flexível poderia se adequar a um maior número de moradores. Essa abordagem foi facilitada pelos novos sistemas construtivos disponíveis na época, que permitiram estruturas mais espaçadas e divisórias internas mais leves (Till & Schneider, 2005).

Em contrapartida, no uso *hard* o designer se torna protagonista e determina como cada espaço deve ser usado ao longo do tempo. Costuma ser aplicado em espaços menores que necessitam ser multifuncionais, pois é onde essa natureza altamente específica das configurações produzidas funciona melhor. Outras características são a implementação de componentes móveis ou dobráveis. Em comparação com o uso *soft*, existem poucos exemplos de habitações flexíveis que empregam essa técnica, estando geralmente confinadas a demonstrações ou casos isolados. Uma das problemáticas do uso *hard* é que nem sempre o seu design é compatível com o cotidiano

dos usuários, visto que a obrigatoriedade de deslocar paredes ou montar e desmontar camas dobráveis, pode se tornar cansativo rapidamente (Till & Schneider, 2005). Em resumo, o uso *soft* depende mais das ações espontâneas do utilizador, enquanto o uso *hard* implica uma maior definição do uso do espaço pelo designer.

Em ambos os casos, a participação dos utilizadores é vista como essencial no projeto. No entanto, se a participação resulta em uma personalização da habitação de acordo com as necessidades específicas de um único cliente para um exato momento de sua vida, o projeto se torna inadequado quando se mudam os ocupantes. O princípio do ‘segundo inquilino’ é mencionado por Schneider e Till (2005) como uma forma de garantir a possibilidade de novas configurações para uma pessoa desconhecida, realizadas de forma simples. Com o mesmo intuito, a autora Beisi (1995) divide a fase da ocupação nas subcategorias de: I – mudança das necessidades da família e II – mudança de inquilinos. Esse princípio que prevê uma pós-ocupação dá origem ao sistema de ‘multi-usabilidade’, considerando as paredes como parte do mobiliário, para que as suas adições ou remoções sejam feitas sem a necessidade de mudança dos outros elementos construtivos, como o forro e o piso. Para isso, marcações presentes nas colunas sugerem os possíveis pontos de conexão. Alguns dos melhores exemplos de habitações intencionalmente flexíveis possuem uma clareza formal, distinguindo entre os elementos fixos e os passíveis de variações, de forma a alterar itens individualmente, sem precisar intervir no restante do ambiente (Schneider & Till, 2005). O princípio por trás de alguns desses conceitos é a ideia de “edificação incompleta”, ou seja, uma base que dá espaço para a interpretação do usuário, como exemplo do projeto do arquiteto Herman Hertzberger para *Diagoon Houses* (1971). Dessa forma, os ocupantes podem definir como dividir e viver no espaço, caso a composição familiar mude ou mesmo os inquilinos, a habitação pode ser devidamente ajustada. O esqueleto estrutural é um produto incompleto que todos podem moldar a partir de seus desejos e necessidades, como exemplificado através das variações nas plantas da Figura 24. A flexibilidade é então uma categoria mais abrangente que a adaptabilidade, visto que o segundo termo se refere apenas à capacidade de adaptação da moradia às necessidades físicas do usuário, que mudam durante o processo de envelhecimento, considerando inclusive a possível perda de mobilidade (Till & Schneider, 2005).



Figura 24

Variação das plantas baixas no projeto Diagoon Houses

Assim como o conceito de usos *hard* e *soft* se relacionam ao nível de definição ou indefinição na utilização espaço, os termos *hard* e *soft* se aplicam às tecnologias implementadas nas edificações. A tecnologia aqui mencionada enquadra técnicas construtivas, soluções estruturais, instalações técnicas e a combinação dessas abordagens. Nesse contexto, as tecnologias *hard* são aquelas desenvolvidas especificamente com o objetivo de alcançar a flexibilidade. A abordagem mais desenvolvida é a do movimento *Open Building*, criada a partir da pesquisa de John Habraken e seu livro *Supports: an alternative to mass housing*. O princípio do movimento é a consideração das habitações como uma estrutura de “suportes e preenchimentos”. O suporte oferece a estrutura básica e é planejado para longa-duração, enquanto os preenchimentos possuem vida mais curta, são determinados pelos usuários e são adaptáveis. Já a tecnologia *soft* permite que a habitação não seja totalmente dependente das técnicas construtivas, explorando o princípio de camadas do movimento *Open Building*, mas de forma menos determinista. Ou seja, o sistema estrutural possibilita alterações posteriores e pode ser expresso através de uma malha estrutural, tornando desnecessárias as divisórias autoportantes. As instalações técnicas podem ser feitas pelo seu posicionamento estratégico, permitindo que cozinhas e banheiros estejam agrupados em zonas específicas, mas não sejam permanentemente fixos. A possibilidade de acessar as instalações permite sua posterior modificação e sua distribuição ao longo do espaço garante o acesso em

diversas configurações do espaço interior. Para garantir maior flexibilidade, a distribuição das instalações através de pisos elevados é uma possibilidade, mas que também conta com um maior custo. Por isso, uma solução alternativa é a *living wall* desenvolvida por PCKO Architects, representada na Figura 25 e Figura 26, onde as instalações se concentram ao longo de uma parede de serviço linear, acessada tanto do interior quanto do exterior, facilitando as intervenções.

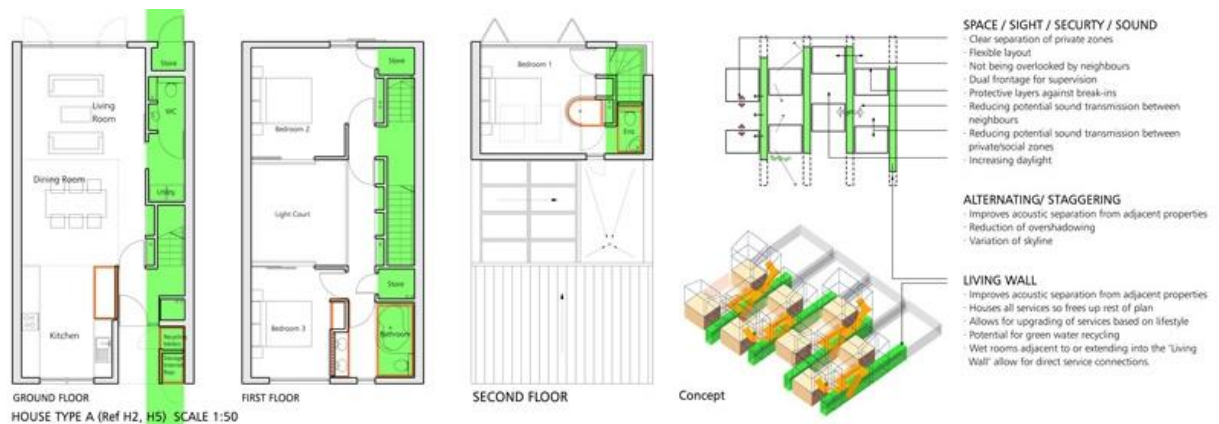


Figura 25
Living Wall, designer PCKO Architects

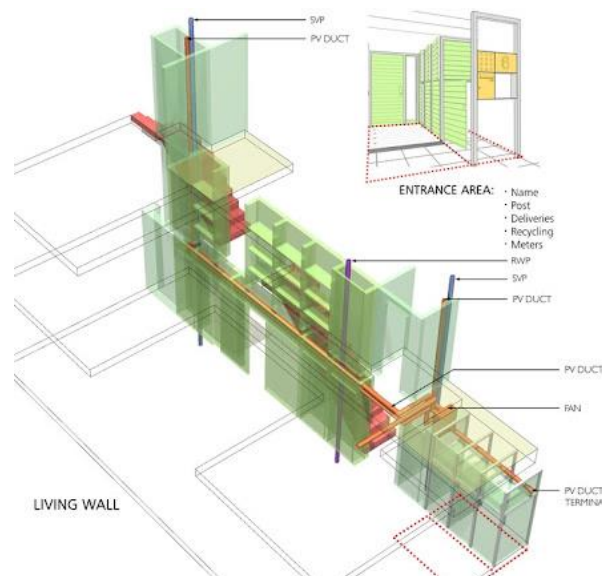


Figura 26
Diagrama Living Wall, designer PCKO Architects

Antes de definir quais soluções serão aplicadas ao projeto, Beisi (1995) recomenda a consideração dos requerimentos específicos e condições, assim como a resposta a algumas

questões: Flexibilidade para quem? Por qual período de tempo será usado? Com que tipo de possibilidades e restrições – como por exemplo materiais e custos? Como deve ser gerenciada essa flexibilidade? A autora ressalta que a possibilidade da flexibilidade não garante o seu uso, pois depende também da compreensão do sistema e do seu gerenciamento. Por isso, a comunicação entre arquitetos, proprietários e inquilinos é essencial para garantir que a flexibilidade planejada na edificação seja realmente utilizada. Algumas medidas abordadas são a apresentação das plantas, modelos, acabamentos interiores e acessórios aos inquilinos, assim como as regras de uso e descrição dos direitos e custos no contrato, aos quais estão responsáveis o proprietário e os inquilinos. Visto que em alguns projetos as divisórias internas podem funcionar como parte do mobiliário, essas medidas previnem também más interpretações e mau uso, evitando que os elementos flexíveis sejam danificados acidentalmente. As adaptações possibilitadas em uma habitação flexível devem ser idealmente de simples execução, para que os próprios inquilinos possam realizá-las. Sob a ótica contemporânea, é possível adequar essas dificuldades de comunicação com o uso de tecnologias que facilitem o acesso às informações da edificação e da unidade habitacional, com a disponibilização de instruções não apenas em material físico, mas também digital.

3. Habitação Compartilhada como Consequência da Crise Habitacional

As formas de habitar sofreram diversas mudanças ao longo dos anos, com alterações consideráveis e surgimento de novos arranjos habitacionais, que vão de encontro ao núcleo familiar tradicional (Miranda-Nieto, 2023). As habitações compartilhadas já são identificadas desde a década de 1960, formadas na época como comunas, com forte ideologia política. Se desenvolveram a partir do contexto de estudantes e do movimento hippie no mundo ocidental, que representava um estilo de vida e a busca de alternativas à configuração familiar tradicional. Até a década de 1970, as habitações compartilhadas e comunas eram consideradas problemáticas, mas durante a década de 1980 e 1990, a habitação compartilhada já era aceita como uma opção de acesso à primeira habitação fora da casa familiar, porém dentro de um orçamento menor. Atualmente, é tida como algo comum e apenas mais um modelo habitacional (Steinführer & Haase, 2009).

Em Portugal, o baixo valor do salário mínimo – 820 euros em 2024 – e médio, deixa parte da população em condições de instabilidade financeira. A União Europeia possui três grandes grupos com relação ao salário mínimo, sendo Portugal um dos 14 países do terceiro grupo, com o valor inferior aos 1.000 euros, como pode ser visto na Figura 27 (Crisóstomo, 2023). Os altos preços dos imóveis e dos aluguéis, junto com a escassez de habitação no mercado imobiliário, principalmente a preços acessíveis, como ilustrado na matéria da Figura 28, afetam de forma desproporcional alguns dos grupos sociais. São eles os idosos, jovens adultos e os imigrantes laborais, que a nível demográfico também correm maior risco de vulnerabilidade (Azevedo, 2022). Em relação especificamente aos jovens-adultos, como consequência têm morado por mais tempo na casa familiar ou, quando optam por sair, é comum que dividam a habitação (Clark et al., 2018; Harris & Nowicki, 2020). A habitação compartilhada em apartamentos ou habitação de ocupação múltipla – em inglês conhecida como *flatsharing* e *flatting*, sendo também definida como *House of Multiple Occupation* (HMO)¹⁰ – é uma opção de baixo custo, mas apesar do caráter financeiro, é consenso entre diferentes autores que os benefícios sociais são considerados igualmente importantes (Clark et al., 2018; Miranda-Nieto, 2023; Steinführer & Haase, 2009; Harris & Nowicki, 2020). Serão usados os termos ‘habitação compartilhada’ e ‘compartilhamento da habitação’ para se referir ao equivalente dos termos em inglês apresentados acima; núcleo habitacional em relação ao grupo de pessoas que compartilham a habitação e coabitante para identificar um único indivíduo específico desse grupo, podendo também ser normalmente intitulado de habitante ou morador.

¹⁰ Termo reconhecido no Reino Unido pelo governo e que atende a regras específicas

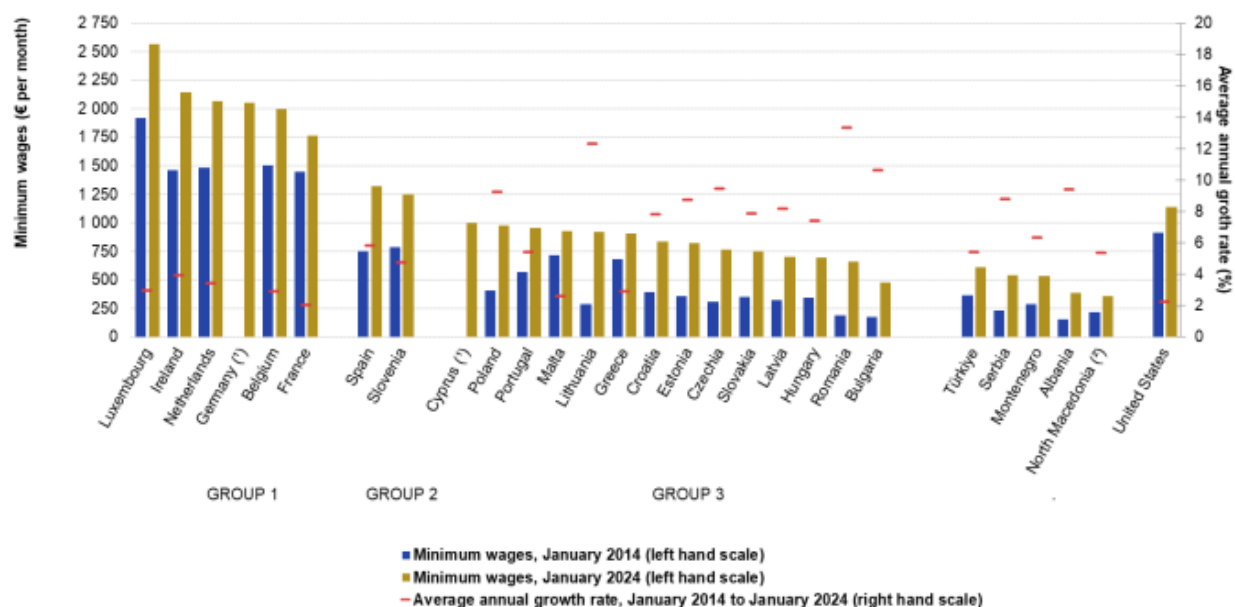


Figura 27
Salários Mínimos, Janeiro 2024 e Janeiro 2014



Falta de habitação a preços acessíveis tem merecido muitos protestos
Leonardo Negrão / Global Imagens

A taxa de discrepância entre o valor da renda e as expectativas dos inquilinos diminuiu na Europa, com o Porto na lista das quatro taxas mais baixas e Lisboa com a sétima mais alta. Carlos Amigo, da HousingAnywhere, afirma que a raiz da crise habitacional em Portugal está na falta de oferta e atratividade turística.

Figura 28
Matéria no Jornal de Notícias, março 2024

Para se enquadrar na classificação de habitação compartilhada, existem algumas diferenças entre os critérios de diferentes autores. Segundo Clark et al. (2018), são classificadas dessa forma as habitações divididas por duas ou mais pessoas, incluindo espaços em comum como cozinha, banheiro e sala, além dos quartos individuais para cada morador. As responsabilidades também são divididas por igual, incluindo o pagamento do aluguel, custos básicos e a realização das tarefas

domésticas. Steinführer e Haase (2009) mencionam que outros pesquisadores costumam considerar a classificação válida apenas a partir de três pessoas, mas apoiam a percepção popular, que aceita o mínimo de duas pessoas, visto que o que constitui esse modelo não é o tamanho do núcleo habitacional, mas outras características a serem abordadas posteriormente. Por fim, Miranda-Nieto (2023) define esse arranjo habitacional pelo compartilhamento da habitação na ausência de quaisquer laços familiares ou afetivos, diferenciando então das outras formas de compartilhamento como residência estudantil, morar com amigos ou entes familiares fora do ciclo de pais e filhos – como tios, avós, primos, sobrinhos, entre outros. No presente trabalho, será considerada a visão de Miranda-Nieto (2023) sobre a ausência de relações familiares ou afetivas em casos de habitação compartilhada por apenas duas pessoas. No entanto, caso o núcleo habitacional seja constituído por mais de duas pessoas, compreende-se que a ausência de laços afetivos não é uma requisição para a classificação. Isso porque, mesmo habitações compartilhadas por desconhecidos podem levar à formação de amizades e caso uma amizade já esteja instituída antes do evento de compartilhar o espaço, na maioria das vezes, essas ainda se encontram em uma esfera entre o público e privado que diferencia o caráter mais íntimo das relações familiares e relacionamentos afetivos românticos.

Quanto à composição e caracterização dos núcleos habitacionais em habitações compartilhadas, os coabitantes costumam ser em sua maioria jovens adultos em momentos de vida similar, não possuindo relações familiares entre si. São geralmente solteiros e sem filhos, trabalhadores e podem ser do mesmo sexo ou oposto (Clark et al., 2018; Steinführer & Haase, 2009). A habitação compartilhada reúne dois eventos marcantes do curso de vida, a saída da casa familiar e a fundação do primeiro núcleo habitacional independente. A fundação desse primeiro núcleo habitacional tem cada vez mais se distanciado e desvinculado da entrada na fase familiar, enquanto os núcleos habitacionais não tradicionais – famílias com apenas mãe ou pai, casais não casados com ou sem filhos e coabitantes – têm se tornado mais comuns e desafiam a formação tradicional familiar e o curso de vida considerado normal. Parte do motivo pelo qual o tempo entre esses acontecimentos aumentou, isso é, quando acontecem, é o prolongamento do percurso acadêmico, que dá espaço justamente para as configurações habitacionais entre grupos de jovens adultos. Deve ser destacado também que atualmente, os núcleos habitacionais independentemente de serem tradicionais ou não, possuem menor tamanho e são menos estáveis do que algumas décadas atrás (Steinführer & Haase, 2009).

Esse modelo de habitação compartilhada ocorre principalmente como um fenômeno transitório, visto que as pesquisas sugerem uma tendência evolucionária. É difícil definir se isso se dá por uma rejeição cultural e social da habitação compartilhada como um modelo aceitável após certa idade ou apenas pela busca de outros modelos de habitação. O que quer dizer que, em certo momento da vida, a habitação compartilhada perde o apelo e deixa de ser considerada como opção, fazendo com que se destine majoritariamente à população dos jovens adultos (Clark et al., 2018; Miranda-Nieto, 2023; Steinführer & Haase, 2009). Na faixa etária em que questões pessoais, profissionais e emocionais não costumam estar resolvidas e por isso estão sujeitas a mudanças constantes, existe de forma mais clara a necessidade de um arranjo mais fluído e flexível (Steinführer & Haase, 2009).

Ao discutir o fenômeno da habitação compartilhada é importante mencionar a dificuldade de interpretação do termo, que deriva da variedade de línguas no contexto europeu e consequentemente das diferentes traduções e palavras utilizadas, assim como da invisibilidade desse modelo nas estatísticas oficiais (Steinführer & Haase, 2009). No intuito de diferenciar o modelo de habitação compartilhada que é abordado ao longo do trabalho – isto é, os apartamentos e casas divididos entre pessoas sem laços familiares – das demais vertentes encontradas, serão apresentadas a seguir também as definições dos modelos de *co-living* e *co-housing*.

Segundo Coricelli (2022), o termo *co-living* aparece pela primeira vez em Londres, no começo dos anos 2010 e abrange uma variedade de opções habitacionais desenvolvidas pelo setor imobiliário. Surge no espaço urbano como uma forma de habitação, mas também pode ser interpretado como um produto do mercado imobiliário. Consiste em planos de aluguel de microunidades, quartos mobiliados, que se conectam a instalações coletivas e serviços, como ilustrado no diagrama da Figura 29, podendo ser alugados para curto ou longo prazo. É considerado um híbrido entre hotel, apartamentos com serviços e espaços de *co-working* – espaços de trabalho compartilhados. Esse tipo de habitação se destina às gerações mais jovens de classe média urbana, em uma situação econômica onde o indivíduo não é capaz de ser proprietário do próprio imóvel e aluga a habitação por um período mais longo de sua vida do que gerações anteriores. O ‘co’ de *co-living* é definido pelas empresas como coletivo, conveniente e comunidade. Porém, essa comunidade afirmada como parte da experiência do *co-living*, gerada exclusivamente pela acessibilidade econômica, difere das comunidades *co-housing* (Coricelli, 2022).

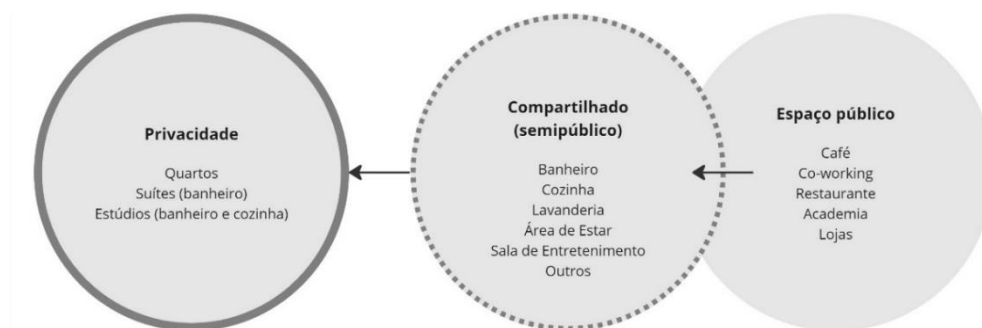


Figura 29

Diagrama conceitual do co-living: estrutura funcional entre espaço público e privado

Visto que o conceito de dividir os espaços coletivos é similar no *co-living* e *co-housing*, o que diferencia os termos, e o tipo de comunidade criada, é a organização do trabalho. No *co-living*, as tarefas domésticas como limpeza e manutenção são realizadas por uma equipe de funcionários, enquanto as comunidades de *co-housing* têm um foco na família tradicional e esperam o comprometimento dos residentes na auto-organização dessas tarefas. Apesar do *co-living* incluir a maioria dos grupos sociais, por não ser propriamente uma comunidade, mas um grupo de habitantes, não tem como propósito resolver questões sociais como o acesso à habitação. Deve ser visto mais como um modelo de conveniência para os moradores e essa conveniência deve ser compreendida dentro do contexto do crescente custo habitacional e padrões de consumo nas cidades contemporâneas, como demonstrado na Tabela 3. Já o *co-housing*, apesar de ser concebido também para razões práticas, possui em sua essência uma missão social, não devendo por isso serem comparados os dois modelos como formas similares de habitação (Coricelli, 2022).

Tipo de habitação	Compart. ¹¹	Área	Valor	Contas	Site
Quarto Individual	4 pessoas	-	360 €	Não	Idealista ¹²
Quarto Individual	7 pessoas	8m ²	450 €	Até 50€	Uniplaces ¹³
Quarto Individual	2 pessoas	10m ²	743 €	Inclusas	Livensa ¹⁴
Suíte Individual	6 pessoas	12m ²	705 €	Até 40€	Uniplaces
Estúdio	Não	15m ²	800 €	Inclusas	Livensa
Estúdio com pátio	Não	20m ²	1.200 €	Não	Uniplaces
Apartamento T1	Não	40m ²	950 €	Não	Idealista

Tabela 3

Valores do aluguel em habitações nas proximidades da Marquês de Pombal, Lisboa

¹¹ Se refere aos espaços compartilhados fora do quarto, podendo incluir banheiro, cozinha e sala.

¹² O Idealista é um dos sites mais populares para procura de habitação, seja espaço inteiro ou quartos

¹³ Uniplaces é um site direcionado para aluguel por estudantes e não exige documentação portuguesa

¹⁴ A Livensa é uma residência estudantil / co-living, conta com diversas áreas de estar e lazer compartilhadas

Nas habitações compartilhadas, ao tomar decisões sobre quais pessoas irão compor esse novo núcleo habitacional, existe preferência por pessoas de origens similares, como idade, etnia e cultura, não sendo o gênero considerado importante. Também há uma busca por moradores que são similares em valores, morais e interesses pessoais (Clark et al., 2018). De acordo com Miranda-Nieto (2023), em alguns casos, os moradores só estão relacionados pelo fato de compartilharem o espaço, não formando uma comunidade, nem possuindo objetivos pessoais e trajetórias em comum. Nessa situação, cada coabitante possui um senso individual de casa, desassociado da interação com os outros moradores. Esse desenvolvimento fragmentado do senso de pertencimento é uma das principais características da habitação compartilhada, no contexto de experiência da sua pesquisa – realizada com imigrantes sul-americanos vivendo em Madrid. Porém, Steinführer e Haase (2009) ressaltam que apesar da relação base ser a divisão do espaço e dos custos, a possibilidade de socialização é um motivo adicional – cozinhar e comer junto, conversar com os outros moradores, evitar o sentimento de isolamento.

Na convivência entre os coabitantes nos espaços internos compartilhados, os conflitos costumam ser causados por rotinas diferentes ou opostas que se chocam e causam atritos; a falha na limpeza do espaço por algum dos moradores; e a existência de relações afetivas românticas, que pode prejudicar a privacidade já limitada desses arranjos habitacionais (Clark et al., 2018; Steinführer & Haase, 2009). Algumas pessoas relatam se incomodar com a falta de controle do barulho, odores e limpeza, enquanto outros enxergam de forma positiva a presença dos demais moradores no espaço. Conflitos não resolvidos podem levar a decisão por se mudar, pedir para que alguém se mude ou reagrupar os moradores em uma nova localização onde não há o conflito. De forma geral, as pesquisas indicam que os indivíduos que compartilham a habitação costumam estar satisfeitos com essa forma de habitar e em muitos casos, possuem um senso de pertencimento em relação ao espaço e de comunidade com os outros moradores. No entanto, vale ressaltar que as pesquisas acadêmicas refletem a experiência e opinião de indivíduos entrevistados enquanto estão dividindo a habitação, de forma que ficam excluídos aqueles que optam por outras formas de morar e que podem não concordar com os benefícios comumente associados ao estilo de vida. Os possíveis aspectos negativos da habitação compartilhada devem ser considerados para uma melhor compreensão (Clark et al., 2018).

Apesar do tempo e espaço compartilhado serem essenciais para a construção das relações sociais, a privacidade é valiosa e necessária para a expressão da identidade, assim como o arranjo do espaço e posse de itens pessoais (Clark et al., 2018). O controle do espaço é a forma através da qual nos expressamos e desenvolvemos o senso de pertencimento ao lar, sendo uma característica fundamental da habitação. E por sua vez, cultivar o senso de lar é crucial para maioria das pessoas, motivo pelo qual se torna necessário entender como essa questão se relaciona com o espaço da habitação. Quando os comportamentos e expressões pessoais são moldados pela convivência com pessoas fora do núcleo familiar e até mesmo desconhecidas, assim como a coexistência tão próxima entre as esferas do espaço privado e semipúblico, os quartos individuais se tornam um refúgio. São o espaço reservado para aquilo que é mais pessoal, um lugar íntimo de retiro e isolamento, ao qual os outros moradores não tem acesso. Essa característica contrasta diretamente com a dinâmica de todo o resto da habitação, onde o uso é compartilhado e negociado em entendimentos que derivam da rotina pessoal dos habitantes. Por isso, a individualidade e privacidade dos quartos é protegida, estando as portas fechadas na maior parte do tempo para resguardar esse espaço íntimo e diferenciá-lo do restante da habitação, onde os ambientes podem ser considerados semipúblicos. Dessa forma, o controle sob o espaço doméstico em habitações compartilhadas é compartimentalizado, como demonstrado na Figura 30, com configurações semipúblicas e privadas (Miranda-Nieto, 2023).



Figura 30

Diagrama conceitual da habitação compartilhada: estrutura funcional entre espaço público e privado

Atualmente, as edificações residenciais ainda são pensadas e projetadas na sua maioria para as famílias tradicionais, mas é clara a necessidade da conscientização para os diferentes padrões sociais e estilos de vida no design de habitações, tornando-as adequadas aos núcleos habitacionais

não familiares. Como consequência, as limitações físicas das edificações afetam a dinâmica dos indivíduos que optam por compartilhar a habitação. A organização do espaço e possivelmente a ausência de áreas comuns adequadas para socialização é um dos problemas. É uma prática comum entre os proprietários converter as áreas comuns existentes em quartos extras, com o intuito de aumentar o lucro do aluguel (Clark et al., 2018). Há um desejo dos coabitantes por habitações compartilhadas com áreas comuns além da cozinha, servindo o propósito de um ponto focal de socialização, seja uma sala de estar ou uma área para assistir TV (Steinführer & Haase, 2009). É importante ressaltar que devido às características individuais de cada núcleo habitacional, os usos das diferentes configurações variam substancialmente, mesmo quando comparados apartamentos similares em relação ao número de quartos ou disposição dos espaços (Miranda-Nieto, 2023).

Do ponto de vista estrutural, a habitação compartilhada se apresenta como um arranjo flexível a princípio, em relação a quem vive com quem, durante qual período e sob quais condições. O que quer dizer que o compartilhamento da habitação é completamente adaptado e adaptável às necessidades dos grupos sociais aos quais atende – principalmente estudantes e jovens profissionais. É uma configuração flexível no sentido em que seus membros são intercambiáveis, assim como seu tamanho e práticas sociais podem mudar. Apesar das grandes cidades possuírem certa variedade no mercado imobiliário disponível para habitação e sua possível adequação aos diferentes arranjos habitacionais, deve ser enfatizado que os moradores buscam um alto nível de flexibilidade, em relação a planta baixa, adaptabilidade física do espaço interior e mesmo duração da ocupação no ambiente residencial. Em outras palavras, núcleos habitacionais flexíveis precisam de espaços interiores que sejam também flexíveis, para atender suas necessidades. Os coabitantes tiram partido dessa flexibilidade interna em parte do mercado imobiliário, buscando por edificações antigas no centro da cidade. São apropriadas para as suas necessidades especialmente pela disposição de uma série de quartos de tamanhos similares e a sua localização central. No entanto, quando observamos em detalhe é possível perceber que essa flexibilidade tem limites (Steinführer & Haase, 2009).

Os centros urbanos das grandes cidades são o local onde se encontram o maior foco de grupos habitacionais não tradicionais. Habitações com apenas uma pessoa ou núcleos pequenos se tornaram mais comuns nas grandes cidades, enquanto os núcleos familiares tradicionais têm diminuído em quantidade e relevância. A diversidade na constituição dos núcleos habitacionais é

um fenômeno urbano e é nas cidades que seu número e proporção é mais alto. Além disso, o elevado percentual de imóveis antigos em algumas cidades proporciona condições estruturais ideais para o compartilhamento da habitação. Em muitos casos, os centros que passam por fases de declínio se tornam novamente atrativos para o uso residencial, após a chegada dos núcleos habitacionais não familiares, que buscam por uma localização central, variedade de amenidades e boa conexão ao transporte público. Esses processos podem ser classificados como gentrificação em pequena escala, mas também são responsáveis pelo processo de reurbanização, onde há o adensamento da população e diversificação dos centros urbanos, contanto com uma variedade de núcleos habitacionais de diferentes idades e origens socioeconômicas (Steinführer & Haase, 2009).

Considerando os diferentes tipos de núcleo habitacional existentes atualmente e a diminuição de formações familiares tradicionais, a habitação compartilhada é um modelo de habitação que requer mais atenção acadêmica. É um fenômeno urbano relacionado aos centros das cidades, que tem se espalhado por cidades europeias, mas ainda assim possui poucas pesquisas que lhe dão a devida atenção. A simples questão de quantas pessoas dividem a habitação em cidades europeias não consegue ser respondida, pois mesmo estatísticas especializadas não classificam esse grupo de forma bem definida. Em outras palavras, não existem dados confiáveis sobre as dimensões socioeconômicas, demográficas, espaciais e temporais das habitações compartilhadas (Steinführer & Haase, 2009). Mas os dados sobre esse tipo de habitação também apresentam uma peculiaridade que pode justificar a dificuldade de coleta, que é o seu caráter majoritariamente informal e a velocidade com que os núcleos habitacionais são formados e dissolvidos (Miranda-Nieto, 2023).

Assim como as estatísticas, a literatura sobre o tema é limitada, apesar da sua popularidade crescente. Um dos possíveis motivos para tal é sua característica transitória, que pode levar a interpretação de que esses arranjos habitacionais não são relevantes ou significativos. Outro possível fator é a falta de aceitação, levando à sua negligência sistemática e ao enfoque acadêmico no mercado habitacional tradicional, que desconsidera a pluralidade dos arranjos habitacionais. Por isso, dentre as análises existentes, algumas possuem caráter de uma investigação exploratória, que poderiam ser melhoradas com a realização de pesquisas futuras. É comum também que esses arranjos comunitários se relacionem a questões intergeracionais e de imigração, o que dificulta a obtenção de estatísticas (Clark et al., 2018; Miranda-Nieto, 2023; Steinführer & Haase, 2009).

No contexto atual, as mudanças demográficas e o envelhecimento da população tornam a existência da habitação compartilhada um elemento essencial da vida urbana. O modelo habitacional antes relacionado apenas aos estudantes e pessoas jovens, tem alcançado grupos etários cada vez mais amplos, em face ao declínio do acesso à propriedade da habitação em muitas cidades. As questões econômicas também fazem com que o período de transição para vida adulta e marcos tradicionais como o casamento e paternidade/maternidade sejam adiados, assim como a tradição de deixar a casa familiar primariamente para o casamento, já não se aplica mais. Enquanto pesquisas mais antigas indicavam que os participantes consideravam a habitação compartilhada como algo transitório até que conseguissem sua casa própria, os jovens adultos atualmente não consideram mais essa conquista como uma garantia. Dessa forma, a habitação compartilhada pode vir a ganhar cada vez mais importância e ser vista como mais do que um fenômeno transitório, motivo pelo qual é necessária uma maior quantidade de pesquisas sobre o tema (Clark et al., 2018; Miranda-Nieto, 2023; Steinführer & Haase, 2009).

3.1 Casa Mínima

O encolhimento dos espaços domésticos tem crescido nas grandes cidades como consequência da crise imobiliária. Esse fenômeno e as culturas que acompanham os novos modelos de habitação derivados dele, oferecem uma percepção na mudança do significado da habitação. A minimização da vida doméstica não é necessariamente nova, uma vez que espaços habitacionais mínimos são comuns em megacidades do leste asiático como Tokio e Hong Kong, além de situações de assentamentos informais, que fazem usos criativos de pequenos espaços interiores dentro de recursos limitados. No entanto, o atual encolhimento dos espaços habitacionais tem sido vendido como um estilo de vida, narrativa que tenta justificar a diminuição na área das habitações e a escassez de opções acessíveis. Apesar de serem uma consequência das inequidades urbanas, as novas formas de habitação reduzidas são vendidas como solução para o problema habitacional. Legitimam a retirada do maior lucro possível através da precarização, gentrificação e desapropriação da habitação. Esse modelo habitacional também é visto como uma forma de manter a população mais jovem em meio à crise habitacional e ao aumento no custo de vida (Nowicki et al., 2022).

Habitações reduzidas, ou micro habitações – do inglês *micro-living* – são definidas por Harris e Nowicki (2020) em três tipos: espaços habitacionais independentes, como as casas do movimento *tiny house*, que estão abaixo dos padrões mínimos de espaço; propriedades subdivididas que geram espaços menores aos previstos no projeto original; pequenos quartos privados em espaços habitacionais adaptados para o compartilhamento; e espaços *co-living* construídos com esse propósito. O fenômeno contemporâneo da micro habitação e o movimento das *tiny houses* têm sido relacionados com os ideais de sustentabilidade e decrescimento da produção e consumo. No entanto, enquanto as *tiny houses*, como exemplificado na Figura 31, são voltadas para um estilo de vida simples e rural, que além de diminuir a pegada ecológica removem o morador do estresse encontrado no ambiente urbano, as micro habitações, exemplificadas na Figura 32, são apresentadas como um modelo habitacional que permite o permanecimento em áreas centrais urbanas, mesmo com o aumento no preço das habitações. No contexto urbano, as opções de micro habitações não representam necessariamente um custo reduzido, mas encontram apelo por indivíduos que evitam compartilhar os espaços interiores com demais moradores e que não querem optar por apartamentos maiores de qualidade inferior. Apesar dessa forma de morar não ser nova e derivar de modelos preexistentes, a terminologia micro habitação sinaliza uma tentativa de normalizar e naturalizar espaços habitacionais extremamente pequenos dentro do cenário de uma crise habitacional (Harris e Nowicki, 2020).



Figura 31
Interior de uma Tiny House

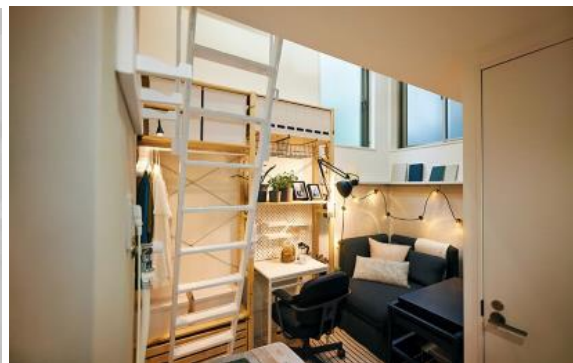


Figura 32
Apartamento de 10m² mobiliado pela IKEA, no Japão

Em grandes cidades de alta densidade populacional, o valor de troca – *exchange value* em inglês – pode ditar as políticas habitacionais ao invés do valor de uso das habitações, ou seja, as necessidades de habitações acessíveis para os residentes não são priorizadas. Ao invés disso, dá-

se preferência para o lucro de iniciativas privadas através de construções de alto padrão, muitas vezes destinadas a investidores estrangeiros. Enquanto os investidores tentam retirar o máximo de lucro de cada espaço, as unidades habitacionais se tornam cada vez menores. Um exemplo são os espaços *co-living*, onde é comum procurar maximizar o número de camas para aumentar o aluguel por m². A companhia JLL calcula que as plantas de *co-living* têm praticamente o dobro de quartos quando comparadas com habitações multifamiliares tradicionais. Nesse cenário, as habitações maiores se tornam insustentavelmente mais caras, e as habitações reduzidas são vendidas como uma solução (Nowicki et al., 2022). Vale destacar que, de acordo com Harris e Nowicki (2020), pesquisas em psicologia ambiental destacam o impacto negativo que os espaços interiores demasiadamente reduzidos podem ter na saúde mental, bem-estar e concentração.

A forma de morar que nasce de uma habitação problemática derivada das opções limitadas, tem sido transformada no imaginário coletivo como um estilo de vida mais prático que deve ser almejado. O que distingue a micro habitação dos outros espaços habitacionais reduzidos é a sua imagem e a forma como é apresentada na publicidade e até mesmo através das redes sociais. Alguns desenvolvedores justificam o fenômeno das micro habitações como uma resposta ao crescimento de adultos solteiros como uma categoria demográfica que necessita de um espaço individual para morar. Porém, embora as tendências habitacionais possam de fato responder a essa alteração no padrão dos moradores, o contrário também é verdade, visto que a dificuldade em acessar a segurança habitacional pode atrapalhar e impedir que os adultos iniciem relações de longo prazo e constituam família, pela impossibilidade de ter um espaço adequado para tal. Ao invés de ser uma solução para a crise habitacional, as micro habitações solidificam os problemas existentes e ao invés de promover o acesso à habitação de baixo custo para jovens adultos, oferecem um modelo que naturaliza uma realidade da habitação atrofiada pela crise imobiliária. O fenômeno das micro habitações também se relacionam com outras problemáticas, dentre elas a precariedade do trabalho, especialmente na indústria criativa (Harris e Nowicki, 2020).

Notas Conclusivas sobre a Revisão da Literatura

A Revisão da Literatura realizada permitiu explorar o tema dos espaços interiores na habitação, com foco para o conceito de flexibilidade e suas aplicações, assim como o compartilhamento por diferentes moradores. A breve contextualização histórica demonstra que a flexibilidade já é abordada desde o século XX, durante o Movimento Moderno, assim como as possibilidades para a habitação mínima. As alterações sociais, os novos materiais e técnicas construtivas influenciaram na mudança do padrão habitacional. Foram demonstrados alguns exemplos de projetos de arquitetura, design de interiores e mobiliário, que representam esse momento de transição.

Com o crescimento populacional e a concentração nas grandes cidades, tanto a flexibilidade como os espaços mínimos são recursos de extrema importância para o planejamento dos espaços habitacionais. A flexibilidade permite que os espaços interiores possam ser usados de diferentes formas, alterados com maior facilidade de acordo com a necessidade dos habitantes e com isso, reduzindo o número de reformas realizadas. Para o planejamento do espaço, existem duas possibilidades, o uso *soft* e o uso *hard*. O uso *soft* se refere a uma maior indefinição do espaço, e é considerado ideal, permitindo ações espontâneas pelo morador. No entanto, em habitações muito pequenas, o uso *hard* costuma ser aplicado para garantir o funcionamento dos espaços. O que pode não ser compatível com a rotina dos moradores é a necessidade constante de alterações no mobiliário para que as funções básicas sejam realizadas – deslocar paredes, montar e desmontar móveis como a cama. Outra recomendação é garantir o posicionamento dos elementos fixos – escadas, acessos, instalações técnicas, banheiros e cozinha – nas extremidades da habitação, uma vez que isso libera o espaço central da planta e facilita mudanças futuras, permitindo um design adaptável.

As mudanças na forma de habitar e na sociedade mencionadas desde o início da Revisão da Literatura, influenciam também no surgimento da habitação compartilhada. Esse modelo habitacional se origina no movimento hippie e nas residências estudantis, sendo atualmente uma decorrência da escassez de habitações a preços acessíveis, principalmente nos centros das grandes cidades. Ou seja, a habitação compartilhada é a consequência de uma necessidade, um fenômeno transitório onde moradores – em sua maioria jovens adultos – dividem o espaço com outras pessoas desconhecidas ou amigos, não existindo laços familiares. Os conflitos mais comuns ocorrem por

diferenças na rotina, não cumprimento com as regras e organização da casa, podendo ocasionar na mudança dos moradores. Por se tratar de um espaço onde a esfera privada e semipública se encontram, a privacidade dos quartos é de extrema importância, garantindo um resguardo pessoal para os habitantes. Em alguns casos, as habitações compartilhadas possuem uma área total muito restrita, podendo ser consideradas micro habitações, abaixo dos padrões mínimos recomendados, o que ocorre principalmente quando são feitas intervenções para subdividir os espaços interiores em um maior número de quartos, com o objetivo de obter mais lucro. Tanto a habitação compartilhada quanto a micro habitação são fenômenos que surgem como consequência de uma crise habitacional e não um estilo de vida a ser vendido ao público como uma opção mais viável financeiramente. De toda forma, é preciso adequar os espaços interiores para as necessidades existentes e em edificações planejadas para ocupação tradicional, os apartamentos não estão previstos para serem compartilhados. É aqui que a proposta de espaços interiores flexíveis permite adaptar essas construções preexistentes para as diversas dinâmicas sociais contemporâneas.

PARTE II: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA FLEXIBILIZAÇÃO DE ESPAÇOS INTERIORES

4. Análise de Três Estudos de Caso

O estudo de caso é um método de investigação desenvolvido nas ciências sociais, tendo sua primeira geração aparecido em torno de 1900, na disciplina da antropologia (Johansson, 2003). Praticado por diversas profissões, o estudo de caso já está estabelecido na área da educação e da pesquisa, apresentando benefícios também para a prática, construção da teoria, criticismo e comunicação. O termo é composto pelas palavras “estudo” e “caso”, significando que deve haver um caso que é o objeto de estudo (Nnaemeka, 2015). De acordo com Nnaemeka (2015), o caso pode ser uma unidade funcional complexa, tanto um objeto como um processo, seja ele teórico, empírico ou ambos. É investigado em seu contexto natural com vários métodos e contemporâneo. Johansson (2003) reforça que um dos pré-requisitos para o seu desenvolvimento é o foco em eventos contemporâneos. Justamente por ser um método aplicado em diferentes campos de estudo, existem várias definições do termo e a abordagem do método é difícil de caracterizar, podendo ser usadas estratégias diferentes de acordo com cada situação. São uma forma de investigação em que a flexibilidade na recolha de dados é uma vantagem contra outros métodos (Souza, 2015).

Um estudo de caso é basicamente a descrição de uma situação com um problema, onde se reúne todo tipo de evidência para exercer as habilidades analíticas relacionadas ao problema, aplicando conceitos e princípios para criar soluções alternativas (Souza, 2015). O objetivo dos estudos de caso é catalogar um ou mais exemplos dentro de uma tipologia, usando uma estrutura e formato padronizado, assim como o método e os indicadores. A estrutura e o método guiam a realização do estudo, com o foco de realizar uma documentação precisa e analisar as informações. Quando feitos dessa forma, os estudos de caso possibilitam a criação de uma base de dados e comparações entre diferentes casos. Dessa forma, se torna possível identificar padrões, tendências, melhores práticas e desenvolver regras e diretrizes de design (Battisto & Franqui, 2014).

Uma queixa comum contra estudos de caso é que não costumam possuir rigor e muitas vezes falham em seguir processos sistemáticos ou permitem evidências equivocadas, assim como visões tendenciosas, influenciando a direção das descobertas e das conclusões (Souza, 2015). As

principais limitações do método surgem da ausência de uma estrutura definida e método padronizado, como a inability de comparar entre casos, principalmente quando diferentes tipos de dados foram coletados; coleta de fotos sem a presença da análise crítica e empírica; ausência do uso de métodos sistemáticos; acesso e aprovação do estudo de caso de interesse, visto que nem sempre se consegue autorização para visita dos locais; custo da pesquisa. Em função disso, ainda existe preconceito em relação a validade, integridade, confiabilidade e replicabilidade dos estudos de caso. Consequentemente, é fundamental pensar a pesquisa dos estudos de caso dentro de uma estrutura baseada no desempenho, relacionando decisões de design e resultados mensuráveis (Nnaemeka, 2015).

A realização dos estudos de caso como método de investigação é especialmente recomendada e já é utilizada de forma habitual no estudo e na prática da arquitetura e do design, onde o contexto do mundo real dificulta a realização de estudos empíricos controlados (Nnaemeka, 2015). Para fins de pesquisa, os estudos de caso precisam de uma apresentação justa e rigorosa dos dados empíricos (Souza, 2015). Além disso, para tornar o mundo empírico passível de investigação, o número de variáveis (qualidades) consideradas e o número de casos (unidades de análise) podem ser reduzidos (Johansson, 2003). Os estudos de caso têm duas funções mais adequadas para o propósito da pesquisa. O primeiro é o seu uso para testar uma teoria, e o segundo a sua estratégia para analisar uma situação em que as teorias podem ser úteis para apoiar o design. Quando se estuda mais de um caso, uma série de situações replica o fenômeno em condições diferentes, com o objetivo de generalizar as descobertas. Esse processo permite a análise do fenômeno, se seus resultados irão se manter sob as mesmas circunstâncias e a confirmação ou rejeição da teoria como uma explicação constante e aceitável para o contexto que se refere. Também permite a observação de como novas circunstâncias se relacionam com as mudanças nos resultados do experimento, provocando melhorias teóricas (Souza, 2015).

Os estudos de caso podem ser usados para diferentes propósitos, podendo ser divididos nas seguintes categorias: entender as tendências atuais e boas práticas em um setor específico, ou tipologia de edificação, educando o cliente e o time de projeto; gerar uma base de dados orientada pelo desempenho, através da comparação entre casos com uma abordagem padronizada; informar diretrizes de projeto e decisões de planejamento para um tipo de edificação através do conhecimento adquirido com os casos estudados; auxiliar em avaliações futuras ou avaliações pós-

ocupação através da documentação precisa das informações da edificação em um formato padronizado, e uma coleção de casos para comparar descobertas com outros casos (Nnaemeka, 2015).

Johansson (2003) aponta que os estudos de caso combinam diversas estratégias de pesquisa, podendo ser considerados meta-métodos, pois lidam com a organização, estrutura e controle de outros métodos aplicados. Dentre as estratégias, estão a argumentação, experimental, qualitativa, correlacional e interpretativa ou histórica. A essência do método do estudo de caso é essa combinação de diferentes níveis de técnicas, métodos, estratégias ou teorias. O que pode gerar confusão é a combinação de diferentes conceitos de validação em pesquisa quantitativa e qualitativa, o que costuma acontecer em estudos de caso.

Um caso pode ser estudado com interesse particular no caso em si, situação em que o pesquisador não tem o intuito de generalizar as descobertas e foca em compreender o caso. A outra possibilidade é o caso selecionado propositalmente ou analiticamente. A seleção pode ser feita em virtude do exemplo ser rico em informações, crítico, revelatório, único ou extremo (Johansson, 2003). A depender do objetivo do estudo de caso, ele pode ser classificado em três tipos diferentes, como apresentado na Tabela 4 (Battisto & Franqui, 2014).

Intrínseco	Instrumental	Coletivo
Foca no caso em si, por ele ser único, sem o intuito de generalizar descobertas	Foca em uma questão ou preocupação para selecionar um caso que ilustra o tema estudado	Usa a lógica da replicação através de vários casos para descobrir temas em comum

Tabela 4

Tipos de estudo de caso

Diversas decisões devem ser tomadas antes de iniciar a pesquisa dos estudos de caso. Battisto e Franqui (2014) enumeram as seguintes decisões chave a serem feitas: 1. Quais os recursos disponíveis para dar suporte à investigação? A pesquisa será limitada a investigação remota (*off-site*) ou será um esforço expandido que inclui visitas *in-loco*. 2. Qual é o escopo da pesquisa? Será estudada uma edificação inteira, uma área particular, ou um ambiente? 3. Qual o

nível de esforço da pesquisa? Se irá incluir apenas um caso ou vários, permitindo a comparação entre eles.

A pesquisa dos estudos de caso pode incluir apenas a documentação do projeto, ou também uma continuação, com uma fase de avaliação da pós-ocupação. A inclusão desses dois momentos permite compreender como o design está relacionado com os resultados do projeto. A revisão da literatura permite identificar quais indicadores serão usados, estando estes divididos em dois tipos: atributos de design (indicadores *inputs*) e resultados (indicadores *output*) como mostrado na Figura 33. Com a definição dos indicadores, os casos estudados que possuem uma pontuação alta nas áreas de interesse são considerados como exemplares e definem os parâmetros para projetos posteriores (Battisto & Franqui, 2014). Como exemplo, no presente trabalho, uma das áreas de interesse é a flexibilidade dos espaços.



Figura 33
Níveis de esforço para estudos de caso

O processo de estudo de caso se divide em três partes. O primeiro é o segmento preliminar, o segundo é a padronização da abordagem e o terceiro consiste na coleta de dados, sua análise e interpretação (Nnaemeka, 2015). Essas três partes possuem diferentes etapas, oito no total, de acordo com Battisto e Franqui (2014) e Nnaemeka (2015), são elas: 1. Definição do objetivo do estudo de caso; 2. Identificação do caso ou casos e escopo da pesquisa; 3. Revisão da literatura para conhecimento do(s) caso(s); 4. Desenvolvimento da estrutura padronizada; 5.

Desenvolvimento do método de documentação; 6. Realização da coleta de dados; 7. Análise dos dados coletados; 8. Interpretação dos dados e apresentação dos resultados.

Na primeira etapa, deve ser estabelecido o objetivo do estudo de caso pretendido, apresentando de forma clara em algumas sentenças.

Na segunda etapa, o objetivo é identificar o caso a ser estudado e seu escopo. É determinado nessa etapa se será estudado um único caso ou mais de um, além das limitações da pesquisa. O caso deve ser digno de ser analisado e muitos fatores devem ser considerados para aprovar o seu uso na pesquisa. Quando aplicado para a arquitetura, o estudo de caso costuma envolver uma localização e seus fenômenos, podendo ir desde uma comunidade em grande escala, a um tipo de edificação, um ambiente específico ou até mesmo um elemento do ambiente.

Na terceira etapa, é feita a revisão da literatura, para que se obtenha um bom conhecimento do caso. Para isso, o pesquisador deve ler, se informar e conhecer a fundo o caso a ser estudado. Também devem ser identificados os indicadores de desempenho mencionados anteriormente, relacionados com o tipo do caso escolhido, incluindo atributos do design e resultados esperados.

Na quarta etapa, é desenvolvida uma estrutura padronizada para realização dos estudos de caso. A estrutura desenvolvida deve incluir atributos do design, possíveis resultados e métricas correspondentes. Os atributos de design são os elementos que definem o ambiente construído, físico, e podem ser quantitativos (tamanho dos ambientes) ou qualitativos, que incluem desde estratégias de design (o que deveria ser feito no design como sugerido pela literatura) e conceitos (como o arquiteto resolveu o problema em particular; uma solução). Os resultados são consequências das decisões de design (*input*) e os resultados desejados costumam ser informados pelo cliente ou documentados na literatura. Os possíveis resultados a serem alcançados permitem um filtro que traduz as repercussões para áreas de investigação relevantes do ponto de vista da arquitetura. Alguns exemplos dos conceitos de design são a área da circulação separada (conceito) para otimizar a eficiência do fluxo de trabalho (possíveis resultados); agrupamento de unidades de cuidado (conceito) para reduzir a distância do deslocamento (métrica do resultado). As métricas são uma forma de mensurar atributos de design e possíveis resultados.

Na quinta etapa, é desenvolvido o método de documentação do caso. Essa documentação inclui o processo de decisão, o design e os atributos de design para o(s) caso(s) selecionado(s).

Para criar consistência na documentação e possibilitar que os casos sejam comparados entre si, o método deve esclarecer quais dados coletar e como coletar essas informações. As ferramentas precisam ser desenvolvidas e um plano logístico para coleta de dados traçado. As fontes de evidência que costumam ser usadas numa pesquisa de estudo de caso incluem a documentação, entrevistas, observações diretas, observações dos participantes e artefatos. Essas fontes são complementares e os estudos de caso costumam apresentar mais de uma fonte para análise. Alguns dos dados coletados incluem: 1. Informação do contexto do objeto de estudo, como tamanho do projeto, custo, cronograma, processo de design; 2. Determinantes do design e conceito relacionados aos possíveis resultados para o objeto de estudo. Essa etapa deve incluir o desenvolvimento de um *template* para o relatório final que será preenchido com as informações coletadas. As informações podem vir de três fontes primárias, a revisão da literatura, as informações iniciais retiradas dos desenhos técnicos e outras informações fornecidas pelo arquiteto ou cliente e, por último, de entrevistas com o arquiteto e o time de planejamento do projeto. Quando é possível realizar visitas ao local, surge a oportunidade de verificar as informações e coletar novos dados.

Na sexta etapa, é realizada a coleta de dados, com a implementação do método de documentação e ferramentas desenvolvidos na etapa anterior. É recomendado o uso de diagramas para demonstrar os dados qualitativos como os conceitos do design. Já os dados quantitativos requerem o uso de tabelas e gráficos. Como exemplo de dados quantitativos estão o tamanho da área e distâncias, que são adequados para comparações e demonstrações objetivas.

Na sétima etapa, é feita a análise dos dados coletados. Os dados são agrupados e organizados para que uma estratégia de análise seja aplicada. A estratégia irá depender se o estudo é feito com um único caso ou mais de um, se o caso em questão é estudado por inteiro ou apenas partes específicas dele. O tipo de dado coletado – quantitativo vs. qualitativo – determina qual a melhor forma de análise a ser aplicada, como demonstrado na Tabela 6. A estratégia de codificar os dados permite o estabelecimento de relações e percepção de padrões. Devem ser levantadas certas questões durante a análise, como: Quais padrões e temas emergem dos dados e como esses temas se relacionam com a pergunta de investigação? Existe algum desvio dos padrões e caso sim, como ele é explicado?

Tipo do Estudo	Tipo de dados	Documentação do caso	Avaliação de desempenho
Caso singular	Quantitativo	Configuração do espaço e uso excepcionais	Impacto a configuração do espaço e uso nos resultados esperados
Caso singular	Qualitativo	Conceitos de design excepcionais	Impacto dos conceitos de design nos resultados esperados
Múltiplos casos	Quantitativo	Temas comuns e padrões na configuração do espaço e uso entre todos os casos estudados	Padrão demonstrando como a configuração do espaço e uso influenciaram os resultados esperados entre os estudos de caso
Múltiplos casos	Qualitativo	Temas comuns e padrões nos conceitos de design entre todos os casos estudados	Padrões demonstrando como os conceitos de design influenciaram os resultados esperados entre os estudos de caso

Tabela 5

Resultados esperados da documentação e avaliação de desempenho dos estudos de caso

Na oitava e última etapa, é feita a interpretação dos dados e apresentação dos resultados. O objetivo é sintetizar os dados coletados e apresentar conclusões, com base nas evidências disponíveis. Quando a análise é de um único caso, é apresentada a descrição do caso, já na situação em que se analisa mais de um caso, são apresentados temas, para entender a complexidade dos casos. As conclusões apresentadas devem ser apoiadas por evidências coletadas na investigação, idealmente de múltiplas fontes. Os temas e padrões que surgem durante as entrevistas ou observações podem ser acompanhados de dados quantitativos das plantas, pesquisas e leituras técnicas, para fortalecer o argumento apresentado. O desenvolvimento de um *template* para o relatório final é ideal, especialmente quando casos adicionais podem ser estudados com a mesma estrutura e método. Esse *template* é preenchido a partir da coleta de dados e deve ser organizado a partir da estrutura desenvolvida.

O *template* para o relatório do estudo de caso deve conter os seguintes itens, arranjados na ordem apresentada: 1. Nome do projeto; 2. Localização; 3. Data do design; 4. Data da construção, começo e fim; 5. Custo da construção; 6. Tamanho do projeto; 7. Arquiteto; 8. Cliente; 9. Desenvolvedor; 10. Consultores. Adicionalmente, devem ser apresentados outros detalhes do caso, nos seguintes títulos: 1. Contexto, a informação contextual do caso/projeto deve ser documentada;

2. Análise da localização; 3. Desenhos arquitetônicos básicos, ou seja, plantas e elevações; 4. Histórico do projeto; 5. Desenvolvimento do design e processo de decisões; 6. Papel do arquiteto e outros membros da equipe; 7. Manutenção e gestão do projeto, o status e o nível de manutenção e gerenciamento devem ser informados; 8. Impacto ambiental; 9. Contributo para a sociedade; 10. Críticas e limitações; 11. Lições aprendidas. Esse formato é mais adequado para a análise de edificações, grupo de edificações, parques, construções arquitetônicas ou ambientais (Nnaemeka, 2015).

Respondendo às questões levantadas por Battisto e Franqui (2014) mencionadas anteriormente, foram tomadas as seguintes decisões para realização da pesquisa no presente trabalho: a pesquisa será limitada a investigação remota devido ao limite de tempo e a localização dos projetos selecionados, o estudo realizado terá foco em unidades habitacionais – apartamentos – em sua totalidade, analisando três casos distintos, para que possa ser feita a comparação entre estes. A partir disso, pretende-se reunir resultados que auxiliem na compreensão das práticas aplicadas em projeto para solucionar a questão da flexibilidade nos espaços habitacionais. Os casos selecionados foram todos de habitações com dimensões reduzidas, em espaços habitacionais tradicionais, com propostas contemporâneas que tornam a habitação mais flexível. A base de todas as soluções é a reconfiguração dos espaços e liberação ao máximo da área central, permitindo a sua redivisão com elementos móveis e flexíveis, ou até mesmo com o uso do mobiliário, de forma que os espaços se tornam passíveis de mudanças simples no cotidiano dos moradores. Todas essas características se relacionam com a realidade encontrada no local de intervenção para o projeto e irão auxiliar a definir as diretrizes para o seu desenvolvimento.

4.1 BEYOME

Nome do Projeto: BEYOME

Arquiteto(s) / Designer(s): Project Consortium / Enorme Studio

Localização do Projeto: Lavapiés, Madrid - ES

Data do Design: 2022

Área: 45m²

A edificação do projeto se encontra no bairro de Lavapiés, no centro histórico da cidade de Madrid, demonstrado na Figura 34. Lavapiés é localizado na zona sul e tem fácil acesso aos transportes públicos, além de estar próximo das demais áreas centrais em uma distância caminhável. De acordo com Orueta (2007), o bairro que é tradicionalmente um espaço da classe trabalhadora, pela sua localização privilegiada e valor histórico, vem passando pelo processo de gentrificação e mudança na sua estrutura social, disfarçado na premissa de regeneração urbana e recuperação do patrimônio arquitetônico. Atualmente, Madrid é uma das capitais europeias onde o acesso à habitação se mostra mais complicado e, de acordo com o INE, 32,3% das habitações em toda a Espanha tem menos de 65m² de área útil (Iñiguez, 2022). Essas características se relacionam diretamente com a situação atual da zona centro de Lisboa, tanto pelas questões sociais e históricas, como pela demanda por habitações e a necessidade de se adequar a espaços menores.



Figura 34

Mapa região do projeto, Lavapiés

O projeto tem como foco transformar uma habitação tradicional e torná-la mais flexível, se adaptando aos diversos estilos de vida, através da criação de um sistema de móveis robóticos. A premissa de BEYOME é “dobrar” a área útil de uma habitação de 45m² para 90m², através do

deslocamento dessas unidades móveis, criando diferentes espaços e expandindo ou reduzindo os ambientes. Esse objetivo surge da demanda de espaços multifuncionais e adaptáveis a diferentes situações, mas também do desejo de propor melhores condições para os moradores. O nome do sistema deriva de “*Beyond Home*” e para o projeto, se configura em dois quartos, um deles com closet, podendo ser convertidos em áreas de trabalho ou estudo, assim como sala de estar, banheiro e cozinha. As paredes móveis possibilitam as mudanças no espaço e estão equipadas com o mobiliário, como sistemas de cama dobrável, mesas – de jantar ou trabalho – assentos e espaço para armazenamento, como nas fotografias demonstrados na Figura 35 e Figura 36. Por ser modular, o sistema é totalmente configurável, podendo ser movido de forma manual ou robotizada, com movimentação linear ou rotativa.



Figura 35 e 36
Alterações na sala

No projeto do apartamento, o uso dos sistemas modulares gera um ambiente que incentiva as constantes mudanças, através de espaços efêmeros que surgem com as atividades executadas ao longo de um dia. Esses sistemas podem ter sido inspirados nos equipamentos desenvolvidos por Joe Colombo, apresentados na revisão da literatura, visto que partem do mesmo conceito, de alocar diferentes objetos cotidianos dentro do mesmo módulo. A planta é demonstrada em diferentes contextos, sendo as áreas molhadas os únicos pontos fixos. A disposição base conta com a sala ao lado da cozinha, seguida por dois quartos, que são criados a partir dos módulos móveis. Com o deslocamento dos módulos, os dois quartos podem ser “fechados”, transformando todo o espaço interior em um salão multifuncional, integrado à cozinha. Se apenas o quarto menor for “fechado”, surge a possibilidade da extensão de uma mesa de jantar. Caso ambos os quartos estejam “abertos”, também é possível apenas retrainr as camas e abrir as mesas para trabalho, como visto na Figura 37 e Figura 38. O foco principal nesse caso foi a flexibilidade do espaço interior, e a constante mudança entre as diferentes configurações garante um maior aproveitamento da área. Tanto as

funções habitacionais quanto as áreas de trabalho se sujeitam a essa característica, que é também o partido do projeto. O desenvolvimento do sistema pelos arquitetos traz uma nova perspectiva para a forma de projetar o espaço interior, com diversos elementos embutidos, dobráveis/retráteis e móveis.



Figura 37 e 38

Quarto durante a noite e dia

Desenhos Arquitetônicos



Figura 39

Planta baixa do apartamento com os quartos



Figura 40

Planta baixa do apartamento em diferentes momentos do dia

Manutenção e Gestão do Projeto (status e nível de manutenção)

Como o projeto é recente e não estão disponíveis dados sobre uma avaliação pós-ocupação, não é possível avaliar de forma adequada a questão de manutenção. No entanto, como em quaisquer outros casos similares, a existência de sistemas manuais ou robotizados que requerem o deslocamento de peças de dimensões e peso consideráveis pode resultar em problemas e requer um nível de manutenção contínuo para o seu bom funcionamento.

Contributo para Sociedade

A criação da estratégia de blocos móveis já é algo pensado por diversos designers e arquitetos ao longo das últimas décadas. O desenvolvimento do sistema para o projeto e sua aplicação em um espaço interior real que será ocupado por moradores é o que se destaca em comparação aos diversos exercícios teóricos mais comumente encontrados. Por isso, considera-se que BEYOME seja um contributo positivo, e uma forma de repensar a habitação, possibilitando um melhor aproveitamento dos espaços interiores, multifuncionalidade dos ambientes e resolvendo alguns dos problemas que surgem com áreas demasiadamente reduzidas, principalmente no contexto da habitação atual.

Críticas e Limitações

Apesar de ser um caso extremamente interessante, o uso adequado do espaço interior depende completamente da mobilidade das peças, fazendo com que qualquer dificuldade ou incapacidade no seu deslocamento impeça atividades no cotidiano dos moradores. Além disso, pela característica do projeto e do espaço interior, a personalização de forma individual dos

ambientes é prejudicada, visto que para “fechar” os quartos, todo o mobiliário utilizado precisa ser o planejado pelos arquitetos, de forma que consiga ser encaixado nos módulos móveis. Como a área onde fica o quarto quando “aberto” se expõe para a sala ao mover as unidades, também não é possível fazer alterações no forro ou nas paredes que não sejam o lado interno das próprias unidades móveis.

Lições Aprendidas

A partir do estudo deste projeto é possível entender como unidades móveis e modulares podem ser utilizadas para delimitar os espaços interiores no programa e tornar a habitação mais flexível e multifuncional. O agrupamento das áreas molhadas em uma zona fixa, permite que o restante do espaço fique livre para o posicionamento dos demais ambientes e a implementação do sistema BEYOME. A movimentação das paredes permite a total transformação do apartamento, com a mudança na área dos ambientes, e uma vez que o mobiliário é dobrável e se encaixa nesses blocos móveis, os quartos podem ser completamente “fechados”, criando um salão multifuncional na área central. Essas paredes móveis são o ponto focal do estudo de caso e servirão de referência para realização do projeto ao final do presente trabalho.

O estudo de caso do projeto BEYOME em Lavapiés é uma referência que se assemelha ao contexto de Lisboa. A abordagem inovadora e adaptativa para a habitação urbana em espaços interiores limitados utiliza o conceito da flexibilidade através da proposta de paredes móveis, com o intuito de maximizar e, em teoria, duplicar a área útil no apartamento de apenas 45m² para 90m². A configuração versátil e multifuncional se dá com a movimentação das paredes, que permitem a alteração do espaço interior e o redimensionamento dos ambientes de acordo com o seu posicionamento. A escolha do mobiliário flexível que se encaixa aos blocos móveis permite ainda mais fluidez nas alterações. Embora o conceito de espaços modulares e peças móveis não seja novo, o diferencial deste estudo de caso é a sua aplicação prática em um cenário real da habitação. Com isso, o projeto oferece uma contribuição significativa para um melhor aproveitamento do espaço interior e possível adaptação às necessidades dos moradores atuais e futuros, fator de destaque em vista das restrições habitacionais que se encontram em espaços de dimensões reduzidas. No entanto, a implementação desse sistema pode apresentar alguns desafios, nomeadamente a necessidade da manutenção para o uso adequado da habitação e a restrição na personalização dos quartos, pois estes se abrem para a área comum.

4.2 LifeEdited

Nome do Projeto: LifeEdited Apartment

Arquiteto(s) / Designer(s): Graham Hill, LifeEdited

Localização do Projeto: SoHo, New York - EUA

Data do Design: 2012

Área: 39m²

Em Nova York, a área do SoHo é considerada um arquétipo da revitalização dos centros históricos seguida pelo processo de gentrificação, sendo hoje um dos destinos turísticos mais populares, localizado no mapa como demonstrado na Figura 41. Devido aos seus edifícios em ferro fundido, é uma zona de preservação histórica, onde as construções eram originalmente destinadas para usos industriais e comerciais. Com o abandono da área, houve a ocupação dessas edificações por artistas durante a década de 1970, que buscavam os custos mais baixos e as características de espaços interiores amplos e bem iluminados. Inicialmente, eram ocupados de forma ilegal, visto que a legislação da cidade não permitia habitação na área, tendo passado posteriormente por um redzoneamento que redefiniu os usos e considerou a habitação como válida.

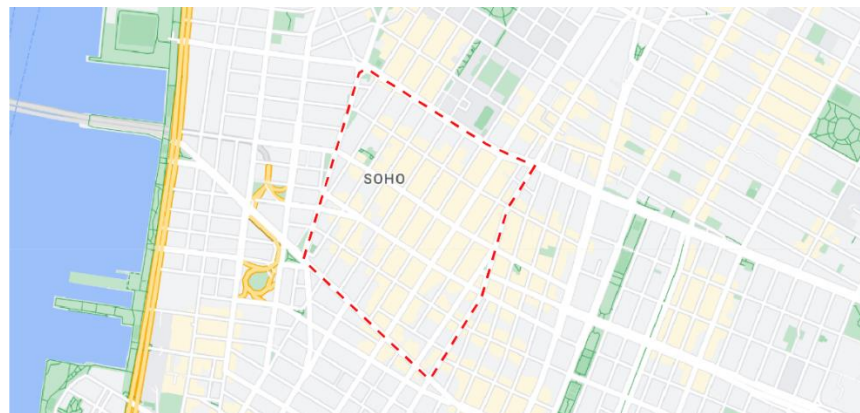


Figura 41

Mapa região do projeto, SoHo

O projeto do apartamento LifeEdited se enquadra no design minimalista, tirando os excessos de mobiliário e objetos para manter apenas o essencial, dessa forma conseguindo propor dentro dos 39m² uma variedade de usos e funções que equivale a 65m². O que permite essa percepção é

o uso criativo do espaço interior, assim como a escolha de soluções como camas retráteis, armários embutidos, parede móvel e outras funcionalidades. O espaço se transforma em cinco versões diferentes, onde a área central do apartamento que seria a sala de estar, passa a ser também o quarto, sala de jantar, área de trabalho ou sala de entretenimento, como demonstrado nas fotografias da Figura 42, Figura 43 e Figura 44. Essas mudanças são feitas através do mobiliário flexível, que pode ser contraído, expandido, movido ou guardado.



Figura 42
Sala com parede móvel



Figura 43
A sala se transformando em dois quartos



Figura 44
Quartos resguardados com cortinas

Na área principal da sala, o sofá se transforma em cama para criar o ambiente do quarto. Caso o morador receba hóspedes, a unidade móvel dos armários é deslocada e divide o espaço interior em duas zonas privadas, resguardadas por uma cortina. O novo quarto criado com esse deslocamento possui duas camas retráteis, além de mesa e gaveteiros, tendo também acesso para

uma das janelas, o que garante iluminação e ventilação natural. Ao invés de incluir uma televisão no espaço, optou-se por um projetor escondido no armário superior e um telão embutido no forro, criando assim uma área de entretenimento na sala. Para garantir o funcionamento da cozinha dentro das dimensões mínimas e sem abdicar de nenhum dos eletrodomésticos, foram escolhidos equipamentos inteligentes e eficientes. O forno também funciona como micro-ondas, a geladeira, freezer e máquina de lavar louças são embutidos e se camuflam como gavetas. O fogão é portátil e pode ser guardado quando não está em uso. A bancada em forma de “L” esconde na sua lateral uma mesa expansível, que pode acomodar até 10 pessoas em seu tamanho total, como demonstrado na Figura 45 e 46, fazendo uso dos assentos empilhados e armazenados dentro de um dos armários. No banheiro, foram divididas a área do banho e o sanitário, para facilitar o uso por mais de uma pessoa. Foram instalados pequenos painéis solares no exterior da edificação, que alimentam um dos pendentes da sala e uma bateria para carregamento de outros aparelhos.



Figura 45 e 46

Área da cozinha e mesa expansível

Desenhos Arquitetônicos



Figura 47
Planta baixa

Manutenção e Gestão do Projeto (status e nível de manutenção)

O projeto como um todo possui soluções de uso simples, que requerem um nível de manutenção comum como qualquer outra habitação. A unidade móvel que se encontra no meio do apartamento requer alguma atenção pela sua dimensão e peso, de forma que qualquer dificuldade na sua movimentação compromete o uso do espaço como previsto.

Contributo para Sociedade

As estratégias adotadas no espaço foram capazes de transformar uma área pequena, trazendo diversas funções, que de outra forma não poderiam ser realizadas ali. No contexto atual, onde o valor da habitação tem subido e muitas pessoas passam a optar por apartamentos menores, esse tipo de solução é essencial para demonstrar como tirar o máximo partido de espaços interiores mínimos.

Críticas e Limitações

Apesar de todos os espaços interiores neste projeto terem sido extremamente bem pensados para acomodar o máximo de funções possíveis, uma das desvantagens é a necessidade de “abrir e

fechar” a cama para seu uso ou para usar o sofá, onde a cama se sobrepõe. A execução dessa alteração de forma frequente para adequar o espaço aos períodos de dia e noite pode se tornar cansativa para os moradores. Na cozinha, apesar de todos os eletrodomésticos terem sido incluídos no projeto, a escolha por versões de dimensões reduzidas limita a sua utilização e as possibilidades no ato de cozinhar e armazenar alimentos, principalmente caso o apartamento venha a ser dividido por duas pessoas.

Lições Aprendidas

A análise deste projeto permite compreender formas de adequar o espaço para diferentes usos, não sendo necessário para tal ambientes diferentes, mas apenas o planejamento adequado e utilização de mobiliário flexível que pode ser alterado de acordo com a necessidade. O projeto também se destaca pelo aproveitamento máximo do espaço interior do apartamento, conseguindo até mesmo uma boa quantidade de área de armazenamento e uma cozinha completamente equipada dentro de sua área reduzida. A escolha por eletrodomésticos embutidos em toda a cozinha traz uma estética mais homogênea e leve, ideal pelo ambiente ser aberto para o restante do apartamento. Como referência para o desenvolvimento do projeto ao final do trabalho, a solução de alocar mais de um uso no mesmo ambiente será revisitada para as áreas comuns, assim como a escolha de eletrodomésticos embutidos para uma estética mais funcional e minimalista, trazendo maior fluidez entre os ambientes.

Ao estudar o projeto para o apartamento LifeEdited no SoHo, é possível destacar a eficácia do design minimalista aplicado a espaços interiores reduzidos para transformar sua área, conseguindo destinar diversas funções e usos. A flexibilidade do mobiliário e o uso criativo do espaço interior permitem que o espaço central do apartamento seja tanto o quarto, quanto a sala de estar, área de trabalho e até mesmo sala de jantar. A simplicidade das soluções adotadas facilita o uso e manutenção nos ambientes. O projeto traz um contributo significativo por apresentar uma solução eficiente para a crescente demanda de habitações com dimensões reduzidas dentro de áreas urbanas adensadas. A maximização do uso do espaço oferece uma alternativa viável e confortável para habitação mínima. Um contraponto é a necessidade constante de realizar transformações no mobiliário e no espaço para que se possam realizar determinadas atividades, podendo causar insatisfação ao longo prazo.

4.3 Tiny Apartment

Nome do Projeto: Tiny Apartment

Arquiteto(s) / Designer(s): Cristiana Felgueiras – Canal Get Hands Dirty

Localização do Projeto: Ribeira, Porto - PT

Data do Design: 2023

Área: 31m²

A Ribeira faz parte do centro histórico na cidade do Porto, às margens do rio Douro, um dos locais mais antigos e típicos na cidade, que faz parte do Patrimônio Mundial declarado pela UNESCO, se localiza no mapa como ilustrado na Figura 48. O povoamento da área reflete a importância das atividades comerciais e marítimas, tendo passado por um plano de recuperação e revitalização durante a década de 1970, hoje sendo uma zona extremamente turística.

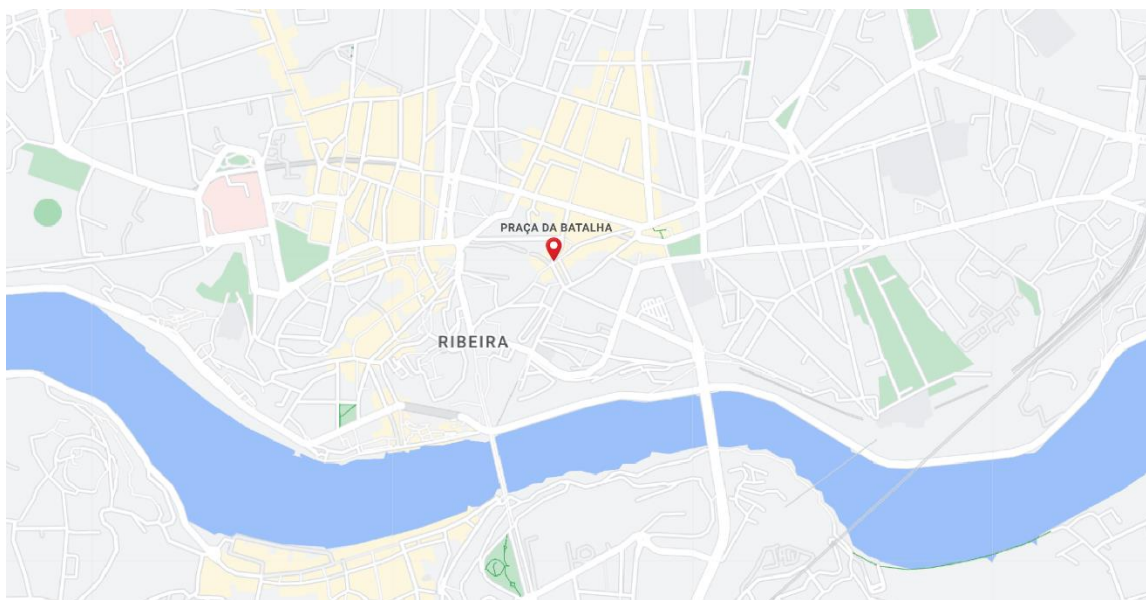


Figura 48

Mapa região do projeto, Ribeira

O maior destaque do projeto é a sua realização completa pela proprietária do imóvel, no estilo DIY. Todo o mobiliário foi pensado, desenhado e executado para se adequar ao espaço interior e aproveitá-lo da melhor forma possível. A existência de paredes irregulares e não paralelas

é uma característica que pode ser percebida nas habitações mais antigas de Portugal, mas o mobiliário foi adaptado para seguir esses alinhamentos não lineares, criando volumes únicos que trazem personalidade ao espaço. Com exceção do banheiro, não existem paredes internas e a limitação entre as diferentes zonas do espaço interior é definida pelo posicionamento do próprio mobiliário, como demonstrado na Figura 49. Essa ausência de divisões construídas e o design de objetos transformáveis e multifuncionais, retratados na Figura 50 e Figura 51, torna a habitação mais flexível e passiva de mudanças futura. O design como um todo possui uma estética minimalista, mas a decoração traz toques pessoais e cria a identidade do ambiente.



Figura 49

Vista geral do espaço central no apartamento



Figura 50 e 51

Transformação da sala em quarto

Um armário entre a entrada e a área principal de estar / quarto, cria um foyer para o acesso ao apartamento. Da mesma forma, o local da mesa de jantar e do console para televisão restringem a zona da cozinha e o acesso ao terraço, auxiliados pela marcação do piso, criada com o uso de materiais diferentes em cores contrastantes. As peças do mobiliário que se destacam pela sua

variação em uso e função são a cama retrátil que vira sofá, a mesa de centro que sobe e pode ser um apoio para trabalho, a mesa de jantar extensível – retratada na Figura 52 – que acomoda até dez pessoas e o console multifuncional, que foi desenhado para armazenar os painéis da mesa extensível e abriga também uma vitrola¹⁵. O conjunto da cozinha foi feito a partir do reaproveitamento da bancada existente em seu apartamento anterior e complementado para conter um volume maior de armazenamento. Dos eletrodomésticos, apenas o forno foi mantido aparente, enquanto todos os outros foram embutidos no mobiliário, como é possível visualizar na Figura 53 e Figura 54. No banheiro, um dos armários também foi planejado para esconder o aquecedor de água¹⁶, mas conta com uma prateleira inferior removível, o que facilita a manutenção quando necessário.



Figura 52
Mesa de jantar extensível



Figura 53 e 54
Soluções nos armários da cozinha e eletrodomésticos embutidos

¹⁵ Toca-discos, no português de Portugal

¹⁶ Termoacumulador, no português de Portugal

Desenhos Arquitetônicos



Figura 55
Planta baixa

Manutenção e Gestão do Projeto (status e nível de manutenção)

Como todo o projeto e execução foi realizado pela própria moradora, a manutenção é facilitada pelos seus conhecimentos práticos e pelo uso de materiais comuns de fácil acesso, que podem ser substituídos quando necessário ou alterados de acordo com a necessidade do momento.

Contributo para Sociedade

As soluções utilizadas não são necessariamente exclusivas do projeto, mas a sua realização completa ao estilo DIY demonstra a possibilidade de personalização completa do espaço interior para as necessidades do morador, como demonstrado na Figura 56 e Figura 57, possivelmente com um custo inferior. Além disso, o reaproveitamento de peças e materiais de projetos anteriores torna o mobiliário mais sustentável.



Figura 56 e 57

Soluções de armazenamento no console multifuncional

Críticas e Limitações

Assim como no estudo anterior, pela área central do apartamento ser tanto quarto como sala, há o inconveniente da constante necessidade de “abrir e fechar” a cama para o adequado uso dos espaços interiores. Outro ponto é a impossibilidade de receber visitas com a configuração atual do apartamento, que apesar de ser uma questão pessoal da moradora, limita o uso do espaço.

Lições Aprendidas

Através do projeto foi possível perceber como a aplicação de soluções relativamente simples, mas totalmente funcionais resolveram diversos problemas da habitação em espaços reduzidos. Toda a proposta é feita através de mobiliário DIY, personalizado para as necessidades do espaço, que consegue aproveitar cada canto do apartamento, delimitar o zoneamento e atender as principais atividades ali realizadas. A limitação das áreas pelo mobiliário, sua execução pela moradora do apartamento e a escolha de um design que permite que o espaço interior tenha mais de uma função, torna o projeto flexível e permite que pequenas alterações sejam feitas diariamente durante o seu uso. Posteriormente, mudanças totais na configuração do ambiente podem ser realizadas sem a necessidade de obra, caso seja preciso. Será tomado como referência para o projeto realizado ao final do trabalho a separação dos espaços através do posicionamento do mobiliário e o planejamento sob medida das peças, assim como o possível reaproveitamento de materiais para garantir a sustentabilidade e a redução dos custos. Apesar de não estar previsto para a reforma, a execução de peças DIY permite adaptações futuras que poderiam ser realizadas pelos próprios moradores.

A análise deste estudo de caso DIY localizado na Praça da Batalha, cidade do Porto, é uma referência já dentro do contexto português, que traz uma abordagem completamente personalizada e realizada pela própria moradora para adaptação de uma unidade habitacional, de forma econômica e sustentável. Tudo foi cuidadosamente pensado e planejado para se adaptar ao espaço interior, com seus alinhamentos irregulares. A ausência de divisões internas construídas, com exceção do banheiro, permite também que mudanças futuras sejam feitas com maior facilidade. O projeto traz um contributo especialmente importante por ter sido executado pela moradora. Mas além disso, a escolha por soluções flexíveis de mobiliário e multifuncionalidade da área central do apartamento são referências interessantes, assim como a setorização dos espaços através do posicionamento do mobiliário, evitando o uso de divisões sólidas. A manutenção é simplificada pois também pode ser feita pela própria moradora e depende de materiais comuns, de fácil acesso. Porém, uma questão negativa é que o uso comum da área central como quarto e sala requer mudanças constantes que podem se tornar inconvenientes no dia a dia.

5. Breve Consulta ao Público-alvo

Ao realizar uma pesquisa é necessário que seja feito primeiramente o seu adequado planejamento, permitindo que posteriormente as descobertas possam ser generalizadas. Segundo Oppenheim (2001), para garantir que as conclusões são válidas, o planejamento deve indicar como a amostra da pesquisa será feita, qual o tamanho da amostra e quais grupos serão incluídos, quais comparações devem ser feitas e quais variáveis serão medidas em cada uma das questões e hipóteses exploradas. Ou seja, com o planejamento, o problema da pesquisa é estabelecido de forma a produzir perguntas específicas com respostas específicas. As técnicas de pesquisa são os métodos usados para gerar e coletar os dados, medindo, quantificando e garantindo que são apropriados, válidos e confiáveis. É normal que no decorrer da pesquisa, o objetivo sofra alterações devido a uma melhor compreensão. Hadji (2021) define a amostra como o grupo de participantes que será analisado pelo pesquisador em uma investigação empírica e a população é o grupo de pessoas a quem o estudo se refere. Por isso, a amostra selecionada para pesquisa deve ser representativa da população, compartilhando a maioria das características relevantes para o grupo, como idade, gênero e educação.

São destacadas por Oppenheim (2001) as seguintes etapas: decidir os objetivos a serem investigados, assim como possíveis teorias; fazer a revisão da literatura; conceituar de forma preliminar o estudo, posteriormente fazendo a sua revisão, assim como dos objetivos; definir o design do estudo e avaliar a viabilidade dentro do limite de tempo, custo e/ou equipe disponível, reduzindo os objetivos caso não seja possível prosseguir; decidir quais hipóteses vão ser investigadas, listando quais variáveis serão mensuradas; planejar ou adaptar instrumentos e técnicas a serem utilizados; fazer o ‘piloto’ onde serão testados os instrumentos; definir a amostra, se precisa ser representativa e de que grupo; selecionar pessoas a serem abordadas; executar o trabalho de campo, que será a coleta de dados na prática através das entrevistas ou inquéritos; processar os dados coletados e codificar as respostas para a análise; fazer a análise estatística, testando por significância estatística; reunir os resultados e testar a hipótese; e por fim, escrever o relatório do estudo, descrevendo quais foram os resultados, as descobertas de pesquisas prévias e demonstrando as conclusões e interpretações.

O inquérito é um dos possíveis instrumentos a ser usado para coleta de dados específicos e seus objetivos e especificações irão derivar do design geral da pesquisa. É essencial fazer uma

declaração dos objetivos gerais do estudo, que se desenvolverão em uma série de objetivos específicos e estes em questões ou hipóteses, direcionando para uma lista de variáveis, escalas ou indicadores. Existem dois tipos distintos de pesquisa, a descritiva, enumerativa ou de censo e a analítica, relacional. Na primeira, o propósito é contar, geralmente através de uma amostra representativa, através da qual depois se pressupõem informações sobre a população como um todo. Dessa forma, a pesquisa descritiva informa quantos membros da população, ou qual proporção de um todo, tem determinada característica ou opinião e com que frequência isso ocorre. Não são usadas para demonstrar relações de causalidade entre variáveis. Já na pesquisa analítica, procura-se entender o motivo de determinadas questões e por isso, costumam se fazer associações, porém nem sempre de causalidade (Oppenheim, 2001). Já em relação aos dados coletados, estes podem ser qualitativos ou quantitativos e se classificam em três tipos diferentes: informação factual, que representa as características demográficas como idade e gênero; informação comportamental, relacionada à experiência pessoal de quem responde; e as informações atitudinais, que são os pensamentos, crenças, atitudes e interesses dos respondentes (Dornyei, 2007, citado por Hadji, 2021).

A prioridade de cada variável também deve ser considerada, de forma que as questões centrais referentes ao tema do estudo requerem uma abordagem mais elaborada. Nos questionários autoadministrados, costuma-se atingir uma alta taxa de resposta e um mínimo de viés. Na abordagem funil, o questionário se inicia com perguntas gerais e afunila para questões mais específicas ao final. Outra estratégia é a pergunta filtro, que pode ser usada para excluir respondentes de uma certa sequência de perguntas, caso não se aplique ao grupo. Por exemplo, se o estudo é sobre o hábito de compras de determinado produto, um respondente que não consome esse item não necessita responder perguntas sobre frequência ou demais variáveis relacionadas a sua compra. Ou seja, caso a resposta sobre a compra do item seja negativa, o participante será direcionado para o bloco de perguntas seguinte, pulando a parte do questionário ao qual o seu hábito de compra não se relaciona. Após questionar a amostra, é feita a comparação das características com aquelas conhecidas da população (Oppenheim, 2001).

Atualmente, as pesquisas online são um dos instrumentos de coleta de dados mais comuns, tirando vantagem da tecnologia para auxiliar no design, desenvolvimento e obtenção de dados de forma mais simples que os métodos tradicionais. Vasantha Raju & Harinarayana (2016)

mencionam que as ferramentas tradicionais de pesquisa como entrevistas realizadas pessoalmente, por telefone e por e-mail possuem limitações relacionadas ao custo, gasto de materiais, tempos de deslocamento, consumo de tempo para o pesquisador e para os participantes. De toda forma, as versões online também possuem questões a serem consideradas, como a seleção da amostra, variações tecnológicas, baixa taxa de respostas, privacidade e segurança dos dados (Vasantharaju & Harinarayana, 2016). De acordo com Hadji (2021), além do baixo custo em termos de tempo, esforço e recursos financeiros, os questionários online são de fácil administração e permitem que uma grande quantidade de informação seja coletada de forma rápida, contanto que um grande número de participantes seja alcançado. Também é feito menos esforço na coleta e processamento dos dados das respostas, devido ao salvamento automático em planilhas, que evita uma etapa posterior de preenchimento manual dos dados pelo pesquisador. No entanto, a amostra pode ser prejudicada pela disponibilidade do questionário aberto ao público, de forma que qualquer pessoa pode optar por responder, situação denominada auto seleção. Por isso, nem sempre as pesquisas online permitem a generalização dos seus resultados para a população.

Dentre as opções para criações de inquéritos e formulários online, o Google Forms é uma das plataformas que se destaca e se popularizou pelas suas vantagens. Dentre as vantagens estão o número ilimitado de pesquisas e quantidade de respostas; o salvamento automático das respostas em um formato de planilha, que permite tabulações e representações gráficas; a opção de adicionar vídeos e imagens; a possibilidade de enviar o formulário através de um link, não necessitando anexar em um e-mail ou outro site; a opção de adicionar colaboradores e o uso dos recursos de forma totalmente gratuita, além da interface que simplifica o design do questionário e sua aplicação. A maior desvantagem apresentada é a privacidade dos dados, que, no entanto, é uma característica relacionada a maioria das atividades realizadas online (Vasantharaju & Harinarayana, 2016). Quanto à apresentação do questionário, existem duas abordagens. A primeira é quando todas as perguntas se encontram em uma única página ou tela, com os botões de ação ao final. Essa abordagem se assemelha a aplicação do questionário físico em papel e permite que os participantes tenham uma noção do tamanho do questionário e respondam livremente na ordem que desejarem. A outra opção é a abordagem em várias telas, que contém uma ou mais questões. Nessa segunda forma, apesar de não permitir a percepção do progresso através do questionário, garante o armazenamento dos dados cada vez que uma “página” é completada, de forma que os

participantes podem interromper o processo e retornar em outro momento, sem perder seu progresso (Hadji, 2021).

Para responder às questões elaboradas pelo pesquisador, os respondentes contam com a seleção de respostas pré-definidas nas questões fechadas ou escrevem com suas próprias palavras nas questões abertas. A vantagem das respostas abertas é a liberdade que estas dão ao respondente. Costumam ser fáceis de perguntar, mas difíceis de responder e analisar. Já as perguntas fechadas podem ser factuais ou atitudinais. Neste caso, as próprias alternativas oferecidas são parte da questão, guiando a resposta. Ou seja, não se pode apresentar nos resultados que uma porcentagem respondeu de determinada forma sem demonstrar as outras possíveis respostas. Se o pensamento do respondente for guiado em uma das questões, uma pergunta aberta subsequente também pode ser influenciada, pelo contexto. As perguntas fechadas são mais rápidas e fáceis de responder, tendo também uma quantificação direta. Isso quer dizer que mais questões conseguem ser feitas no mesmo tempo. No entanto, a desvantagem é a perda de espontaneidade e expressividade, nunca sendo possível saber como os participantes pensam por conta própria e por vezes até mesmo introduzindo um certo viés ao forçá-los a escolher dentre alternativas pré-selecionadas. Costumam ser mais cruas e menos sutis, caso os respondentes não se sintam representados pelas opções de resposta disponíveis, podem se sentir irritados e perder o interesse na pesquisa, por isso deve ser sempre incluída a opção ‘outro – por favor especifique’. A abordagem fechada garante que os resultados sejam facilmente comparáveis e que todos os participantes consideraram o mesmo conteúdo antes de responder (Oppenheim, 2001).

Antes de aplicar o inquérito ou realizar as entrevistas em seu formato final, é necessário realizar um estudo ‘piloto’, que servirá para testar todos os aspectos antes da versão final, garantindo que irá funcionar de acordo com o planejado. É necessário um tempo para a construção, revisão e refinamento do questionário ou quaisquer outras técnicas de coleta de dados. Essa etapa de teste pode ajudar na forma como as questões são apresentadas, na sua ordem, assim como outros fatores de organização. Idealmente, as perguntas fechadas devem começar como questões abertas, para que se possa experimentar primeiro quais respostas seriam dadas de forma espontânea, demonstrando como a pergunta é interpretada. Posteriormente, a pergunta pode ser modificada de acordo com o propósito. Uma pergunta mal elaborada pode ser mal interpretada, induzindo ou até mesmo enviesando as respostas. Ao final do piloto, o questionário terá uma série de módulos de

questões ou sequências, abordando diferentes tópicos. Devemos considerar então em que ordem os módulos devem aparecer no questionário e o balanço entre os tipos de questões, se existem muitas perguntas abertas – que levam mais tempo e requerem escrita, – se as questões de múltipla escolha deveriam estar agrupadas no início ou distribuídas entre as abertas (Oppenheim, 2001). As questões obrigatórias podem ocasionar o abandono do questionário pelos participantes e reduzir a taxa de respostas (Hadji, 2021).

Com base na revisão da literatura sobre o tema dos inquéritos, foram tomadas decisões quanto a realização da pesquisa para o presente trabalho. Será realizado um questionário, com o intuito de compreender a experiência da habitação compartilhada em Portugal, assim como suas vantagens e desvantagens. Devido à janela de tempo disponível para realização do inquérito, o formato online se apresenta como o modelo ideal, através da plataforma do Google Forms. A amostra deve ser constituída por jovens, população à qual o trabalho dá enfoque, tomando como parte da seleção a divulgação em meios acadêmicos e o compartilhamento online. A pesquisa tem caráter quantitativo e serão registrados dados factuais demográficos, comportamentais e atitudinais. Será utilizada a estratégia de funil, iniciando com perguntas gerais e deixando as específicas ao final. No entanto, será aplicada também uma pergunta filtro, direcionando para as questões específicas apenas os respondentes que já tiveram a experiência de moradia em habitação compartilhada. Para aplicar ambas as estratégias, a apresentação do questionário se dará em seções divididas por tópicos, com uma série de questões. Idealmente, seria feito o piloto e posteriormente aplicada a versão final, no entanto, isso não seria viável para o prazo do estudo, visto que os resultados devem inferir no desenvolvimento do projeto. Por isso, a aplicação do questionário será considerada como um meio termo entre uma versão de teste e a final, apresentando questões fechadas e abertas – não obrigatórias – para tentar compreender da melhor forma possível dentro do tempo disponível as características do grupo de estudo.

Como mencionado anteriormente, para analisar o público-alvo da pesquisa, foi formulado um questionário na plataforma Google Forms, com o intuito de facilitar a coleta de respostas e análise dos dados. A amostra foi dada pelo envio do formulário online em meios acadêmicos, além de grupos de pessoas que se sabia previamente compartilharem a habitação. É representativa da população em relação a idade e gênero, mas não se pretende generalizar as descobertas devido a forma como os respondentes foram selecionados e a quantidade de respostas obtidas. Entende-se

que o questionário funcionou como um meio termo entre um piloto e a versão final, obtendo um total de 21 respostas durante um período de três semanas. A principal hipótese a ser investigada é se o motivo pelo qual os respondentes optam pela habitação compartilhada é financeira. Além disso, as hipóteses sobre a privacidade ser um dos maiores problemas e consequentemente a estas duas teorias levantadas, a hipótese de que nem todos os participantes terão interesse em compartilhar a habitação no futuro. Pretende-se comparar as respostas sobre a habitação no futuro com a idade dos respondentes e a avaliação que fazem sobre a privacidade. Essas teorias e comparações foram definidas com base na revisão da literatura realizada sobre o tema e as descobertas de pesquisas anteriores.

O questionário se estrutura em três seções, com uma mistura de perguntas fechadas e abertas distribuídas de forma intercalada, coletando informações fáticas, comportamentais e atitudinais. A primeira parte é focada apenas em dados demográficos (idade, gênero, nacionalidade) e modelo de trabalho ou estudo dos participantes. Na segunda parte, são coletadas informações sobre a habitação, com quem os entrevistados moram, quantos são, qual o tamanho da residência e por fim, se o respondente já teve a experiência de compartilhar a habitação. Caso a última resposta seja negativa, o respondente será encaminhado para uma versão reduzida da terceira seção, onde as perguntas são apenas sobre as atividades realizadas no espaço, o que gostaria de mudar nele e se no futuro teria interesse em morar em uma habitação compartilhada. Para aqueles que já tiveram essa vivência, a última seção é mais completa e conta com várias perguntas sobre a opinião dos participantes em relação a habitação compartilhada. As perguntas realizadas e os resultados completos estão disponíveis no Anexo II.

5.1 Análise dos Dados

Do total de 21 respostas obtidas, 15 pessoas (71%) moram ou já moraram em habitação compartilhada. Os respondentes têm entre 22 e 37 anos de idade, como mostra o gráfico da Figura 58, e estão proporcionalmente divididos entre homens e mulheres. A maioria é imigrante (81%) e apenas 19% são portugueses, resultado que pode ter ocorrido pela forma de divulgação do questionário. Dentre os modelos de trabalho e/ou estudo, a junção entre o grupo híbrido e totalmente remoto equivale a 52% dos participantes.

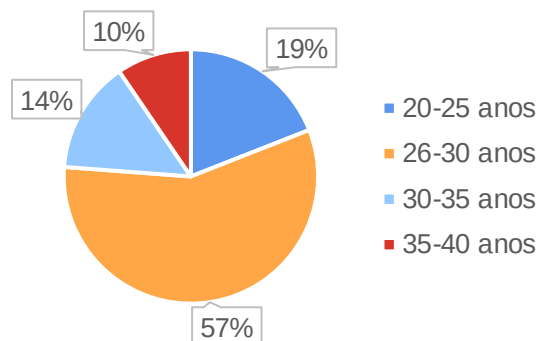


Figura 58

Idade

Os dois maiores percentuais de respostas em relação a com quem dividem o espaço foram os grupos “família” (38%) e “amigos” (38%), demonstrados no gráfico da Figura 59. Visto que ao preencher o questionário, a configuração do núcleo habitacional representa apenas a situação atual do respondente, pode-se interpretar que parte deles teve a experiência de dividir a habitação, mas posteriormente optou por se mudar para morar sozinho ou constituir família. Essa possibilidade é reforçada na próxima questão, onde 39% das respostas indicam um núcleo habitacional – e provavelmente familiar – de apenas 2 pessoas, enquanto o segundo maior grupo de respostas foi de 4 coabitantes (22%), ilustrados na Figura 60. A maioria dos respondentes se encontra em habitações T1 (28%), mas 19% moram em T2, 19% em T3 e 24% em T4, informação representada na Figura 61.

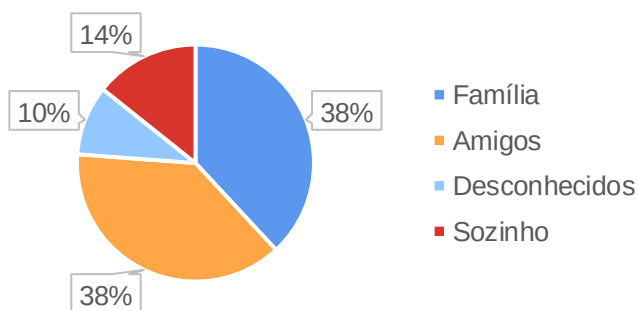


Figura 59

Com quem moram

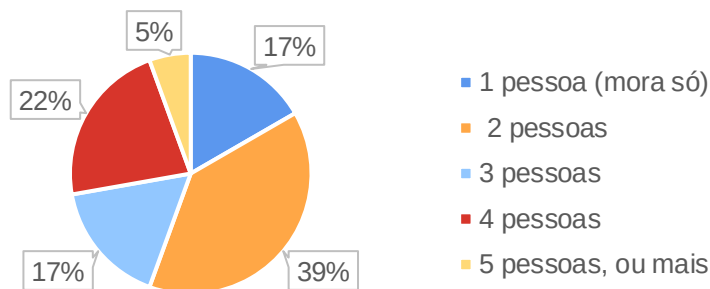


Figura 60

Quantas pessoas moram na residência

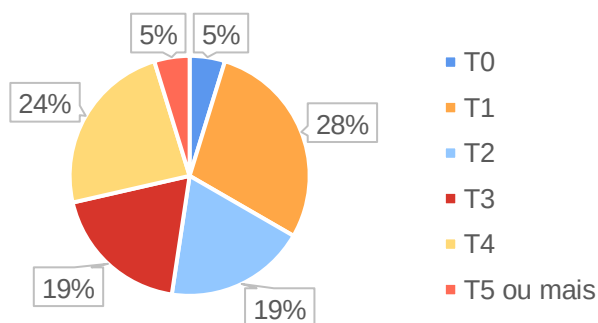


Figura 61

Quantos quartos têm na residência

Dos que afirmaram morar ou já ter morado em habitação compartilhada, a maioria passou pelo menos um ano (47%), sendo o segundo maior grupo o das pessoas que passaram mais de três anos (33%). De forma geral, a experiência dos respondentes foi neutra ou positiva, com exceção de 2 respostas que avaliaram como negativa. A principal vantagem mencionada foi a questão financeira (56%), seguida pela oportunidade de socialização (33%), representadas na Figura 62. Uma das respostas menciona que “dividir com amigos é sempre bom. Além de reduzir custos é bom pela companhia. Não dividiria exceto com amigos próximos”. Consequentemente, a maioria dos respondentes avaliou a influência da habitação compartilhada na redução de custos como muito positiva e no bem-estar social e emocional como positiva, informação ilustrada no gráfico da Figura 63. Entre as desvantagens, a mais mencionada foi a dificuldade com a limpeza e organização do espaço interior, seguida pelo convívio com os demais moradores, mas também foi comentado sobre a privacidade e as diferenças de rotinas, hábitos, cultura e interesses. Foi questionado se a privacidade e o barulho eram considerados um problema e a maioria dos

participantes concordou com a afirmação, embora alguns avaliem de forma neutra, como demonstrado na Figura 64. Quando questionados sobre as necessidades básicas em termos de convivência e moradia, quase todas as respostas elaboradas pelos participantes mencionaram a privacidade. Além disso, foram citadas novamente a limpeza e organização, a necessidade de espaços de convivência, espaços de trabalho, cozinha adequada e silêncio.

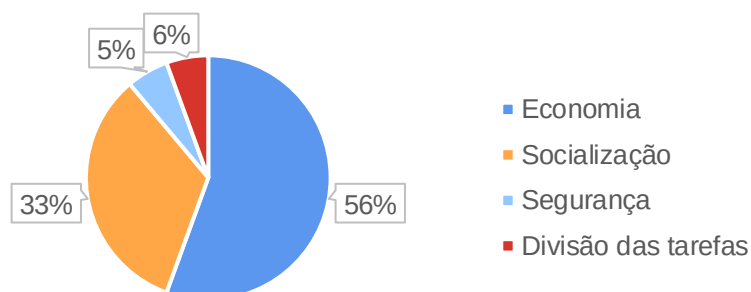


Figura 62
Vantagens da habitação compartilhada

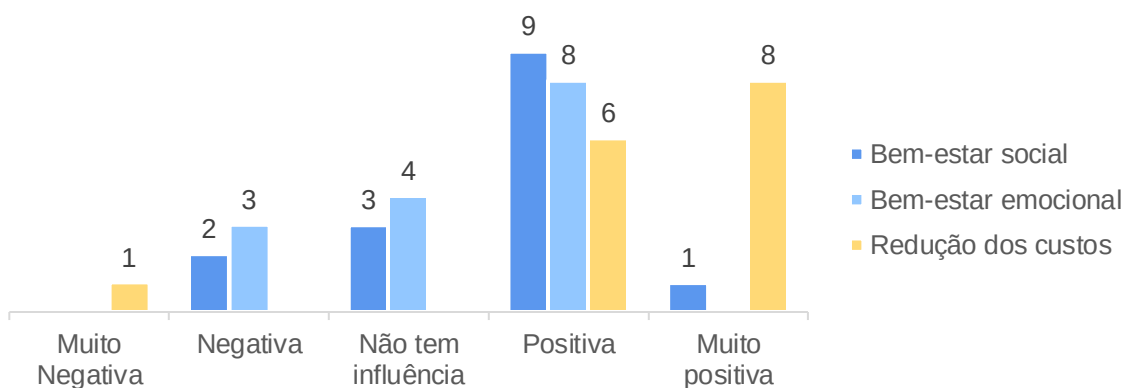


Figura 63
Influência da habitação compartilhada no bem-estar e redução dos custos

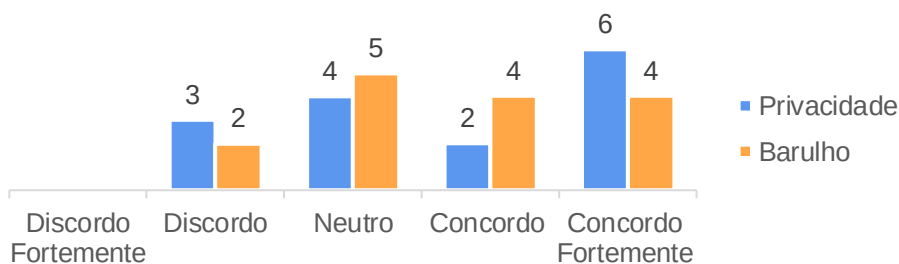


Figura 64
Considera como problema

Relativo às questões finais, que foram feitas para todos os participantes, foi observado que as atividades realizadas na residência com mais frequência, elencadas por ordem, são: descansar; trabalhar e/ou estudar; cozinhar e comer; realizar atividades de lazer e hobbies; receber visitas e praticar exercício físico, ilustradas no gráfico da Figura 65. As principais atividades mencionadas como não sendo possíveis de serem realizadas atualmente no espaço interior foram exercício físico e receber visitas. Quando questionados sobre o que gostariam de mudar no espaço, as respostas mais comuns foram sobre a necessidade de mais espaço interior, cozinha adequada e disposição correta do mobiliário. Por fim, todos os participantes responderam se morariam em uma habitação compartilhada no futuro, ao que 68% responderam que não, com apenas 16% afirmando que morariam e outros 16% indecisos, como demonstrado na Figura 66.

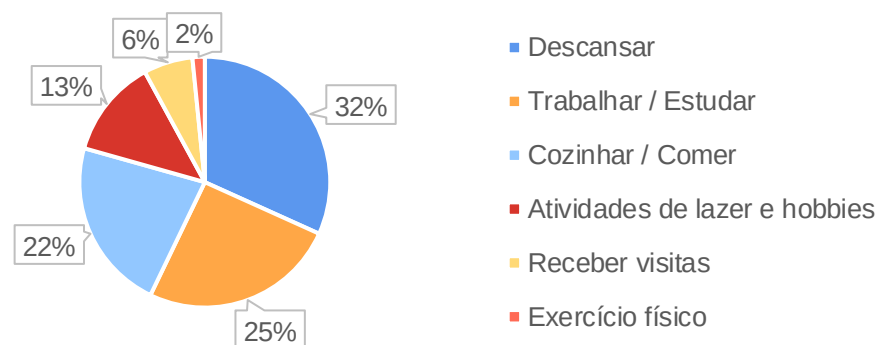


Figura 65
Atividades realizadas com mais frequência na residência

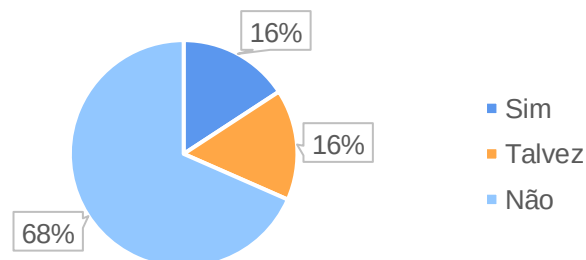


Figura 66
Morariam em uma habitação compartilhada no futuro

Quando comparados os resultados entre os respondentes que não compartilhariam habitação no futuro e a faixa etária, retratados na Figura 67, é possível identificar que a idade influencia esse critério. Como abordado na revisão da literatura, já havia sido identificado em

outras pesquisas que quanto mais velho é o indivíduo, menor a probabilidade que ele tenha interesse em dividir a habitação. Da mesma forma, as pessoas que concordaram que a privacidade é um problema, têm um maior índice de respostas negativas quanto ao compartilhamento da habitação no futuro, de acordo com a Figura 68.

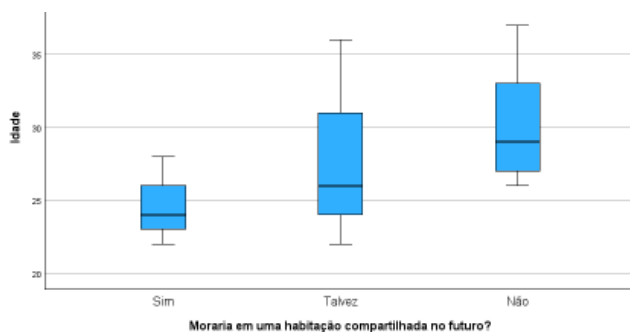


Figura 67

Comparação Idade x Morariam em uma habitação compartilhada no futuro

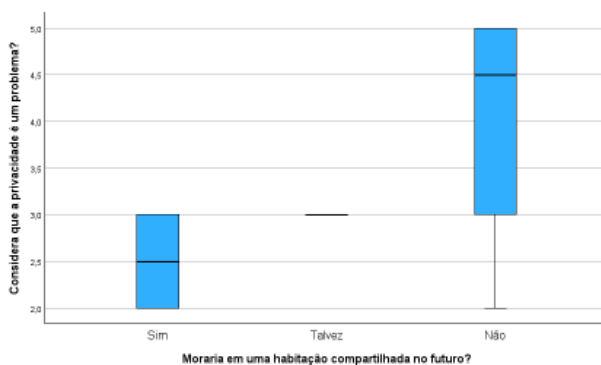


Figura 68

Comparação Privacidade como um problema x Morariam em uma habitação compartilhada no futuro

A análise dos dados obtidos permite concluir que parte das hipóteses levantadas são verdadeiras no contexto da habitação compartilhada por jovens em Portugal. O principal motivo pelo qual esses núcleos habitacionais se formam é de fato a redução dos custos, apesar da socialização também apresentar um papel importante. A privacidade está entre os problemas destacados pelos participantes, mas a resposta mais enfatizada foi na verdade a limpeza e organização do espaço. Quanto à pergunta final do questionário, a maioria das respostas indica que não há interesse em compartilhar a habitação no futuro. As comparações realizadas entre essa questão e a idade dos respondentes demonstra a influência do momento de vida na decisão de dividir o espaço habitacional, assim como a percepção que as pessoas têm sobre a privacidade como um problema. Os resultados da amostra representam a opinião de apenas uma parcela da população e idealmente, a pesquisa seria continuada com alguns ajustes no questionário e uma nova coleta de dados, mais abrangente.



Figura 70

Mapa – localização do edifício a ser feita a intervenção

A urbanização do Areeiro deixa claro o surgimento de áreas habitacionais destinadas para a burguesia, de acordo com Coelho (2015). A intenção do governo era criar um estilo próprio, nacionalista, que rompesse com a linha modernista. Para isso, se inspirou nos estilos joanino e pombalino que representavam a ascensão nacional, sendo esse modelo nacionalista designado como “Português Suave”. Um foco maior era dado para as fachadas, enquanto os espaços interiores seguiam um modelo de planta fornecido pela Câmara Municipal de Lisboa, de forma que se tornaram uma questão secundária, sem a busca por novas soluções. As edificações habitacionais são caracterizadas por andares esquerdo/direito, podendo também haver comércio no térreo e subsolo. O concreto armado era usado em uma estrutura mista com alvenaria, sendo aplicado entre pavimentos, paredes e escadas. A pedra lioz é um dos materiais que marca o estilo, utilizada em alguns detalhes construtivos, assim como o uso predominante da cor rosa, além do verde, amarelo, branco e creme (Coelho, 2015). Já na década de 1950, há uma influência maior do modernismo na arquitetura portuguesa. Os espaços interiores se tornam mais amplos e algumas funções dos ambientes domésticos são suprimidas como consequência das mudanças na forma de habitar. Ocorre um momento de ruptura com a ideologia projetual ligada ao regime do Estado Novo, do “Português Suave” e da “Casa Portuguesa”. Dessa forma, passando a se alinhar com as ideologias do movimento moderno, há uma reinterpretação do estilo internacional e as especificidades portuguesas são reconhecidas, com um interesse dos arquitetos pelo habitante, a localização do edifício, a cultura popular e as condições socioeconômicas (Neves e Pombo, 2018).

A edificação em questão onde será realizado o projeto, se encontra na Rua Barão de Sabrosa, próxima a Praça Francisco Sá Carneiro – antiga Praça do Areeiro, ilustrada na Figura 71

– e a Praça da Fonte Luminosa, retratada na Figura 72. O nome da rua se dá em homenagem ao militar e político Rodrigo Pinto Pizarro Pimentel de Almeida Carvalhais, intitulado Barão da Ribeira de Sabrosa. Através da verificação da documentação de obras da edificação número 253 na Câmara Municipal de Lisboa, foi possível constatar que a sua construção data do ano 1933. A estrutura foi feita com fundações corridas em concreto¹⁷ nas fachadas e empenas. Inicialmente era constituída por um pavimento semienterrado¹⁸, térreo¹⁹ e 1º andar, com um total de seis habitações individuais. Cada uma das habitações continha dois quartos, despensa, cozinha, sala de jantar e banheiro aos fundos, com acesso através das varandas. Posteriormente, no ano de 1970, se dá a obra de ampliação, com a construção do 2º andar. O aumento de um andar foi feito em concreto armado, usando tanto lajes maciças quanto aligeiradas, sem intervir no projeto original do restante da edificação. O 2º andar contava, assim como os outros pavimentos, com duas habitações, sendo estas constituídas por um quarto, hall, banheiro, despensa, cozinha, sala de jantar e terraço aos fundos. A habitação do 2º direito foi subdividida e convertida em um ateliê e uma habitação para porteira, composta por um quarto, banheiro, despensa, sala integrada com a cozinha e terraço, como ilustrado na Figura 73. Em 1983 são legalizadas as habitações de um 3º andar, já existentes há mais de 15 anos, segundo a documentação. O 3º andar possui duas habitações, com uma sala comum, cozinha e banheiro, sendo a área total menor do que nos demais pavimentos. Também é feito o fechamento do terraço no 2º andar. As informações podem ser conferidas no Anexo III.



Figura 71
Praça Francisco Sá Carneiro



Figura 72
Fonte Luminosa

¹⁷ Betão, no português de Portugal

¹⁸ Cave, no português de Portugal

¹⁹ Rés-do-chão, no português de Portugal

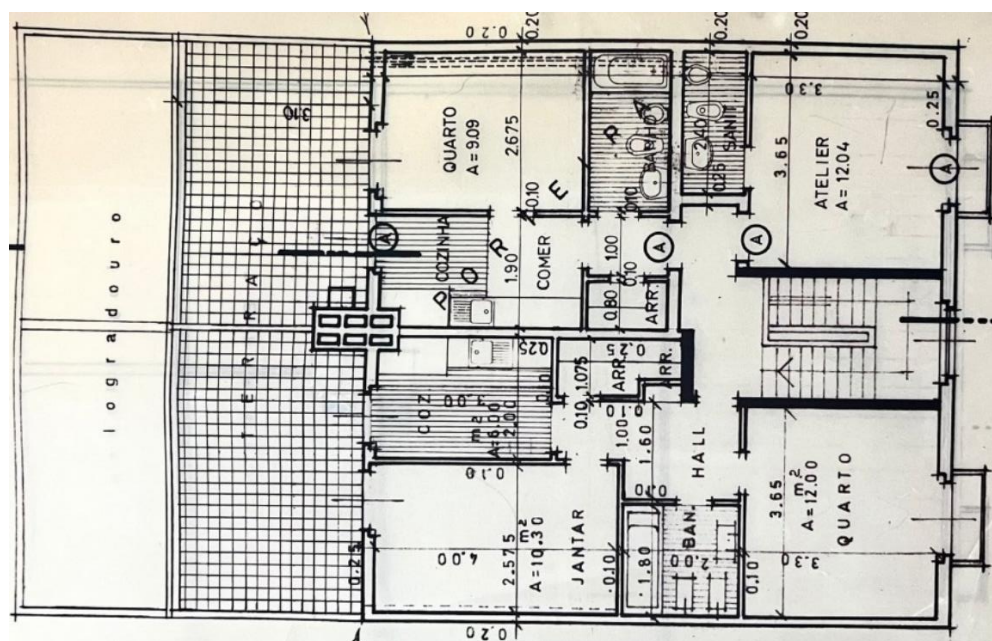


Figura 73
Planta do 2º andar, 1973

A escolha do apartamento localizado na Rua Barão de Sabrosa, ao qual a fachada²⁰ está representada nas Figuras 74, 75 e 76, se deu por diferentes razões. Primeiramente, a classificação em T3, foi um fator determinante dentro da temática de espaços compartilhados. Apesar de ser um apartamento de três quartos, sua área útil é reduzida em comparação com a média nacional e de Lisboa, enquanto a quantidade de divisões internas é superior ao que normalmente se encontra para o tamanho do apartamento, de acordo com os dados do INE, apresentados na Figura 77. Por isso, foi considerado que a habitação se enquadra no tema dos espaços mínimos e permite o questionamento: de que forma a flexibilidade pode beneficiar esses espaços? Além disso, por se localizar em uma das freguesias do centro de Lisboa e fazer parte de uma tipologia comum na cidade, a edificação e consequentemente o apartamento, permitem que as soluções desenvolvidas para o projeto representem uma possível replicabilidade e adaptabilidade em outros locais com necessidades semelhantes.

²⁰ Alçada, no português de Portugal



Figura 74, 75 e 76

Fachada da edificação na Rua Barão de Sabrosa

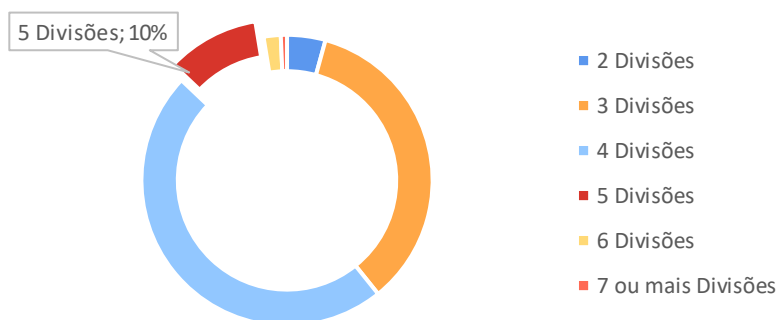


Figura 77

Número de divisões²¹ dos alojamentos familiares na AML entre 50m² e 59m², Censos 2021

6.1 Situação Atual

Em relação ao apartamento, atualmente se encontra dividido em hall²², cozinha, sala, banheiro²³, três quartos e varanda, totalizando cinco divisões internas, – de acordo com a classificação do INE – como pode ser visto na planta desenhada a partir do levantamento do espaço interior, na Figura 78. As áreas comuns do hall, cozinha e sala são bastante estreitas e não

²¹ Espaço num alojamento delimitado por paredes tendo pelo menos 4 m² de área e 2 metros de altura, na sua maior parte. Podendo embora satisfazer as condições definidas, não são considerados como tal corredores, varandas, marquises, casas de banho, despensas, vestíbulos e a cozinha se tiver menos de 4 m² (metainformação - INE).

²²Vestíbulo, no português de Portugal

²³ Casa de banho, no português de Portugal

possibilitam muita variação na configuração do espaço. A iluminação e ventilação desses espaços se dá unicamente pela janela da sala. O único banheiro disponível tem boas dimensões, porém não possui janelas, nem ventilação natural, apenas mecânica. Dos três quartos, um é interno e os outros dois se encontram nas extremidades da planta, com janelas que dão vista para o exterior, sendo no primeiro deles o acesso à varanda. A dimensão dos quartos é consideravelmente grande em relação aos espaços comuns, sendo os dois primeiros quartos de casal – na ordem de acesso ao apartamento. O quarto do meio, interno, possui uma janela alta na parede dividida com o terceiro quarto, com a intenção de possibilitar alguma iluminação natural. O último quarto tem dimensões menores e seu acesso se dá diretamente pela sala. Em resumo, da forma que a distribuição dos quartos foi feita no espaço, as principais questões são relacionadas a dimensão das áreas comuns, assim como a iluminação e ventilação de todo o apartamento. Além disso, a existência de uma janela alta na divisão entre os dois quartos no lado esquerdo da planta, prejudica a privacidade de ambos. As fotografias apresentadas da Figura 79 até a Figura 92 ilustram a situação atual do espaço interior.

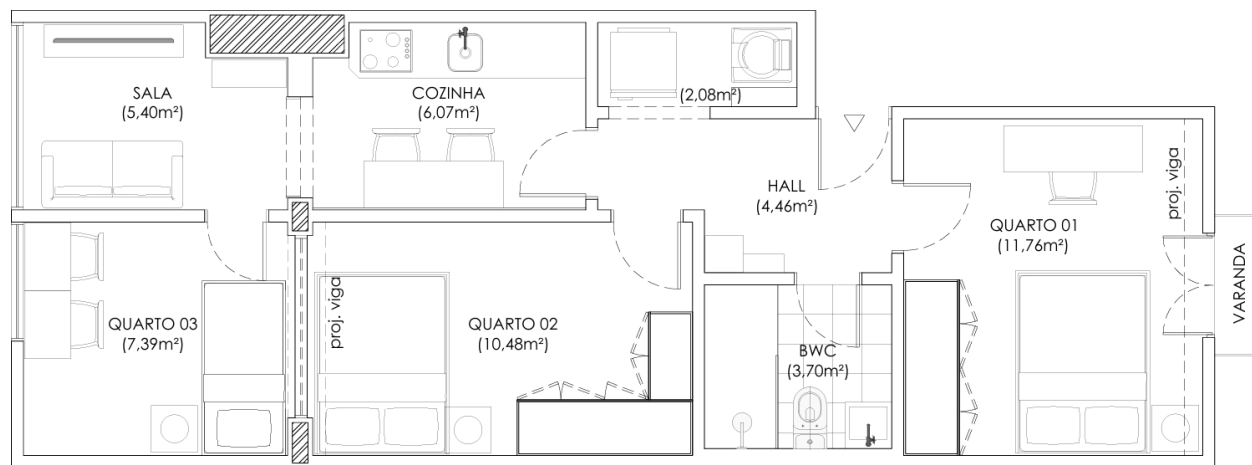


Figura 78

Planta Baixa do apartamento em sua configuração atual



Figura 79 e 80

Hall de acesso e eletrodomésticos, cozinha e sala de estar ao fundo



Figura 81 e 82

Quarto (01) com acesso pelo hall



Figura 83 e 84

Banheiro



Figura 85 e 86

Quarto (02) com acesso pelo hall



Figura 87 e 88

Cozinha e sala de estar ao fundo



Figura 89 e 90

Sala de estar



Figura 91 e 92

Quarto (03) com acesso pela sala, atualmente usado como escritório / quarto de visitas

6.2 Diretrizes

Com base na revisão da literatura, análise dos estudos de caso e realização do inquérito, foi determinado qual caminho o projeto deveria seguir. O intuito é intervir na edificação planejada para ocupação tradicional, tornando-a mais flexível – a nível da unidade habitacional – ao adequar os espaços interiores para o compartilhamento entre diferentes moradores. A ideia é manter a quantidade de quartos, porém criando uma estratégia que possibilite reduzir sua área em momentos que o ambiente não esteja sendo usado. Dessa forma, a área comum poderia ser expandida de acordo com a dinâmica dos moradores e a varanda também poderia ser acessada por todos. Em termos de programa, todos os ambientes do apartamento se mantêm, porém sua reconfiguração irá proporcionar um espaço mais adequado às condições da habitação. Por se tratar de um espaço interior compartilhado, alguns fatores específicos devem ser levados em consideração para o projeto. A principal questão é como lidar com a privacidade e individualidade de cada morador, ao mesmo tempo que se apresenta a necessidade de propor espaços comuns compartilhados. Para além disso, a rotina e hábitos de cada habitante deve ser acomodada nestes espaços, podendo existir diferença nos horários de trabalho (pessoas que trabalham durante o dia, enquanto outras trabalham no turno da noite), no desejo de interagir com os outros moradores ou visitas, entre outras inúmeras situações possíveis. Essas diferenças tornam ainda mais importante a definição de espaços que podem mudar o seu uso, além do tratamento acústico adequado.

Em relação as dificuldades apresentadas pelos respondentes do inquérito, a privacidade e diferenças de rotina foram duas questões identificadas e que podem ser resolvidas através da intervenção no espaço. Quando questionados se a privacidade e o barulho eram considerados um problema, a maioria dos participantes concordou com a afirmação, tendo identificado também nas necessidades básicas a privacidade, espaço de convivência, de trabalho, cozinha adequada e silêncio. Os resultados do inquérito reforçam no contexto da população jovem em Lisboa, as análises já apresentadas durante a revisão da literatura. Do ponto de vista das soluções, a idealização de espaços flexíveis, que se podem ser alterados, foi analisada nos estudos de caso. Portanto, foram definidas as seguintes diretrizes projetuais:

- Reconfigurar o espaço interior através de alterações na planta
- Propor quartos que se retraem e expandem, permitindo a mudança na área dos ambientes
- Garantir espaço de qualidade nos quartos, para que os moradores mantenham sua privacidade
- Setorizar o banheiro de acordo com os diferentes usos, para permitir um melhor fluxo nos principais horários
- Prever áreas comuns para socialização entre os moradores e com visitas
- Considerar o isolamento acústico entre as esferas privadas e semipúblicas para um maior conforto
- Planejar o mobiliário a partir das dimensões reais do espaço para um melhor aproveitamento das áreas
- Indicar opções de mobiliário flexível para ser usado de acordo com as necessidades do espaço
- Priorizar mobiliário e materiais de baixo custo e sustentáveis

7. Proposta

O projeto Transformar o Habitar é uma habitação compartilhada flexível, que possibilita a alteração dos espaços interiores de acordo com o cotidiano dos seus moradores. O foco da proposta é o uso de painéis móveis para divisão entre as áreas privadas e os espaços compartilhados, criando ambientes que podem ser reduzidos e ampliados. Possui um total de três quartos, com dimensões

similares e a mesma linguagem estética nos painéis, mantendo uma unidade no ambiente. Mesmo quando os painéis são deslocados para reduzir o tamanho dos quartos, há uma medida limite mantida, garantindo sempre a presença de um local reservado e privado para os moradores, independente do contexto. Para garantir a iluminação dos quartos mesmo com suas áreas reduzidas, foram posicionadas janelas altas nos painéis móveis, de forma que a luz natural que entra no apartamento pelas áreas comuns alcance também os quartos. Essa solução se torna necessária uma vez que os quartos perdem acesso para as janelas externas quando são reduzidos, além de um deles ser um quarto interior, isto é, sem a presença de janelas externas. A solução das divisórias móveis é prevista em painéis *honeycomb* em polipropileno que possuem uma baixa densidade e alta resistência, criando peças duráveis, leves e de fácil movimentação, que também apresentam boa qualidade acústica. Como revestimento no lado das áreas compartilhadas, são usadas folhas de cortiça, e no encaixe entre os painéis, blocos de cortiça expandida. O uso da cortiça tem como intuito auxiliar na acústica, mas também evitar os ruídos no impacto da movimentação, assim como dar personalidade ao espaço interior.

Nas áreas comuns, a cozinha e o banheiro são os elementos fixos, que se encontram posicionados em lados opostos, seguindo o alinhamento das paredes externas da habitação. O banheiro foi setorizado de acordo com as diferentes funções que ali se executam, para auxiliar a sua utilização durante os horários de maior movimento. Na cozinha, todos os eletrodomésticos foram embutidos na marcenaria, permitindo um melhor aproveitamento do espaço e uma estética mais limpa, questão que era prioridade uma vez que o ambiente se integra aos demais espaços interiores. Com a exceção desses dois ambientes, a base da planta é completamente livre e pode ser posteriormente reconfigurada com maior facilidade. As salas e a cozinha são planejadas para serem usados tanto em seu tamanho mais reduzido, – quando os quartos estão expandidos – quanto em sua dimensão total. Para que essas alterações funcionem, existe um mobiliário base que está sempre disponível e partes do mobiliário que são extensíveis, dobráveis, desmontáveis e podem ser ajustadas para adequar o espaço. A ideia é definir de forma mais clara o uso e função dos ambientes quando se apresentam em sua versão mais encolhida e dar liberdade para os utilizadores ocuparem o espaço como lhes convém quando sua área aumenta e permite um maior número de possibilidades. A proposta do projeto tem como objetivo atender não só a habitação compartilhada, que foi o foco do trabalho, mas também quaisquer outros modelos habitacionais que necessitem

de mais flexibilidade, dessa forma evitando a realização constante de reformas para que o espaço interior consiga se adequar aos moradores presentes ou futuros.

7.1 Processo Projetual

Para dar início a proposta, foi pensado como seria a “célula” mínima da habitação, a área privada do quarto e que medidas ela precisaria ter. A cama é a base que determina as demais medidas, considerando uma cama de casal com 2,00m x 1,40m e a passagem nas laterais e na frente da cama com no mínimo – embora essa seja uma medida já bastante reduzida – 60cm. Isso resultaria em uma base de 2,60m x 2,60m. Foi usada a cama de casal como referência, pois isso possibilitar que o quarto seja dividido por um casal. Como a intenção é propor espaços que possam ser alterados, a cama é retrátil e se encaixa no alinhamento dos armários, encostados na parede de fundo – em relação a entrada do ambiente. Excluindo a dimensão da cama desse alinhamento, os armários ficam com apenas 60cm x 60cm de cada lado, como é demonstrado na Figura 93.

Como a dimensão total do apartamento é reduzida, os espaços compartilhados da sala e cozinha também necessitam de uma maior flexibilidade. Para solucionar essa questão, a intenção foi possibilitar o deslocamento das paredes que dividem as áreas privadas das compartilhadas. Dessa forma, eventualmente, quando os moradores desejarem alterar a configuração do espaço, isso pode ser feito com facilidade. Foram esboçadas algumas formas de funcionamento para o deslocamento dessas paredes móveis, ou painéis, sendo o modelo de “gaveta” escolhido, por economizar mais espaço e permitir a delimitação de uma área reservada para o quarto, mesmo ao movimentar os painéis. Então, em situações específicas, a cama retrátil nos quartos pode ser guardada e os painéis empurrados para liberar espaço nas áreas comuns, caso por exemplo os moradores decidam fazer um jantar para mais pessoas, um dos moradores esteja viajando e não vá utilizar o quarto ou outras situações que se apliquem. No entanto, para evitar que nesses momentos o espaço privado do quarto se perca, assim como o acesso aos itens pessoais guardados nos armários, criou-se uma delimitação de até onde os painéis que dividem os espaços alcançam, através da sua forma em “U”. Isso significa que, mesmo empurrando os painéis para reduzir o espaço dos quartos, ainda há uma passagem mínima de 60cm, que permite um ambiente isolado e acesso aos armários, como demonstrado na Figura 94.

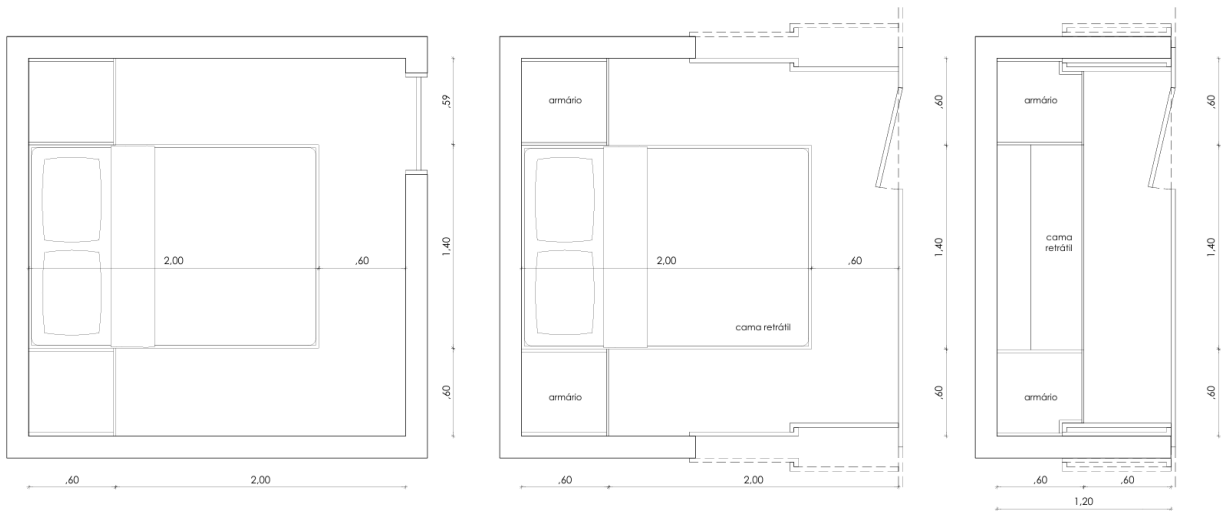


Figura 93
Medidas mínimas e painel em formato de “gaveta”

Tendo como base a forma e funcionamento definidos para os quartos, foram estudadas diferentes configurações do espaço, todas contendo os mesmos ambientes, em posicionamentos e dimensionamentos diferentes – esboços contidos no Anexo IV. Porém, para evitar deslocamentos desnecessários dos pontos de água e esgoto, a localização da cozinha e do banheiro foram mantidas, consequentemente mantendo os quartos e áreas comuns também no mesmo local. Apesar da configuração semelhante à situação original do espaço, todos os ambientes foram redimensionados e reconfigurados em termos de layout e mobiliário, como mostrado na Figura 94. Isso permitiu redistribuir a área total, criando quartos com medidas mais equilibradas quando comparados entre si, uma cozinha mais ampla e conectada com o restante do espaço e um banheiro com funções setorizadas, que pode ser usado por mais de um morador ao mesmo tempo.

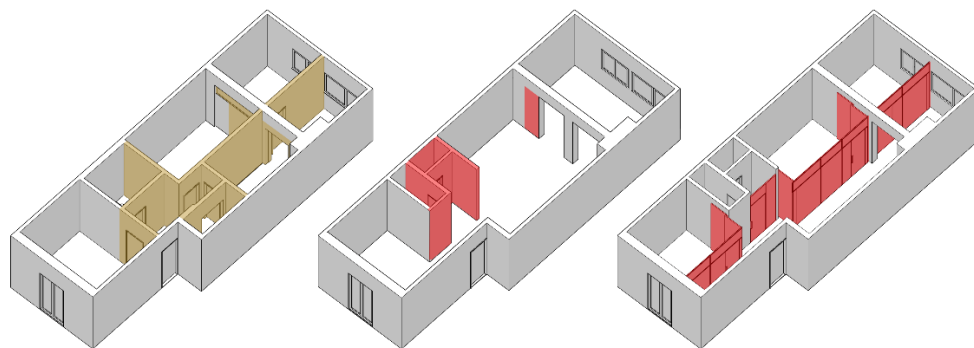


Figura 94
Diagrama Demolir / Construir

7.2 Design de Interiores

Com a proposta de intervenção, ao acessar o apartamento, temos na entrada um apoio para guardar objetos e a entrada do banheiro. No lado direito, se encontram uma bancada de trabalho e prateleiras para armazenamento, assim como o acesso do primeiro quarto. Ao lado esquerdo, a cozinha completamente integrada no ambiente, seguida pela sala de estar e o acesso dos dois outros quartos. Quando todos os painéis dos quartos estão deslocados para liberar espaço nas zonas compartilhadas, o mobiliário é adaptado para se adequar a essa mudança. A mesa da cozinha é extensível e permite um número maior de pessoas, com cadeiras dobráveis extras guardadas em um dos armários na cozinha, criando o ambiente da sala de jantar. Da mesma forma, a sala de estar se estende, o posicionamento do sofá modular pode ser alterado com facilidade e assentos extras colocados no espaço expandido. A zona compartilhada do outro lado do apartamento é uma área livre de definições de uso, seguindo os conceitos abordados durante a revisão da literatura, de que um espaço genérico pode proporcionar uma maior flexibilidade para os moradores. Com o mobiliário móvel, o espaço pode ser ocupado tanto como uma segunda área de estar, como sala de jantar, escritório coletivo, espaço para exercício, entre outras possibilidades a serem exploradas. A movimentação dos painéis permite também que a varanda localizada nessa extremidade do apartamento possa ser acessada por todos os moradores e não somente pelo do primeiro quarto. O diagrama da Figura 95 demonstra a dinâmica do espaço, assim como pode ser visto na planta de layout da Figura 96. Na Figura 97 e 98 é demonstrada a percepção do espaço desde o seu acesso. O conjunto completo de plantas, cortes, detalhes e perspectivas se encontra no Anexo IV.



Figura 95

Diagrama mostrando as alterações no espaço



Figura 96

Diagrama mostrando as alterações no espaço

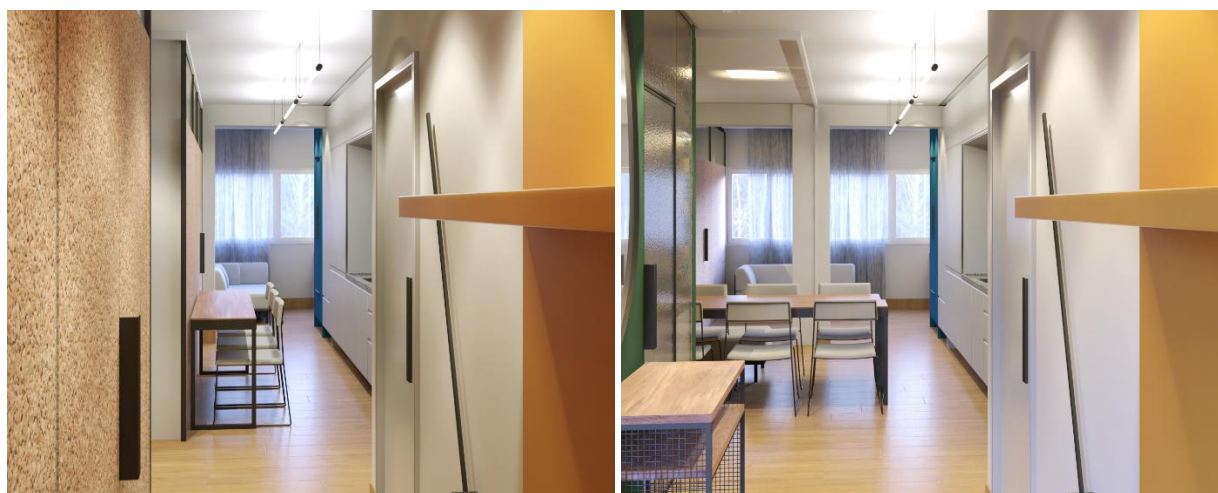


Figura 97 e 98

Cenas mostrando o acesso do apartamento

Para que as divisórias entre as áreas comuns e os quartos pudessem funcionar como foram idealizadas, foi necessário optar por um material leve e resistente, que facilitasse a movimentação,

mas também resistisse à frequência do uso. Dessa forma, os painéis móveis são compostos por uma estrutura *honeycomb* em polipropileno, que além de dar mais leveza e facilitar o seu deslocamento, trazem um melhor isolamento acústico. No lado do quarto, possuem um acabamento laqueado e no lado das áreas compartilhadas, são revestidos em folha de cortiça, auxiliando na acústica e dando personalidade para o ambiente. Em sua parte superior, os painéis possuem janelas em policarbonato translúcido, que permitem a passagem da luz das áreas comuns para os quartos, sem prejudicar a privacidade. Os painéis em estrutura *honeycomb* foram considerados o material ideal por atenderem essas necessidades. São painéis com um núcleo vazado, possuindo por isso menor densidade, como é ilustrado na Figura 99, mas sem perder as qualidades físicas do material utilizado em sua composição. Foi escolhido o *honeycomb* em polipropileno pelo seu custo-benefício, por possuir um menor valor que o alumínio e uma duração ainda muito longa. Apesar de não ser a opção mais sustentável por se tratar de um polímero obtido através do petróleo, – material plástico – o polipropileno é considerado reciclável e caso após longos anos do seu uso no projeto seja considerado inadequado, deve ser descartado da forma correta. Como a dimensão das divisórias era muito extensa, os painéis foram divididos em duas e três unidades por quarto, ilustrados na Figura 100 e 101. Por isso, seu deslocamento é feito em partes, e são adicionadas peças que travam o encaixe entre painéis e a sua posição em relação às paredes. O encontro entre painéis conta com blocos de cortiça expandida, para gerar atrito no seu encaixe, dando mais segurança e reduzindo o ruído na movimentação, como pode ser visto na Figura 102. Além disso, na parte superior dos painéis, foram adicionadas janelas em policarbonato translúcido, que se fixam à estrutura através de perfis metálicos em metalon, – tipo de aço carbono – encaixados na extremidade dos painéis. O plano de detalhes completo pode ser visto no Anexo IV.

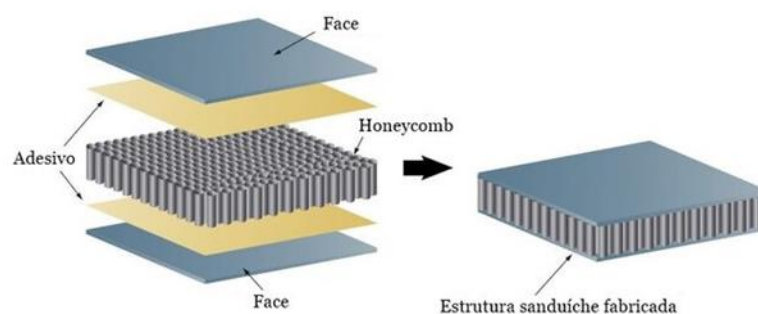


Figura 99
Painel estrutura honeycomb



Figura 100 e 101

Corte perspectivado com os painéis abertos e fechados, mostrando a diferença do mobiliário

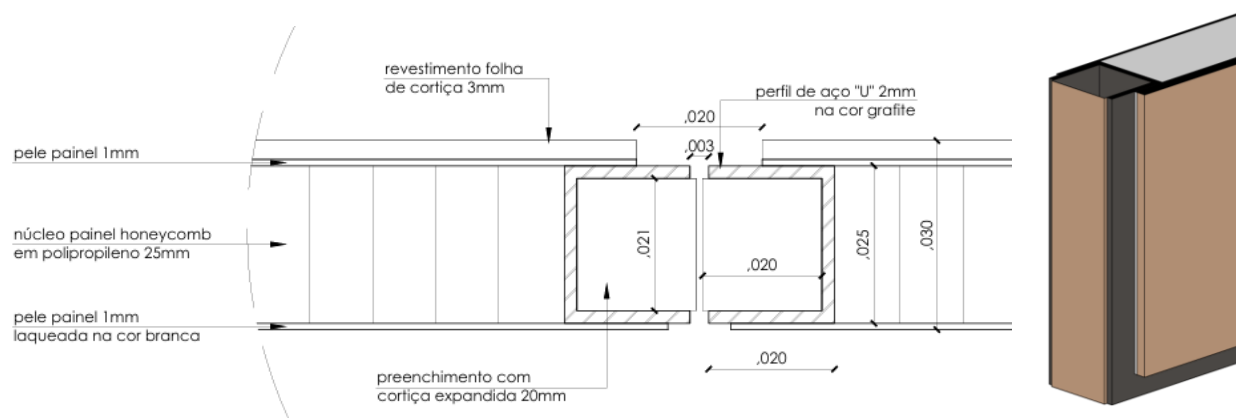


Figura 102

Encaixes dos painéis

A sala de estar conta com um rack desenhado sob medida, que se encaixa no espaço entre o pilar e a janela, deixando um recuo nas laterais para o encaixe da mesa de jantar, permitindo liberar o seu espaço na cozinha. Como o sofá é modular, as peças podem ser usadas em conjunto, criando um elemento único, ou dispersas no espaço, dando mais individualidade. O pilar foi abraçado pela marcenaria, de forma que fica camuflado no projeto por armários do piso ao teto. Como a profundidade das prateleiras é reduzida nessa área, o armário é destinado à despensa e dividido em três seções, sendo uma equivalente a cada quarto. Na continuação da cozinha, um dos armários permite também guardar as cadeiras empilháveis na parte inferior, enquanto a parte superior esconde o aquecedor de água. Foi feita uma torre quente para embutir os eletrodomésticos, sendo assim, o forno, micro-ondas e máquina de lavar louça se encontram alinhados verticalmente. A torre quente reduz o espaço necessário na cozinha e mantém o acesso ao forno em uma altura mais segura para o preparo dos alimentos. No demais, o restante dos armários da cozinha é compartilhado entre todos os moradores sem divisões específicas. Após a marcenaria da cozinha, foi desenhada uma mini “lavanderia”, escondida por uma porta que mantém o alinhamento visual. Atrás da porta se encontra a máquina de lavar roupas, uma bancada de apoio com gaveta horizontal para armazenamento dos produtos e um varal extensível, para ser usado como alternativa ao varal externo nos dias de chuva. A Figura 103 e a Figura 104 representam os espaços mencionados.



Figura 103
Cozinha



Figura 104
Sala de estar

Na continuação da planta, a área compartilhada em frente ao primeiro quarto serve como um pequeno escritório e traz mais espaço de armazenamento. O banheiro é um volume que foi subdividido em três seções de diferentes usos para facilitar o fluxo em horários de maior movimentação. Como não possui janelas, a parede na entrada foi substituída por uma divisória em policarbonato, permitindo a entrada de luz e uma sensação de maior amplitude no interior do espaço. Logo ao entrar, se encontram as pias e duas “cabines” diferentes, uma para o sanitário e outra para o chuveiro. A configuração adotada é comumente encontrada em hostels e outros locais com banheiros compartilhados. A divisão entre cada um desses usos é feita com paredes sólidas, garantindo maior conforto. Por fim, nas áreas privadas dos quartos, o mobiliário foi pensado como um bloco único encostado na única superfície fixa, – a parede dos fundos – onde as camas se encaixam no alinhamento dos armários. Em todos os quartos, a cama de casal é retrátil, possibilitando que o restante do ambiente fique livre caso o morador opte por “guardar” a cama. Quando a cama é fechada, sua base inferior apresenta também a opção da mesa de trabalho,

garantindo ao ambiente uma área resguardada para trabalho ou estudos. Com essa opção, além de possibilitar a movimentação dos painéis e expansão da área comum, o morador também pode aproveitar a área do próprio quarto como um espaço multifuncional privado, como pode ser visto na Figura 105 e Figura 106.

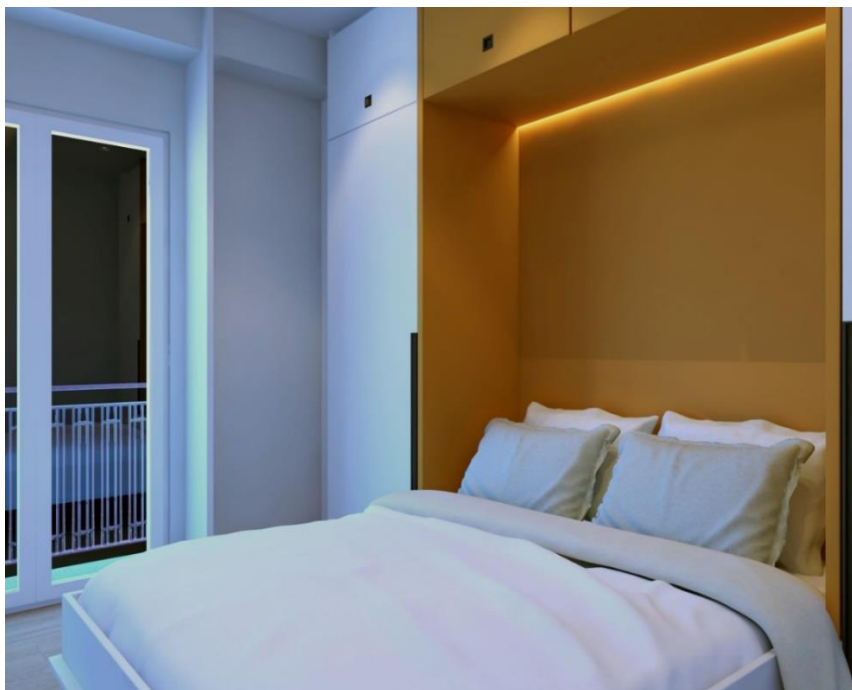


Figura 105 e 106

Quartos com a cama retrátil aberta e fechada

Considerações Finais

Com o adensamento dos centros em grandes cidades e consequente aumento nos preços das habitações, como é o caso de Lisboa, o fenómeno da habitação compartilhada pode ser identificado, principalmente entre os grupos etários mais jovens. A escassez de opções disponíveis no mercado imobiliário que fuja do padrão tradicional da habitação, impossibilita a utilização do espaço interior de forma flexível, se adaptando às necessidades dos seus moradores. O projeto *Transformar o Habitar: Projeto para Espaços Interiores Flexíveis na Habitação Compartilhada* desenvolvido ao longo deste último ano analisa o “problema” através da criação de um projeto que propõe uma maior fluidez entre espaços interiores onde convivem diversas pessoas em habitações originalmente concebidas com um programa arquitetónico unifamiliar. A partir dessa problemática, surgiram as perguntas da investigação para o trabalho: De que forma propor espaços interiores flexíveis em uma habitação projetada para uma ocupação tradicional? Quais as necessidades da população jovem em Lisboa para habitação flexível?

Durante o percurso no Mestrado em Design de Produto e do Espaço foi possível adquirir conhecimentos teóricos e práticos sobre o desenvolvimento de produtos e dos espaços, que nortearam esta pesquisa e projeto, desde os desenhos técnicos, conhecimentos sobre materiais e ergonomia, até a contextualização histórica, que contribuíram para responder as perguntas de investigação definidas anteriormente. O processo de investigação implicou diferentes etapas, uma revisão da literatura que abordou os temas da flexibilidade dos espaços e das habitações compartilhadas, expondo os conceitos existentes do ponto de vista do design de interiores e arquitetura, assim como a realidade social do fenómeno. Os estudos de caso também foram responsáveis por mostrar os conceitos aplicados em projetos reais, mesmo que estes sejam exclusivamente unifamiliares. O desenvolvimento e aplicação de um inquérito auxiliou a compreender a questão do compartilhamento dos espaços e reforçou algumas das ideias encontradas na revisão da literatura sobre o tema. Para além disso contribui para uma breve caracterização das necessidades da população jovem em Lisboa para a habitação flexível. Entre elas, se destaca que o grupo de jovens respondentes apresentou como principais necessidades a privacidade, o controle do ruído, disponibilidade de áreas comuns para socialização e outras questões referentes à dinâmica entre os moradores e organização das atividades domésticas.

Com base na pesquisa realizada, foi definida a proposta projetual como uma das possíveis respostas para a criação de espaços interiores flexíveis em habitações projetadas originalmente para uma ocupação unifamiliar. A edificação escolhida para o projeto se encontra na freguesia do Areeiro, na Rua Barão de Sabrosa 253, sendo um exemplar construído na década de 1940, com renovações realizadas em 1982 em todos os andares. Através da proposta de design de interiores para o apartamento 2E, foi demonstrado como o uso de elementos flexíveis permite alterações no espaço interior de forma simples, garantindo ambientes mais dinâmicos, que podem ser alterados de acordo com as necessidades dos moradores e que são passíveis de abrigar diferentes usos no futuro. Com isso, a unidade habitacional se torna mais flexível tanto para os moradores atuais quanto para os próximos, sendo adequada com maior facilidade e reduzindo a necessidade de reformas futuras. Para que essa fluidez formal fosse atingida, foi proposta uma reforma que altera as divisões internas, retirando paredes e redimensionando a área base de alguns ambientes. A delimitação entre os quartos e áreas comuns é feita com a instalação dos painéis móveis, que permitem variações na configuração do espaço interior de acordo com a sua utilização. Entre as áreas comuns foram retiradas as divisões, estando os ambientes definidos pelo mobiliário, com a única exceção do banheiro que é completamente fixo. O mobiliário em si também é parte essencial para o funcionamento do projeto, visto que permite a adaptação e mudança constante na disposição dos ambientes, através de peças dobráveis, extensíveis e leves, podendo ser montadas e desmontadas, até mesmo guardadas nos armários, para que ocupem ou liberem o espaço no piso.

O objetivo principal do trabalho foi o desenvolvimento da proposta projetual para habitação flexível compartilhada, destinada a jovens estudantes ou trabalhadores e a consequente contribuição para a diversificação do mercado imobiliário habitacional, reduzindo a necessidade de reformas frequentes, e proporcionando um maior conforto aos seus moradores. A proposta desenvolvida atende essas definições, pois baseada no compartilhamento do espaço interior e nos conceitos de flexibilidade, apresenta uma possível solução às necessidades habitacionais dos jovens que optam por esse modelo habitacional. Ao optar pelo uso de painéis móveis na divisão entre os ambientes, a proposta se destaca das opções comumente encontradas para aluguel nas plataformas online, onde os espaços interiores são projetados para ocupação tradicional e não permitem alterações. Estes painéis podem ser usados para ajustar as dimensões dos quartos, dentro de alguns limites do próprio espaço interior, permitindo diferentes usos e eventualmente, a própria remoção dos painéis para unir ambientes e tornar suas áreas maiores.

Em relação aos objetivos específicos, foi possível compreender de forma preliminar as necessidades habitacionais do público-alvo para o projeto com a realização de um breve inquérito. Foi possível entender alguns dos problemas e necessidades encontrados no contexto de estudo, que deram condições para realização da proposta. As principais necessidades manifestadas nas respostas do inquérito são a privacidade e redução de ruído, traduzidas para o projeto com o resguardo dos quartos através dos painéis móveis e o uso de materiais que favorecem o conforto acústico nos ambientes. Assim como os quartos, independentemente de como os painéis se encontram posicionados, as áreas comuns estão sempre presentes na configuração do espaço, podendo ser apenas diminuídas ou aumentadas de acordo com cada situação. O banheiro é o único ponto que pode ser considerado completamente fixo e que não sofre alterações, estando setorizado na sua parte interna em três pontos: a pia dupla, o sanitário e o chuveiro. Dessa forma, mesmo com um único banheiro é possível a utilização por mais de um morador quando necessário. A setorização também é recorrente na divisão interna de alguns dos armários comuns, facilitando a separação de itens pessoais e compartilhados. Como o apartamento possui dimensões reduzidas, foi feito o uso da marcenaria planejada e detalhamento de elementos complementares, para que toda a área pudesse ser aproveitada da melhor forma possível, com as peças desenhadas sob medida. A intenção era optar por soluções de baixo custo e sustentáveis, no entanto, foi alcançado um meio termo, visto que a execução dos painéis representa um custo considerável, mas que se justifica ao longo prazo. A opção da cortiça como revestimento dos painéis garante um custo mais baixo, visto que é um material abundante no território português e é considerado sustentável por ser biodegradável. Já a estrutura dos painéis em policarbonato, apesar de ser um material plástico, pode ser reciclada caso os painéis caiam em desuso.

Limitações e Trabalhos Futuros

A revisão da literatura poderia ter explorado de forma mais ampla as temáticas abordadas, incluindo outras áreas de estudo que pudessem acrescentar na compreensão e fundamentação dos conceitos para o projeto, como a psicologia, economia, direito e políticas públicas. Dentre os estudos de caso, seria interessante ter incluído algum exemplo que tratasse da habitação compartilhada. No entanto, não foi possível encontrar soluções relevantes que possuíssem uma escala similar ao projeto, visto que a maioria dos casos possuíam como uso o *co-living* ou *hostel*,

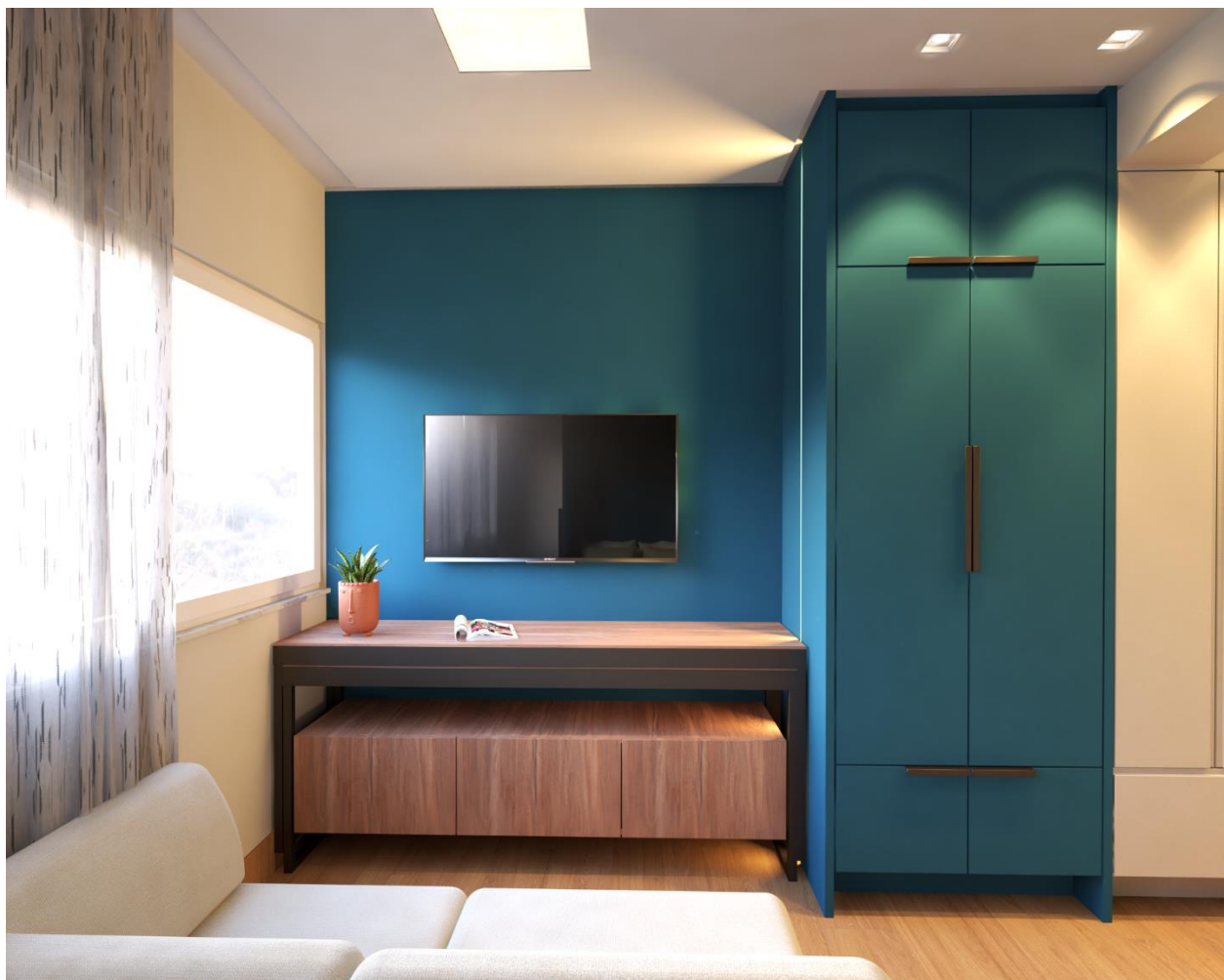
com áreas muito maiores. A dificuldade em obter exemplos é uma oportunidade para continuação da investigação deste tema sob essa perspectiva. Inicialmente, o inquérito contava com um número maior de perguntas, que foi reduzido para possibilitar sua realização e a posterior análise dos dados. Idealmente, teria sido feito o piloto e em seguida versões corrigidas e atualizadas, com os ajustes necessários, também disponibilizando para respostas por mais tempo, com o intuito de possibilitar um maior número de respondentes. Além disso, a amostra poderia ter sido mais bem definida. Todos estes fatores levariam à possibilidade de generalização dos resultados encontrados na análise de dados.

Em relação às soluções projetuais, a princípio atendem bem as necessidades identificadas durante o processo da pesquisa. No entanto, não foi possível detalhar a nível executivo todo o apartamento, tendo sido dado enfoque aos desenhos dos painéis, que são o ponto chave para o funcionamento de todo o espaço interior. Dessa forma, uma continuação do trabalho incluiria o seguimento no desenvolvimento do desenho, especialmente o detalhamento da marcenaria a nível da possível execução do projeto. Além disso, seria ideal uma pesquisa de mercado sobre as peças de mobiliário existentes atualmente que poderiam ser usadas para complementar o espaço, como mesas dobráveis e extensíveis, cadeiras dobráveis, sofás modulares e outros elementos similares. Por fim, recomenda-se a execução de um orçamento da obra, para identificar os custos gerais que o projeto geraria, com o intuito de confirmar se estariam dentro da expectativa de custos reduzidos ou se ultrapassariam o valor médio de uma reforma. As peças de mobiliário escolhido também devem fazer parte do orçamento.

Os resultados do projeto representam na prática uma possível aplicação dos conceitos de flexibilidade em reformas de habitações preexistentes, tornando-as mais flexíveis ao uso dos moradores e suas necessidades. Numa continuidade dessa pesquisa, recomenda-se a expansão da revisão da literatura, a busca por casos para estudo que sejam voltados ao compartilhamento da habitação, o refinamento e maior distribuição do inquérito, assim como o detalhamento do mobiliário referente ao projeto. Os painéis móveis podem ser pensados como um produto, e uma evolução do seu detalhamento poderia fornecer as características necessárias para o seu uso e instalação por moradores ou designers. Seria interessante também estudar como diferentes tipos de planta e com dimensões variadas iriam se comportar na aplicação dos conceitos de flexibilidade, seja através da aplicação dos painéis desenvolvidos para o presente trabalho ou com o uso de outras estratégias e soluções. Do ponto de vista da arquitetura, poderia ser analisado de que forma a

flexibilidade pode ser aplicada em uma edificação como um todo, verificando as possibilidades de junção entre unidades habitacionais e redistribuição na área dos apartamentos, para que se crie dentro de um único lote uma maior variedade de opções para habitação.

Apesar das limitações citadas, a realização deste trabalho durante o Mestrado em Design de Produto e do Espaço proporcionou aprendizados significativos que enriqueceram o conhecimento teórico e prático. O percurso permitiu uma melhor compreensão da questão da habitação, relevante não apenas no contexto de Portugal, sua importância social, dificuldades e possíveis estratégias a serem adotadas como solução, inspirando uma nova forma de pensar sobre o processo projetual para os espaços interiores. Este processo de pesquisa e projeto, mesmo com seus desafios, foi uma experiência positiva, motivando a continuação na busca por novas ideias e soluções de design, que permitam garantir um bom planejamento dos espaços residenciais e salvaguardar o direito da população a uma habitação de qualidade.



Lista das Fontes das Figuras e Tabelas

- Figura 1 e 2** - Gráfico criado a partir dos dados encontrados em: INE. (2021). *Alojamentos familiares clássicos de residência habitual (N.º) por Localização geográfica à data dos Censos [2021] (NUTS - 2013)* [Tabela]. Instituto Nacional de Estatística.
<https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011496>
- Figura 3** – Gráfico criado a partir dos dados encontrados em: INE. (2021). *Alojamentos familiares clássicos (N.º) por Localização geográfica à data dos Censos [2021] (NUTS - 2013)* [Tabela]. Instituto Nacional de Estatística.
<https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011494>
- Figura 4** – Câmara Municipal de Lisboa. (2023). *Plano de Ordenamento Qualificação do Espaço Urbano* [Mapa]. Câmara Municipal de Lisboa.
https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/urbanismo/planeamento_urbano/PDM/PDM_planta_ordenamento_qualificacao_espaco_urbano.pdf
- Figura 5** – Diagrama criado a partir dos dados encontrados em: Bruno Munari. (1981). *Das Coisas Nascem Coisas* [Desenho].
- Figura 6** – Criada pela autora.
- Figura 7** – Great Buildings Online. (s.d.). *AD Classics: Rietveld Schroder House / Gerrit Rietveld* [Figura]. ArchDaily. <https://www.archdaily.com/99698/ad-classics-rietveld-schroder-house-gerrit-rietveld/5037f32328ba0d599b00061f-ad-classics-rietveld-schroder-house-gerrit-rietveld-image>
- Figura 8** – Wikimedia Commons. (s.d.). *AD Classics: Rietveld Schroder House / Gerrit Rietveld* [Figura]. ArchDaily. <https://www.archdaily.com/99698/ad-classics-rietveld-schroder-house-gerrit-rietveld/5037f32e28ba0d599b000623-ad-classics-rietveld-schroder-house-gerrit-rietveld-photo>
- Figura 9** – Benévolo. (2006). *Planta tipo de edificação Existenzminimum discutida durante o II CIAM* [Figura]. Adelpha Repositório Digital.
https://www.google.com/search?q=100+anos+de+habita%C3%A7%C3%A3o+minima&oeq=100+anos+de+habita%C3%A7%C3%A3o+minima&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDMxNTdqMGo5qAIAsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8
- Figura 10** – Wikimedia Commons. (s.d.). *A história das cozinhas: dos grandes banquetes aos móveis embutidos* [Fotografia]. ArchDaily. <https://www.archdaily.com.br/br/976993/a-historia-das-cozinhas-dos-grandes-banquetes-aos-moveis-embutidos/620d1ec90af30537e06f9a1e-a-historia-das-cozinhas-dos-grandes-banquetes-aos-moveis-embutidos-imagem>
- Figura 11** – Martin Charles. (1934). *'Thirties: British art and design before the war' exhibition, Hayward Gallery, South Bank Arts Centre, London: a reconstruction of the living room in the 'minimum' flat by Wells Coates, 1934* [Fotografia]. RIBA.
https://www.ribapix.com/thirties-british-art-and-design-before-the-war-exhibition-hayward-gallery-south-bank-arts-centre-london-a-reconstruction-of-the-living-room-in-the-minimum-flat-by-wells-coates-1934_riba109411#

- Figura 12** – Ernest Farmer. (1945). *Basic Storage Components (BSC)* [Fotografia]. George Nelson Foundation. <http://www.georgenelsonfoundation.org/george-nelson/works/basic-storage-components-bsc-225.html>
- Figura 13** – Life Magazine. (1949). *Storagewall* [Fotografia]. George Nelson Foundation. <http://www.georgenelsonfoundation.org/george-nelson/works/storagewall-60.html>
- Figura 14** – The Museum of Fine Arts, Houston. (s.d.). *George Nelson Comprehensive Storage System with Desk* [Fotografia]. The Museum of Fine Arts, Houston. <https://emuseum.mfah.org/objects/53413/comprehensive-storage-system-with-desk>
- Figura 15** – @crack_the_shutters. (2022). *Ikea Eket hack* [Vídeo]. Instagram. <https://www.instagram.com/reel/CjubSTJqyKr/>
- Figura 16** – IKEA. (s.d.). *The story of IKEA flatpacks* [Fotografia]. IKEA. <https://www.ikea.com/ph/en/this-is-ikea/about-us/the-story-of-ikea-flatpacks-puba710ccb0>
- Figura 17** – The Design Museum. (2018). *#HomeFutures* [Fotografia]. X. <https://x.com/DesignMuseum/status/1059497452359901184>
- Figura 18** – “JOE COLOMBO – MINI KITCHEN”. (s.d.). *JOE COLOMBO – MINI KITCHEN* [Fotografia]. Vandasye. <http://www.vandasye.com/joe-colombo-mini-kitchen/>
- Figura 19** – Bruno Munari. (1981). *Das Coisas Nascem Coisas* [Desenho].
- Figura 20** – “Herman Miller’s Chadwick”. (2015). *Herman Miller’s Chadwick Creates a 250-Foot Sofa at #IDneocon* [Fotografia]. INTERIOR DESIGN. <https://interiordesign.net/designwire/herman-millers-chadwick-creates-a-250-foot-sofa-at/>
- Figura 21** – “Exhibition: Walter's Way”. (2016). *Walter's Way: The Self-Build Revolution* [Fotografia]. ArchDaily. https://www.archdaily.com/780083/walters-way-the-self-build-revolution?ad_medium=gallery
- Figura 22** – “A Brief Introduction to Terraced Housing”. (s.d.). *Terraced houses in London in the 1960s*. © Historic England Archive. AA072838. [Fotografia]. The Historic England Blog. <https://heritagecalling.com/2019/11/15/a-brief-introduction-to-terraced-housing/>
- Figura 23** – Google Street View. (2022). *9 R. Francesinhas* [Fotografia]. Google. <https://www.google.com/maps/>
- Figura 24** – Herman Hertzberger. (s.d.). *Diagoon Housing, 1967-1970* [Desenho]. METALOCUS. <https://www.metalocus.es/en/news/2-domesticity-netherlands-modern-movement-present>
- Figura 25 e 26** – PCKO Architects. (s.d.). *Design Sheets* [Diagrama]. Bianca Janossy Portfolio. http://currentarchitecture.co.uk/Jalbum%20_output_directory/PCKO%20Architects/eScap e%20Housing/Design%20Sheets/index.html#eScape--panel-2.jpg
- Figura 27** – Eurostat. (2024). *Minimum wage statistics* [Diagrama]. Eurostat. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Minimum_wage_statistics

- Figura 28** – Leonardo Negrão. (2024). *Falta de habitação a preços acessíveis tem merecido muitos protestos* [Fotografia]. JN. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Minimum_wage_statistics
- Figura 29** – Diagrama criado a partir dos dados encontrados em: Federico Coricelli. (2022). *Conceptual diagram of co-living, showing the functional breakdown from privacy to public space* [Diagrama].
- Figura 30** – Criada pela autora.
- Figura 31** – “11 Beautiful Tiny House”. (s.d.). *11 Beautiful Tiny House Interior Design Ideas* [Fotografia]. Aussie Tiny Houses. <https://blog.aussietinyhouses.com.au/11-beautiful-tiny-house-interior-design-ideas/>
- Figura 32** – IKEA Japão. (2021). *THE TINY APARTMENT MEASURES JUST 10SQM* [Fotografia]. Designboom. <https://livinspaces.net/projects/interiors/how-ikea-japan-furnished-10sqm-apartment-to-illustrate-micro-living/>
- Figura 33** – Diagrama recriado a partir dos dados encontrados em: DinaBattisto e DeborahFranqu. (2014). *Two levels of effort for case studies* [Diagrama].
- Figura 34** – Mapa recriado a partir dos dados encontrados em: Google Maps. (2024). *Lavapiés* [Mapa]. Google. <https://www.google.com/maps/>
- Figura 35 à 38** – Javier de Paz García. (s.d.). *How Can We Double the Living Space in Our Homes? BEYOME: The Flexible and Modular System with Robotic Furniture* [Fotografia]. ArchDaily. <https://www.archdaily.com/981235/how-can-we-double-the-living-space-in-our-homes-beyome-the-flexible-and-modular-system-with-robotic-furniture>
- Figura 39 e 40** – Enorme Studio. (s.d.). *How Can We Double the Living Space in Our Homes? BEYOME: The Flexible and Modular System with Robotic Furniture* [Desenhos]. ArchDaily. <https://www.archdaily.com/981235/how-can-we-double-the-living-space-in-our-homes-beyome-the-flexible-and-modular-system-with-robotic-furniture>
- Figura 41** – Mapa recriado a partir dos dados encontrados em: Google Maps. (2024). *SoHo* [Mapa]. Google. <https://www.google.com/maps/>
- Figura 41 à 46** – Matthew Williams. (s.d.). *Take A Tour Of Graham Hill's Remarkably Tiny SoHo Apartment* [Fotografia]. Business Insider. <https://www.businessinsider.com/graham-hill-lifeedited-apartment-2013-3>
- Figura 47** – LifeEdited. (s.d.). *Take A Tour Of Graham Hill's Remarkably Tiny SoHo Apartment* [Desenhos]. Business Insider. <https://www.businessinsider.com/graham-hill-lifeedited-apartment-2013-3>
- Figura 48** – Mapa recriado a partir dos dados encontrados em: Google Maps. (2024). *Ribeira* [Mapa]. Google. <https://www.google.com/maps/>
- Figura 49 à 57** – Get Hands Dirty. (2023). *Tiny Apartment TOUR* [Vídeo]. Business Insider. <https://www.youtube.com/watch?v=T2T4ZpOSAH0>
- Figura 58 à 68** – Criada pela autora.

Figura 69 – Mapa recriado a partir dos dados encontrados em: Google Earth. (2024). *Areeiro* [Mapa]. Google.

Figura 70 – Abreu Nunes. (195-). *Fotografia aérea da alameda de Dom Afonso Henriques e Areeiro* [Fotografia]. Arquivo Municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=210436&type=PCD>

Figura 71 – Abreu Nunes. (195-). *Praça do Areeiro* [Fotografia]. Arquivo Municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=210437&type=PCD>

Figura 72 – Fernando Martinez Pozal. (195-). *Fonte Monumental da Alameda* [Fotografia]. Arquivo Municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=291622&type=PCD>

Figura 73 – Leonel de Quina Ribeiro. (1973). *Planta do 2º andar* [Desenho]. Arquivo Municipal de Lisboa, volume de obra nº 46165.

Figura 74 à 76 – Google Street View. (2023). 253 R. *Barão de Sabrosa* [Fotografia]. Google. <https://www.google.com/maps/>

Figura 77 – Gráfico criado a partir dos dados encontrados em: INE. (2021). *Alojamentos familiares clássicos (N.º) por Localização geográfica à data dos Censos [2021] (NUTS - 2013)* [Tabela]. Instituto Nacional de Estatística. <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011496>

Figura 78 à 98 – Criada pela autora.

Figura 99 – Kais Mekki. (2017). *Fabricated sandwich honeycomb panel in modern aircraft* [Diagrama]. ResearchGate. https://www.researchgate.net/publication/336779043_O_Efeito_da_Umidade_Temperatura_e_Ultravioleta_no_Comportamento_Mecanico_de_Estruturas_Sanduiche_com_Miolo_de_Espuma_e_Honeycomb_de_Papelao/figures?lo=1

Figura 100 à 106 – Criada pela autora.

Tabela 1 – INE. (2021). *Alojamentos familiares clássicos (N.º) por Localização geográfica à data dos Censos [2021] (NUTS - 2013)* [Tabela]. Instituto Nacional de Estatística. <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011494>

Tabela 2 – Tabela criada a partir dos dados encontrados em: Sabine Ritter De Parisn e Carlos Nuno L. Lopes. (2018). *Generic flexibility principles* [Tabela].

Tabela 3 – Criada pela autora.

Tabela 4 e 5 – Tabela criada a partir dos dados encontrados em: Chukwu Nnanyere Nnaemeka. (2015). *Deliverables from facility documentation and facility performance evaluations case studies* [Tabela].

Bibliografia

- Abdulpader, O. Q., Sabah, O. A., & Abdullah, H. S. (2014, Abril). Impact of Flexibility Principle on the Efficiency of Interior Design. *International Transaction Journal of Engineering, Management, & Applied Sciences & Technologies*, 5(3), 195-212.
- Abercrombie, S. (2003). *A century of interior design 1900-2000 : a timetable of the design, the designers, the products, and the profession*. Rizzoli.
- Azevedo, A. B. (2022, Abril 27). 6 perguntas sobre a habitação em Portugal. Fundação Francisco Manuel Dos Santos. <https://ffms.pt/pt-pt/atualmentes/6-perguntas-sobre-habitacao-em-portugal> (Acesso em 02 abril 2024)
- Battisto, D., & Franqui, D. (2014). A Standardized Case Study Framework and Methodology to Identify "Best Practices". ARCC Conference Repository. <https://doi.org/10.17831/rep:arcc%y195>
- Beisi, J. (1995). Adaptable Housing or Adaptable People? *Architecture et Comportement / Architecture and Behaviour* 11(2), 139–162.
- Caetano, E. (2023, Fevereiro 8). Só 3,1% das casas em Portugal foram construídas na última década, diz o INE. Observador. <https://observador.pt/2023/02/08/so-31-das-casas-em-portugal-foram-construidas-na-ultima-decada/> (Acesso em 28 março 2024)
- Canepa, S. (2017). Living in a Flexible Space. *IOP Conference Series. Materials Science and Engineering*, 245, 052006. <https://doi.org/10.1088/1757-899x/245/5/052006>
- Caselli, C. (2007). 100 anos de habitação mínima: Ênfase na Europa e Japão [Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Adelpha Repositório Digital. <https://dspace.mackenzie.br/items/b8c687cd-9b79-4d05-84d9-88045fa6ba5e>
- Cellucci, N. C., & Di Sivo, N. M. (2015). The Flexible Housing: Criteria and Strategies for Implementation of the Flexibility. *Journal of Civil Engineering and Architecture/Tu Mu Gong Cheng Yu Jian Zhu*, 9(7). <https://doi.org/10.17265/1934-7359/2015.07.011>
- Clark, V., Tuffin, K., Bowker, N., & Frewin, K. (2018, Setembro 14). A fine balance: A review of shared housing among young adults. *Social and Personality Psychology Compass*, 12(10). <https://doi.org/10.1111/spc3.12415>
- Coelho, S. M. L. P. (2015). HABITAÇÃO PARA AS ELITES LISBOETAS DO ESTADO NOVO: Biografia de um “Português Suave” no Bairro do Areeiro [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Fenix Técnico. <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/cursos/ma/dissertacao/565303595500090>

- Coricelli, F. (2022, Março 31). The Co-'s of Co-Living: How the Advertisement of Living Is Taking Over Housing Realities. *Urban Planning*, 7(1), 296–304.
<https://doi.org/10.17645/up.v7i1.4805>
- Coutinho, B., Pinto, C. V., Haber, I., Ferreira, L., Dantas, M. (2013). Interiores: 100 anos de arquitectura de interiores em Portugal. MUDE.
- Coutinho, M. (2023, Janeiro 20). Oito histórias da habitação jovem em Portugal, em que o “medo do futuro” e a “ansiedade financeira” se traduzem em “desespero”. Expresso.
https://expresso.pt/economia/economia_imobiliario/2023-01-20-Oito-historias-da-habitacao-jovem-em-Portugal-em-que-o-medo-do-futuro-e-a-ansiedade-financeira-se-traduzem-em-desespero-a6d0cb2c (Acesso em 02 abril 2024)
- Crisóstomo, P. (2023, July 21). Na UE ainda há 14 países com salários mínimos brutos abaixo de mil euros. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/07/21/economia/noticia/ue-ha-14-paises-salarios-minimos-brutos-abaixo-mil-euros-2057678>
- De Paris, S. R., & Lopes, C. N. L. (2016). Enhancing Housing Flexibility Through Collaboration. <https://doi.org/10.3311/caadence.1659>
- De Paris, S. R., & Lopes, C. N. L. (2018, Março). Housing flexibility problem: Review of recent limitations and solutions. *Frontiers of Architectural Research*, 7(1), 80–91.
<https://doi.org/10.1016/j.foar.2017.11.004>
- Durisin, M. (2013, Abril 3). Take A Tour Of Graham Hill's Remarkably Tiny SoHo Apartment. *Business Insider*. <https://www.businessinsider.com/graham-hill-lifedit-edited-apartment-2013-3#heres-what-the-space-usually-looks-like-as-a-bedroom-hill-says-it-can-transform-into-five-different-spaces--including-a-living-room-bedroom-dining-room-entertainment-center-and-workspace-2>
- Favata, I. (2018). Total Furnishing Unit New York (US): Joe Colombo with Ignazia Favata. *DASH | Delft Architectural Studies on Housing*, 7(11), 128–131.
<https://doi.org/10.7480/dash.11.4975>
- Fernandes, J. M. (1986). 2 «bairros» em Lisboa, de 1975 a 1985: uma evolução urbana. *revistas.ucp.pt*. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.1986.15661>
- Get Hands Dirty (2023, Julho 14). *Tiny Apartment TOUR - I custom-built EVERYTHING for maximum storage efficiency* [Video]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=T2T4ZpOAH0>
- Hadjl, S. (2021, Junho). The Online Questionnaire: General Guidelines. *Journal of Kefaya, for Language and Literature*, 1(1), 207–219.
- Harris, E., & Nowicki, M. (2020, Abril). “GET SMALLER”? Emerging geographies of micro-living. *Area*, 52(3), 591–599. <https://doi.org/10.1111/area.12625>

- Iñiguez, A. (2022, Maio 9). *How Can We Double the Living Space in Our Homes? BEYOME: The Flexible and Modular System with Robotic Furniture*. ArchDaily. https://www.archdaily.com/981235/how-can-we-double-the-living-space-in-our-homes-beyome-the-flexible-and-modular-system-with-robotic-furniture?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all
- Johansson, R. (2003). Case Study Methodology. *Methodologies in Housing Research* (pp.01-14). https://www.researchgate.net/publication/236143987_Case_study_methodology
- Kendall, S., & Teicher, J. (2000). *Residential Open Building*. Spon Press. <https://doi.org/10.4324/9780203056769>
- Leupen, B, Heijne, R., & van Zwol, J. (2005). *Time-based Architecture*. 10.
- Li, H., Hu, R., Alhashim, I., & Zhang, H. (2015, Julho). Foldabilizing furniture. *ACM Transactions on Graphics*, 34(4), 1–12. <https://doi.org/10.1145/2766912>
- Martins, A. A. C. (2010). A forma de morar: a transformação da casa brasileira a luz das normas reguladoras da estética da paisagem e das edificações. *Universitas. Arquitetura E Comunicação Social*, 7(1). <https://doi.org/10.5102/uc.v7i1.1091>
- Massey, A. (2001). *Interior design of the 20th century*. Thames & Hudson Ltd.
- Miranda-Nieto, A. (2023). Shared Flats in Madrid: Accessing and Analysing Migrants’ Sense of Home. *IMISCOE Research Series*, 85–100. https://doi.org/10.1007/978-3-031-23125-4_5
- MoMa. (n.d.). Joe Colombo Minikitchen. Retirado Fevereiro 02, 2024, de <https://www.moma.org/collection/works/89891>
- Munari, B. (1981). *Das coisas nascem coisas*. Edições 70.
- Neves, L., & Pombo, F. (2018, Janeiro). Interiores domésticos dos anos 50 em Portugal: a construção do fluxo espacial segundo a Revista Arquitectura. *Convergências - Revista de Investigação e Ensino das Artes*, VOL XI (21). https://www.researchgate.net/publication/327476759_Interiores_domesticos_dos_anos_50_em_Portugal_a_construcao_do_fluxo_espacial_segundo_a_Revista_Arquitetura
- Nnaemeka, C. N. (2015). Case Study as a Tool for Architectural Research.
- Nowicki, M., White, T., & Harris, E. (2022). Shrinking domesticity: Are ‘tiny homes’ the perfectly packaged answer to the global housing crisis? *The Sociological Review Magazine*. <https://doi.org/10.51428/tsr.sruz7875>
- Oppenheim, A. N. (2001). *QUESTIONNAIRE DESIGN, INTERVIEWING AND ATTITUDE MEASUREMENT*. Continuum.
- Orueta, F. D. (2007, Outubro). LOS GRANDES PROYECTOS DE DESARROLLO URBANO Y LARECONFIGURACIÓN SOCIO-ESPACIAL DE LAS CIUDADES: EL BARRIO

DE LAVAPIÉS (MADRID). *CUADERNO URBANO. Espacio, cultura, sociedad*, 6, 169-193.

- Pereira, S. M. (2011, Junho). A fala oculta do espaço doméstico: padrões familiares incorporados no layout de apartamentos na Lisboa contemporânea. *V!RUS*, 5. <http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=4&item=9&lang=pt>
- Pile, J. (2009). *A HISTORY OF INTERIOR DESIGN*. Laurence King.
- Ponte, S. (2020). *Transformar arte funcional em objeto museal*. Caleidoscópio.
- Raviz, S. R. H., Eteghad, A. N., Guardiola, E. U., & Aira, A. A. (2015, Julho). Flexible Housing: The Role of Spatial Organization in Achieving Functional Efficiency. *International Journal of Architectural Research*, 9(2), 65. <https://doi.org/10.26687/archnet-ijar.v9i2.422>
- RTP. (1991, Fevereiro 14). Bairros Populares de Lisboa: Areeiro [Vídeo]. RTP Arquivo. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/areeiro/>
- Schneider, T., & Till, J. (2005, Junho). Flexible housing: opportunities and limits. *Architectural Research Quarterly*, 9(2), 157–166. <https://doi.org/10.1017/s1359135505000199>
- Seo, K. W., & Kim, C. S. (2013, Setembro). Interpretable Housing for Freedom of the Body: The Next Generation of Flexible Homes. *Journal of Building Construction and Planning Research* 1, 75-81. <https://doi.org/10.4236/jbcpr.2013.13011>
- Souza, R. (2015, Janeiro). *Case Studies as method for architectural research*. (Working Paper No. 3). <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.15768.19207>
- Steinführer, A., & Haase, A. (2009, Janeiro 6). Flexible–inflexible: socio-demographic, spatial and temporal dimensions of flat sharing in Leipzig (Germany). *GeoJournal*, 74(6), 567–587. <https://doi.org/10.1007/s10708-008-9248-3>
- Szczegieliński, A., & Fabianowski, D. (2016). Optimisation of Functional Layout of Small Apartments in Dense City Centre Housing Areas. *Procedia Engineering*, 161, 1690–1696. <https://doi.org/10.1016/j.proeng.2016.08.647>
- Till, J., & Schneider, T. (2005, Setembro). Flexible housing: the means to the end. *Architectural Research Quarterly*, 9(3–4), 287. <https://doi.org/10.1017/s1359135505000345>
- Tummers, L. (2015). The re-emergence of self-managed co-housing in Europe: A critical review of co-housing research. *Urban Studies*, 53(10), 2023–2040. <https://doi.org/10.1177/0042098015586696>
- Vasantharaju, N., & Harinarayana, N. S. (2016, Janeiro). Online survey tools: A case study of Google Forms. *Scientific, Computational & Information Research Trends in Engineering*. GSSS-IETW, Mysore.

Zarandia, M. (2015). FEMINISM AND INTERIOR DESIGN IN THE 1960s [Dissertação de Mestrado, University of Nebraska]. Digital Commons @ University of Nebraska - Lincoln. <https://digitalcommons.unl.edu/archthesis/159/>

Živković, M., Keković, A., & Kondić, S. (2014, Junho). THE MOTIVES FOR APPLICATION OF THE FLEXIBLE ELEMENTS IN THE HOUSING INTERIOR. *FACTA UNIVERSITATIS Series: Architecture and Civil Engineering* 12(1), 41-51. <https://doi.org/10.2298/FUACE1401041Z>

Referências Bibliográficas

- Abercrombie, S. (2003). *A century of interior design 1900-2000 : a timetable of the design, the designers, the products, and the profession*. Rizzoli.
- Azevedo, A. B. (2022, Abril 27). *6 perguntas sobre a habitação em Portugal*. Fundação Francisco Manuel Dos Santos. <https://ffms.pt/pt-pt/atualmentes/6-perguntas-sobre-habitacao-em-portugal> (Acesso em 02 abril 2024)
- Battisto, D., & Franqui, D. (2014). A Standardized Case Study Framework and Methodology to Identify "Best Practices". ARCC Conference Repository. <https://doi.org/10.17831/rep:arcc%y195>
- Beisi, J. (1995). Adaptable Housing or Adaptable People? *Architecture et Comportement / Architecture and Behaviour* 11(2), 139–162.
- Caetano, E. (2023, Fevereiro 8). *Só 3,1% das casas em Portugal foram construídas na última década, diz o INE*. Observador. <https://observador.pt/2023/02/08/so-31-das-casas-em-portugal-foram-construidas-na-ultima-decada/> (Acesso em 28 março 2024)
- Caselli, C. (2007). 100 anos de habitação mínima: Ênfase na Europa e Japão [Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Adelpha Repositório Digital. <https://dspace.mackenzie.br/items/b8c687cd-9b79-4d05-84d9-88045fa6ba5e>
- Clark, V., Tuffin, K., Bowker, N., & Frewin, K. (2018, Setembro 14). A fine balance: A review of shared housing among young adults. *Social and Personality Psychology Compass*, 12(10). <https://doi.org/10.1111/spc3.12415>
- Coelho, S. M. L. P. (2015). HABITAÇÃO PARA AS ELITES LISBOETAS DO ESTADO NOVO: Biografia de um “Português Suave” no Bairro do Areeiro [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Fenix Técnico. <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/cursos/ma/dissertacao/565303595500090>
- Coricelli, F. (2022, Março 31). The Co-’s of Co-Living: How the Advertisement of Living Is Taking Over Housing Realities. *Urban Planning*, 7(1), 296–304. <https://doi.org/10.17645/up.v7i1.4805>
- Coutinho, B., Pinto, C. V., Haber, I., Ferreira, L., Dantas, M. (2013). *Interiores: 100 anos de arquitectura de interiores em Portugal*. MUDE.
- Coutinho, M. (2023, Janeiro 20). *Oito histórias da habitação jovem em Portugal, em que o “medo do futuro” e a “ansiedade financeira” se traduzem em “desespero”*. Expresso. https://expresso.pt/economia/economia_imobiliario/2023-01-20-Oito-historias-da-habitacao-jovem-em-Portugal-em-que-o-medo-do-futuro-e-a-ansiedade-financeira-se-traduzem-em-desespero-a6d0cb2c (Acesso em 02 abril 2024)

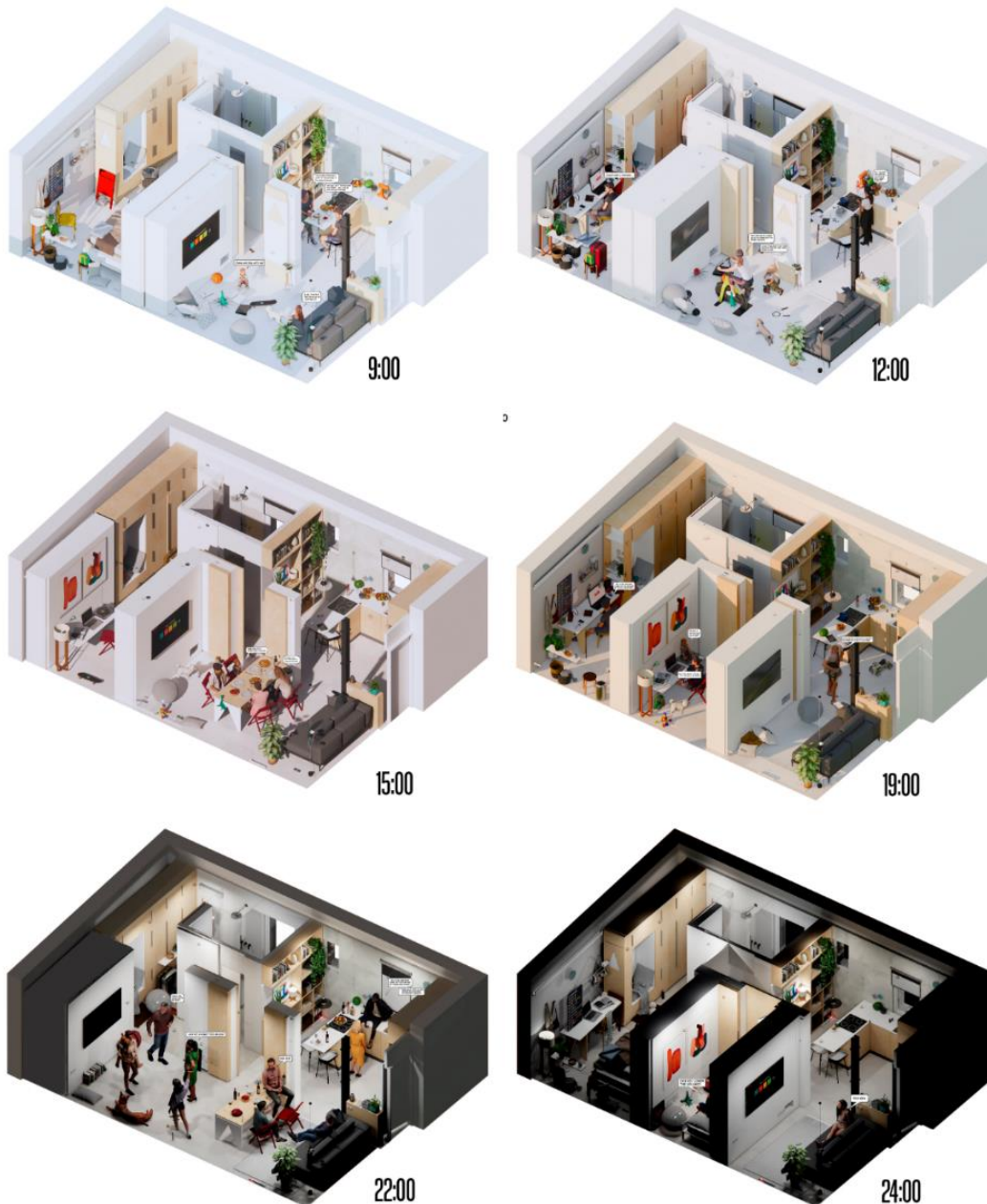
- Crisóstomo, P. (2023, July 21). Na UE ainda há 14 países com salários mínimos brutos abaixo de mil euros. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/07/21/economia/noticia/ue-ha-14-paises-salarios-minimos-brutos-abaixo-mil-euros-2057678>
- De Paris, S. R., & Lopes, C. N. L. (2018, Março). Housing flexibility problem: Review of recent limitations and solutions. *Frontiers of Architectural Research*, 7(1), 80–91. <https://doi.org/10.1016/j.foar.2017.11.004>
- Favata, I. (2018). Total Furnishing Unit New York (US): Joe Colombo with Ignazia Favata. *DASH | Delft Architectural Studies on Housing*, 7(11), 128–131. <https://doi.org/10.7480/dash.11.4975>
- Hadjl, S. (2021, Junho). The Online Questionnaire: General Guidelines. *Journal of Kefaya, for Language and Literature*, 1(1), 207–219.
- Harris, E., & Nowicki, M. (2020, Abril). “GET SMALLER”? Emerging geographies of micro-living. *Area*, 52(3), 591–599. <https://doi.org/10.1111/area.12625>
- Iñiguez, A. (2022, Maio 9). *How Can We Double the Living Space in Our Homes? BEYOME: The Flexible and Modular System with Robotic Furniture*. ArchDaily. https://www.archdaily.com/981235/how-can-we-double-the-living-space-in-our-homes-beyome-the-flexible-and-modular-system-with-robotic-furniture?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all
- Johansson, R. (2003). Case Study Methodology. *Methodologies in Housing Research* (pp.01-14). https://www.researchgate.net/publication/236143987_Case_study_methodology
- Kendall, S., & Teicher, J. (2000). *Residential Open Building*. Spon Press. <https://doi.org/10.4324/9780203056769>
- Massey, A. (2001). *Interior design of the 20th century*. Thames & Hudson Ltd.
- Miranda-Nieto, A. (2023). Shared Flats in Madrid: Accessing and Analysing Migrants’ Sense of Home. *IMISCOE Research Series*, 85–100. https://doi.org/10.1007/978-3-031-23125-4_5
- MoMa. (n.d.). Joe Colombo Minikitchen. Retirado Fevereiro 02, 2024, de <https://www.moma.org/collection/works/89891>
- Munari, B. (1981). *Das coisas nascem coisas*. Edições 70.
- Nnaemeka, C. N. (2015). Case Study as a Tool for Architectural Research.
- Nowicki, M., White, T., & Harris, E. (2022). Shrinking domesticity: Are ‘tiny homes’ the perfectly packaged answer to the global housing crisis? *The Sociological Review Magazine*. <https://doi.org/10.51428/tsr.sruz7875>

- Oppenheim, A.N. (2001). *QUESTIONNAIRE DESIGN, INTERVIEWING AND ATTITUDE MEASUREMENT*. Continuum.
- Orueta, F. D. (2007, Outubro). LOS GRANDES PROYECTOS DE DESARROLLO URBANO Y LARECONFIGURACIÓN SOCIO-ESPACIAL DE LAS CIUDADES: EL BARRIO DE LAVAPIÉS (MADRID). *CUADERNO URBANO. Espacio, cultura, sociedad*, 6, 169-193.
- Pile, J. (2009). *A HISTORY OF INTERIOR DESIGN*. Laurence King.
- Ponte, S. (2020). *Transformar arte funcional em objeto museal*. Caleidoscópio.
- RTP. (1991, Fevereiro 14). Bairros Populares de Lisboa: Areeiro [Vídeo]. RTP Arquivo. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/areeiro/>
- Schneider, T., & Till, J. (2005, Junho). Flexible housing: opportunities and limits. *Architectural Research Quarterly*, 9(2), 157–166. <https://doi.org/10.1017/s1359135505000199>
- Souza, R. (2015, Janeiro). *Case Studies as method for architectural research*. (Working Paper No. 3). <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.15768.19207>
- Steinführer, A., & Haase, A. (2009, Janeiro 6). Flexible–inflexible: socio-demographic, spatial and temporal dimensions of flat sharing in Leipzig (Germany). *GeoJournal*, 74(6), 567–587. <https://doi.org/10.1007/s10708-008-9248-3>
- Till, J., & Schneider, T. (2005, Setembro). Flexible housing: the means to the end. *Arq: Architectural Research Quarterly*, 9(3–4), 287. <https://doi.org/10.1017/s1359135505000345>
- Tummers, L. (2015, Maio 22). The re-emergence of self-managed co-housing in Europe: A critical review of co-housing research. *Urban Studies*, 53(10), 2023–2040. <https://doi.org/10.1177/0042098015586696>
- Vasanth Raju, N., & Harinarayana, N. S. (2016, Janeiro). Online survey tools: A case study of Google Forms. *Scientific, Computational & Information Research Trends in Engineering*. GSSS-IETW, Mysore.
- Zarandia, M. (2015). FEMINISM AND INTERIOR DESIGN IN THE 1960s [Dissertação de Mestrado, University of Nebraska]. Digital Commons @ University of Nebraska - Lincoln. <https://digitalcommons.unl.edu/archthesis/159/>
- Živković, M., Keković, A., & Kondić, S. (2014, Junho). THE MOTIVES FOR APPLICATION OF THE FLEXIBLE ELEMENTS IN THE HOUSING INTERIOR. *FACTA UNIVERSITATIS Series: Architecture and Civil Engineering* 12(1), 41-51. <https://doi.org/10.2298/FUACE1401041Z>

ANEXO I: ESTUDOS DE CASO

Imagens CASO 01

Diagramas com as possíveis configurações do espaço ao longo do dia



Fonte: Enorme Studio. Disponível em: < <https://www.archdaily.com> >. Acessado em 22 de mar de 2023.

ANEXO II: INQUÉRITO

Inquérito aplicado através do Google Forms

Habitação compartilhada em Portugal

O questionário tem como objetivo compreender a experiência da habitação compartilhada em Portugal, assim como suas vantagens e desvantagens.

Sua contribuição é essencial, por favor responda com honestidade e lembre-se que não há respostas certas ou erradas.

As respostas do questionário são anónimas e serão usadas apenas para fins académicos.

* Indica uma pergunta obrigatória

Idade *

Sua resposta _____

Gênero *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro

☐ Prefiro não dizer

Nacionalidade *

☐ Portugal

☐ Outros Países

Qual seu modelo de trabalho ou estudos? *

- ☐ Presencial
- ☐ Híbrido
- ☐ Remoto
- ☐ Não se aplica

Próxima

Página 1 de 4

Limpar formulário

Sobre a residência em que mora e as pessoas com quem divide o espaço.

Com quem mora? *

- ☐ Família
- ☐ Amigos
- ☐ Desconhecidos
- ☐ Sozinho

Quantas pessoas moram na sua residência? *

- ☐ Moro sozinho
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5 ou mais

Quantos quartos tem a residência? *

- ☐ 0
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5 ou mais

Qual o tamanho da residência em m² (aproximadamente)?

Sua resposta _____

Mora ou já morou em habitação compartilhada (não incluindo familiares)? *

☐ Moro ou já morei em habitação compartilhada

☐ Nunca compartilhei habitação

[Voltar](#) [Próxima](#) Página 2 de 4 [Limpar formulário](#)

Aqui, a última resposta influencia quais as próximas perguntas. O caminho A só aparece para aqueles que respondem com “Moro ou já morei em habitação compartilhada”, enquanto os que respondem “Nunca compartilhei habitação” são direcionados para o caminho B

Caminho A

Sobre a experiência de morar em uma habitação compartilhada

Há quanto tempo mora ou por quanto tempo morou em habitação compartilhada? *

☐ Menos de 6 meses

☐ Entre 6 meses e 1 ano

☐ Mais de 1 ano

☐ Mais de 3 anos

Avalie a experiência de dividir a habitação *

Negativa ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 Positiva

Na sua opinião, quais as maiores vantagens de viver em uma habitação compartilhada?

Sua resposta _____

De que forma a vivência em uma habitação compartilhada com outras pessoas influencia: *

	Muito Negativo	Negativo	Não tem qualquer influência	Positivo	Muito positivo
O bem estar social	☐	☐	☐	☐	☐
O bem estar emocional	☐	☐	☐	☐	☐
A redução dos custos financeiros	☐	☐	☐	☐	☐

Na sua experiência, quais são os desafios de viver em uma habitação compartilhada?

Sua resposta

Considera que a privacidade é um problema? *

	1	2	3	4	5	
Discordo	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo

Considera que o barulho dos outros moradores é um problema? *

	1	2	3	4	5	
Discordo	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo

Quais as suas necessidades básicas em termos de convivência e espaço de moradia? *

Sua resposta

Quais atividades realiza na sua residência com mais frequência? *
Selecione até 03 opções.

- ☐ Descansar
- ☐ Atividades de lazer e hobbies
- ☐ Cozinhar / comer
- ☐ Receber amigos
- ☐ Trabalhar / estudar
- ☐ Exercício físico
- ☐ Outro: _____

Há alguma atividade que gostaria de realizar no espaço e atualmente não é possível? *

- ☐ Não
- ☐ Outro: _____

O que gostaria de mudar no espaço em que mora?

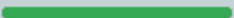
Sua resposta _____

Pretende continuar vivendo em uma habitação compartilhada no futuro? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

[Voltar](#)

[Enviar](#)

 Página 4 de 4

[Limpar formulário](#)

Sobre a vivência na habitação

Quais atividades realiza na sua residência com mais frequência? *
Selecione até 03 opções.

☐ Descansar

☐ Atividades de lazer e hobbies

☐ Cozinhar / comer

☐ Receber amigos

☐ Trabalhar / estudar

☐ Exercício físico

☐ Outro: _____

Há alguma atividade que gostaria de realizar no espaço e atualmente não é possível? *

☐ Não

☐ Outro: _____

O que gostaria de mudar no espaço em que mora?

Sua resposta _____

Moraria em uma habitação compartilhada no futuro? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

Voltar

Enviar

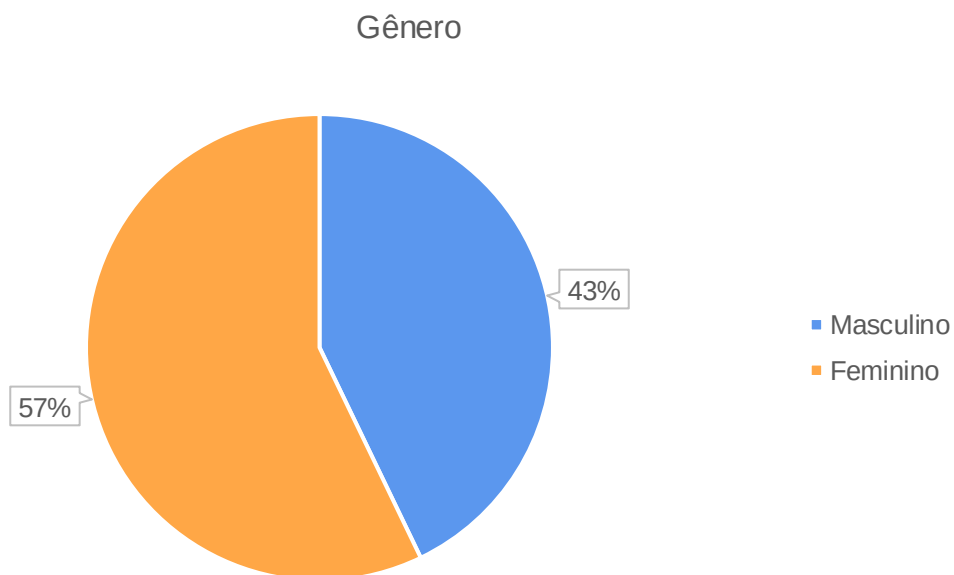
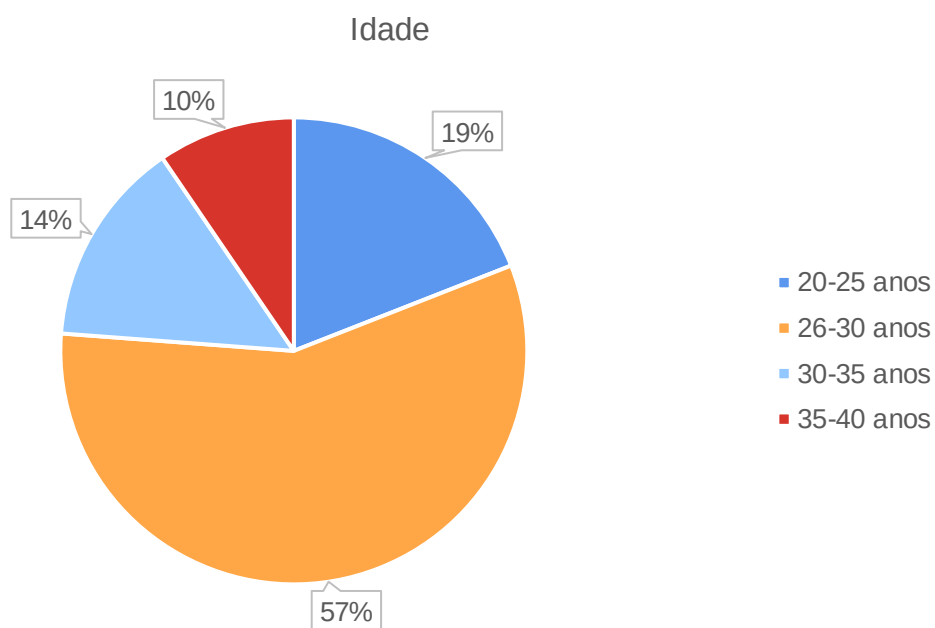
Página 4 de 4

Limpar formulário

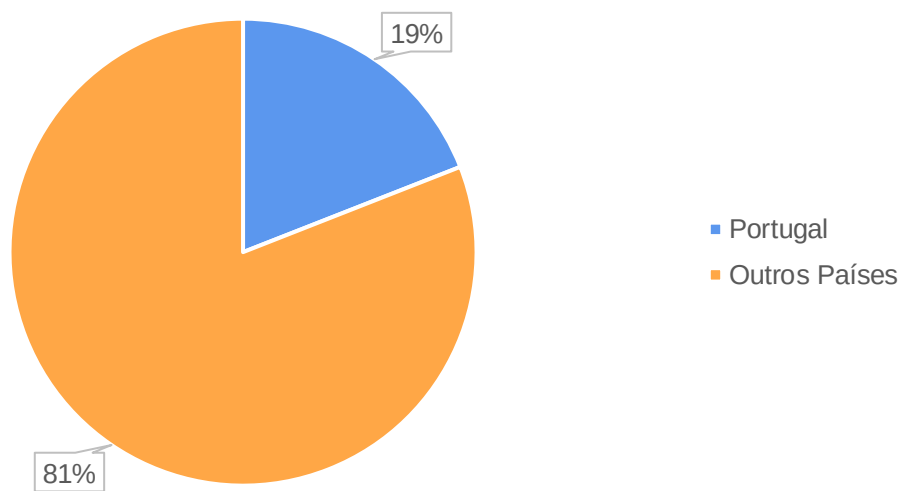
Resultados do Inquérito

Seção 2 de 4

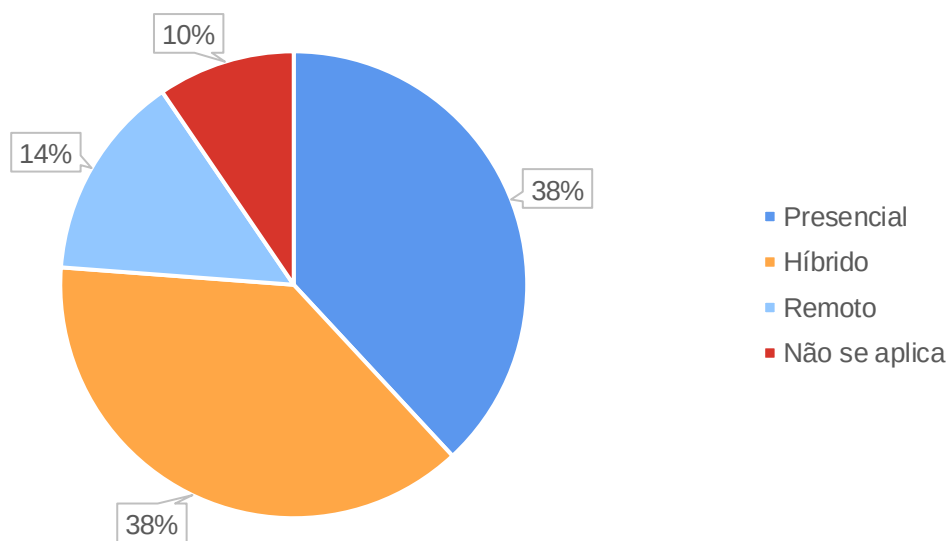
Dados demográficos dos respondentes.



Nacionalidade



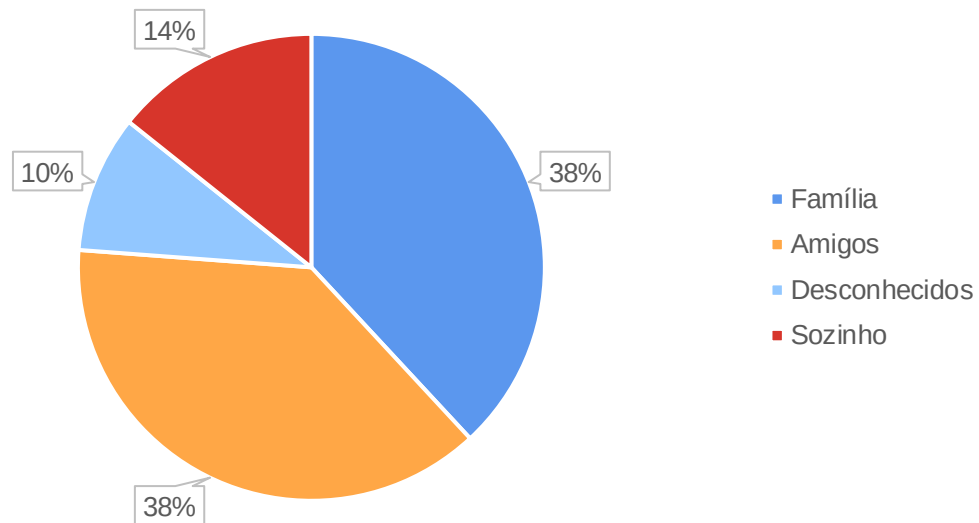
Modelo de trabalho / estudos



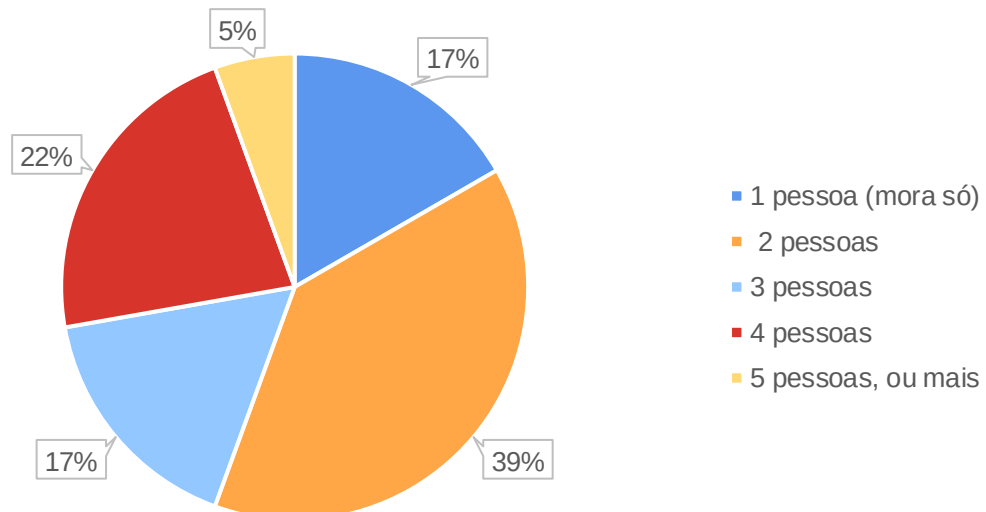
Seção 2 de 4

Sobre a residência em que mora e as pessoas com quem divide o espaço.

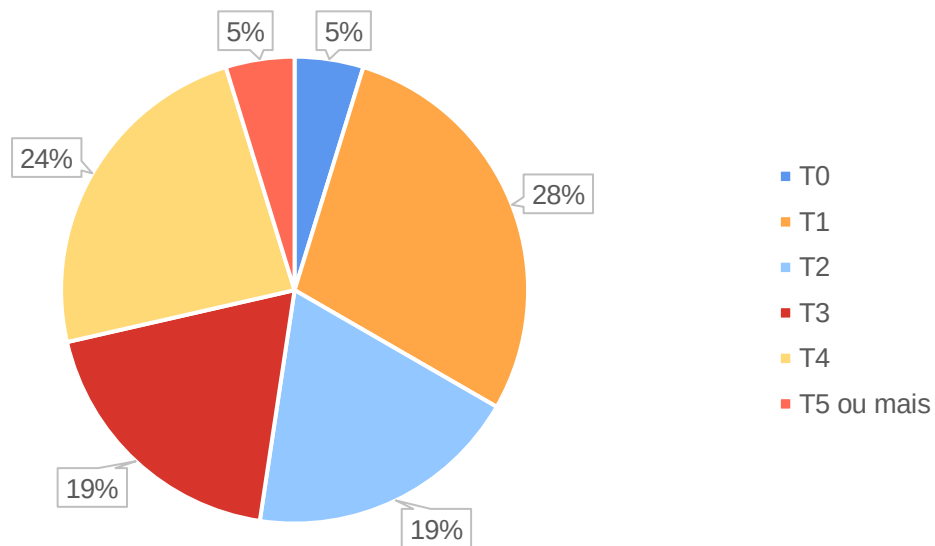
Com quem moram



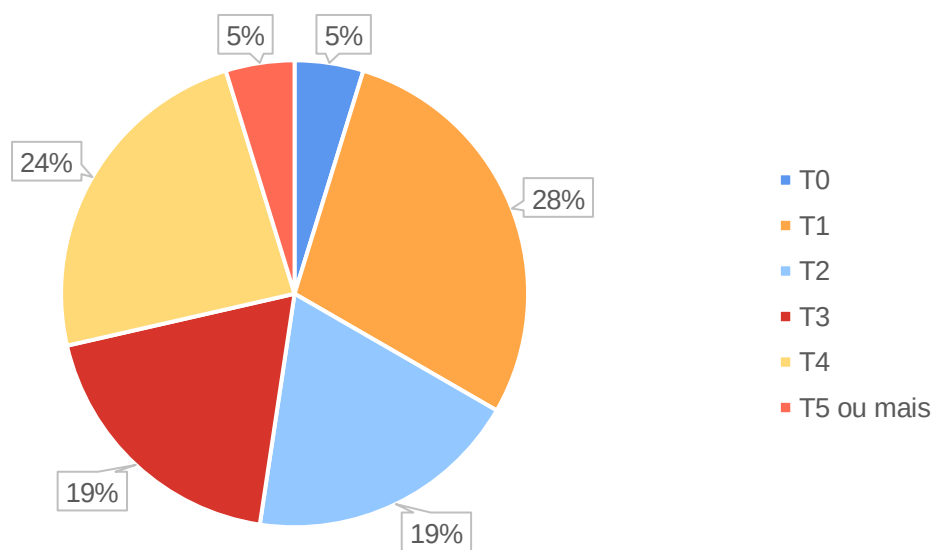
Quantas pessoas moram na residência



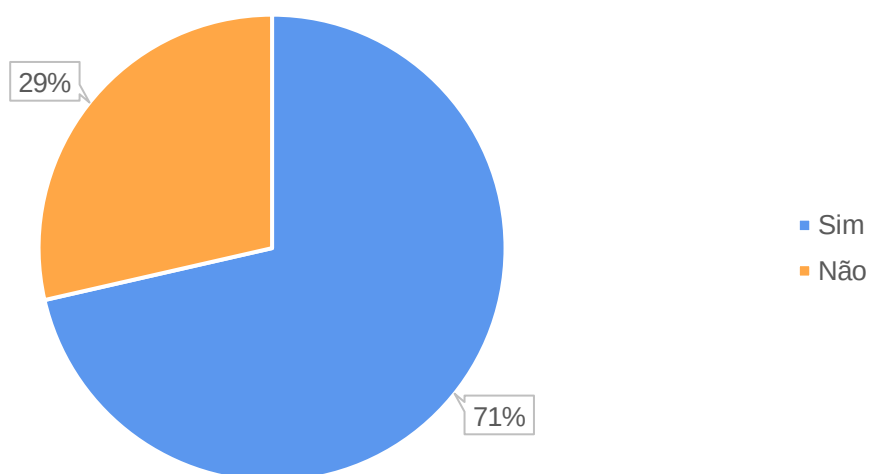
Quantos quartos têm na residência



Qual o tamanho da residência em m²



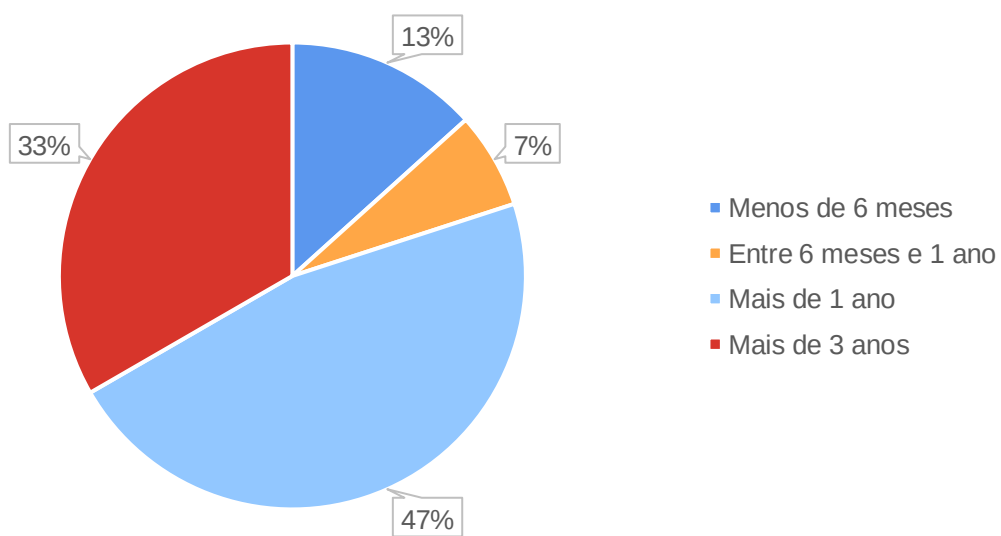
Mora ou já morou em habitação compartilhada



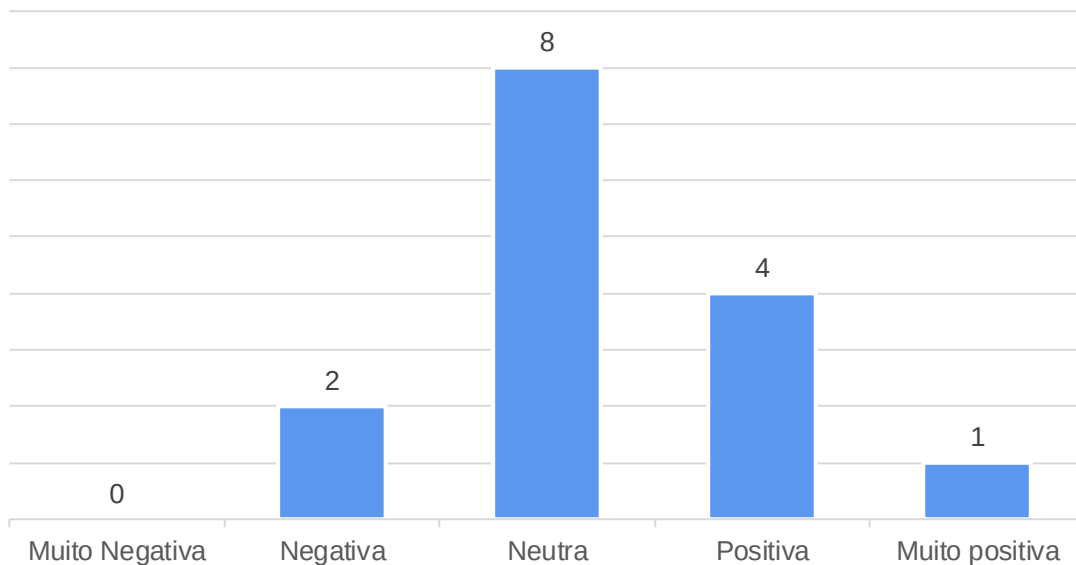
Seção 3 de 4

Sobre a experiência de morar em uma habitação compartilhada (para quem já compartilhou).

Tempo em habitação compartilhada



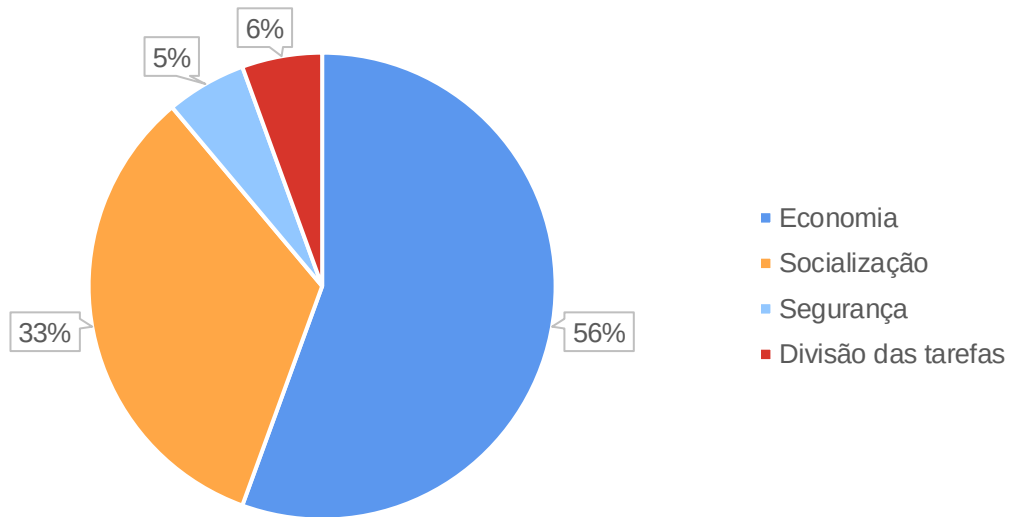
Opinião sobre a habitação compartilhada



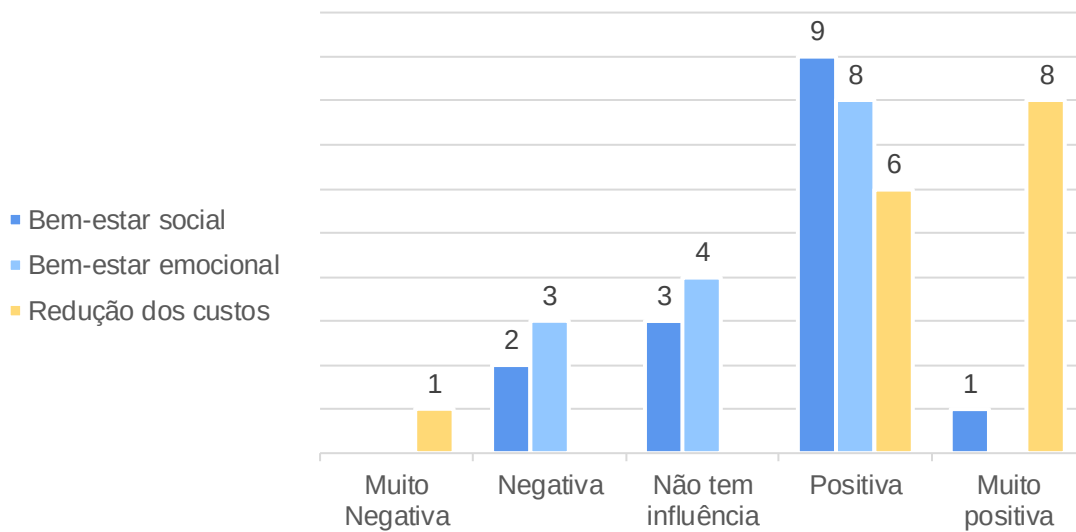
Na sua opinião, quais as maiores vantagens de viver em uma habitação compartilhada?

1. O valor do aluguel, e oportunidade de fazer novas amizades.
2. O preço do aluguel e das despesas da casa são menores
3. Segurança física e emocional. E ter com quem deixar o meu gato.
4. Tarefas domésticas divididas, companhia, suporte, amizade
5. Dividir com amigos é sempre bom. Além de reduzir custos é bom pela companhia. Não dividiria exceto com amigos próximos
6. os preços baratos pagos
7. Com amigos é ótima a convivência e valores mais baratos de renda
8. Preços mais reduzidos
9. Diminuição de custos de aluguel.
10. É mais acessível financeiramente. No meu caso, como partilho como amigos também é vantajoso vivermos com pessoas próximas.
11. Economia
12. Financeira.

Vantagens da habitação compartilhada

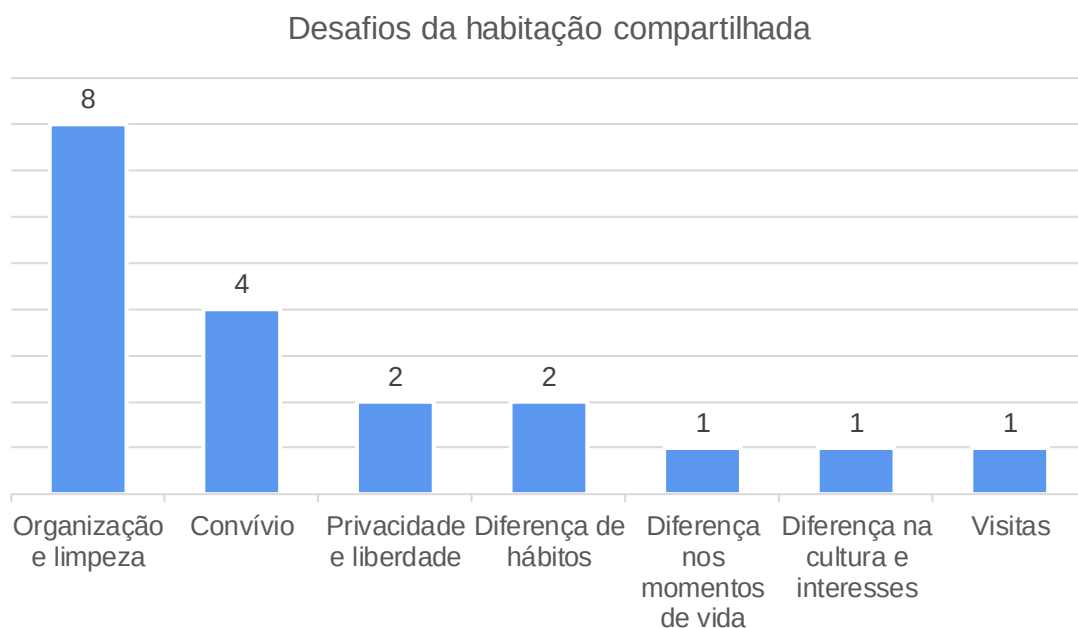


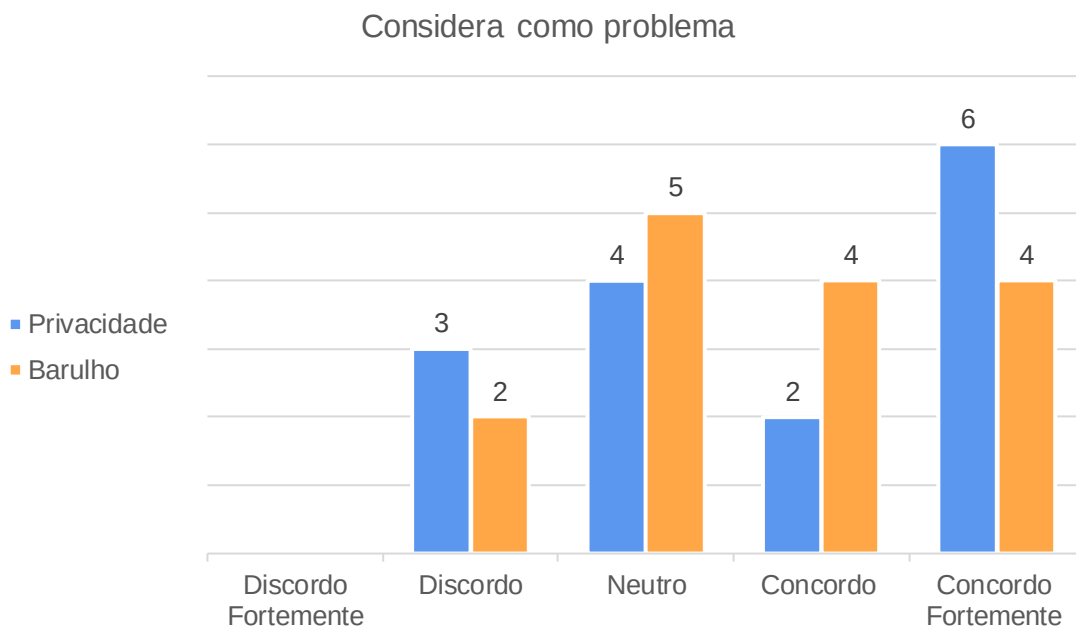
Influência da habitação compartilhada no bem-estar e redução dos custos



Na sua experiência, quais são os desafios de viver em uma habitação compartilhada?

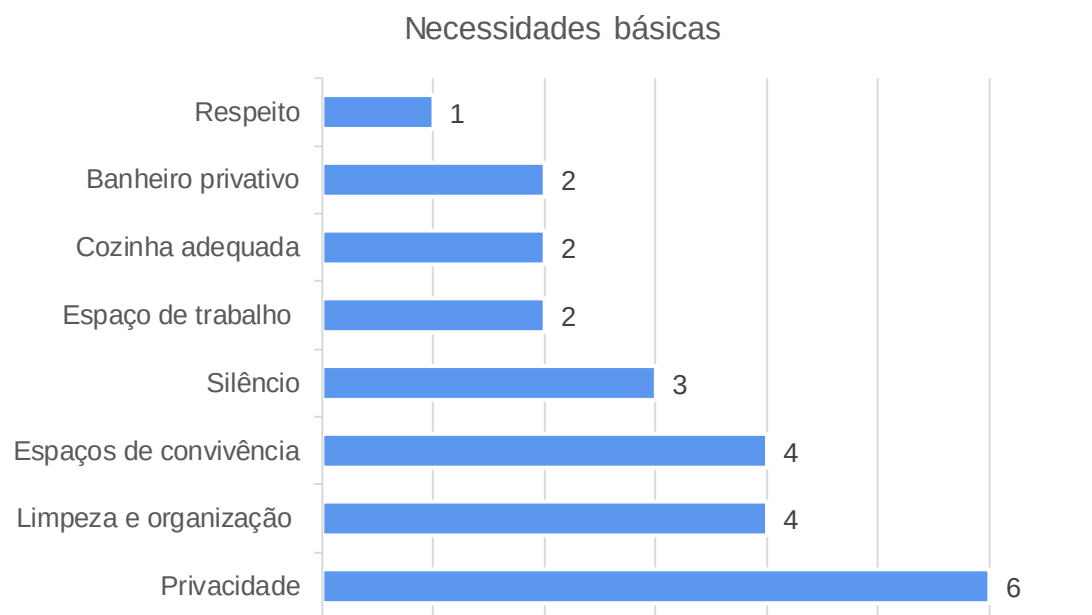
1. Nem todos tem o mesmo comprometimento em cuidar do espaço, limpeza
2. Não ter controle sobre as visitas e a falta de limpeza.
3. Desentendimentos, diferenças de hábitos (alimentação, limpeza, organização)
4. Pode ser difícil compartilhar caso as outras pessoas da casa não estejam no mesmo momento de vida e compartilham da mesma cultura e interesses sociais.
5. acredito que as divisões das tarefas diárias e algumas vezes o convívio, porém pode se resolver
6. Falta de independência, privacidade e liberdade.
7. Limpeza
8. Ter que lidar com pessoas que não gostaria.
9. Gerir a casa com pessoas com hábitos diferentes dos nossos e por vezes com pessoas que não respeitam as regras básicas de partilha de espaços. Nem todos assumem as suas responsabilidades e obrigações (p.e. limpeza e manutenção).
10. Limpeza e organização
11. Convívio e espaço.





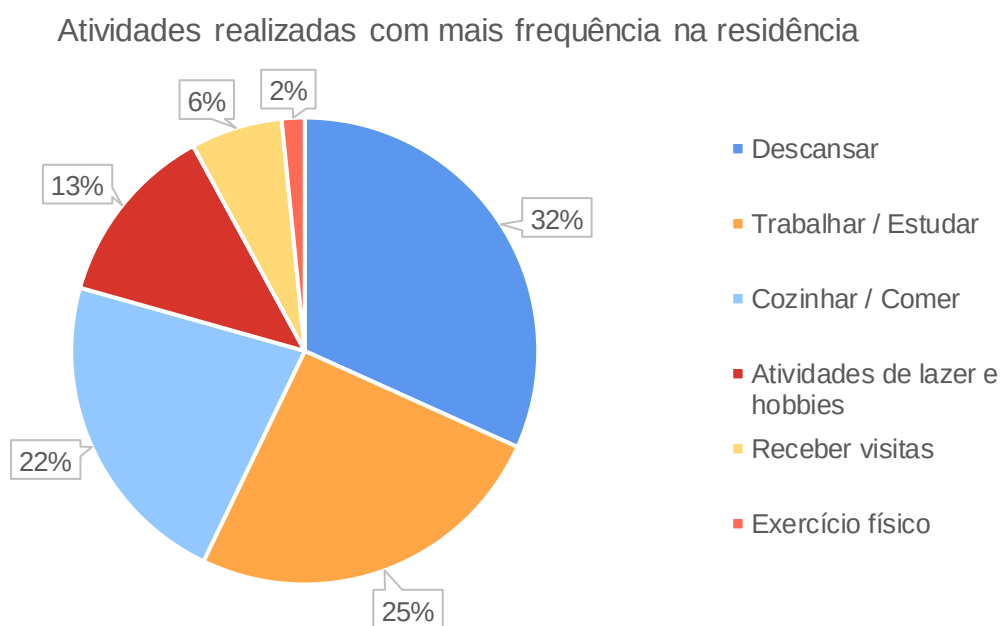
Quais as suas necessidades básicas em termos de convivência e espaço de moradia?

1. Limpeza, organização, respeito com os limites de espaço de cada um.
2. Receber visitas é limitador
3. Ter silêncio e espaço privado.
4. Gosto de socializar em casa na maior parte do tempo, mas é interessante ter um espaço de convivência comum e um espaço de trabalho comum, além dos espaços privados
5. Sala, Quartos com janela, Preferencialmente sem casas de banho compartilhadas
6. Privacidade
7. acredito q o espaço privado, como o quarto
8. Manter o espaço limpo e respeitar a privacidade
9. Por estar em teletrabalho, necessário um ambiente tranquilo na casa em horário laboral.
Também é necessário uma casa limpa, principalmente a cozinha, para as refeições.
10. Cozinha, WC e Espaços Comuns
11. Ter uma cozinha maior e ter suíte.
12. Respeito pelos outros, assumir as responsabilidades da casa
13. Privacidade e silêncio
14. Espaço para entretenimento.

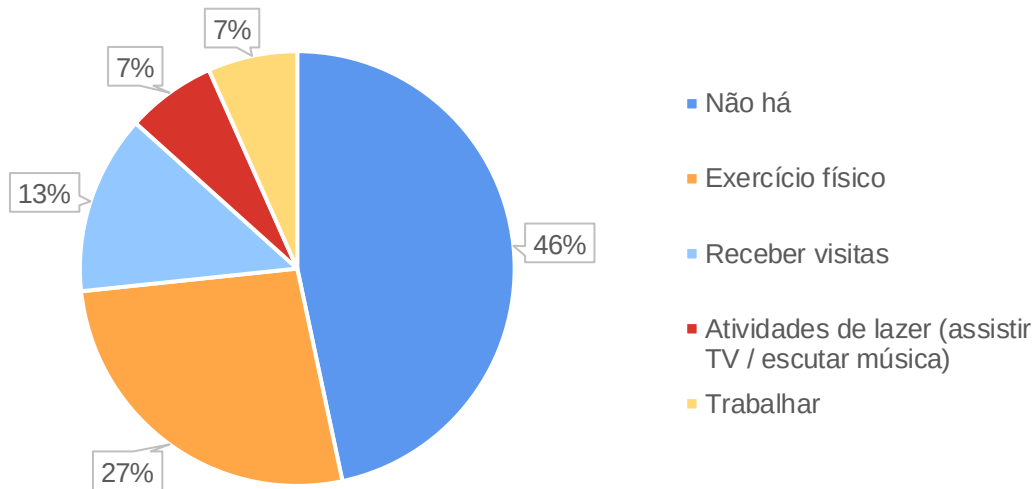


Seção 4 de 4

Sobre a vivência na habitação (para todos)



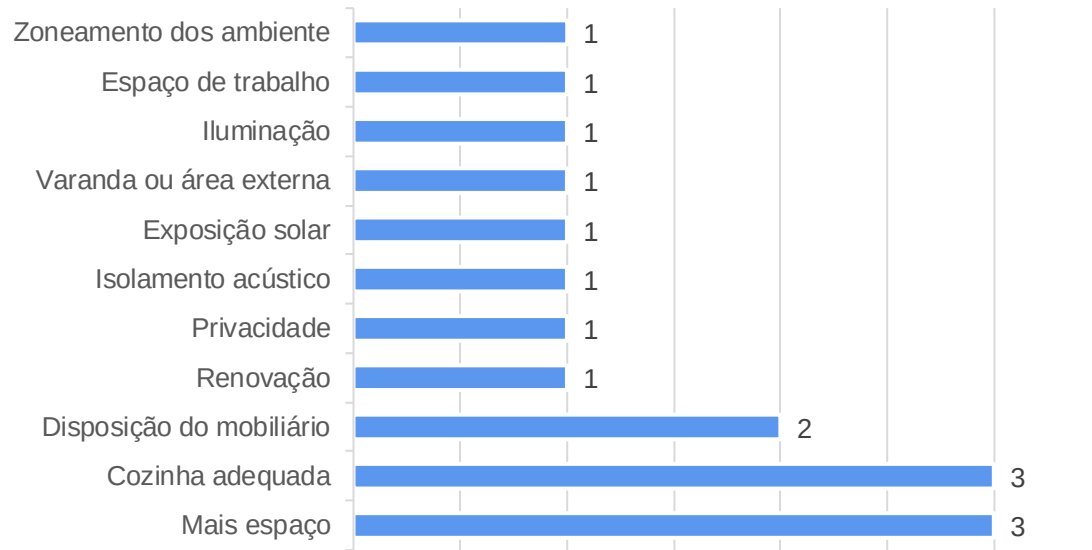
Atividades que não são possíveis de realizar no espaço atualmente



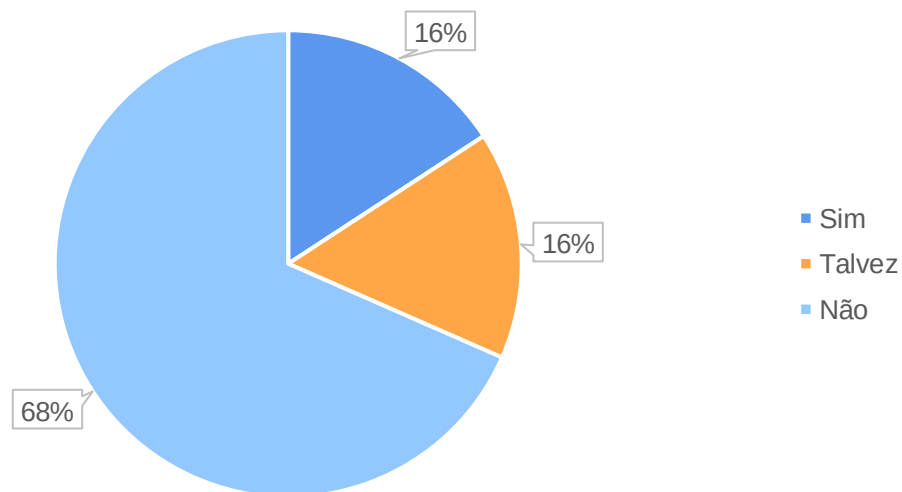
O que gostaria de mudar no espaço em que mora?

1. No espaço em sim nada. Somente gostaria que o apartamento fosse renovado. Tudo muito antigo e os acabamentos estão desgastados.
2. Tabela de limpeza e maior isolamento acústico.
3. Teria uma geladeira maior
4. Nada.
5. uma sala maior e uma cozinha com melhor disposição espacial para fluxo interno
6. Ter mais espaço e privacidade
7. Exposição Solar
8. Ter uma cozinha maior.
9. Ter uma varanda ou espaço exterior e condições térmicas mais favoráveis
10. Mais espaço.
11. Orientação dos móveis. Às vezes durante o dia tenho dificuldade em trabalhar com as janelas abertas porque o sol bate na minha estante de trabalho e não consigo ver a tela do computador, etc. As luzes também ficam mal posicionadas e geram sombras, tornando desconfortável a leitura.
12. Organização dos móveis
13. Ter espaço de escritório
14. que as pessoas fossem mais proativas com os cuidados dos espaços comuns
15. distribuição dos comodoss

O que mudariam no espaço



Morariam em uma habitação compartilhada no futuro



Versão anterior do Inquérito (não aplicada)

Seção 1 de 3

Título

B I U ↺ ↻

As respostas do questionário são anónimas e serão usadas apenas para fins académicos.

O questionário tem como objetivo compreender as características dos moradores e suas residências, quais suas dificuldades e a percepção do espaço.

Idade *

Texto de resposta curta

Gênero *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro

☐ Prefiro não dizer

Estado Civil

☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Outro

Nacionalidade *

☐ Portugal

☐ Outros Países

Habilitações Literárias *

- ☐ Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Ensino Superior (Licenciatura)
- ☐ Pós-graduação (Mestrado, Doutorado)

Ocupação *

- ☐ Trabalhador
- ☐ Estudante
- ☐ Ambos
- ☐ Desempregado / Aposentado

Qual seu modelo de trabalho? *

- ☐ Presencial
- ☐ Híbrido
- ☐ Remoto
- ☐ Não trabalho atualmente

Qual sua profissão ou área de estudo? *

Texto de resposta curta

Por qual motivo escolheu a cidade onde mora? *

- ☐ Estudos
- ☐ Trabalho
- ☐ Qualidade de vida
- ☐ Sempre morei aqui
- ☐ Outros...

Seção 2 de 3

Sobre a residência em que mora e as pessoas com quem divide o espaço.



Descrição (opcional)



Com quem mora? *

- ☐ Sozinho
- ☐ Família
- ☐ Amigos

Quantas pessoas moram na sua residência? *

Texto de resposta curta

.....

Tem animais de estimação na residência (mesmo que não sejam seus)? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Quantos quartos tem a residência? *

- ☐ 0
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5 ou mais

Qual o tamanho da residência em m² (aproximadamente)?

Texto de resposta curta

Considera o espaço adequado para a quantidade de moradores? *

☐ Sim

☐ Não

Possui local de estudo/trabalho adequado? *

☐ Sim

☐ Não

Quais atividades realiza na sua residência com mais frequência? *

Texto de resposta curta

Tem algum hobby que requer espaço específico? *

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual?

Texto de resposta curta

Sente falta de algo no espaço onde mora? *

Texto de resposta longa

Qual a maior dificuldade ou problema do espaço onde mora?

Texto de resposta longa

Seção 3 de 3

Sobre a flexibilidade do espaço



Fazer uma breve descrição do conceito

Sobre o termo habitações flexíveis: *

- ☐ Não conhecia
- ☐ Não tenho certeza
- ☐ Já conhecia

Considera que a habitação em que vive hoje é flexível para mudanças na quantidade de moradores ou usos do espaço? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Como gostaria que o espaço onde mora se adaptasse a mudanças futuras em sua vida?

Texto de resposta longa

Na sua opinião, como avaliaria a importância da flexibilidade em uma habitação? *

- | | | | | | | |
|------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Pouco importante | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | Muito importante |

Qual a sua opinião em relação à flexibilidade de layout (mudança fácil de configuração do mobiliário, divisórias móveis)? *

- | | | | | | | |
|------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Pouco importante | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | Muito importante |

Na sua opinião, são melhores os espaços dedicados para cada atividade ou espaços multifuncionais (onde mais de uma atividade pode ser realizada)? *

- ☐ Espaços dedicados
- ☐ Espaços multifuncionais

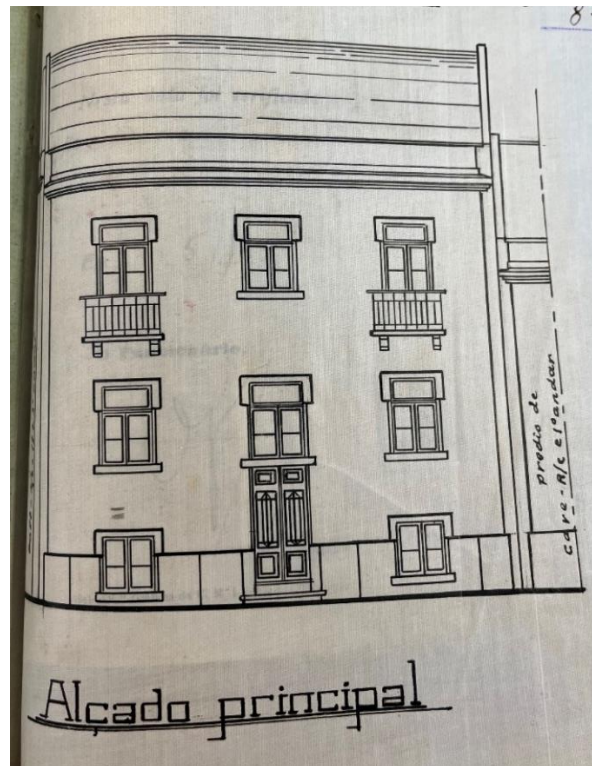
Tem alguma consideração ou comentário que gostaria de compartilhar sobre suas necessidades habitacionais e uso do espaço? *

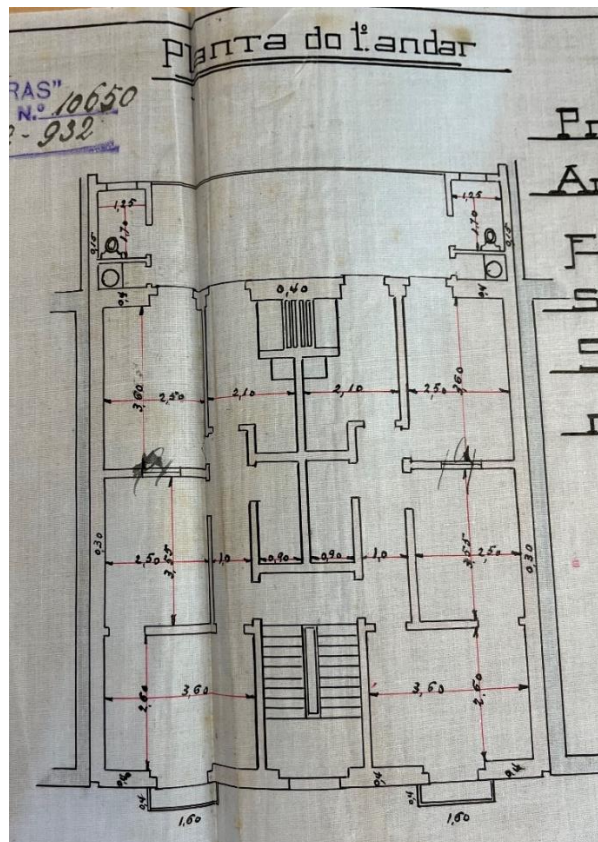
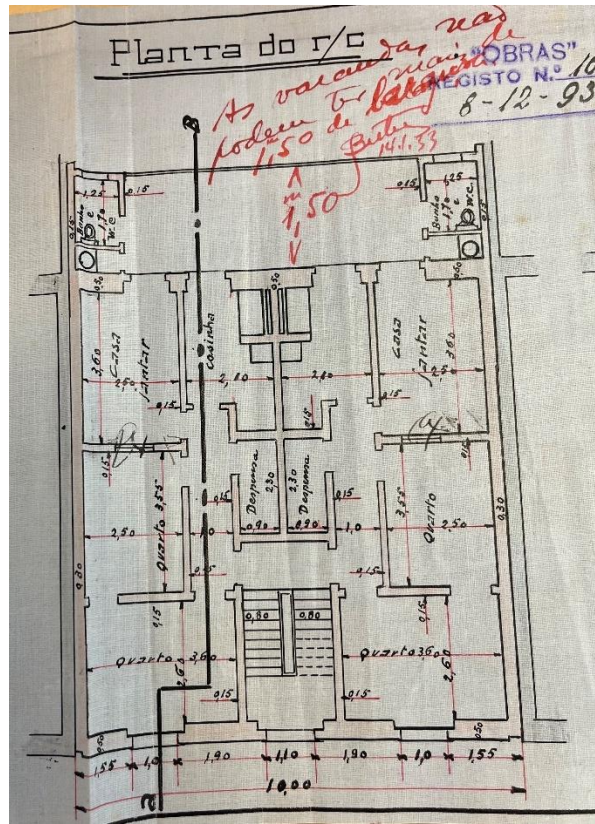
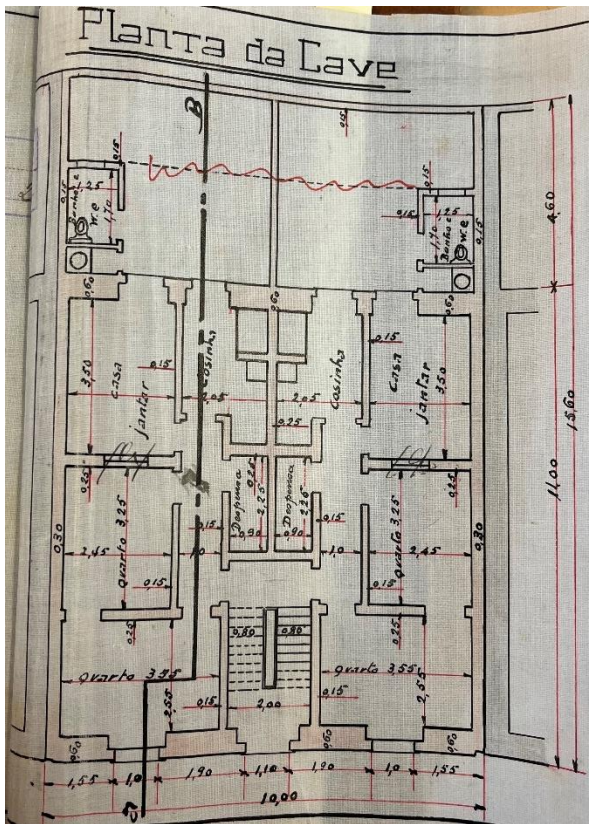
Texto de resposta longa

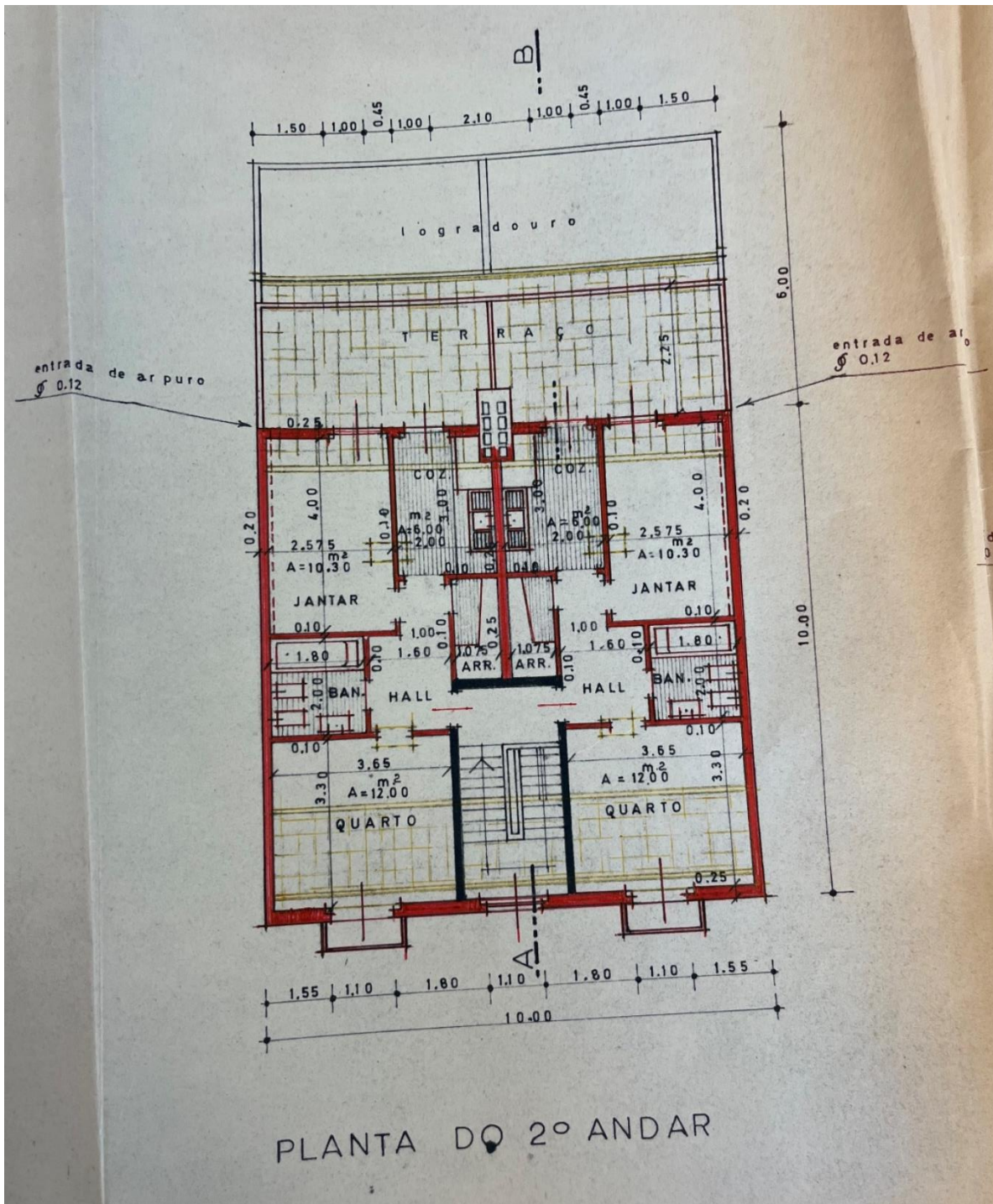
.....

ANEXO III: REGISTROS DE OBRA

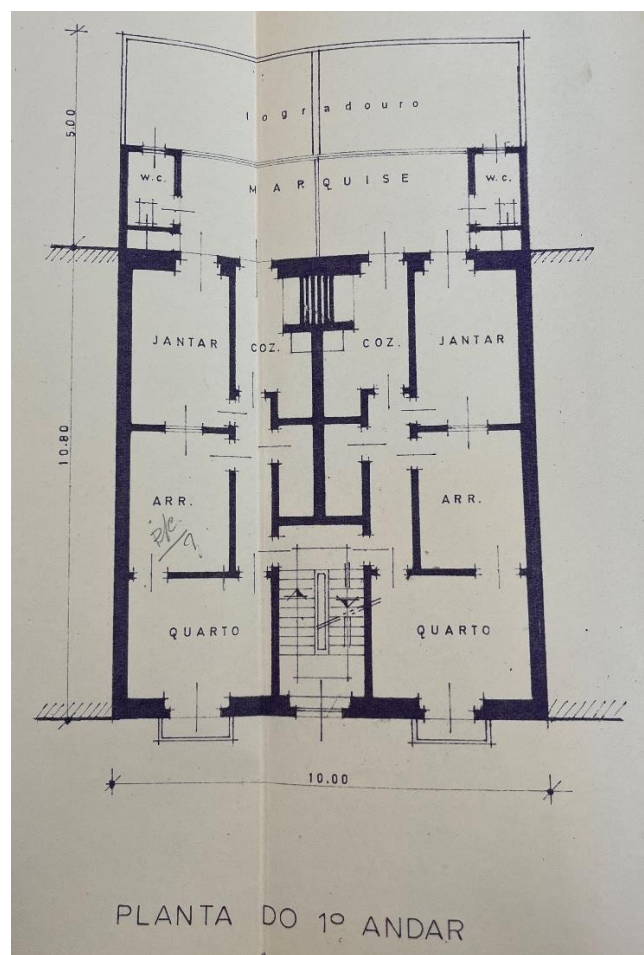
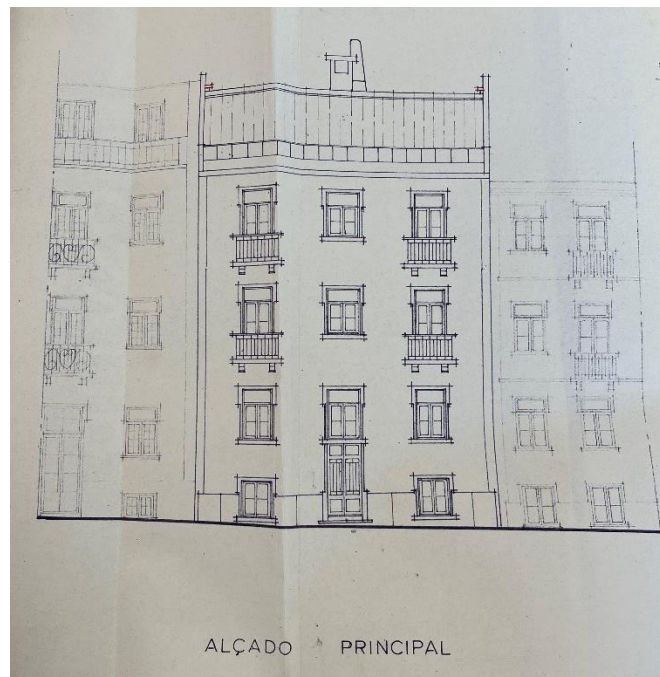
Projeto para construção de prédio, 1932

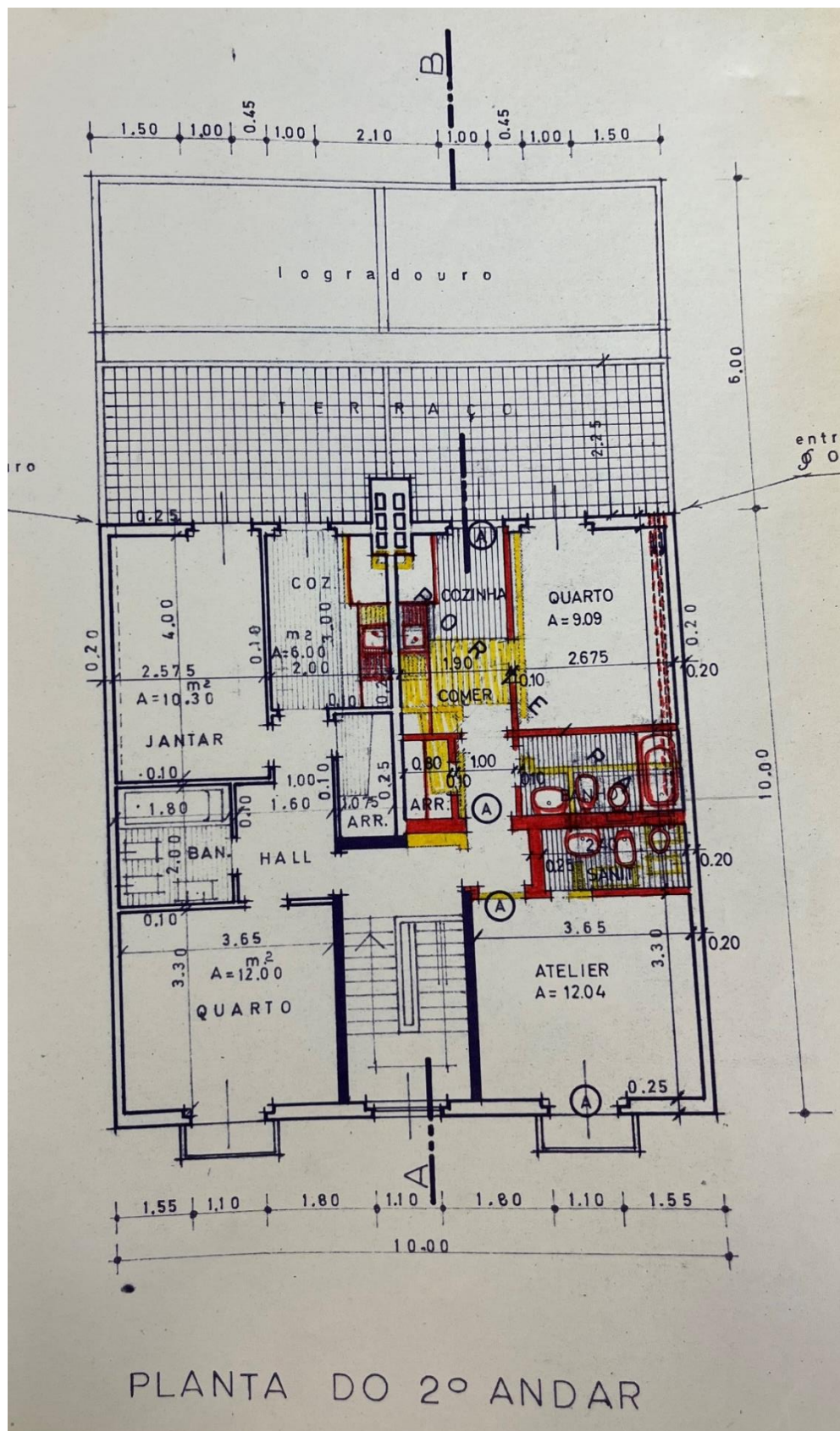






Projeto de Alteração, 1971







Folha 15
Proc.º 6368/1971

6\$00
PORTUGAL

PROJECTO DE ALTERAÇÕES DA RUA BARÃO DE
SABROSA, Nº.253

CÁLCULOS DE ESTABILIDADE E ESTRUTURA DE
BETÃO ARMADO E METÁLICA

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Refere-se a presente Memória aos Cálculos de Estabilidade e Betão Armado das alterações a introduzir no prédio em epígrafe.

A estrutura do pavimento de nove piso a introduzir (2º andar) é constituída simultaneamente por lajes aligeiradas e por uma laje maciça. Qualquer dessas soluções foi escolhida conforme se julgou mais conveniente, ou seja, onde se verificou ser mais conveniente a sua aplicação.

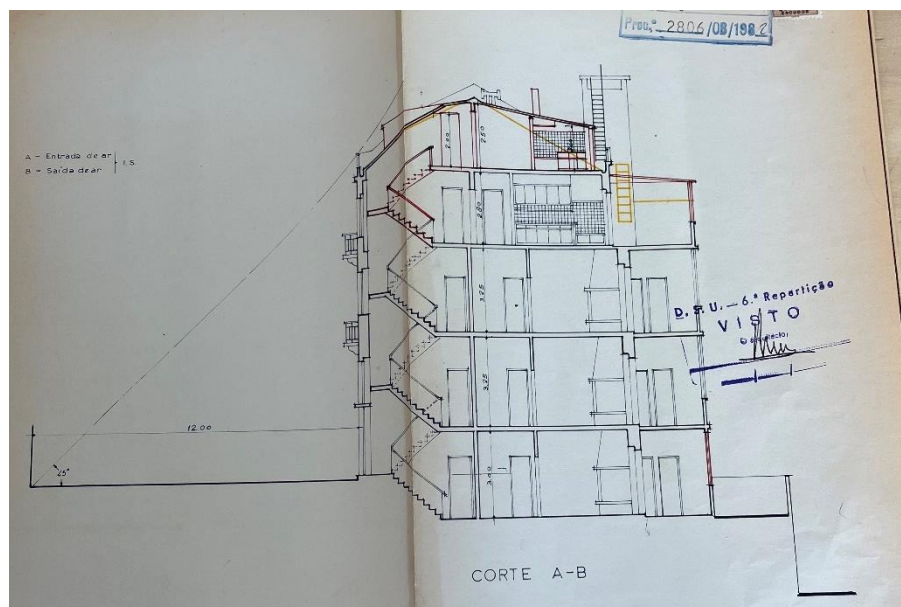
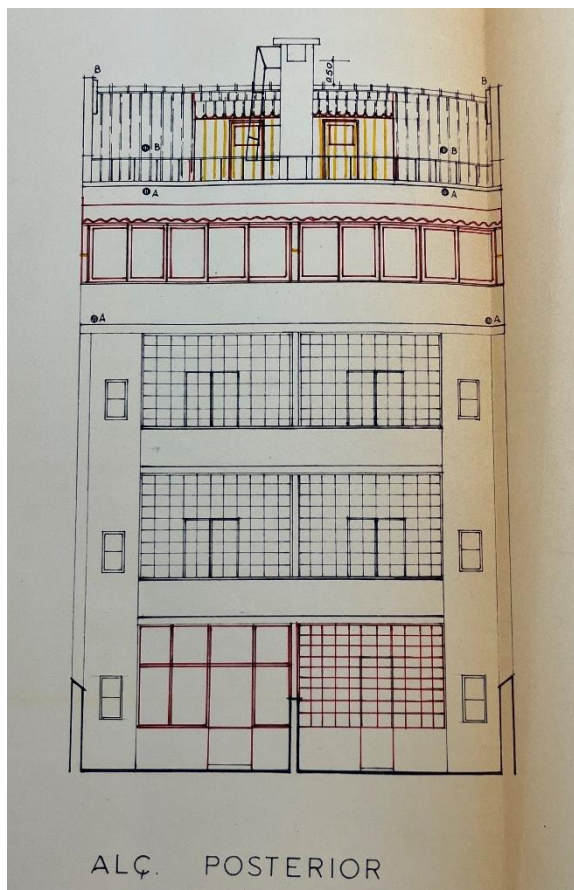
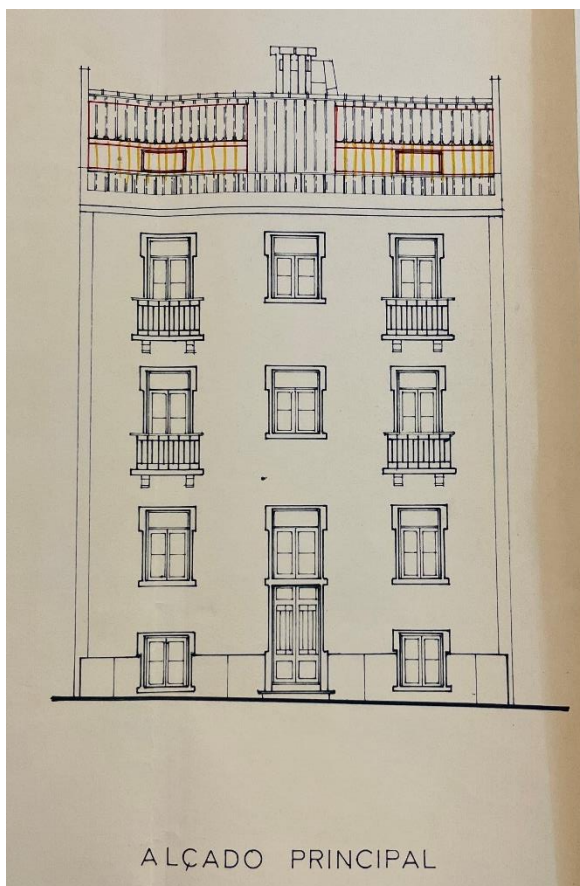
Foi feita uma verificação da resistencia da estrutura existente, nomeadamente das fundações corridas em betão nas fachadas e empenas.

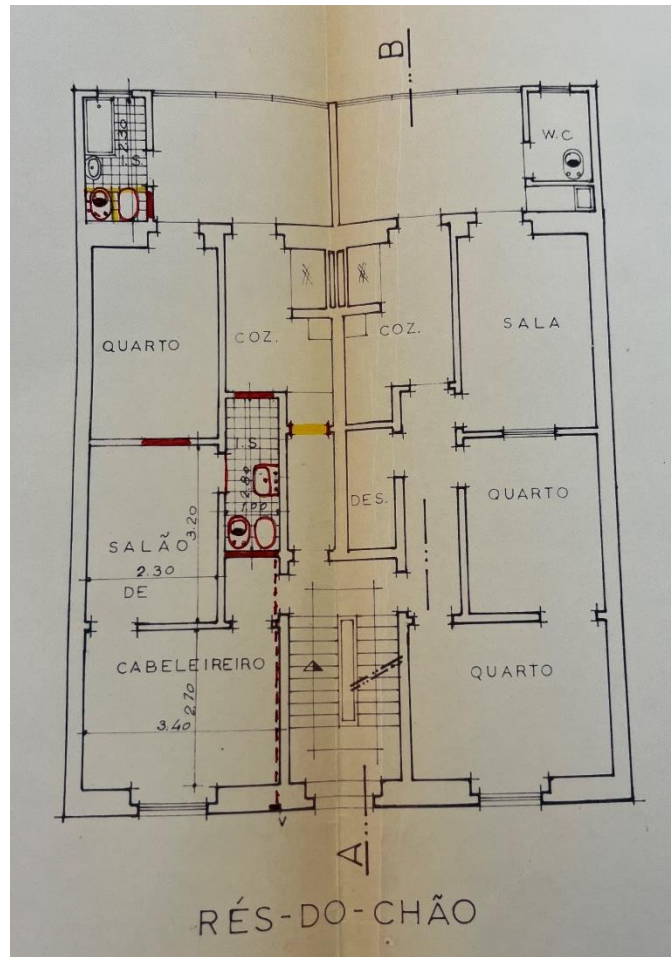
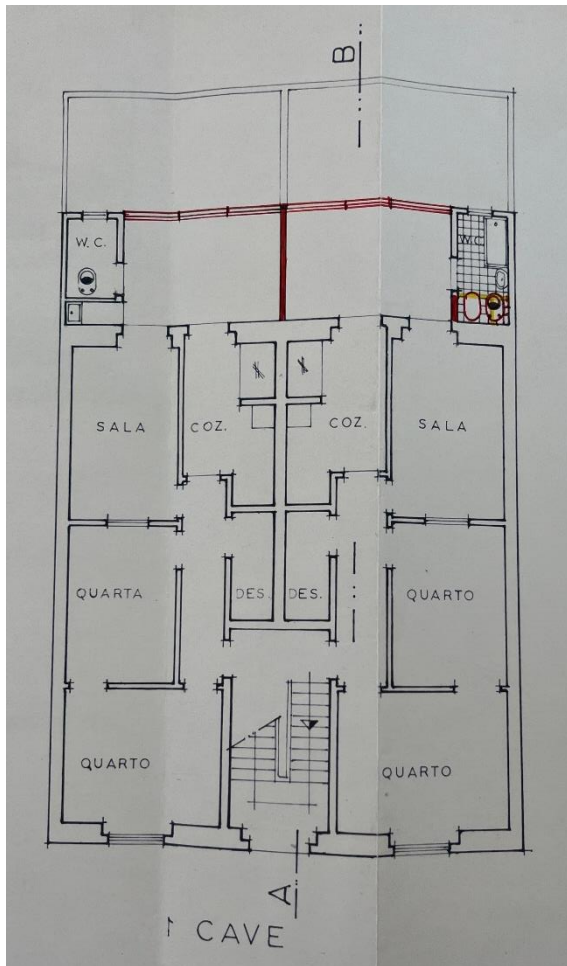
São cuidados todos os apoios principalmente da laje L6 no perfil Grey metálico e deste nas cintas das paredes existentes.

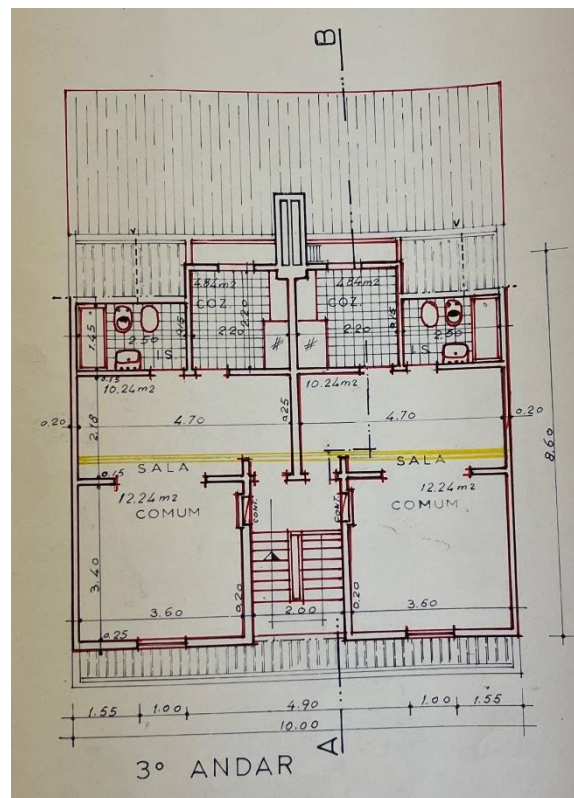
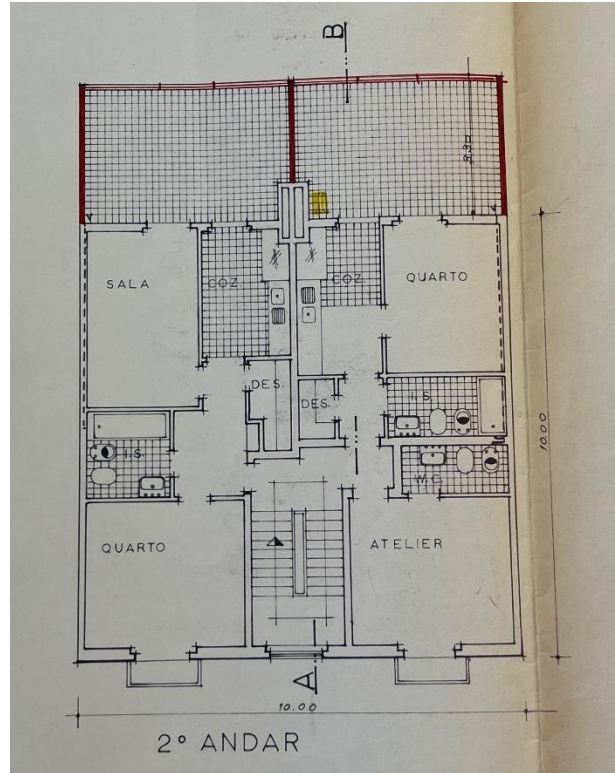
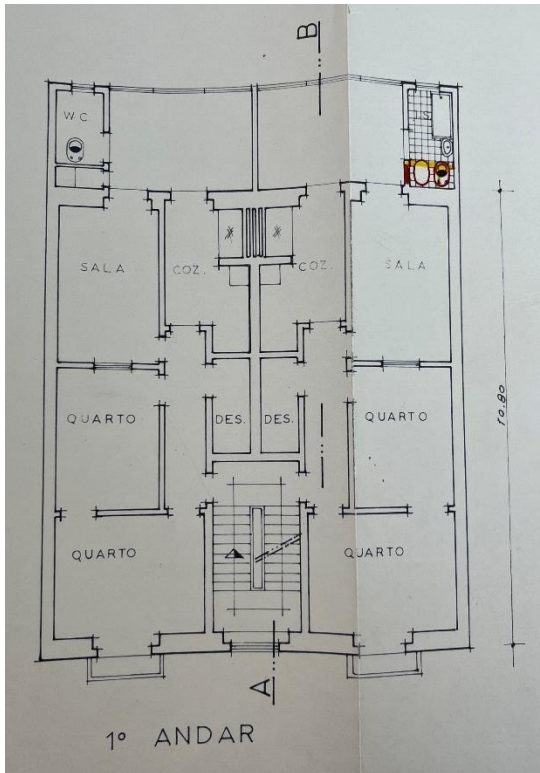
Em tudo o que fôr emisso respeitar-se-ão os Regulamentos em vigor.

Lisboa, 1 de Outubro de 1971

O Engenheiro Civil insc.nº.708
J. Inadady
J. P. 708



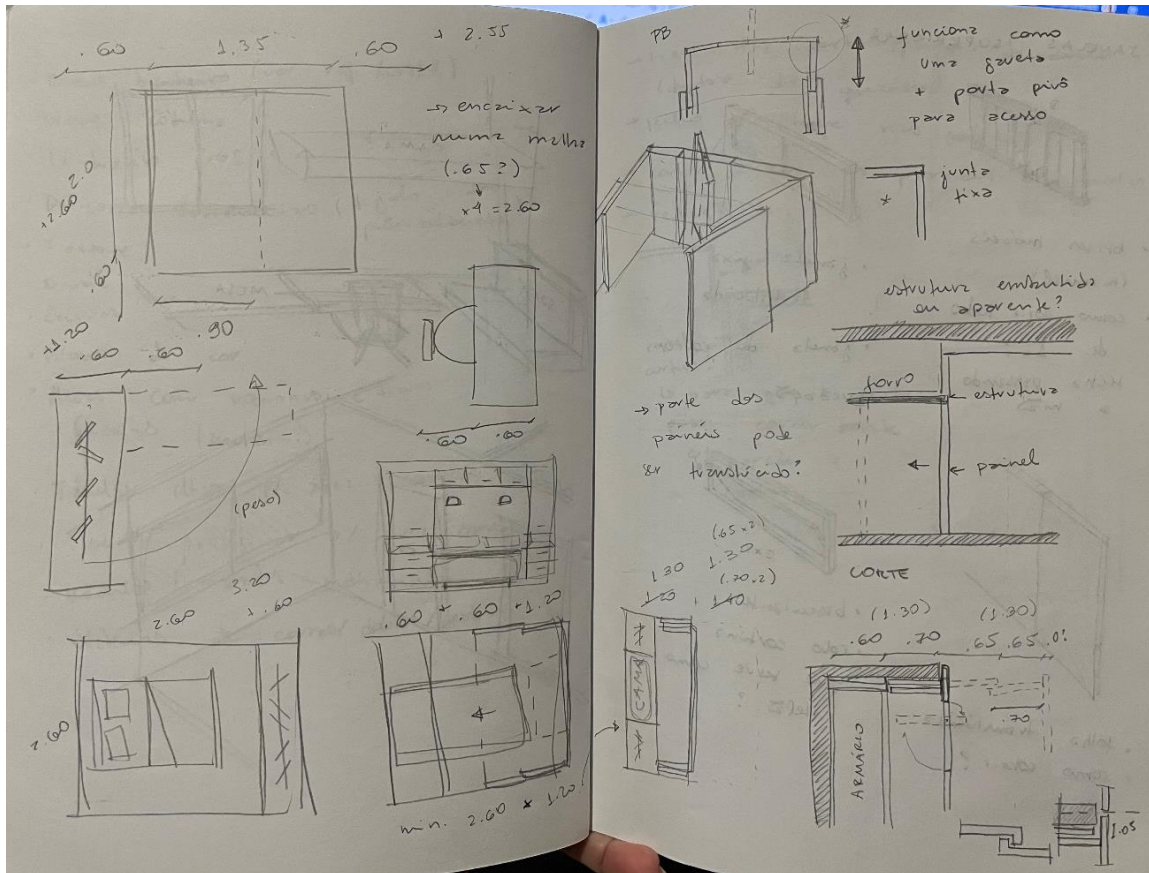




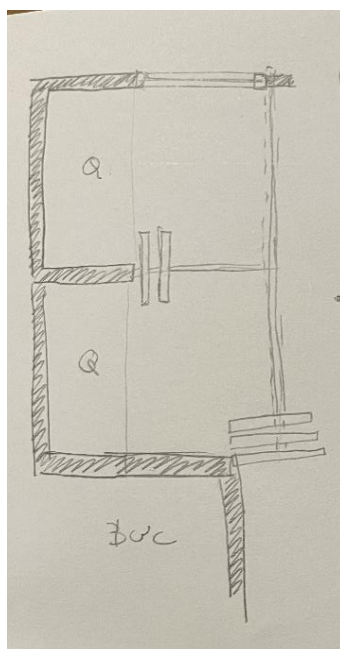
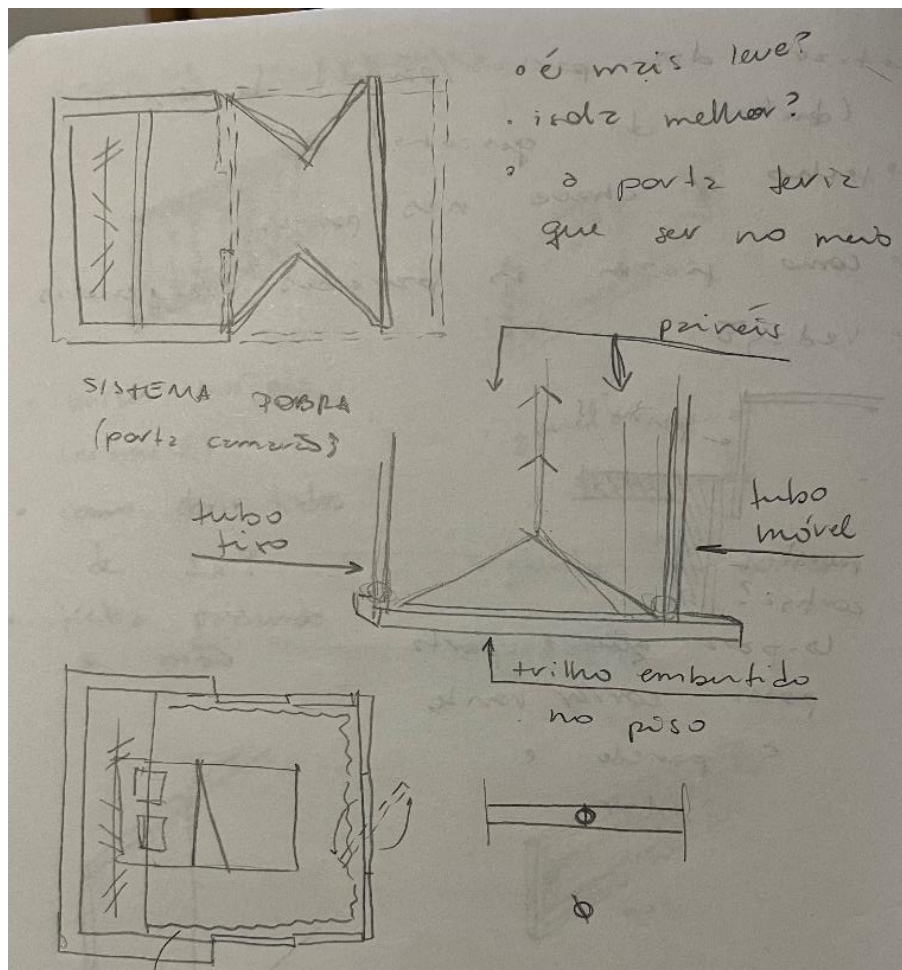
ANEXO IV: PROJETO

Desenvolvimento

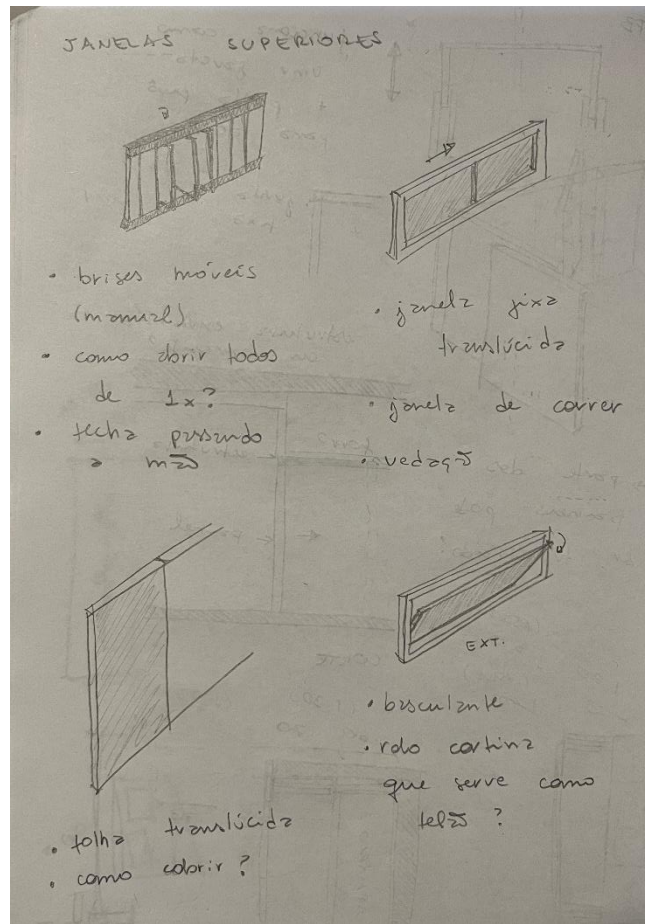
Esboços para medida mínima dos quartos e funcionamento abre/fecha



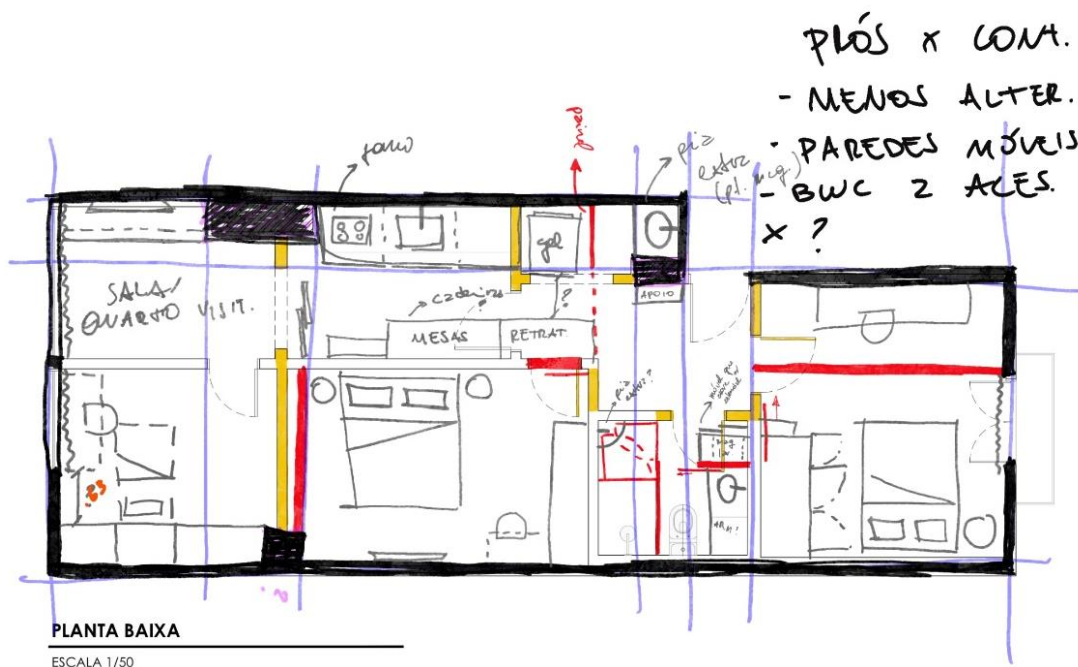
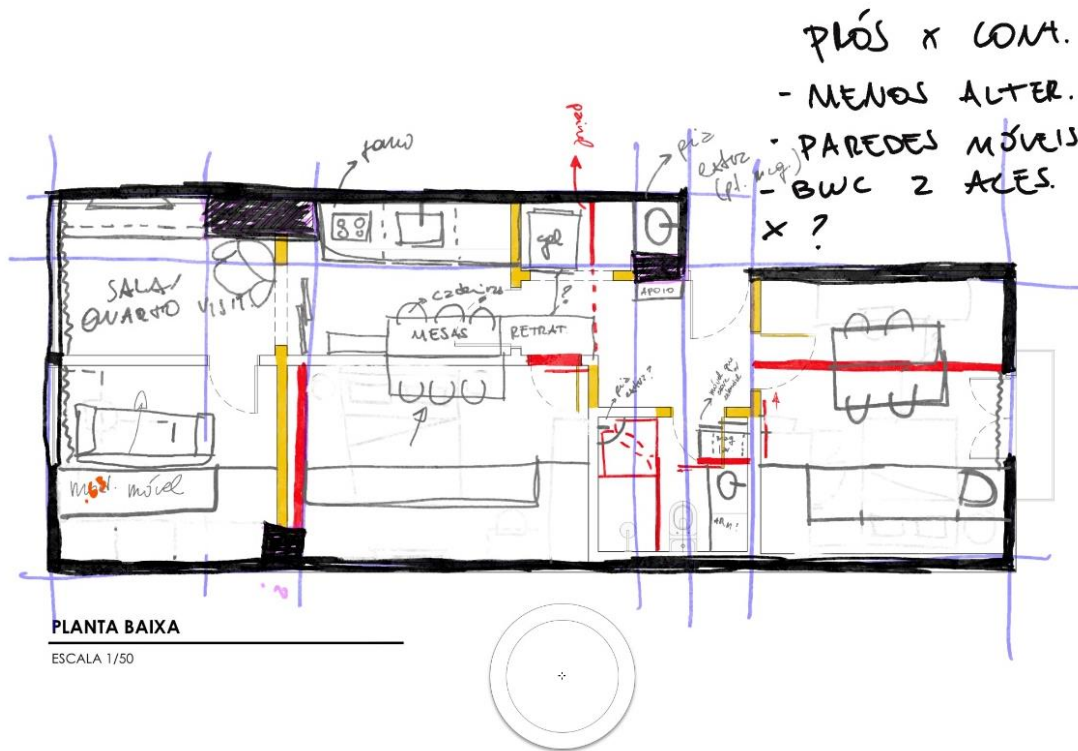
Possíveis soluções para o movimento abre/fecha



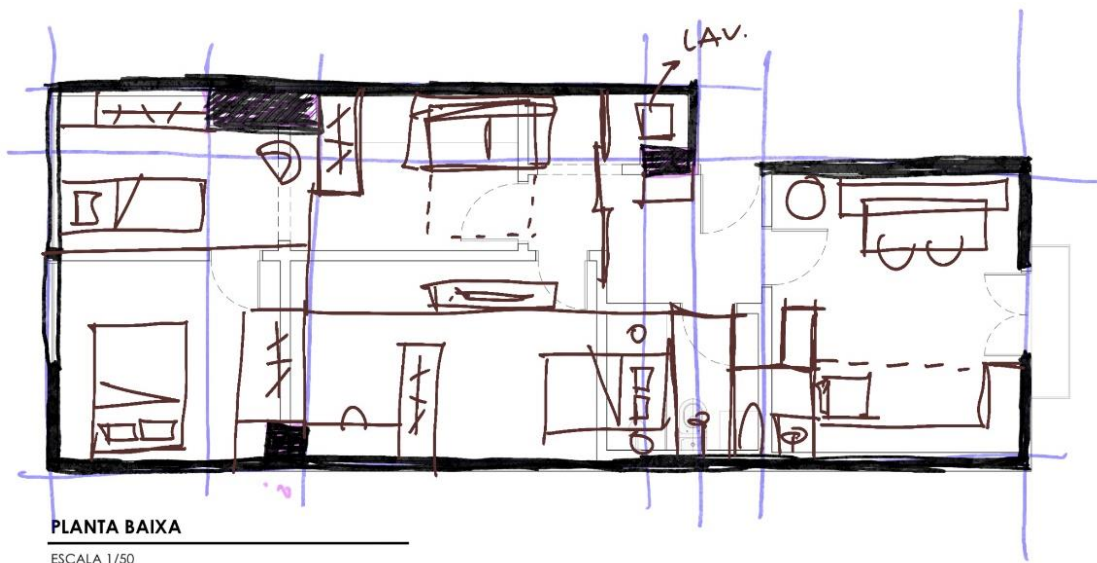
Estudos para janela superior no painel móvel dos quartos



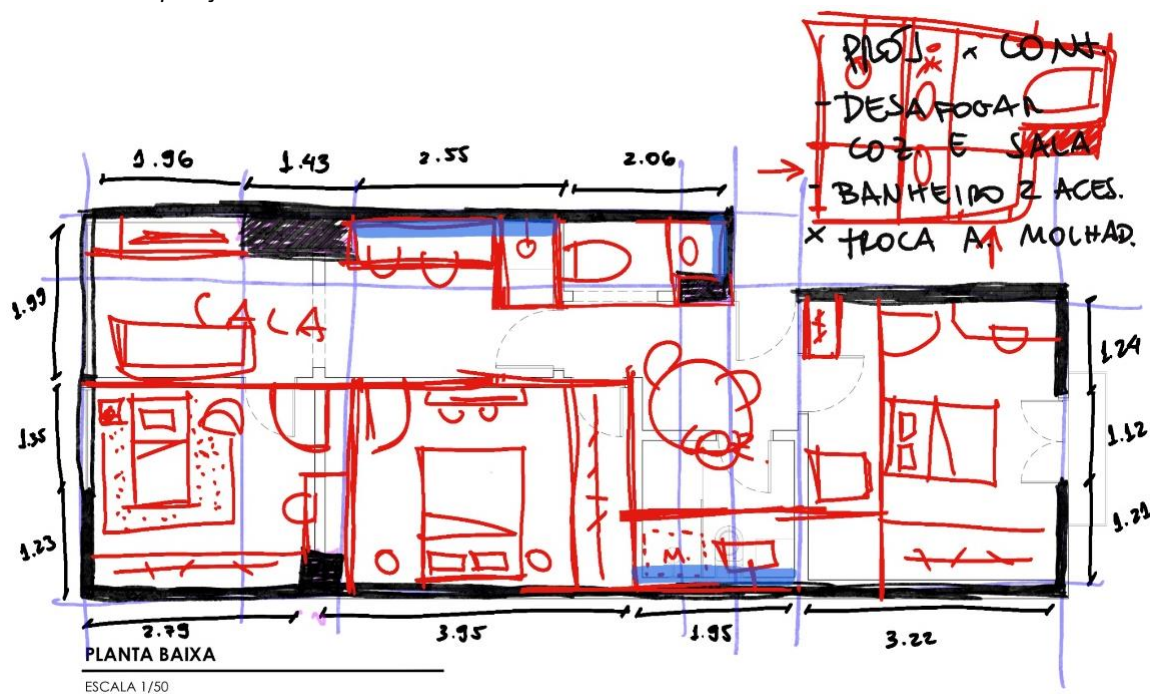
Esboços para configuração do espaço



Possível alteração na posição da cozinha, criando uma área comum mais continua



Troca entre a posição da cozinha e do banheiro

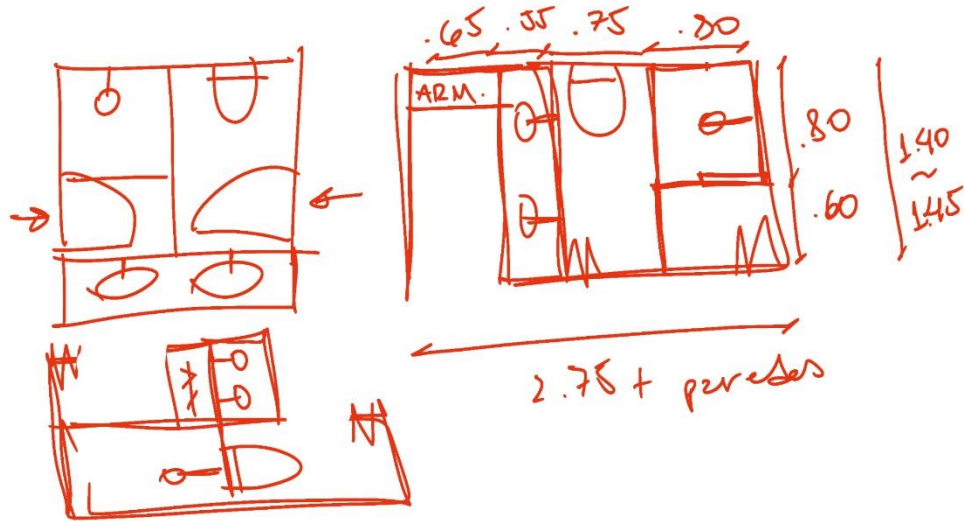


Esboços para a cozinha

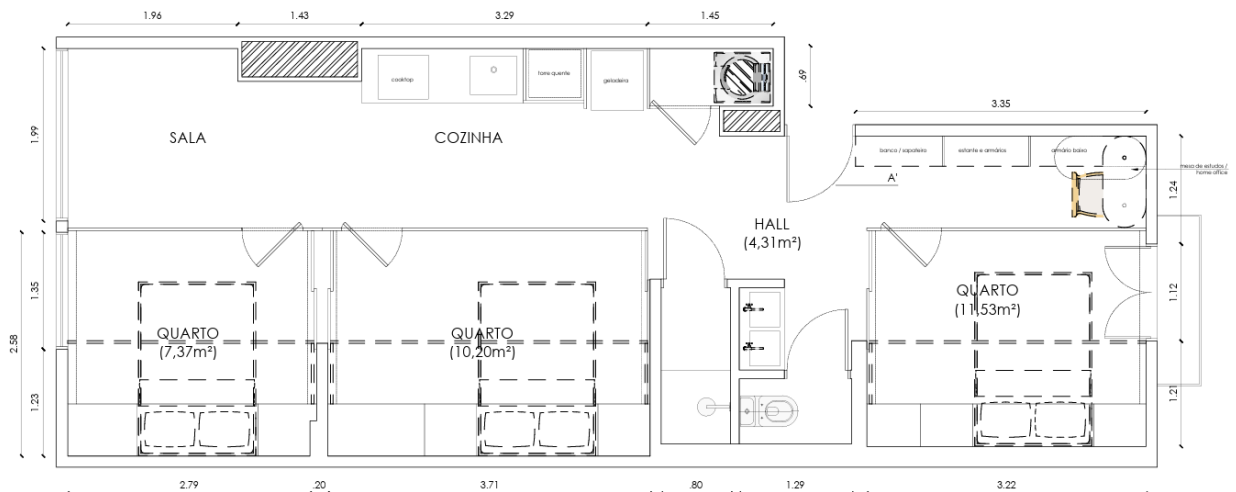
Testes de modelagem e renderização para compreender o volume



Possibilidades para configuração do banheiro



Layout inicial mantendo a posição dos ambientes atuais, porém redimensionando



PLANTA BAIXA

ESCALA 1/50

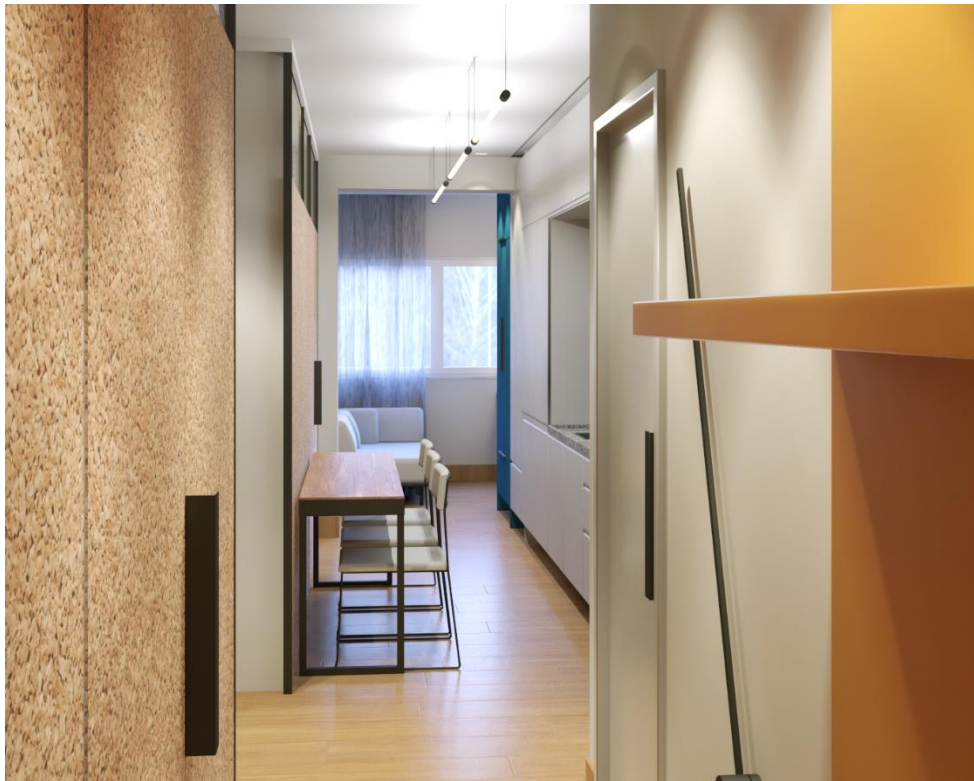


Imageboard

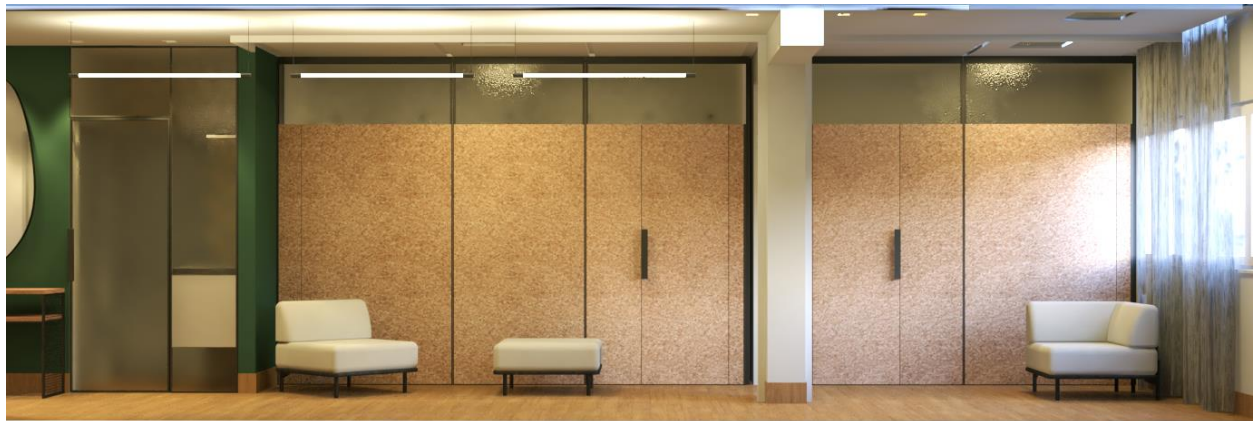
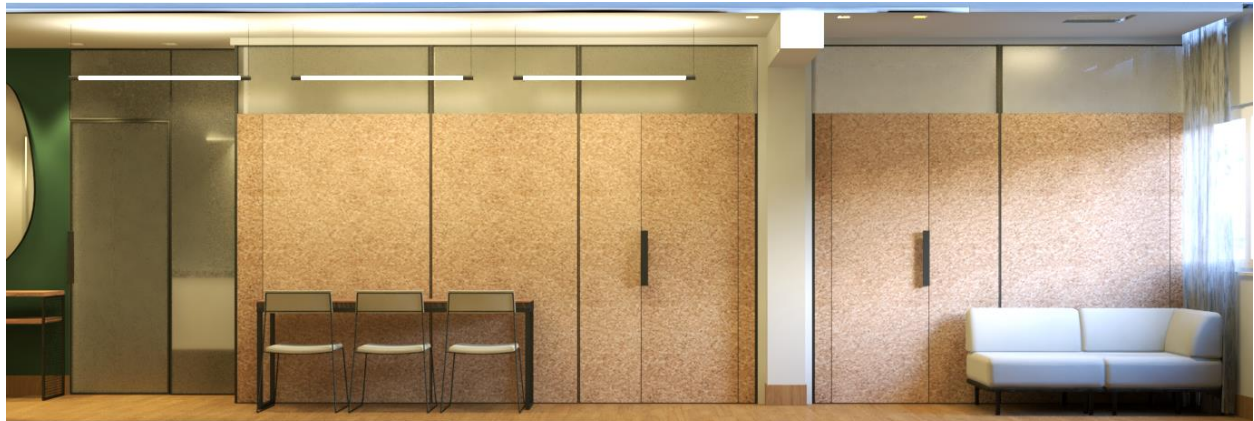


Proposta Final

Entrada



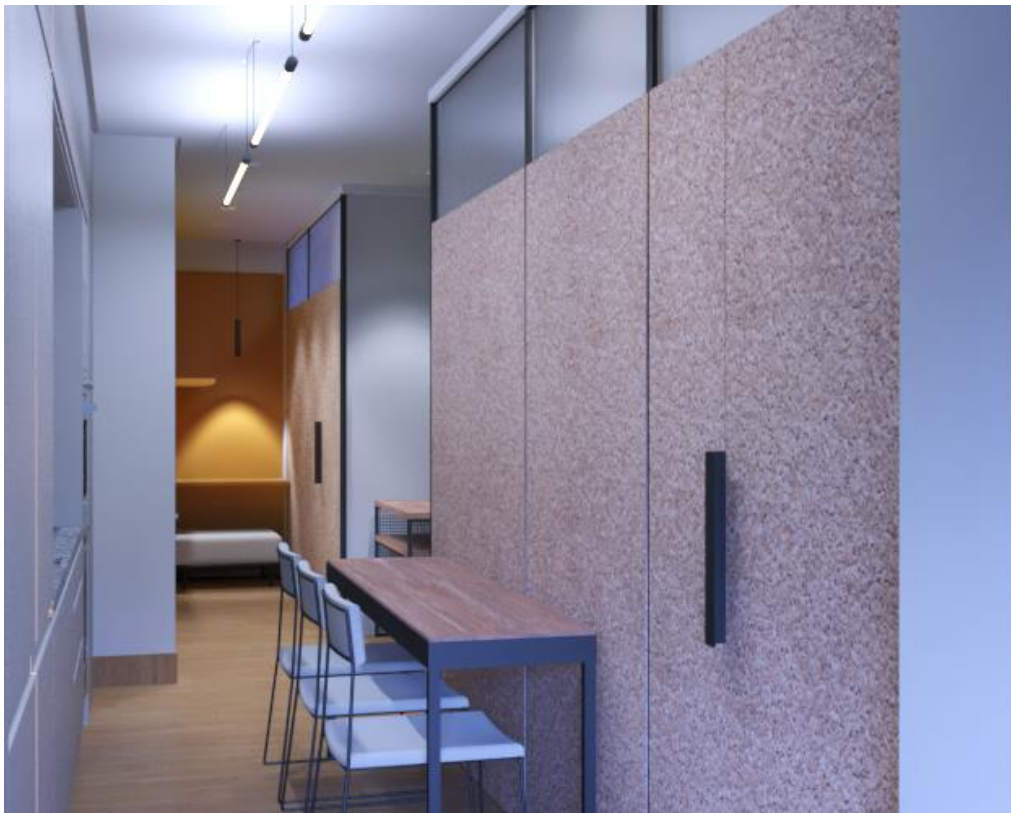
Corte AA'



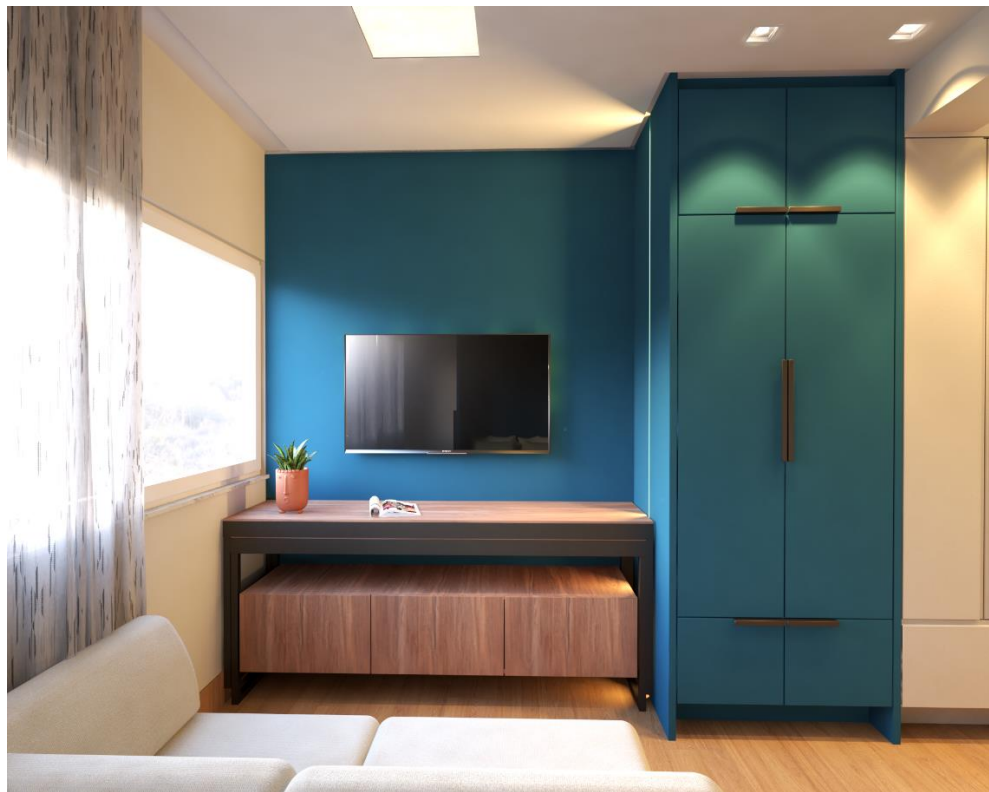
Escritório



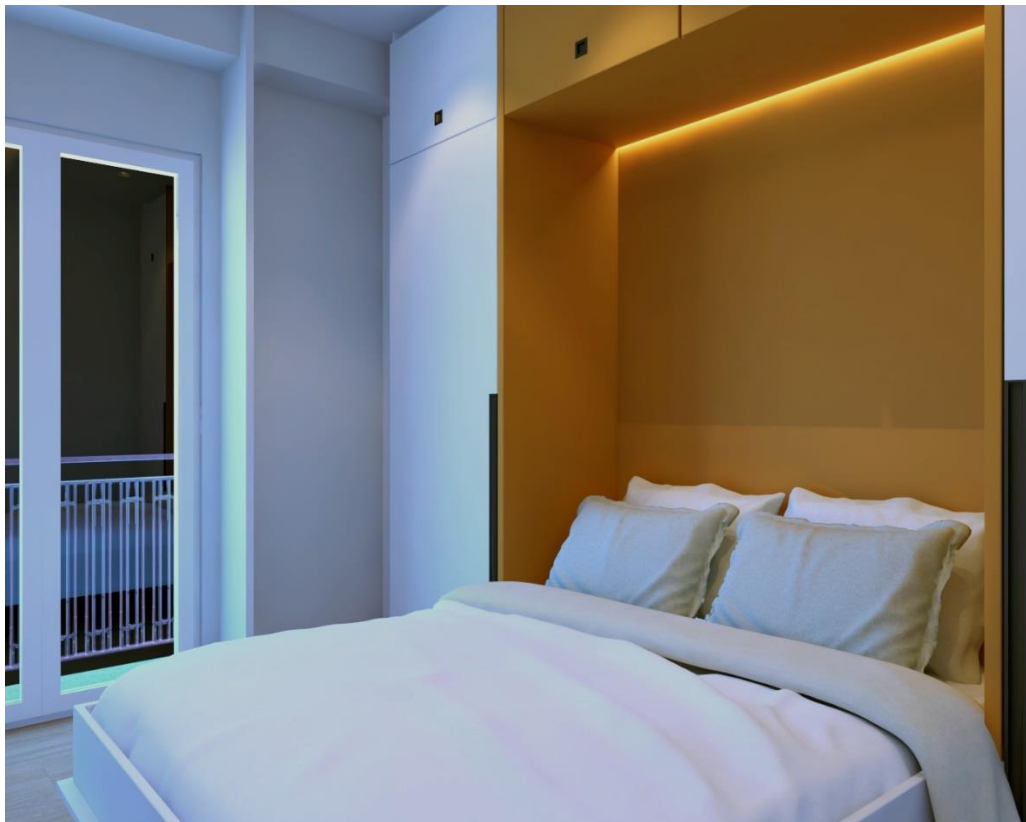
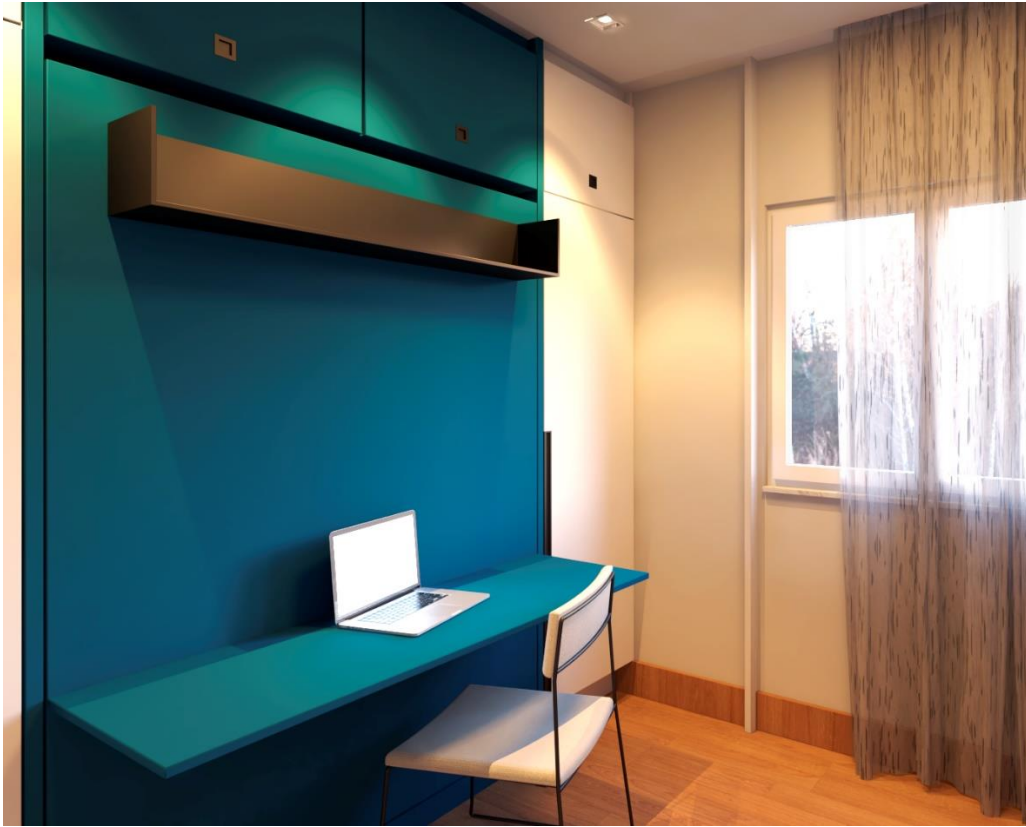
Cozinha



Sala

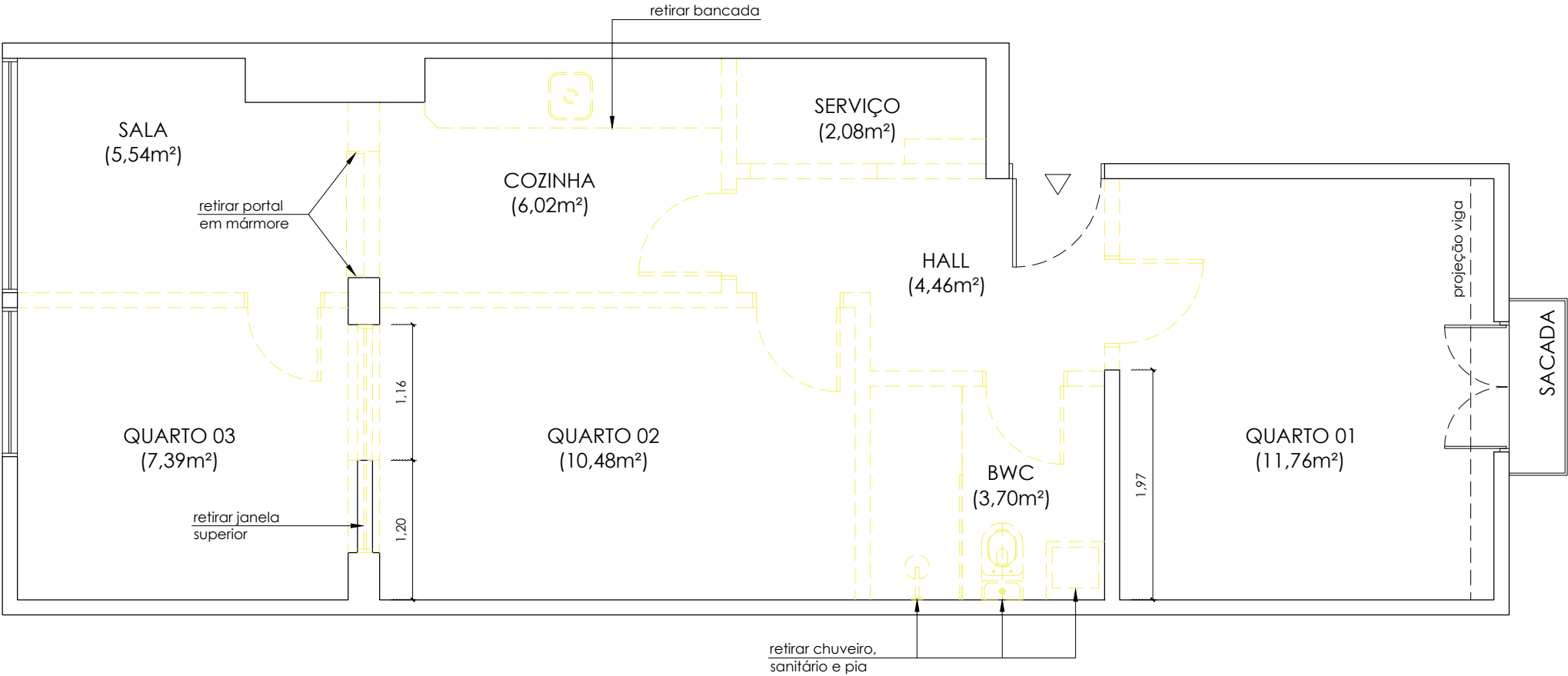


Quartos



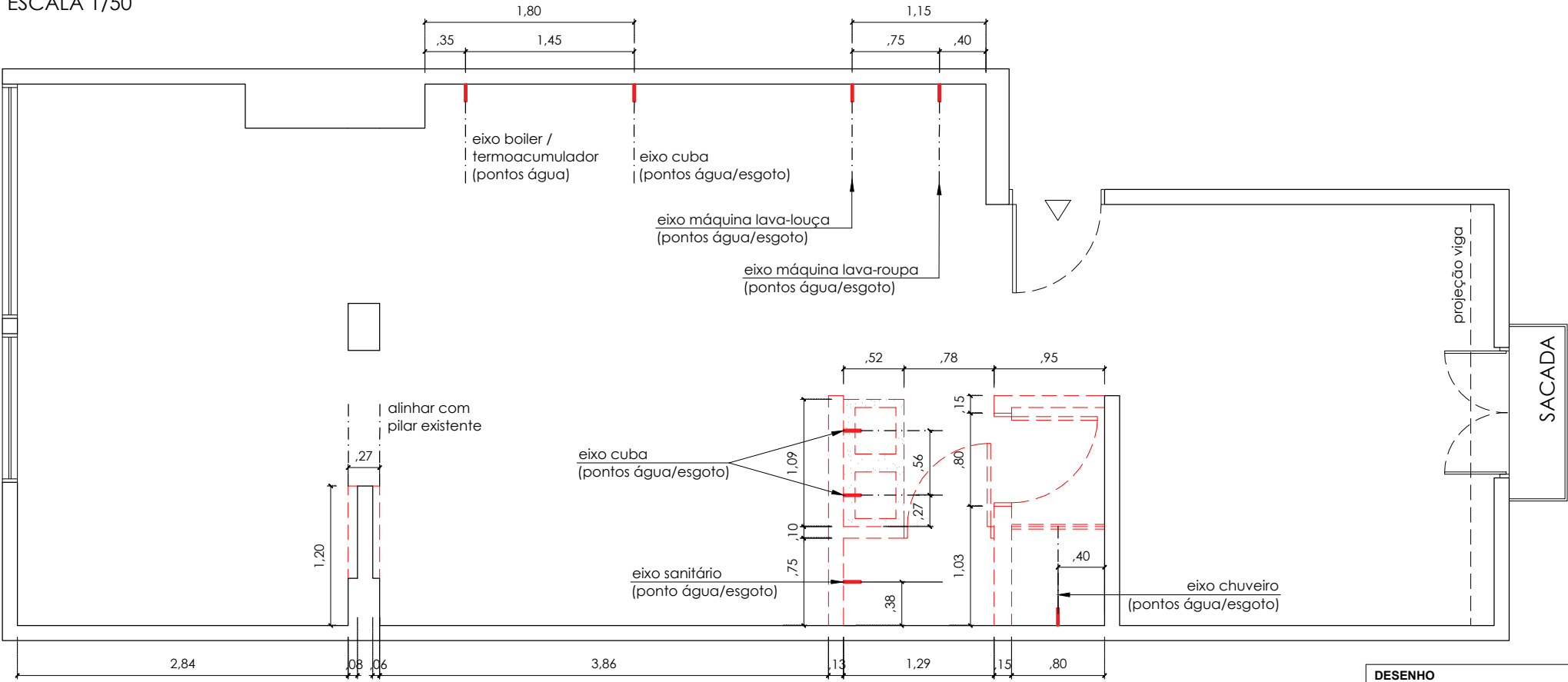
Diagramas





PLANTA BAIXA - DEMOLIR

ESCALA 1/50



PLANTA BAIXA - CONSTRUIR

ESCALA 1/50

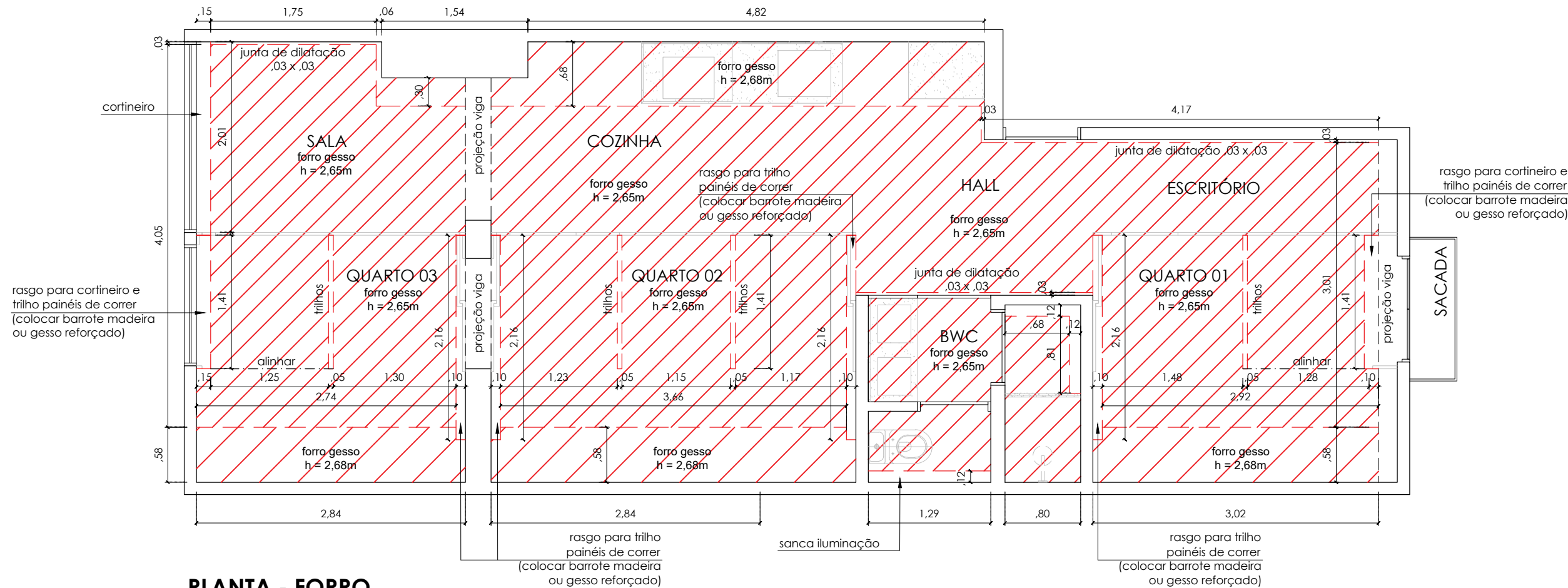
LEGENDA

- Demolir
- Construir

OBSERVAÇÕES

- Medidas em metros
- Prever saída para água fria e quente em todos os pontos de água indicados, exceto o sanitário

DESENHO Andressa Zerbinatti		PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço
DATA Junho 2024		Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/50	CONTEÚDO Obra (Demolir / Construir)		PRANCHA P 01/01



PLANTA - FORRO

ESCALA 1/50

LEGENDA

Forro em gesso acartonado a ser executado

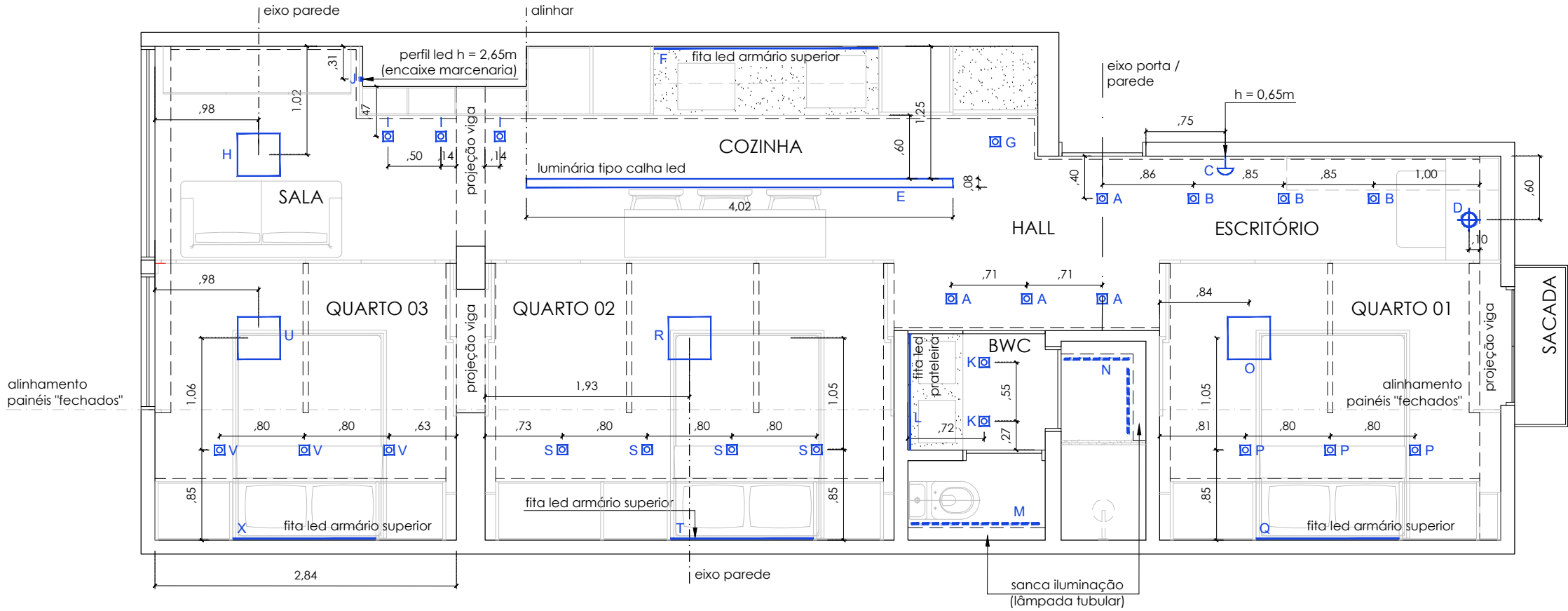
OBSERVAÇÕES

- Medidas em metros

DESENHO Andressa Zerbinatti		PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço
DATA Junho 2024		Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/50	CONTEÚDO Forro Gesso		PRANCHA P 01/01

OBSERVAÇÕES

- Medidas em metros



PLANTA - ILUMINAÇÃO

ESCALA 1/50

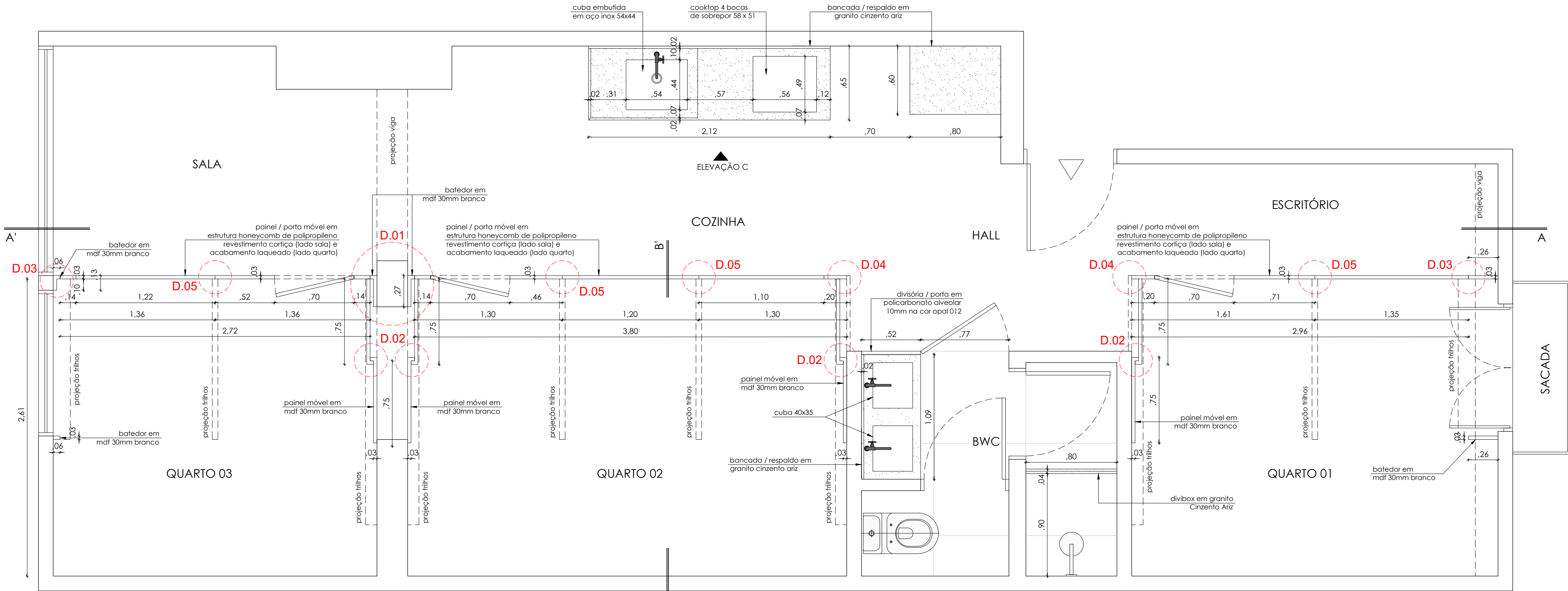
LEGENDA

- Embutida dicroica branca
- Ponto para pendente
- Ponto para arandela baixa
- Plafon quadrado embutido

OBSERVAÇÕES

- Medidas em metros

DESENHO Andressa Zerbinatti		PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço
DATA Junho 2024		Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/50	CONTEÚDO Iluminação		PRANCHA P 01/01

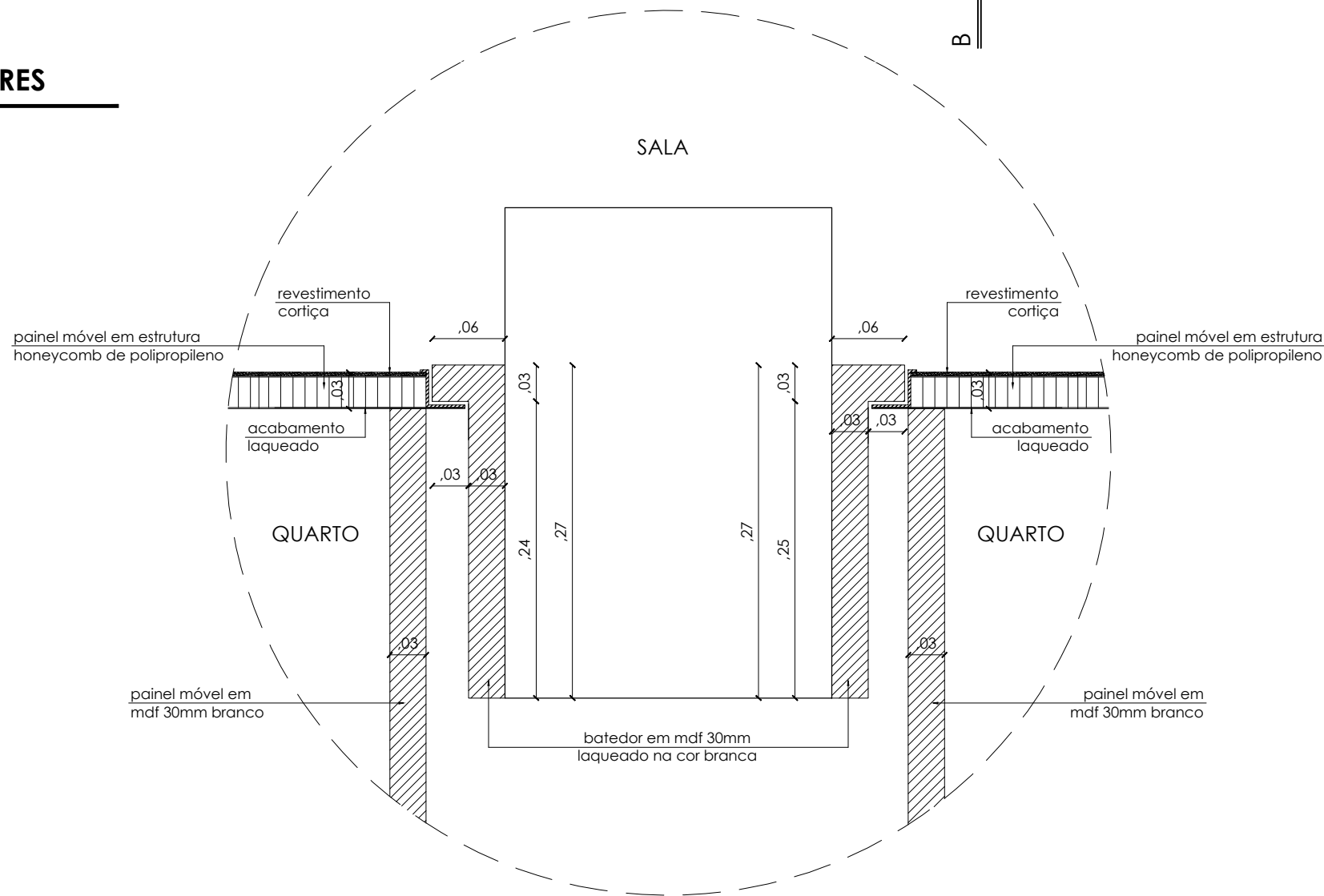


PLANTA - COMPLEMENTARES

ESCALA 1/25

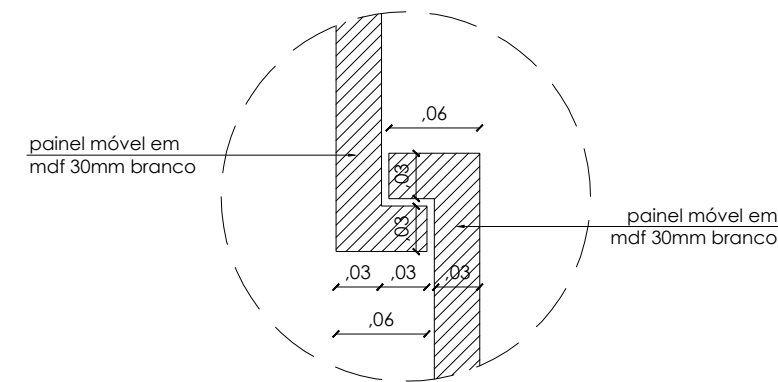
OBSERVAÇÕES

- Medidas em metros



DETALHE 01 - BATEDORES

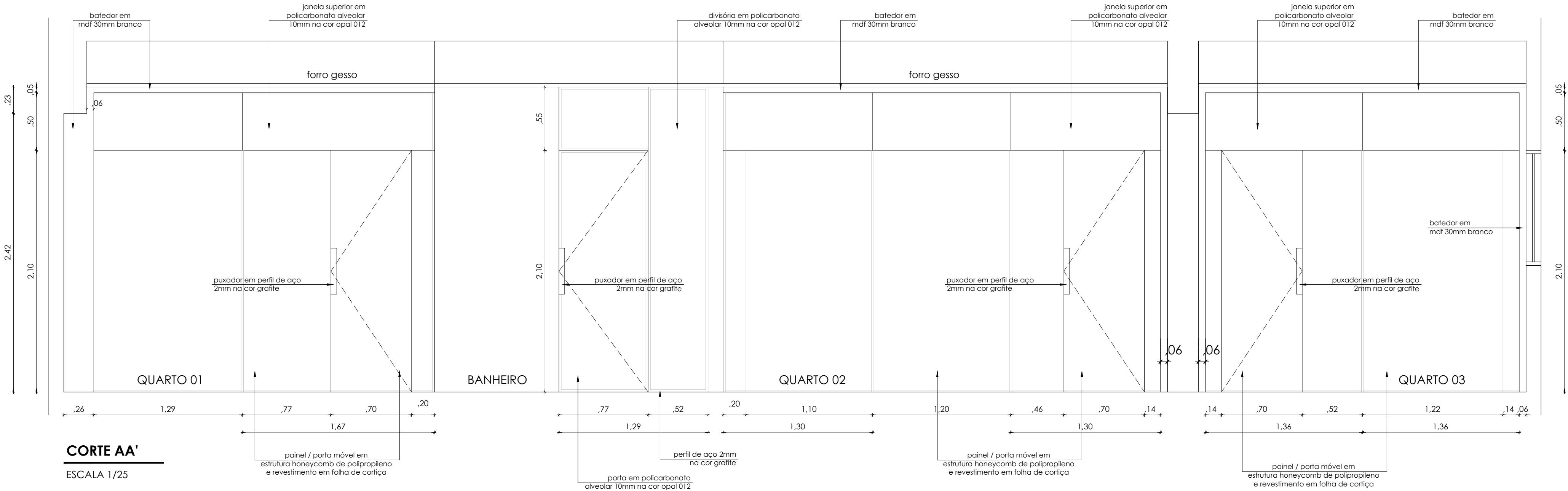
ESCALA 1/5



DETALHE 02 - ENCONTRO PAINÉIS

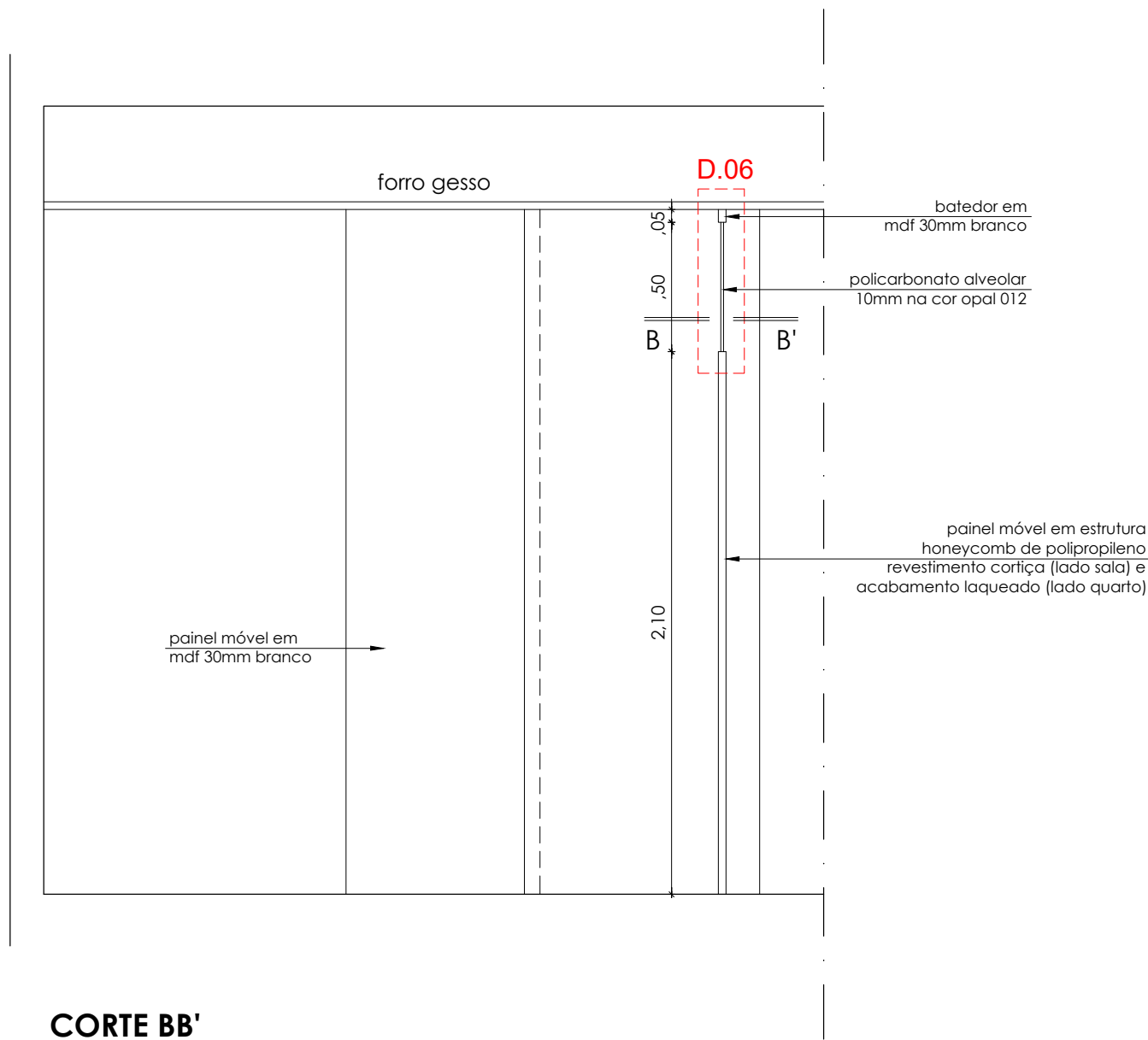
ESCALA 1/5

DESENHO Andressa Zerbiniatti	PROJETO Transformar o Habitar Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/25 01/05	CONTEÚDO Complementares	PRANCHA P 01/03



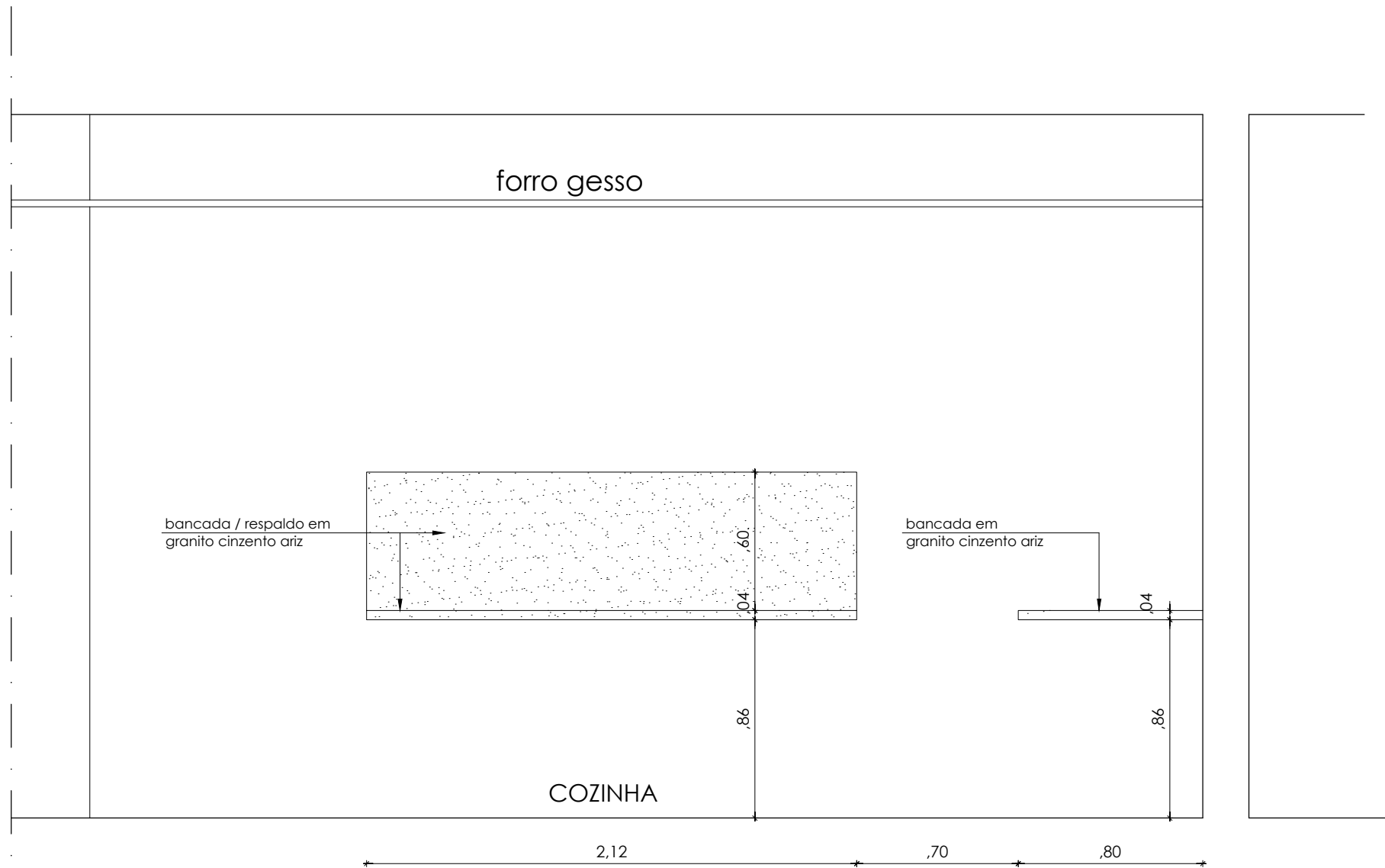
CORTE AA'

ESCALA 1/25



CORTE BB'

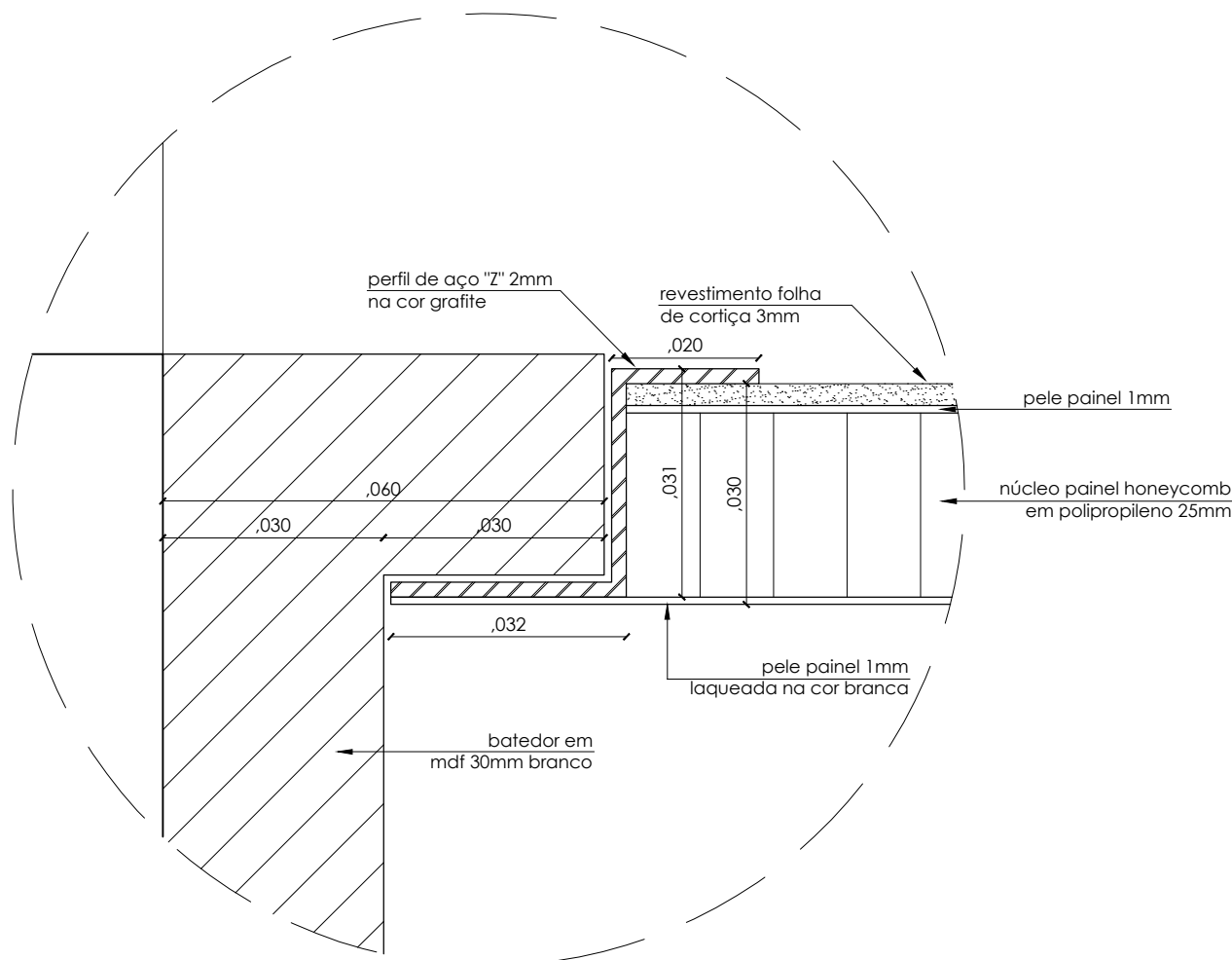
ESCALA 1/25



ELEVÇÃO C

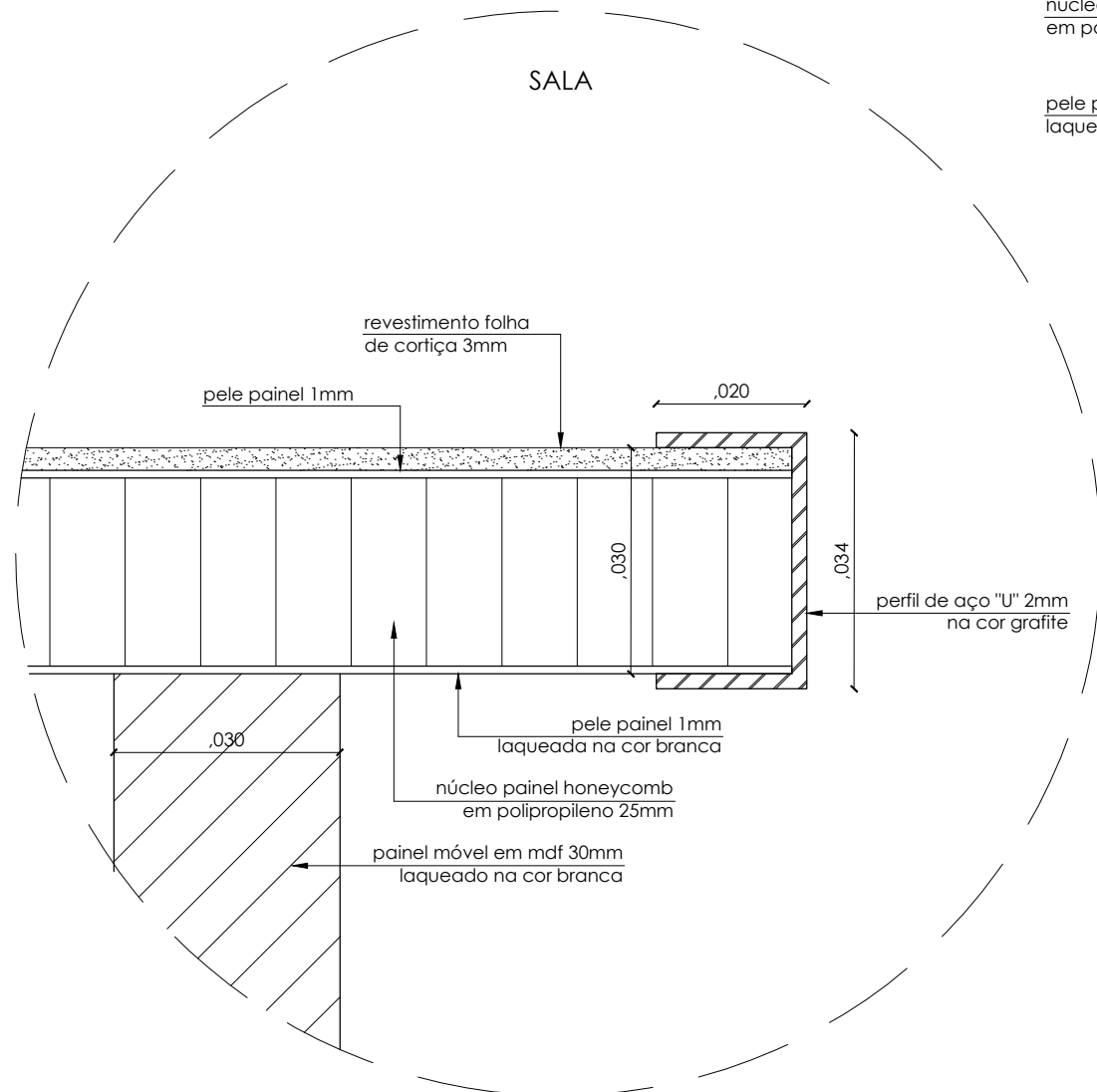
ESCALA 1/25

DESENHO Andressa Zerbiniatti	PROJETO Transformar o Habitar Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/25	CONTEÚDO Complementares	PRANCHA P 02/03



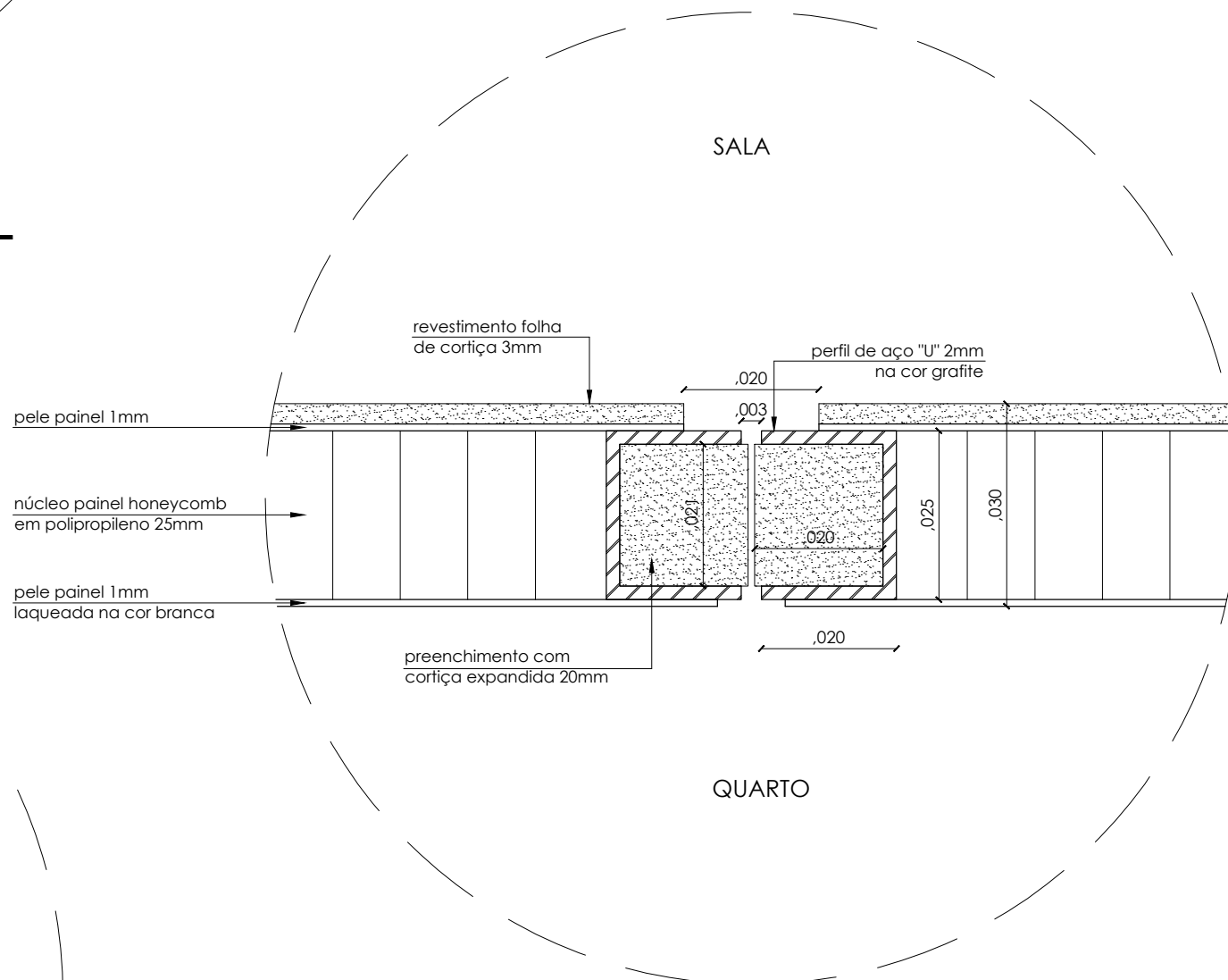
DETALHE 03 - ENCONTRO BATEDOR

ESCALA 1/1



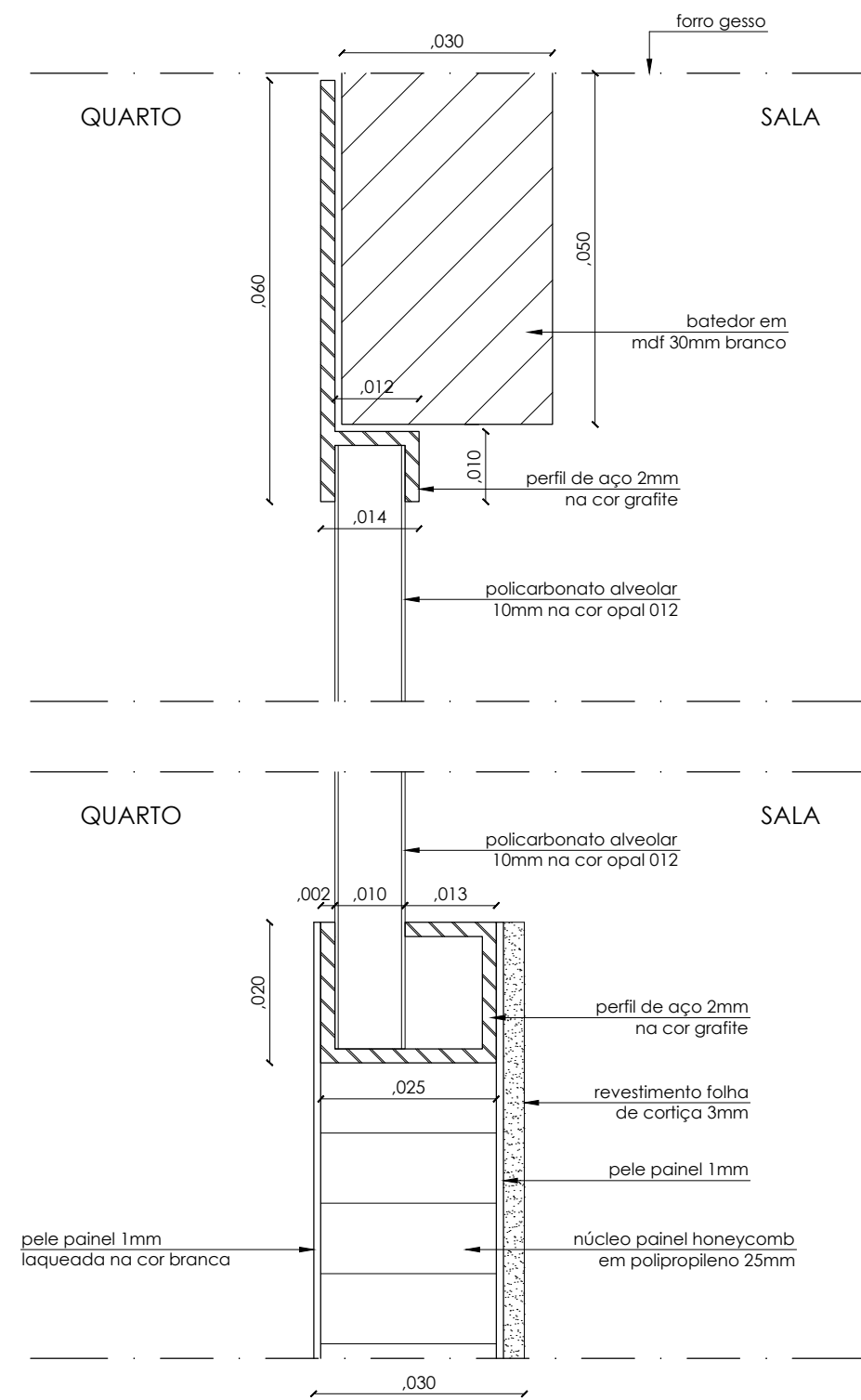
DETALHE 04 - FECHAMENTO

ESCALA 1/1



DETALHE 05 - ENCONTRO PAINÉIS

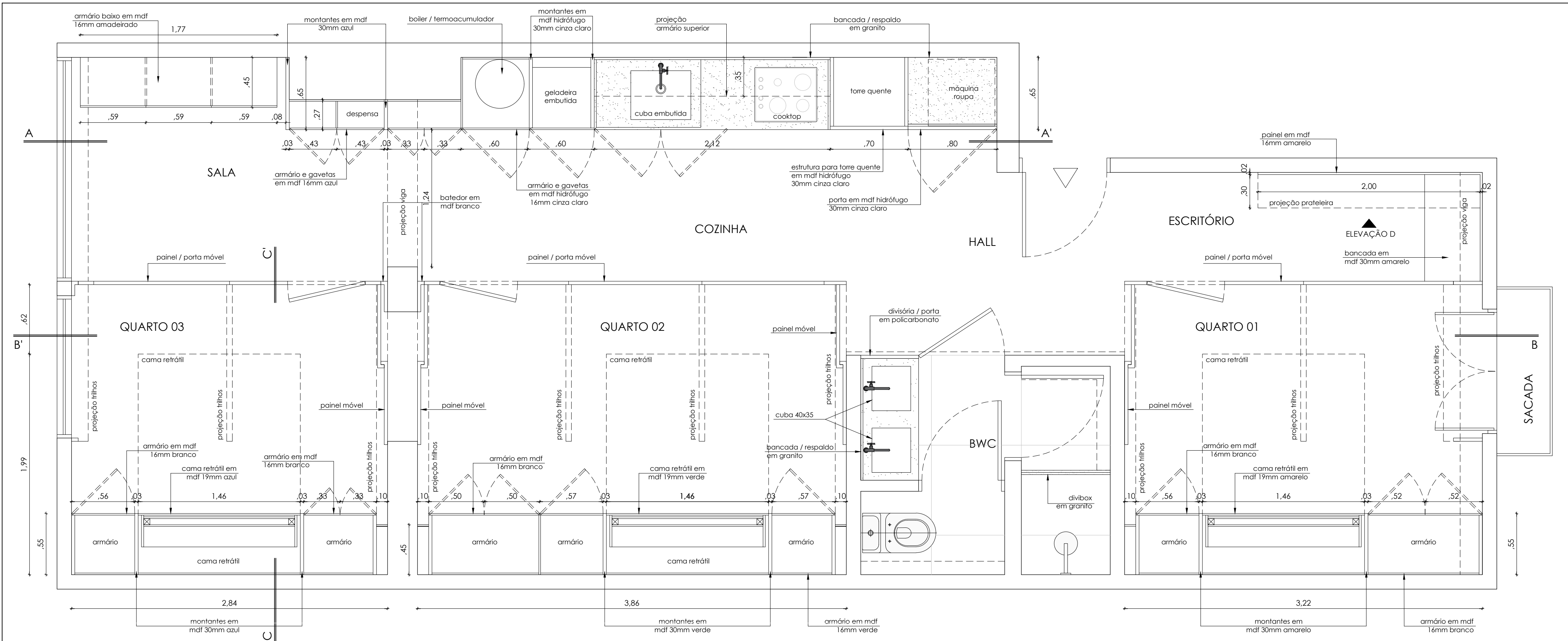
ESCALA 1/1



DETALHE 06 - JANELAS

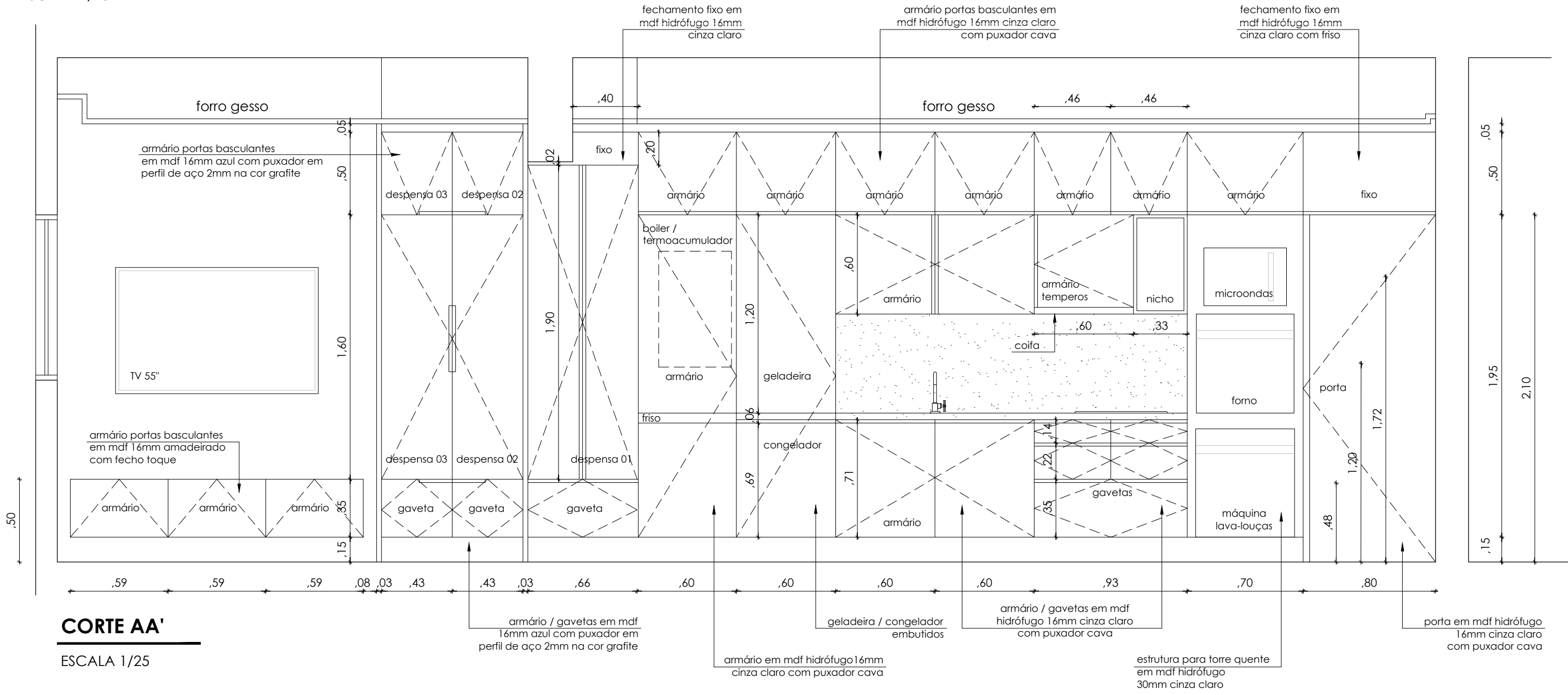
ESCALA 1/1

DESENHO Andressa Zerbiniatti		PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço
DATA Junho 2024		Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/01	CONTEÚDO Complementares	PRANCHA P 03/03	



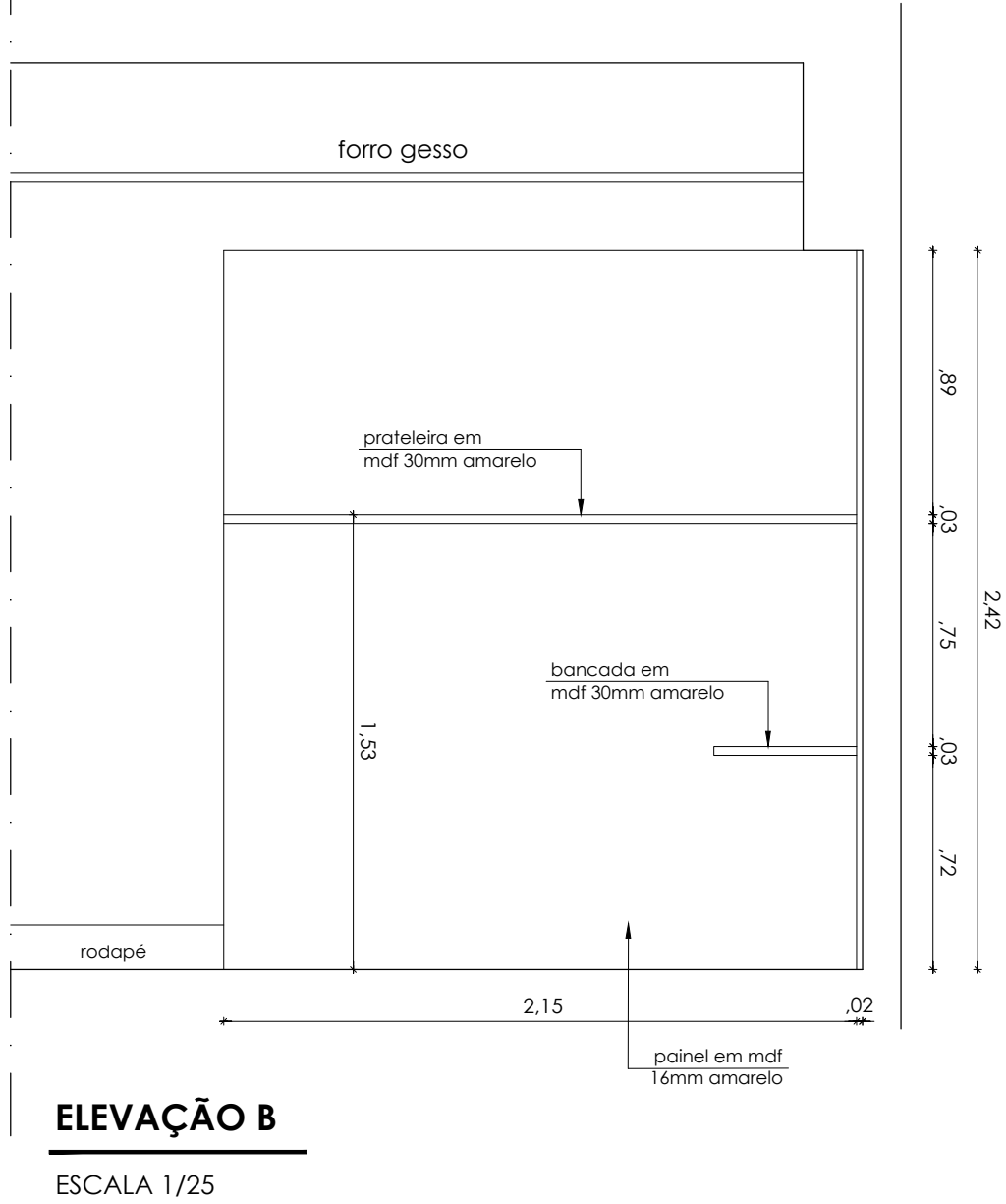
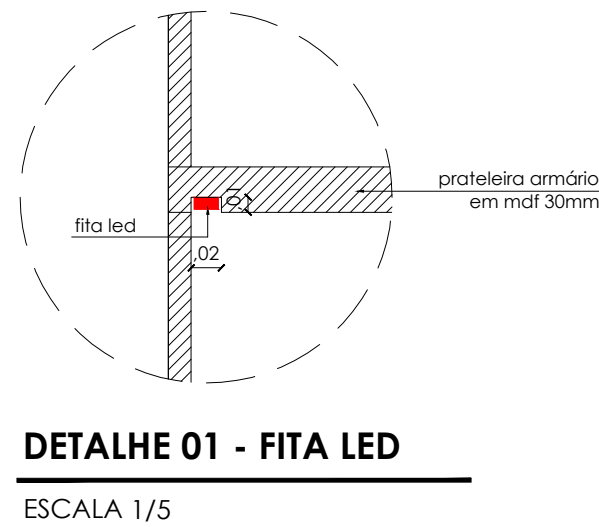
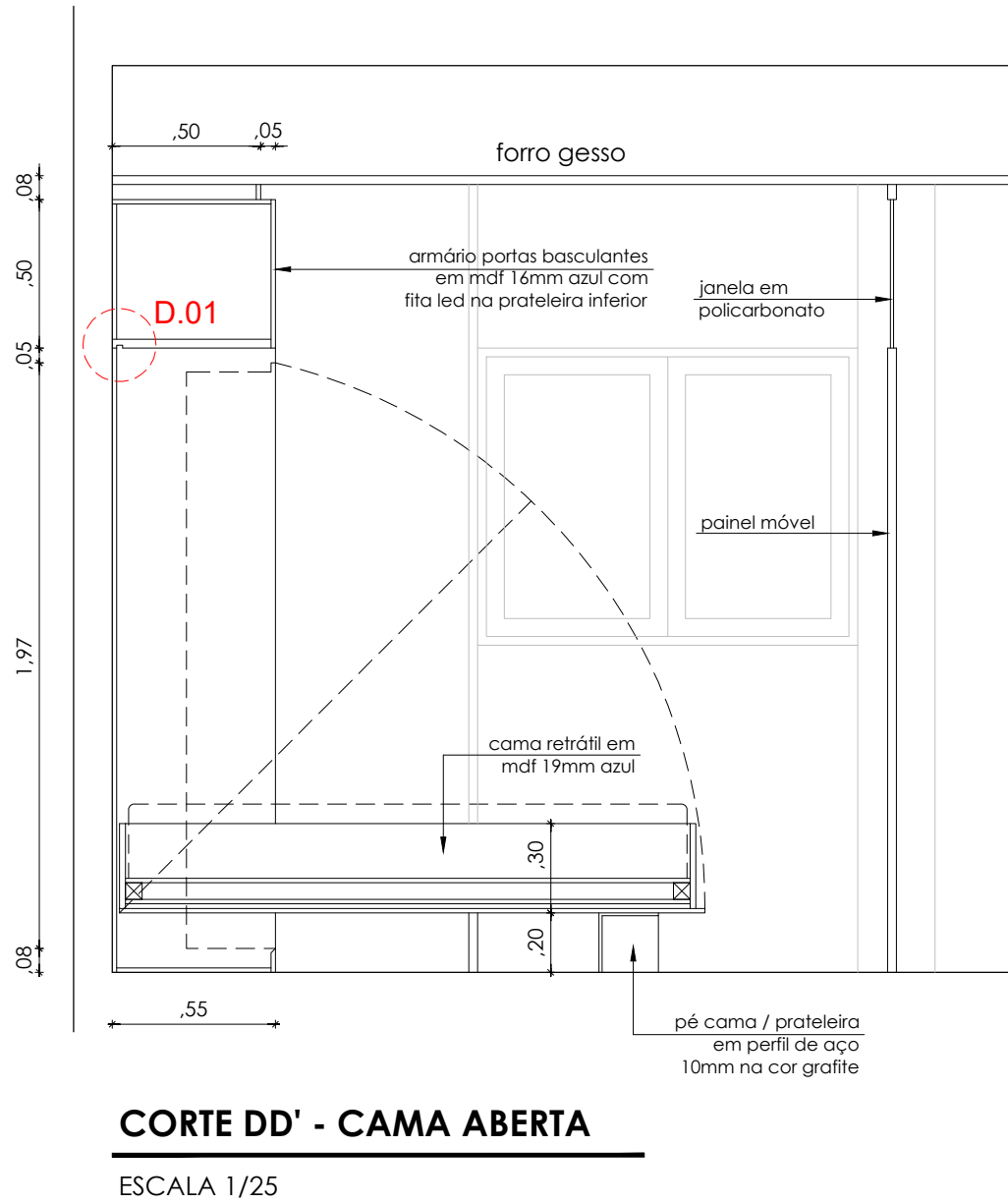
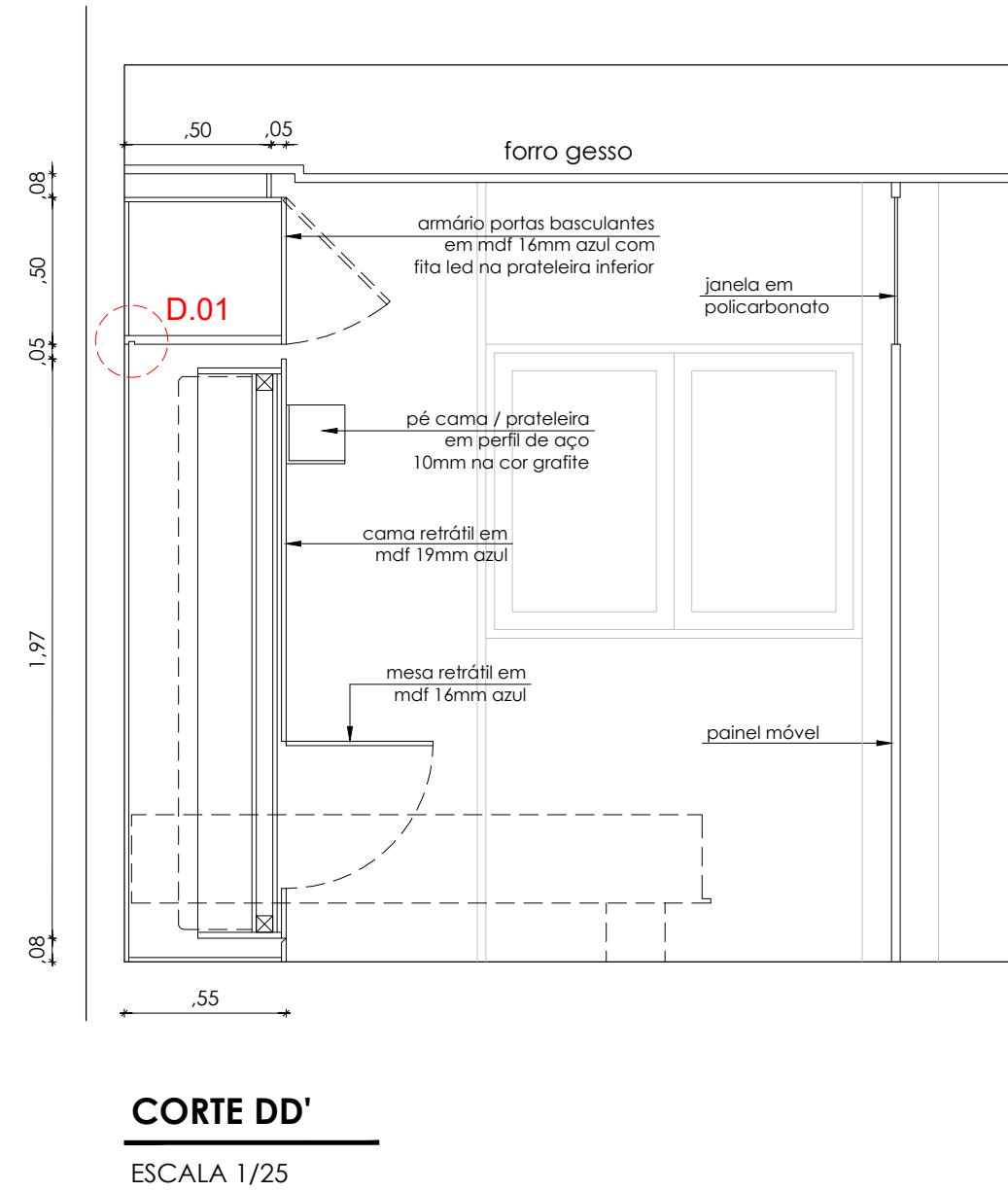
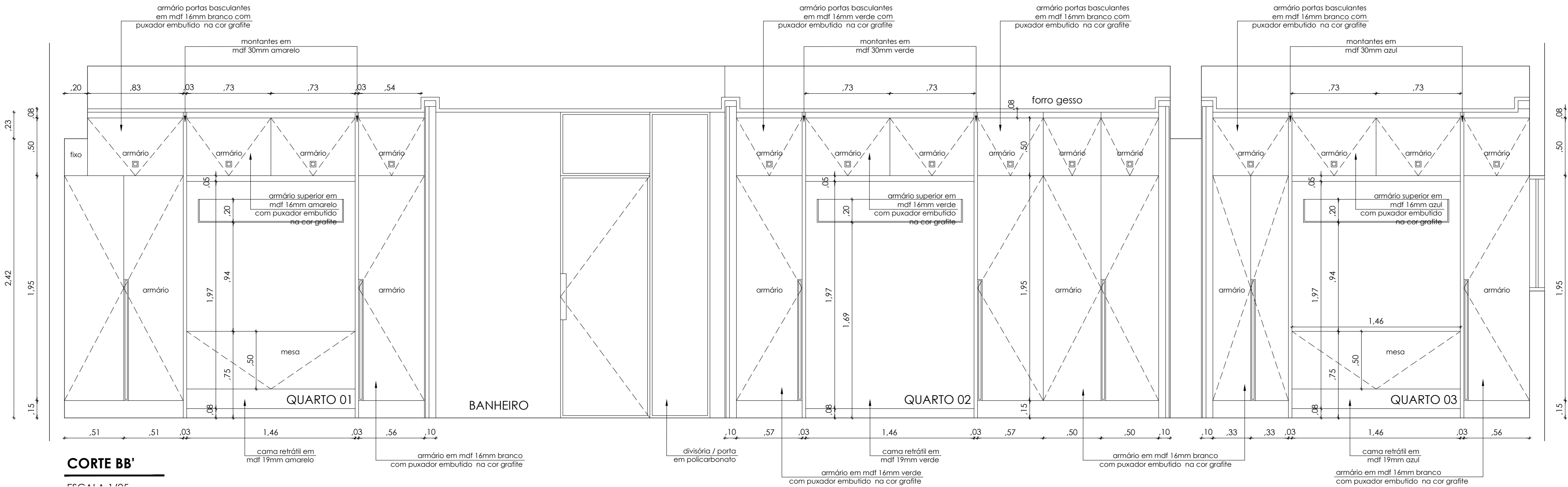
PLANTA - MARCENARIA

ESCALA 1/25

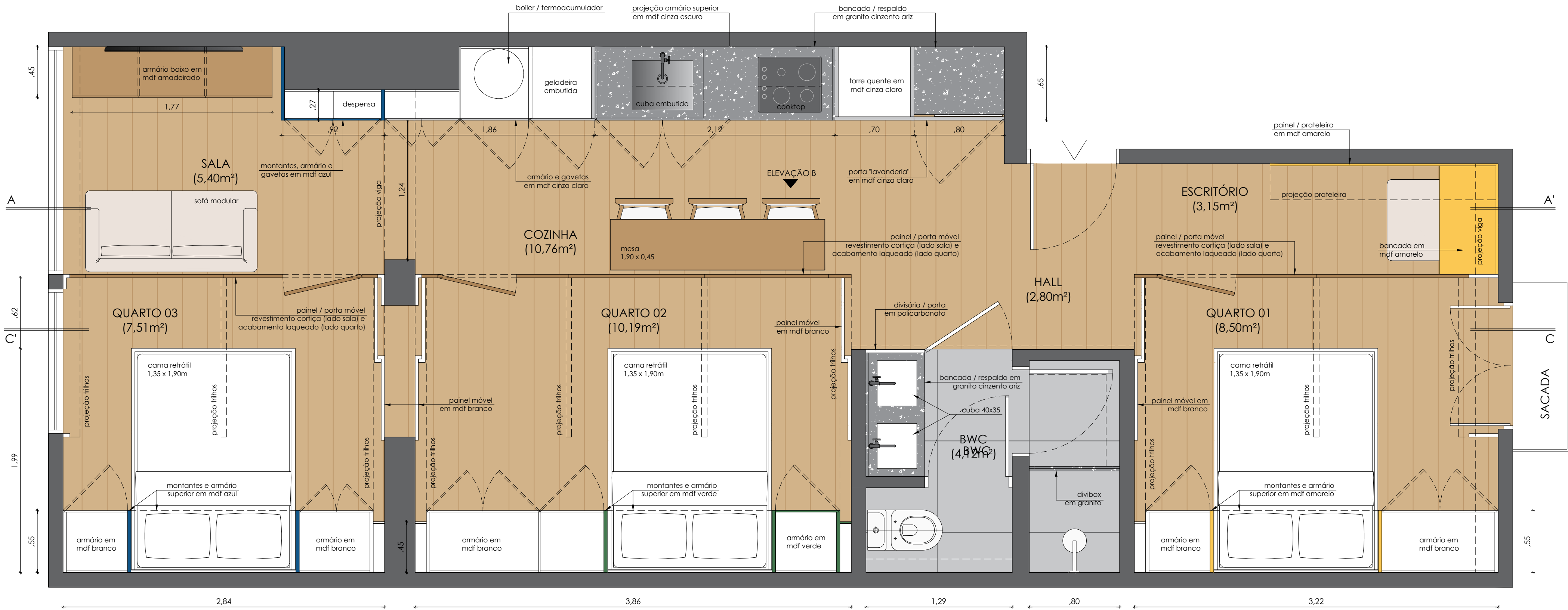


OBSERVAÇÕES
- Medidas em metros

DESENHO Andressa Zerbiniatti	PROJETO Transformar o Habitar Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/25	CONTEÚDO Marcenaria	PRANCHA P 01/02



DESENHO Andressa Zerbiniatti	PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço
DATA Junho 2024	Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/25 01/05	CONTEÚDO Marcenaria	PRANCHA P 02/02



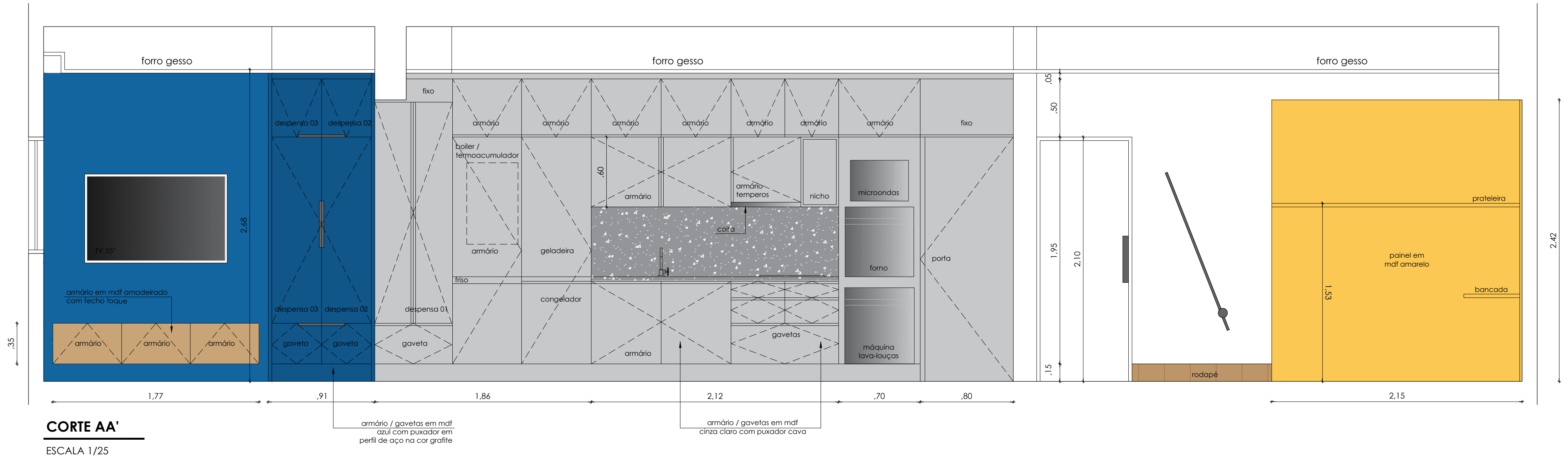
PLANTA - LAYOUT

ESCALA 1/25

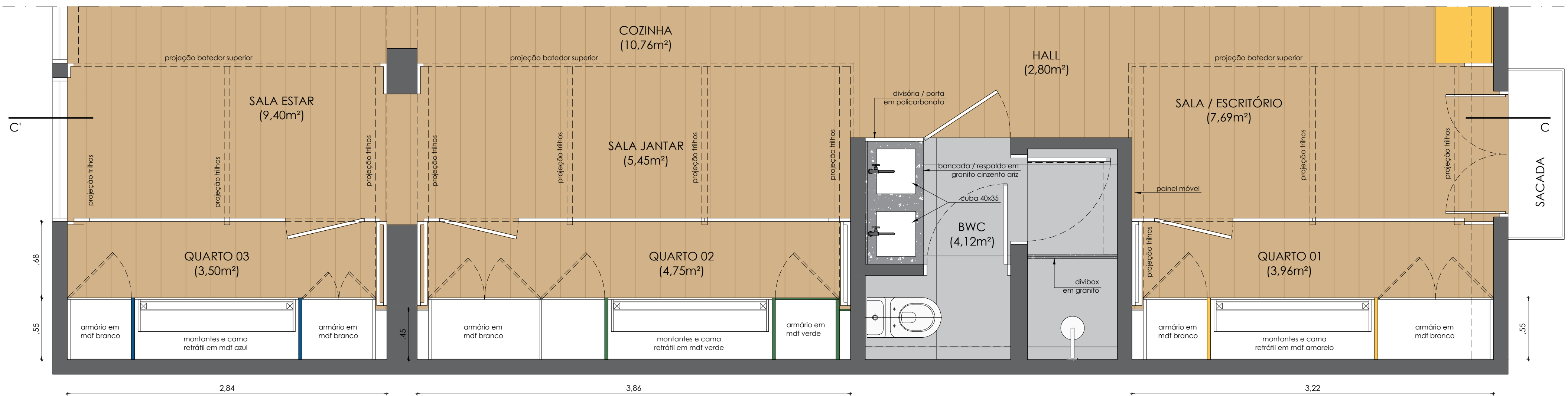
OBSERVAÇÕES

- Medidas em metros

DESENHO Andressa Zerbiniatti		PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço
DATA Junho 2024		Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	IADE - Universidade Europeia
ESCALA 01/25	CONTEÚDO Layout	PRANCHA P 01/03	

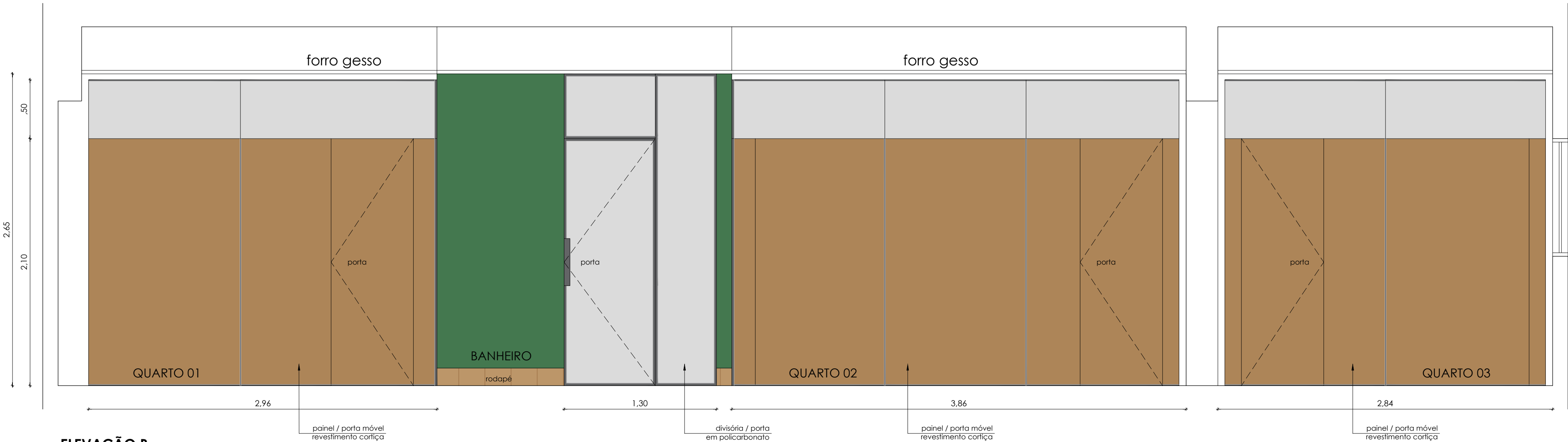


CORTE AA'
ESCALA 1/25



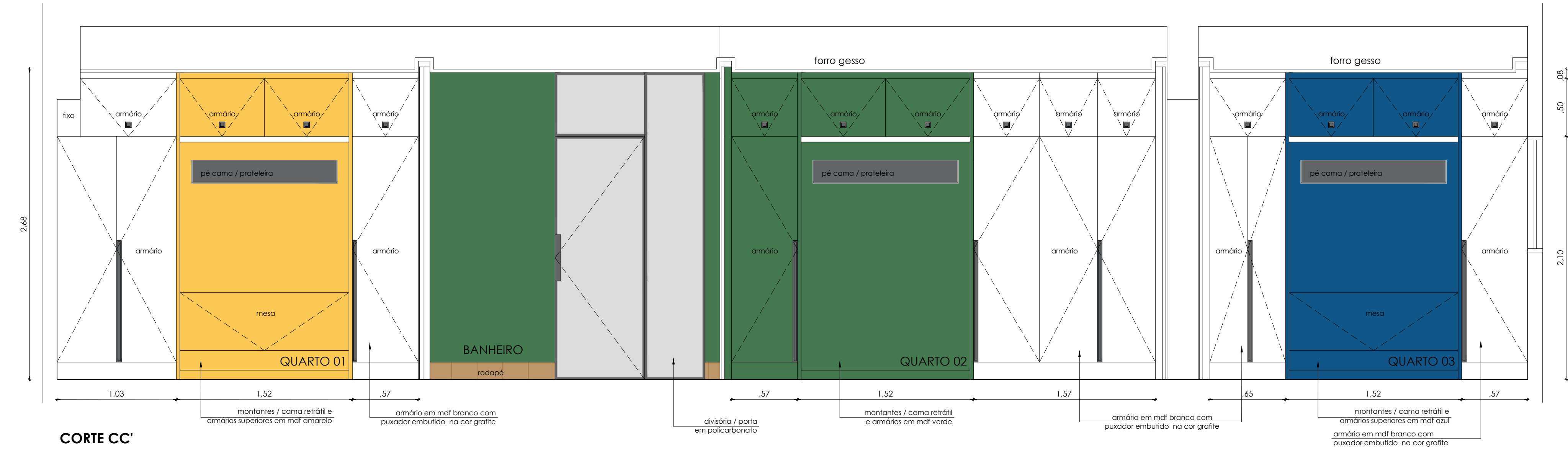
PLANTA - LAYOUT PAINÉIS FECHADOS
ESCALA 1/25

DESENHO Andressa Zerbiniatti	PROJETO Transformar o Habitar	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço IADE - Universidade Europeia
DATA Junho 2024	CONTEÚDO Layout	PRANCHA P 02/03
ESCALA 01/25		



ELEVAÇÃO B

ESCALA 1/25



CORTE CC'

ESCALA 1/25

DESENHO Andressa Zerinatti		PROJETO Transformar o Habitar Habitação compartilhada na Rua Barão de Sabrosa, 253	CURSO Mestrado em Design de Produto e do Espaço IADE - Universidade Europeia
DATA Junho 2024			
ESCALA 01/25	CONTEÚDO Layout	PRANCHA P 03/03	